



PROFHISTÓRIA

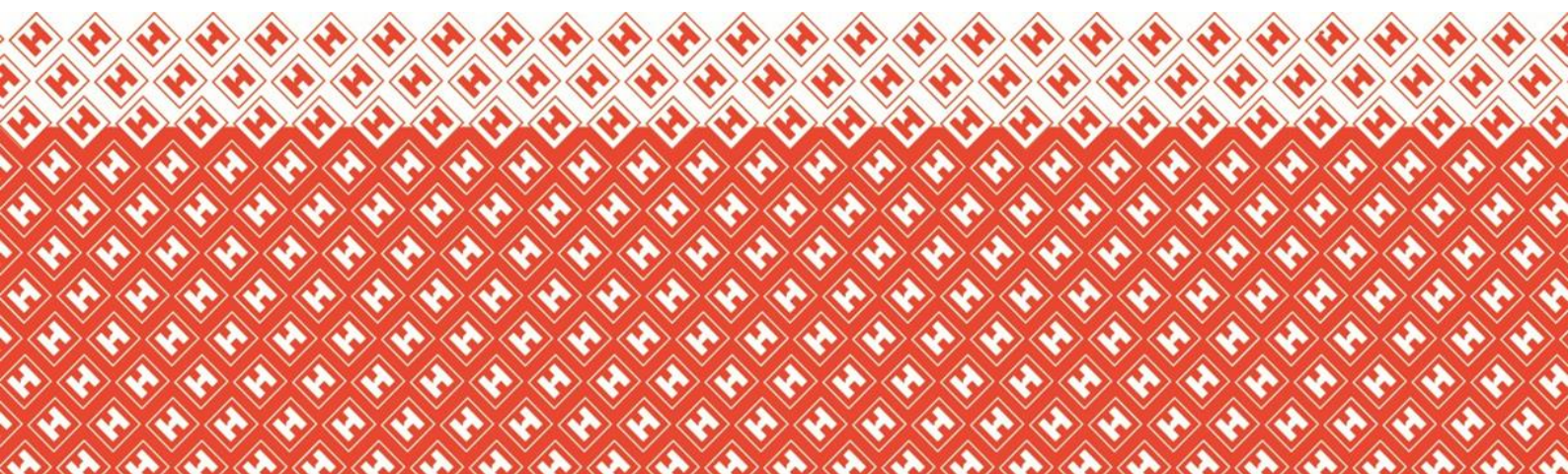
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ENSINO DE HISTÓRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)

FLÁVIA DOS SANTOS ANDRADE

**Memórias, Cantorias e Hologramas: o Reisado de
Japaratuba no Ensino de História sob a Perspectiva da
Tecnologia Social de Educação Inclusiva**

2026



FLÁVIA DOS SANTOS ANDRADE

**MEMÓRIAS, CANTORIAS E HOLOGRAMAS: O REISADO DE JAPARATUBA NO
ENSINO DE HISTÓRIA SOB A PERSPECTIVA DA TECNOLOGIA SOCIAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

Dissertação apresentada, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino de História, do Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe (ProfHistória).

Linha de Pesquisa: Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Janaina Cardoso de Mello

São Cristóvão, SE

Fevereiro, 2026

FLÁVIA DOS SANTOS ANDRADE

**MEMÓRIAS, CANTORIAS E HOLOGRAMAS: O REISADO DE JAPARATUBA NO
ENSINO DE HISTÓRIA SOB A PERSPECTIVA DA TECNOLOGIA SOCIAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Janaina Cardoso de Mello

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Presidente - Orientadora

Profa. Dra. Mariana Bracks Fonseca

Universidade Federal de Sergipe – UFS

(Membro Interno – ProfHistória)

Profa. Dra. Áurea da Paz Pinheiro

Universidade Federal do Piauí, Universidade Federal do Delta do Parnaíba

(Membro Externo – ProfHistória)

*“Ensinar não é transferir conhecimento,
mas criar as possibilidades para a sua própria
produção ou a sua construção.”*

(Paulo Freire, 1996, p. 47)

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de Mestrado que permitiu uma melhor dedicação a esta pesquisa, resultando em compartilhamento dos resultados com outros pesquisadores de outras instituições, além de publicações que fortalecem o trabalho científico na universidade com retorno para as escolas da Educação Básica.

Aos meus pais, Léa e Jailton, minha base, meu chão, que com as mãos calejadas e o coração cheio de esperança, fizeram dos meus estudos e das minhas irmãs, a sua maior prioridade. Este título não é apenas meu, é o fruto de cada sacrifício silencioso que vocês fizeram para que eu pudesse chegar aonde vocês não puderam. Dedico esta conquista a vocês, que me ensinaram que a educação é a única herança que ninguém pode me tirar.

Às minhas irmãs Rafaela e Cintia, pelo suporte incondicional e emocional de uma vida inteira, meu amor eterno.

Aos meus sobrinhos Ana Luiza e Léo Dilan, que são os grandes tesouros da minha vida e a minha maior motivação para acreditar em um futuro melhor.

Minha gratidão profunda à minha orientadora, Profa. Dra. Janaina Cardoso de Mello. Mais do que ideias valiosas, sua mentoria trouxe o norte necessário para que este trabalho se tornasse realidade. Agradeço por ter acreditado na força desta pesquisa desde o início.

Aos professores deste programa, estendo minha consideração pelo conhecimento compartilhado. Cada aula e cada provocação intelectual foram tijolos essenciais na construção deste mestrado.

Aos meus colegas de mestrado, que tornaram as dificuldades mais leves com sua parceria e apoio, especialmente a Samuel, Maria Lima e Nazaré.

Minha profunda gratidão às professoras doutoras Mariana Bracks Fonseca e Áurea da Paz Pinheiro. Suas ricas contribuições na etapa de qualificação não apenas aprimoraram este texto, mas também me proporcionaram novos horizontes de reflexão, essenciais para a conclusão desta jornada.

À educação pública, em nome de todos os excelentes professores que tive, por ter sido responsável pela minha formação e, agora, por ser minha missão de vida. Acredito na força do ensino gratuito, laico e de qualidade como o maior motor de igualdade social de um país. Honro o meu passado como aluna e celebro o meu presente como professora. Que possamos continuar lutando para que a escola pública seja sempre um lugar de acolhimento, excelência e transformação.

Ao diretor do Centro de Excelência Senador Gonçalo Rollemberg, Fernando Torres, meu sincero agradecimento pelo incentivo e por abrir portas para que eu pudesse conciliar esta jornada nos últimos dois anos.

Aos meus colegas de trabalho, obrigada pelos risos diários e pela leveza que me deram forças para seguir em frente.

Aos meus alunos, coração deste projeto, agradeço por manterem viva a chama do Reisado da Missão. Agradeço nominalmente a Pedro Ruyther, Pâmela, Rayene e Marie pela valiosa colaboração na aplicação do Recurso Educacional Aberto (REA). Esta conquista é nossa.

Aos mestres do Reisado Japaratubense, Sr Sapatinho (*in memorian*), minha tia Mestra Marilene Moura, Mestra Luciene e dona Osvanda pelos depoimentos concedidos tão gentilmente que se transformaram em narrativas. Gratidão pelo que vocês fizeram e fazem por nossa cultura.

Aos meus amigos, em especial a Denise Costa e Dr. Gustavo, agradeço por serem porto seguro e por compreenderem as minhas ausências durante este percurso. Obrigada por ouvirem meus desabafos sobre o mestrado, pelas palavras de incentivo nos momentos de cansaço e por celebrarem cada pequena vitória comigo. A amizade de vocês tornou este caminho muito mais agradável.

Ao meu irmão, Jairton Peterson, cujo incentivo constante foi o pilar para que eu cursasse este Mestrado Profissional em Ensino de História. Sem o seu estímulo, esta jornada não teria sido possível.

Expresso minha profunda gratidão ao Dr. Eugênisson Cariri, fonoaudiólogo e coordenador da eMulti, pela generosidade ao viabilizar o espaço e a participação das crianças atendidas pelo programa, permitindo a aplicação prática do recurso educacional aberto.

Aos meus ancestrais, que dançaram o Reisado com fé e alegria, legando-me a força da nossa cultura. Especialmente a eles dedico este esforço de pesquisa, que busca honrar cada passo dado no passado através das tecnologias do futuro.

A todos que caminharam ao meu lado, deixo aqui meu abraço e minha gratidão.

Resumo: O município de Japaratuba, no leste do estado de Sergipe, é berço de uma imensa riqueza cultural, sobretudo, por meio de suas manifestações populares. Entre elas, o Reisado ocupa lugar de destaque, encantando gerações com seus grupos, danças, músicas e histórias. Com quatro grupos atualmente em atividade (Reisado Baile Estrela de Dona Bizu, Reisado São José, Reisado da Missão e Reisado Encanto de Fitas), a tradição segue viva, ainda que permeada por uma história lacunar, com poucos registros e incentivos que assegurem sua continuidade. Este trabalho surge do desejo de documentar, valorizar e reinventar o modo como o Reisado é percebido e vivenciado, especialmente entre os jovens. A proposta vai além de observar e descrever, ela convida os estudantes do Centro de Excelência Senador Gonçalo Rollemberg a se tornarem pesquisadores da própria cultura. Por meio de entrevistas com brincantes ativos e antigos, os alunos mergulham em histórias que moram, muitas vezes, apenas na memória e na oralidade. As narrativas, cheias de emoção, ancestralidade e sabedoria popular, servem de base para a criação de animações em 3D exibidas em caixas holográficas, recurso educacional aberto, feito com a tecnologia social digital de materiais recicláveis e IAG gratuitas. Mais do que uma simples inovação tecnológica, a caixa holográfica se torna uma ponte viva entre o que herdamos e o que ainda podemos criar. Ela costura, com delicadeza, a força da cultura com as linguagens do nosso tempo, mostrando que tradição e modernidade não precisam se opor, elas podem caminhar juntas. Ao dar forma e cor às histórias do nosso povo, a pesquisa faz da sala de aula um espaço onde o ensino de História ganha cheiro, som, rosto e sentimento. Ele valoriza o chão em que os estudantes pisam, desperta o orgulho de pertencer e abre caminhos para que diferentes jeitos de aprender e se expressar tenham vez e voz. Além disso, a caixa se revela como uma aliada na inclusão ao acolher crianças e jovens com TDAH, oferecendo experiências mais lúdicas, envolventes e afetuosas, que respeitam seu tempo e modo de aprendizagem. É tecnologia com propósito; é cuidado transformado em ferramenta. Esta pesquisa, fincada na escuta e na vivência, segue os caminhos da metodologia etnográfica. Contudo, mais do que atender a métodos, ela nasce do desejo genuíno de fazer da escola um lugar de memória, de afeto e de resistência porque preservar o Reisado não é apenas manter viva uma manifestação cultural, é lembrar, todos os dias, quem somos, de onde viemos e por que nossas histórias merecem ser contadas.

Palavras-chave: Ensino de História; Patrimônio Cultural; Reisado; Tecnologia Social; Inclusão; Japaratuba.

Abstract: The municipality of Japaratuba, in the eastern region of the state of Sergipe, is the birthplace of immense cultural richness, especially through its popular manifestations. Among them, Reisado holds a prominent place, captivating generations with its groups, dances, music, and stories. With four groups currently active (Reisado Baile Estrela de Dona Bizu, Reisado de São José, Reisado da Missão, and Reisado Encanto das Fitas), the tradition remains alive, although marked by a fragmented history, with few records and limited support to ensure its continuity. This work emerges from the desire to document, value, and reinvent the ways in which Reisado is perceived and experienced, particularly among young people. The proposal goes beyond observation and description; it invites students from the Centro de Excelência Senador Gonçalo Rollemberg to become researchers of their own culture. Through interviews with both current and former performers, students immerse themselves in stories that often exist only in memory and oral tradition. These narratives, filled with emotion, ancestry, and popular wisdom, serve as the foundation for the creation of 3D animations displayed in holographic boxes – an open educational resource developed using digital social technology based on recycled materials and free generative AI tools. More than a simple technological innovation, the holographic box becomes a living bridge between what has been inherited and what can still be created. It gently weaves together the strength of cultural traditions with the languages of our time, demonstrating that tradition and modernity do not need to be opposed – they can move forward together. By giving form and color to the stories of our people, the research transforms the classroom into a space where the teaching of History gains scent, sound, faces, and emotion. It values the ground students stand on, fosters a sense of belonging, and opens pathways for diverse ways of learning and expression to be recognized and heard. In addition, the holographic box proves to be an ally for inclusion by welcoming children and young people with ADHD, offering more playful, engaging, and supportive experiences that respect their pace and ways of learning. It is technology with purpose; care transformed into a pedagogical tool. Grounded in listening and lived experience, this research follows the paths of ethnographic methodology. More than meeting methodological requirements, however, it arises from the genuine desire to make the school a place of memory, affection, and resistance. Preserving Reisado is not only about sustaining a cultural manifestation; it is about remembering every day who we are, where we come from, and why our stories deserve to be told.

Keywords: History Teaching; Cultural Heritage; Reisado; Social Technology; Inclusion; Japaratuba.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa estilizado da África imerso na cultura afrobrasileira (design holográfico).....	38
Figura 2 – “Engai, God of Maasai” de Advithi Emmi (Arusha, Tanzania, 2020).....	46
Figura 3 – Sheppard / Storyboard, de Mr Xulu, s/d.....	47
Figura 4 - O Boi Janeiro e o Jaraguá do Reisado da Missão.....	62
Figura 5 - Mapa de acesso rodoviário sergipano	76
Figura 6 – Composição Étnica – Japaratuba, SE.....	77
Figura 7 - Meu tio-avô Juarez numa apresentação durante a Festa de Reis de Japaratuba-SE.....	82
Figura 8 – Mestre Nêgo e Dona Bizu.....	86
Figura 9 - Meu tio José Lima como o Mateus do Reisado de São José. Ao fundo, minha tia-avó Maria Barreto e minha tia Maria Angélica.....	87
Figura 10 - Marilene Moura, minha tia, a Dona Deusa do Reisado São José desde seu resgate.....	87
Figura 11 – Genealogia da Tradição.....	89
Figura 12 - Componentes do Reisado da Missão. Apresentação na Feira do Protagonismo, do Centro de Excelência Senador Gonçalo Rollemberg.	92
Figura 13 - Fachada do Centro de Excelência Senador Gonçalo Rollemberg, Japaratuba/SE.....	94
Figura 14 - Diretoria Arthur Bispo do Rosário, Sala Cacumbi, Sala Maracatu, Sala Maculelê, Sala Reisado e Sala Teatro. Centro de Excelência Senador Gonçalo Rollemberg, Japaratuba/SE.....	95
Figura 15 - Protótipo da Caixa Holográfica 3D.....	108
Figura 16 - atendimentos a crianças com TDAH realizados no ano de 2022 no Brasil	113
Figura 17 - atendimentos acrianças com TDAH realizados no ano de 2022 por regiões do Brasil.....	114
Figura 18 - Confeção das Caixas Holográficas 3D.....	118
Figura 19 - Aplicação das narrativas do Reisado de Japaratuba através das Caixas Holográficas 3D.....	120

Figura 20 – Gráfico da Matriz de Cálculo de Impacto (Percentual) – Relatório Dr. Eugenisson.....	121
Figura 21 – Gráfico da Matriz de Cálculo de Impacto (Percentual) – Relatório Psicopedag. Vilma Carla.....	123

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Competências e habilidades dos PCNs a serem desenvolvidas em História correlacionando-as ao Reizado Formativo.....	99
Quadro 2 - Competências do Ensino de História e Reizado formativo, à luz da BNCC.....	101
Quadro 3 - Análise de resultados da aplicação do REA feita por profissionais da eMulti que acompanharam o processo.....	125

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
1.1. Apresentação da Trajetória Docente.....	13
1.2. Problemática e Objetivos.....	15
1.3. Estado da Arte, Conceitos Iniciais e Justificativa da Pesquisa.....	16
1.4. Abordagens Metodológicas e organização das seções da Pesquisa.....	22
2. A ORIGEM DO REISADO: ENTRE A CULTURA MISCIGENADA E A HIBRIDIZAÇÃO.....	26
2.1. Mestiçagem e miscigenação na lente da historiografia.....	26
2.2. Problematisando os clássicos na revisão da literatura.....	32
2.3. Entre europeus e africanos no Reisado.....	36
3. O REISADO SERGIPANO E SUAS ANCESTRALIDADES.....	44
3.1 Raízes da Identidade: O Simbolismo do Boi nas Culturas Africanas.....	45
3.2. O Protagonismo do Mateus: Humor, Tradição e o Comando do Espetáculo.....	48
3.3. O Reisado e suas jornadas	50
3.3.1. Abrição de porta ou pedição de sala.....	51
3.3.2. Marchas de entrada.....	52
3.3.3. Louvação aos donos da casa.....	53
3.3.4. Louvação ao Menino Jesus.....	55
3.3.5. Parte das figuras.....	56
3.3.6. Entremeios.....	59
3.3.7. Cantigas de amor.....	59
3.3.8. Chula.....	61
3.3.9. Figuras de animação.....	61
O Jaraguá.....	62
O Boi.....	65
a) Chamada do Boi.....	65
b) Entrada do Boi.....	66
c) Dividir o Boi.....	68
d) A ressurreição do Boi.....	71
3.3.10. Retirada.....	73
4. O REISADO EM JAPARATUBA.....	76
4.1. Reisados ancestrais.....	78
4.1.1. Reisado de Luiz (meu bisavô paterno).....	79
4.1.2. Reisado de João Basílio.....	83
4.2. Reisados do município de Japaratuba em atividade.....	85
4.2.1. Reisado Baile Estrela de Dona Bizu.....	85
4.2.2. Reisado de São José.....	86
4.2.2.1. Pisando de verdade: memória, ancestralidade e minha vivência do Reisado de São José.....	88

4.2.3. Reisado da Missão.....	90
4.2.4. Reisado Encanto de Fitas.....	92
5. ENSINO DE HISTÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL NA CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS PARA O RECURSO EDUCACIONAL ABERTO (REA).....	94
5.1. A relação do Patrimônio Cultural Imaterial local com o currículo escolar.....	96
5.2. As narrativas do Reisado na caixa holográfica 3D no ensino de História e Patrimônio Cultural: uma nova Wakanda em sala de aula.....	105
5.3. Personalização de recursos digitais para uso pedagógico com crianças e adolescentes com TDAH.....	110
5.4. Confecção e aplicação da caixa holográfica 3D como Recurso Educacional Aberto.....	117
5.4.1. Verificação da eficácia da intervenção holográfica.....	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
REFERÊNCIAS.....	133
ANEXOS.....	142
I. Relatórios conclusivos dos profissionais da eMulti sobre o REA e Instrumentos de Validação e Intervenção Holográfica sobre o Reisado Japaratubense.....	143
II. Manual do Reisado Digital.....	170

1 INTRODUÇÃO

Nessa primeira seção (Introdução), apresentam-se a trajetória da autora e suas principais motivações para a investigação realizada, a problemática e os objetivos norteadores, o Estado da Arte, Conceitos iniciais e Justificativa da Pesquisa, as Abordagens Metodológicas e organização das seções da dissertação.

1.1. Apresentação da Trajetória Docente

Sergipana de alma e coração, embora tenha nascido em Aracaju, por uma contingência da época, dada a ausência de maternidade local, foi no povoado São José da Caatinga, em Japaratuba, que vivi intensamente cada etapa da existência. A história que carrego é inseparável deste lugar. Como primogênita de três irmãs, o caminho sempre foi traçado com dedicação, começando muito cedo: iniciei a vida escolar com apenas um ano e seis meses sob o olhar atento de quem me deu a vida e o exemplo da docência, sendo aluna de minha mãe no então Jardim de Infância Pequeno Polegar (hoje, recebe o nome da minha falecida tia - Centro Educacional Marlene Lima). A facilidade com as letras se manifestou depressa e, aos cinco anos, a leitura já me abria as portas para o mundo.

Após cursar o ensino fundamental em escolas da região, enfrentei os desafios do sistema modular (Projeto SOMEM) durante o ensino médio. Superada essa fase, o desejo inicial de cursar Matemática deu lugar a uma descoberta transformadora: o curso de História. O que surgiu como uma segunda opção de vestibular tornou-se, com o tempo, uma paixão profunda e o alicerce para compreender a realidade que me cercava. Profissionalmente, os passos ganharam firmeza em 2004, ao assumir o papel de Agente Comunitária de Saúde. Por seis anos, essa experiência permitiu um diagnóstico sensível e humano sobre as necessidades e a força do povo da terra onde cresci.

Contudo, foi no coração desse percurso, em 2008, que o lado cultural floresceu de forma definitiva. Pelo incentivo do professor Luciano Acciole e pelas mãos cuidadosas de tia Marilene Moura, a mestra e “dona Deusa” do grupo, vesti o primeiro traje de brincante e ingressei no cordão encarnado do Reisado São José. Naquele círculo de mulheres simples, que encontravam na dança a cura para a alma e o resgate da autoestima, descobri uma família de fé. Essa tradição, que carrego com orgulho até hoje, é o que sustenta o compromisso de unir a sala de aula à potência dos saberes tradicionais de Japaratuba.

O ano de 2010 marcou uma grande transição. Passei a atuar como assessora pedagógica Jr. no curso de História (EaD) da Universidade Tiradentes (UNIT), onde permaneci até 2017. Simultaneamente, movida pelo desejo de aprofundar meus conhecimentos, ingressei como

portadora de diploma no curso de Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), vindo a me formar em 2015.

Todo esse esforço foi coroado em 2017, quando realizei o sonho da aprovação no concurso público e assumi o cargo de professora efetiva na SEDUC/SE, inicialmente lotada na DRE 09. Desde então, a jornada enfrentada na educação pública tem sido dinâmica: em 2019, desafiei-me a estar à frente da diretoria do Colégio Estadual Poeta José Sampaio, em Carmópolis. Em 2021, o desejo de estar em sala de aula me levou ao ensino integral no Centro de Excelência Leandro Maciel, em Rosário do Catete.

Hoje, em 2026, sinto que o ciclo se completa de forma especial: estou lotada no Centro de Excelência Senador Gonçalo Rollemberg, em Japaratuba, desde 2022. É aqui, na minha comunidade, que tenho a honra de retribuir tudo o que aprendi, contribuindo diariamente para a educação, valorização de nosso patrimônio cultural e o futuro dos meus jovens conterrâneos.

Nunca fiz pós-graduação *Lato sensu*. Tentei por duas vezes entrar no Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), mas só consegui na terceira vez, em 2023, e aqui estou eu, dando os últimos passos para a conclusão, sendo bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Quando eu decidi ingressar no Programa Profissional em Ensino de História, ao contrário dos meus colegas, que relatam ser a realização de um sonho, eu encarei como uma provocação. Meu interesse profissional, hoje, com o Mestrado, é melhorar minha prática em sala de aula e mostrar como o Reisado da Missão, grupo formado por alunos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio em Tempo Integral do Centro de Excelência Senador Gonçalo Rollemberg, pode ser utilizado não só como ferramenta no Ensino de História, na condução de uma atitude provocativa para a formação do indivíduo, mas também como um veículo para a Educação Inclusiva e também ajudar na construção da identidade histórico-cultural de todos os estudantes, respeitando suas singularidades e garantindo que esses sujeitos compreendam e se posicionem quanto à preservação desse folgado.

O início da inserção dos meus alunos nesse universo se deu durante a atividade integradora “Tradições Culturais”. E eu, enquanto brincante do Reisado de São José, desde 2008, e professora da referida atividade em 2023, tratei em aula da origem, da simbologia e fiz uma apresentação da dança, cujo objetivo foi ressaltar a importância desse folgado para, assim, provocar nos alunos a curiosidade e necessidade de valorização. O resultado da atividade pôde ser visto na “II Gincana Nossas Raízes”, promovida pelo estabelecimento de ensino no qual eu trabalho, cuja apresentação foi bastante elogiada e despertou nos alunos a vontade de criar um grupo na escola.

A partir da investigação sobre o tema, a atividade propiciou também a discussão de estereótipos e preconceitos, ampliando os diversos significados que o estudante confere ao pertencimento cultural e a necessidade de manter as nossas manifestações culturais vivas nas quais ele assume seu papel diante dessa responsabilidade, uma vez que, em linhas gerais, os grupos mais longevos do município se mantêm em atividade porque são compostos por pessoas da mesma família e que resistem, apesar da cultura de massa ser mais apreciada pela população em geral.

Para fortalecer ainda mais o grupo criado na escola, o inscrevi no edital “Impacto Cultural” da Lei Paulo Gustavo 2023 e, em 2025, na Lei Aldir Blanc no edital de chamamento público nº 02/2025 de premiação para agentes culturais das culturas tradicionais e populares PNAB (Lei nº 14.399/2022), ambos a nível municipal, no qual fomos contemplados com valores financeiros que nos ajudou a adquirir nosso próprio Boi, o Jaraguá, calçados adequados e alguns adereços. Por isso, documentar esse trabalho se faz relevante não só para mim, enquanto professora de História e brincante do Reisado de São José, mas por sua importância social e cultural em nossa comunidade, tornando-o viável e um recurso a ser explorado no quesito patrimônio cultural imaterial e ensino de História.

1.2. Problemática e Objetivos

Uma das motivações desta investigação parte da necessidade de superar o ensino puramente teórico e a crescente invisibilidade do patrimônio imaterial no currículo escolar sergipano. Japarutuba respira tradição, mas há um hiato crescente entre os mestres dos Reisados e os jovens que ocupam nossas escolas.

Essa questão se tornou inadiável para mim, não apenas como professora, mas como membro do Reisado São José e Mestra do Reisado da Missão. Percebi que o conhecimento que minha tia, Mestra Marilene Moura, e outras mulheres simples detêm nas ruas, cantando e dançando, muitas vezes, não encontra eco ou reconhecimento formal dentro dos muros da escola pública.

O problema delineado busca, portanto, responder: quais estratégias pedagógicas podem promover a valorização do patrimônio imaterial de Japarutuba, especificamente os Reisados, de modo que essa integração curricular ocorra de forma inclusiva e significativa para os estudantes da educação básica?

Reflete-se, assim, sobre a perspectiva do compartilhamento da riqueza desses saberes tradicionais para o cotidiano escolar, para que haja o fortalecimento do vínculo entre a

comunidade e a educação básica, inserindo o Reisado em uma base de formação cidadã e resistência cultural em sua historicidade, memórias, culturas e identidades.

Assim, o objetivo geral do trabalho busca desenvolver uma prática educativa sensível e inclusiva que reconheça os Reisados de Japaratuba enquanto a afirmação de uma “cidadania cultural”, trazendo a sabedoria ancestral das ruas para o coração da escola.

Para efetivar o objetivo geral, propõe-se como objetivos específicos:

- * Mapear, registrar e sistematizar narrativas, memórias, cantos, gestualidades e saberes dos mestres e brincantes dos Reisados de Japaratuba, de modo a constituir um acervo digital e cultural que subsidie a construção de práticas pedagógicas sensíveis à diversidade e ao patrimônio imaterial.
- * Criar, como Recurso Educacional Aberto (REA), uma caixa holográfica produzida com materiais reciclados, interligada ao uso do celular, da *internet* e da Inteligência Artificial (IA). Este dispositivo servirá como uma ponte tecnológica e afetiva na qual a imagética dos brincantes dos diversos reisados locais ganhará vida, permitindo que os integrantes do Reisado da Missão (alunos do Centro de Excelência Senador Gonçalo Rollemberg) visualizem e ouçam os detentores do saber narrarem suas histórias e memórias através desse material.
- * Implementar e avaliar ações pedagógicas inclusivas voltadas a estudantes neurodivergentes, especialmente aqueles com TDAH, investigando como a mediação cultural e tecnológica – por meio do REA holográfico – pode favorecer atenção, engajamento, pertencimento e construção de uma cidadania cultural no ambiente escolar.

A proposta fundamental, portanto, reside em converter o patrimônio imaterial de Japaratuba em um saber pulsante, sustentável e digital. Pretende-se despertar, no cotidiano da educação básica, um verdadeiro sentido de pertencimento e o respeito profundo ao legado deixado pelos mestres, permitindo que o estudante do século XXI assuma o protagonismo na guarda de sua própria identidade. Nesse cenário, esse REA surge não apenas como um recurso audiovisual, mas como uma tecnologia social de baixo custo e ecologicamente consciente.

1.3. Estado da Arte, Conceitos Iniciais e Justificativa da Pesquisa

Ao centrar essa investigação em uma importante manifestação cultural de Japaratuba, é possível sentir o pulsar da cultura em cada canto, em cada festa, em cada música cantada pelos seus mestres e respectivos grupos. Dentro desse imenso mosaico de tradições, o reisado brilha como uma celebração cheia de cor, música e histórias, transmitida de geração em geração. Mais do que uma brincadeira, ele é um elo entre o passado e o presente, uma forma de resistência cultural que mantém viva a identidade de muitas gerações, dentro da nossa comunidade. E, para

compreender essa riqueza em toda a sua profundidade, foram consultadas e problematizadas obras clássicas de estudiosos como Theo Brandão, Silvio Romero, Cecília Nunes, Aglaé Fontes, Diegues Junior. Mas também, Sandra Pelegrini (2008; 2009) surge como uma contribuição crucial para o patrimônio histórico e cultural, destacando a relevância de documentar, salvaguardar e fomentar tradições como o reisado, garantindo que continuem a encantar as próximas gerações. Porque, afinal, uma cultura que não é cuidada corre o risco de desaparecimento.

Nas últimas décadas do século XX, a cultura tornou-se um eixo central para a renovação das Ciências Humanas, permitindo novas interpretações das transformações políticas, econômicas e sociais. No Brasil, seu reconhecimento jurídico inicia-se em 1934 e se consolida em 1988 com a formulação dos direitos culturais que, a partir dos anos 1990, passam a dialogar com debates sobre justiça e equidade social. Nesse período, a atuação estatal no campo cultural assume dois rumos principais: “cultura e mercado” e “cidadania cultural”. Esta última, amplamente desenvolvida por Marilena Chauí, cuja experiência na Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo (1989-1992) fundamentou a defesa da cultura como direito e como prática criadora. Assim, a “cidadania cultural”, nessa perspectiva, ultrapassa a promoção de atividades culturais e busca transformar mentalidades e fortalecer também a cultura política, orientando-se para a construção de uma sociedade efetivamente democrática (Fernandes, 2011).

A aplicação do conceito de cidadania cultural no ensino de História permite transformar o estudo do Reisado de Japaratuba em uma prática pedagógica voltada ao reconhecimento da cultura como direito e como criação coletiva. Ao afirmar a importância dessa manifestação, integrando-a à sala de aula e organizando um grupo dedicado a registrar e narrar as ancestralidades de seus participantes, o processo educativo passa a valorizar saberes locais, promover a participação ativa dos estudantes e fortalecer os vínculos identitários.

Essa abordagem, alinhada à perspectiva de que a cultura é fundamento da vida democrática, possibilita que os alunos compreendam o Reisado não apenas como tradição, mas como expressão viva de memória, pertencimento e história comunitária, ampliando sua consciência histórica e seu interesse na preservação do patrimônio cultural de sua própria região também como um ato político que não se dilui ao longo dos anos, que não se perde em “estrangeirismos” do Norte Global, mas revitaliza a compreensão das raízes locais em diálogo com a região, a nacionalidade e o Sul Global.

Rememorando, ainda, a experiência traumática da pandemia da Covid-19, que obrigou populações inteiras no mundo ao uso de tecnologias digitais durante o período de isolamento social, ocasionando grandes dificuldades a professores e alunos que não possuíam

conhecimentos técnicos no manuseio de equipamentos para o ensino remoto emergencial (ERE), não possuíam os próprios *hardwares* e *softwares* e/ou nem conexões adequadas. Por isso, salienta-se a importância do letramento digital no século XXI (quando serviços e produtos tecnológicos se expandem rapidamente na vida cotidiana) e do ensino de um uso de qualidade, comprometido com a dignidade humana, com a profissionalização e com a criticidade em seu manuseio. A exclusão digital, além de dificultar a inserção laboral dos alunos, também retira deles a oportunidade de assumir as decisões sobre o gerenciamento do tempo, sua autonomia cognitiva, os usos e os princípios éticos que envolvem o uso da tecnologia na contemporaneidade.

A partir da definição estabelecida pelo governo federal, a educação digital e midiática configura-se como um campo interdisciplinar que abrange as competências previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), envolvendo o uso de tecnologias, práticas comunicativas, análise crítica de informações e mídias, além de aspectos relacionados à cultura e ao ambiente digital, bem como ao pensamento computacional (Menezes, 2025, p. 5). Reconhece-se, nesse contexto, a necessidade de que o ensino de História incorpore essa abordagem como perspectiva transversal, considerando o caráter dinâmico do tempo histórico, marcado por mudanças, rupturas e continuidades. Tal integração possibilita que os estudantes desenvolvam habilidades para utilizar tecnologias digitais, analisá-las de modo crítico e empregá-las de forma ética, responsável e protagonista na construção e difusão do conhecimento.

Neste cenário, ao propor o desenvolvimento e a aplicação de um Recurso Educacional Aberto (REA), que chamei de Caixa Holográfica 3D, além da inclusão digital via uso de uma tecnologia social de forma responsável e pedagógica, também me preocupei com a inclusão de crianças e adolescentes que cada vez mais chegam às escolas com transtornos neuroatípicos¹.

A definição de Tecnologia Social (TS) que orienta esta pesquisa provém do Instituto de Tecnologia Social (ITS), em 2004, e serve como um fundamento conceitual robusto para a análise de práticas educacionais inovadoras. O documento define TS como um “conjunto de técnicas e metodologias transformadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para inclusão social e melhoria das condições de vida” (ITS, 2004, p. 26). Essa perspectiva ressalta a centralidade da participação

¹ Neuroatípico é o termo que designa pessoas cujo desenvolvimento cognitivo, neurológico ou comportamental difere do “padrão” considerado típico pela sociedade. Engloba indivíduos com condições como Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Dislexia e Síndrome de Tourette. Essas diferenças não são doenças, mas variações naturais do cérebro humano, focando na neurodiversidade e não apenas em déficits (Caze, 2026).

e do envolvimento direto da comunidade, e sua articulação da cidadania cultural com o letramento digital, princípios que se alinham integralmente aos objetivos desta dissertação.

A discussão sobre Tecnologia Social (TS) ocupa um espaço importante no Brasil. Em 2011, por exemplo, o Senado Federal criou um projeto de lei (o PLS nº 111) para oficializar o seu significado para o desenvolvimento da nação. De forma simples, a lei diz que TS é qualquer atividade que ajuda as pessoas a se incluírem na sociedade e a viverem melhor, desde que seja feita com a comunidade. Ou seja, a geração do conhecimento precisa envolver a participação e as decisões da população. O objetivo do PLS procura usar a ciência e a tecnologia para resolver problemas reais de quem está em situação de exclusão social. Eles defendem a garantia do “direito ao conhecimento e à educação” para todo mundo.

Outra preocupação decorre do fato de que, para muitas crianças e adolescentes que vivem com o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), a forma tradicional de ensinar, a pedagogia que temos hoje, acaba esbarrando em grandes empecilhos na hora de prender a atenção e manter o foco. A ideia é que a caixa ajude a superar parte desses desafios. O recurso surge então como um diferencial, pois seu estímulo visual imersivo e a natureza lúdica do holograma são projetados para capturar e sustentar a atenção desse público de forma mais eficaz, tornando o processo de aprendizagem menos abstrato e mais interativo.

Mais do que apenas uma ferramenta de visualização digital, o recurso fomenta a “apropriação” do conhecimento, um pilar da TS. Os estudantes participaram ativamente da construção do próprio dispositivo e da criação de modelos virtuais com uso de IA para projeção. Esse engajamento prático é essencial para o público com TDAH, pois a possibilidade de “fazer para aprender” atua como catalisador na produção do conhecimento, emponderando-os como protagonistas do seu próprio aprendizado.

As pesquisas realizadas no Repositório Institucional da Universidade Federal de Sergipe, que reúne Trabalhos de Conclusão de Curso, dissertações, teses e demais produções científicas da comunidade acadêmica, utilizando as palavras-chave “Reisado Japaratuba” (93 ocorrências) e “Japaratuba” (1.310 ocorrências), não identificaram estudos com a mesma abordagem proposta nesta pesquisa. Observou-se que a maior parte dos trabalhos encontrados concentra-se em análises de caráter geográfico ou em investigações relacionadas ao Museu da Gente Sergipana ou ao desenvolvimento de jogos educacionais ou Reisados em outras geografias.

A busca foi ampliada para o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, mantendo os descritores anteriores. Foram encontrados 63 resultados para “Japaratuba” e nenhum para “Reisado Japaratuba”. Diante disso, optou-se também pelo uso do descritor “Reisado”, que

retornou 37.837 registros. Esses estudos, contudo, tratam majoritariamente de análises fotográficas de manifestações culturais em diferentes regiões, de cantorias, de narrativas jornalísticas e literárias, de processos de dramatização e cenografia, entre outros temas, sem estabelecer relação direta com a proposta aqui desenvolvida.

As buscas realizadas no portal de Teses e Dissertações da Capes, utilizando descritores relacionados à “educação, Reisado, TDAH”, resultaram apenas em um trabalho voltado à formação de professores para inclusão de alunos com TDAH em atividades curriculares (Reis, 2006). No Repositório Institucional da UFS, foram identificados 70 textos publicados nos Anais de um evento sobre Educação e Inclusão. Esses estudos abordavam temas como Libras, “deficiência visual”, “deficiência intelectual”, “deficiência física”², limites e possibilidades da educação voltada ao autismo, acessibilidade para cadeirantes e dislexia. Nenhum deles, entretanto, estabelecia articulação com manifestações culturais, patrimônio cultural ou o uso de holografia como recurso didático.

O único trabalho que dialoga diretamente com o tema do TDAH é o artigo de Neuza Maria Vieira (2013), intitulado “A inclusão escolar no transtorno do *déficit* de atenção e hiperatividade (TDAH)”, que discute fundamentos teóricos da neuroatipicidade e apresenta sugestões de práticas pedagógicas voltadas à inclusão escolar, porém, sem uso da holografia.

Saliento ainda a importância da plataforma *online* “Kizomba dos Saberes”, fruto do projeto coordenado pela Profa. Dra. Mariana Bracks Fonseca do Grupo de Estudos e Pesquisa de História da África e Diáspora Africana - ANANSE.GEPHADA/UFS³. É um recurso digital educacional que traz informações sobre as várias manifestações culturais sergipanas, bem como propostas pedagógicas envolvendo-as. Particularmente, o verbete sobre o “Reisado” apresenta o resumo de um panorama em Sergipe com referências às localidades de Japaratuba, Itaporanga, Amparo de São Francisco, Boquim, Itabaiana, São Cristóvão, Areia Branca, Pedrinhas, Pirambu, Malhador, Santa Rosa de Lima, Tobias Barreto, Neópolis e Cristinópolis. O *site* disponibiliza ainda duas sequências didáticas referentes ao Reisado, uma trata de uma notícia no município de Estância e a outra trabalha com um fragmento da oralidade musical do Reisado. Todavia, na página de abertura, no Mapa da Cultura Afro-Sergipana, quando se pesquisa por município “Japaratuba” só aparece o “Cacumbi” como manifestação cultural e quando se

² Os termos estão entre aspas por ser a forma como aparecem nos textos consultados. Todavia, ressalta-se que a legislação brasileira, especialmente a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), na atualidade, define a “pessoa com deficiência” (PcD). Assim, a abordagem terminológica sobre deficiências é pautada pelo modelo social, que foca na pessoa e na eliminação de barreiras e não na condição médica de “doença” ou “incapacidade”. A base é a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006) e a Lei Brasileira de Inclusão (LBI - Lei nº 13.146/2015). Verificar ainda Sassaki, 2026.

³ Cf. <https://www.kizombadosaberes.com.br/manifestacoes-culturais/reisado>. Acesso em: 18 dez. 2025.

pesquisa por manifestação cultural “Reisado” são listados: Itaporanga, Moita Bonita, Santo Amaro das Brotas, Pedrinhas e Cristinápolis, sem menção a Japaratuba entre as localidades relacionadas. Apesar dessa ausência, a plataforma demonstra como o uso de tecnologias digitais no Ensino de História não exclui as narrativas que tratam das tradições culturais no estado.

Esse breve panorama evidencia, até o momento, o caráter inovador, inventivo e original tanto dessa dissertação quanto do Recurso Educacional Aberto (REA) produzido.

Assim, minha dissertação, com título *MEMÓRIAS, CANTORIAS E HOLOGRAMAS: O REISADO DE JAPARATUBA NO ENSINO DE HISTÓRIA SOB A PERSPECTIVA DA TECNOLOGIA SOCIAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA*, tem sua relevância social, historiográfica e pedagógica uma vez que Reisado, apesar de ser uma das manifestações culturais mais populares de Japaratuba e do nosso Sergipe, possui escassez de escritos acadêmicos que sistematizem suas memórias sob a ótica da Educação Histórica inclusiva a partir da proposição de uma tecnologia social digital. A originalidade desta pesquisa reside na criação de um dispositivo pedagógico que “virtualiza” a oralidade, composição e movimentos dos mestres de Japaratuba em representações visuais tridimensionais, preenchendo uma lacuna metodológica no ensino de cultura regional e oferecendo novas possibilidades de letramento histórico, no século XXI, para alunos que demandam estímulos visuais diferenciados.

Mais do que um esforço de salvaguarda do patrimônio cultural do Reisado, enxergo neste dispositivo um fôlego novo para os processos de ensino de História, funcionando como uma tecnologia assistiva que faz sentido no chão da escola. A caixa holográfica, com esse magnetismo das imagens que parecem flutuar, atua diretamente na curiosidade, o que a torna um recurso precioso que prende a atenção e estimula o interesse.

As fotos dos brincantes que utilizei no trabalho da holografia não estão aqui por acaso, elas servem para ilustrar a riqueza das nossas tradições locais. O mais legal é que a maioria dessas imagens foi cedida, com carinho, pelos próprios participantes ou veio direto dos álbuns de família deles, o que mostra nosso compromisso ético e a autorização que temos. É bom frisar que não há fins lucrativos; o uso é puramente pedagógico e cultural, dentro do contexto da pesquisa. E, pensando nas pessoas com deficiência visual, cada imagem utilizada aqui tem uma descrição detalhada para garantir a acessibilidade⁴.

O uso de dispositivos de inteligência artificial para a elaboração de imagens holográficas a partir de fotografias doadas por familiares de ancestrais de grupos de manifestações culturais justifica-se, eticamente, quando orientado pelos princípios da dignidade humana, do respeito às

⁴ Isso porque os leitores de textos para PcD visuais ignoram as imagens, requerendo, portanto, que elas sejam descritas no texto para que a inclusão seja, de fato, ampla e democrática.

comunidades de origem e da responsabilidade sociotécnica. Sob a perspectiva da ética da IA, tais práticas devem reconhecer que imagens não são meros dados, mas portadoras de memória, identidade e valores coletivos, exigindo consentimento informado, transparência nos processos algorítmicos e possibilidade de controle social sobre os usos futuros do material digitalizado (Floridi, 2019; Unesco, 2022). No campo da História Pública e do patrimônio cultural, a IA pode atuar como mediadora entre passado e presente, ampliando o acesso público às narrativas históricas e fortalecendo a salvaguarda de saberes tradicionais, desde que evite apropriações simbólicas indevidas ou distorções historiográficas produzidas por sistemas automatizados.

Além disso, a responsabilidade e os direitos de propriedade intelectual devem ser tratados de forma ampliada, considerando não apenas regimes legais clássicos de copyright, mas também direitos culturais coletivos e a autoria compartilhada entre comunidades, pesquisadores e sistemas técnicos. Abordagens filosóficas contemporâneas defendem que a governança ética da IA deve incorporar justiça, explicabilidade e *accountability*, sobretudo em contextos sensíveis envolvendo herança cultural e grupos historicamente subalternizados (Mittelstadt *et al.*, 2016; União Europeia, 2024). Assim, a utilização de IA para imagens holográficas torna-se justificável quando vinculada a acordos claros de uso, licenças não exploratórias, retorno social do conhecimento produzido e mecanismos de proteção contra usos comerciais ou discriminatórios não autorizados, alinhando inovação tecnológica, ética aplicada e compromisso com a memória coletiva.

1.4. Abordagens Metodológicas e organização das seções da Pesquisa

A abordagem metodológica da minha pesquisa conversa com o que experimentamos em lugares incríveis como o Museu da Gente Sergipana, em Aracaju, e o Memorial JK, em Brasília, onde usam hologramas e outras tecnologias digitais para contar histórias e compartilhar uma educação museal⁵ com o público de um jeito super envolvente e inovador.

Ao fundir o encantamento da holografia com o peso das narrativas que moldaram nossa gente, a ferramenta deixa de ser apenas um objeto técnico para se tornar um elo de sensibilidade envolvendo a rememoração de afetos. É, no fim das contas, sobre garantir que a tecnologia não seja um fim em si mesma, mas uma ponte para que o aprendizado seja um direito vivido e

⁵ A Educação Museal compreende um conjunto de processos teóricos, práticos e de planejamento que possibilitam ao museu cumprir, de maneira plena, seu papel de mediador e referência social. Seu campo de atuação abrange abordagens, metodologias e instrumentos específicos voltados à execução de ações educativas no contexto museal. Tais ações constituem, de forma concreta, o núcleo estruturante dos Programas Educativos e Culturais das instituições que os desenvolvem e, em última instância, materializam a função educativa que integra a missão dos museus (Ibram, 2023).

sentido, por cada aluno, respeitando suas singularidades e aproximando-os de suas próprias raízes.

As narrativas serviram para mapear as transformações culturais nos Reisados de Japaratuba ao longo do tempo, investigando tanto as mudanças quanto as permanências nas práticas culturais através das narrativas dos brincantes ativos ou não. Para isso, os estudantes realizaram entrevistas com brincantes dos quatro reisados em atividade e ex participantes, também. Fizemos, com o auxílio de professores de Linguagens e suas tecnologias, análise de dados e produção textual com os estudantes do CESGROL⁶, e, a partir das histórias coletadas, criamos os conteúdos visuais com base nas narrativas e imagéticas dos brincantes, utilizando tecnologia digital e caixas holográficas 3D. Para tal, utilizamos sistemas de Inteligência Artificial Generativa (IAG), com acesso gratuito, a exemplo dos dispositivos de *design* de imagem “Nano Banana Pro. Gratuito” (disponível no Gemini e Copilot), como atribuição de movimento através das plataformas Artlist, Capcut e Pixverse.

Circe Bittencourt (2009) defende um ensino de história que vai além dos livros didáticos e documentos oficiais. Para ela, ensinar história é também contar as histórias do povo, valorizar suas tradições e considerar que manifestações como o reisado são fontes valiosas para entender quem somos e de onde viemos.

Para compreender o reisado, não basta simplesmente ler sobre ele em livros ou assistir a vídeos *online*. O reisado é formado por indivíduos, narrativas vibrantes, vozes que entoam canções e corpos que se movem. Ele pulsa na memória dos brincantes, nos ensaios, nas ruas e praças onde acontece. Por isso, esta pesquisa não poderia ser apenas teórica, era preciso estar perto, ouvir, sentir. Nesta dissertação, a etnografia emerge como um dos vieses metodológicos para apreender a complexidade da experiência educacional com a caixa holográfica 3D.

Parto das discussões de Clifford (1998) em seu texto “Sobre a Autoridade Etnográfica”, que nos lembra que a etnografia é, do começo ao fim, “imersa na escrita” e na interpretação (Clifford, 1998, p. 21). Mais do que apenas um método de pesquisa, a etnografia envolve um intenso “envolvimento intersubjetivo” e a “experiência do pesquisador”, que se torna uma fonte unificadora de autoridade para o trabalho de campo.

A abordagem etnográfica me permite ir além da simples coleta de dados. Como argumenta Clifford, a “observação participante” é fundamental, pois ela nos obriga a experimentar as dificuldades da tradução entre culturas. No meu caso, isso significa mergulhar também na realidade de crianças e adolescentes com TDAH, observando como interagem com

⁶ Centro de Excelência Senador Gonçalo Rollemberg.

o recurso, ouvindo suas vozes e entendendo suas perspectivas. O desafio, como aponta o autor, é transformar essa experiência em um relato escrito e legítimo.

A etnografia, aqui, não é apenas um conjunto de técnicas, mas um compromisso com a dialética entre experiência e interpretação. O intuito é produzir um conhecimento que seja sensível ao contexto, que valorize as subjetividades dos participantes e que, ao final, resulte em um retrato fiel e profundo da realidade observada.

Áurea Paz Pinheiro (2013) também se torna uma referência importante uma vez que essa pesquisa faz uso dos registros imagéticos digitais, pois a autora, ao registrar expressões culturais como os ritos religiosos e as manifestações de matriz africana, enfatiza os registros audiovisuais como uma forma de documentação densa que garante a permanência e a transmissão desses saberes e fazeres, além de servirem como uma poderosa ferramenta para a pesquisa histórica e etnográfica.

Ainda, conforme Roseane Amorim da Silva e Jaileila de Araújo Menezes (2023, p. 693):

A observação participante se refere ao processo em que os membros da comunidade estudada concordam com a presença do/a pesquisador/a entre eles/as. O/a observador/a participante deve criar meios para ser aceito/a no contexto da pesquisa (o que pode significar aspectos diferentes em termos de comportamento, modos de viver).

Por isso, ao longo desse processo, os alunos não ficaram apenas como espectadores, eles se tornaram investigadores da própria cultura. Munidos de cadernos, celulares e muita curiosidade, eles se aproximaram dos brincantes, mestres, músicos, dançarinos e, mais do que fazer perguntas, compartilharam momentos e memórias. As conversas não foram entrevistas formais, frias e distantes, mas diálogos vivos, cheios de risadas e lembranças emocionadas. Cada encontro se transformou em um mergulho em histórias que, muitas vezes, não estão escritas, mas vivem na oralidade de quem realiza as transmissões de geração em geração.

A partir das entrevistas das atividades escolares correntes, eles construíram os textos, pano de fundo para as animações feitas a partir da imagética dos brincantes traduzindo, também, o que eles sentiram e aprenderam para outras formas de expressão.

O mais bonito, nisso tudo, foi a chance de conhecer uma Japaratuba que talvez não tenham visto antes, que canta, conta histórias e se reinventa, sem abandonar suas origens. Em contrapartida, os brincantes ajudaram na valorização do reisado ao compartilharem suas experiências com uma geração mais jovem.

A escrita desse trabalho ocorre tanto em primeira pessoa, por trazer o meu olhar pessoal como docente e brincante, mas também aparece na terceira pessoa do plural já que integro uma

coletividade de alunos e mantenedores da cultura imaterial de Japaratuba. Sou uma, mas sou plural e nessa diversidade entre o “eu” e o “nós” é que a identidade se constrói.

O leitor encontrará, ao longo desta dissertação, um percurso que se constrói no diálogo constante com a memória, a cultura, o ensino e a tecnologia. Esse caminho, tecido a partir da experiência viva com os Reisados de Japaratuba, desvela-se nos seguintes momentos centrais:

A segunda seção “*A origem do Reisado: entre a cultura miscigenada e a hibridização*” convida o leitor a um mergulho nas raízes históricas do Reisado, compreendido dentro da complexa formação cultural mestiça do Brasil. Nele, ofereço um panorama das influências indígenas, africanas e europeias que, em tensões e negociações, moldaram o folguedo, ressaltando as transformações que o tempo impôs.

A terceira seção, denominada “*O Reisado Sergipano e suas ancestralidades*”, aprofunda o olhar sobre o Reisado sergipano, destacando suas particularidades, a força de seus mestres, as expressões simbólicas e a forma resiliente como essa manifestação se inseriu e permaneceu viva no contexto do estado. Aqui, o que pulsa é um retrato afetivo e, ao mesmo tempo, crítico do patrimônio cultural local.

O foco da quarta seção “*O Reisado em Japaratuba*” se estreita para a realidade do município. Apresento as histórias, os grupos, os personagens e as memórias que sustentam o Reisado. As narrativas recolhidas nesse espaço dialogam com a realidade dos moradores e brincantes, revelando as continuidades e as mudanças que marcaram as últimas décadas.

Já a quinta seção intitulada “*Ensino de História e Patrimônio Cultural na construção de narrativas para o Recurso Educacional Aberto (REA)*” abre as portas para o diálogo entre escola, patrimônio e tecnologia. Nele, discuto o Ensino de História e a urgência de práticas pedagógicas que valorizem o patrimônio imaterial na formação dos estudantes. A partir desse ponto, apresento o Recurso Educacional Aberto (a caixa holográfica 3D). As subseções aprofundam três frentes cruciais: a relação do currículo com o saber local, o uso da caixa holográfica como tecnologia assistiva para o público com TDAH e o processo de personalização de recursos digitais para um atendimento verdadeiramente inclusivo, sensível e criativo e sua aplicação.

Nas Considerações Finais, há a tessitura dos caminhos percorridos. Reflito sobre os resultados alcançados, as aprendizagens construídas e as possibilidades futuras de expansão deste trabalho, especialmente no campo do ensino, da memória e da valorização das tradições que dão alma a Japaratuba.

Os anexos contêm os relatórios de especialistas a partir da aplicação do REA e o Manual Reisado Digital.

2. A ORIGEM DO REISADO: ENTRE A CULTURA MISCIGENADA⁷ E A HIBRIDIZAÇÃO

2.1. Mestiçagem e miscigenação na lente da historiografia

O Reisado é considerado a manifestação cultural mais emblemática do ciclo natalino, especialmente no Nordeste, que é sua principal região brasileira de referência. Cascudo (1979, p. 774) em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro* o define como “denominação erudita para os grupos que cantam e dançam na véspera e dia de Reis (6 de janeiro) ”.

A tradição, que celebra o nascimento de Jesus por meio de cantos, danças e visitas às residências dos moradores, tem suas raízes em Portugal e foi trazida e redefinida, no Brasil, durante o processo de colonização e, aqui, bebeu da água de mais duas fontes quando recebeu, diretamente, influências indígenas e africanas.

A manifestação cultural é uma oração cantada e dançada na qual a fé e a cultura se abraçam em um espetáculo de cores e sons. Formado por grupos de “brincantes” vestidos com trajes brilhantes e espelhos que refletem a luz da nossa identidade, ele narra histórias de devoção e resistência. Sob a liderança de seus mestres, o grupo percorre as ruas e visita casas, levando bênçãos e alegria. É um saber vivo, passado de geração em geração, que transforma o cotidiano em um território de magia em que cada passo do cordão e cada verso entoado reafirmam seu orgulho, sua história. Ele não apenas mantém vivas as raízes de nossa identidade, mas também se transforma ao longo do tempo, incorporando novos elementos, seja nos cânticos, nas danças ou nas vestimentas; reflete a diversidade e a necessidade de diálogo entre culturas. É um espaço de pertencimento onde a história de um povo ganha vida e se reinventa, reafirmando a importância da convivência e da valorização das diferenças.

Ivo (2023) nos convida a olhar para a formação da sociedade brasileira a partir da colisão de distintos mundos onde diferentes culturas e identidades se misturaram, dando forma ao que somos hoje. Vale frisar que a colonização europeia não foi apenas um simples encontro, mas uma invasão profunda que tentou silenciar vozes e apagar identidades milenares. A violência colonial se manifestou na imposição de fronteiras, no racismo estrutural e na exploração exaustiva de corpos e territórios, tratando seres humanos como meras ferramentas de lucro. Ao olharmos para esse passado, entendemos que o maior golpe desse processo não foi apenas

⁷ Embora o conceito de miscigenação tenha sido historicamente utilizado por ideologias de branqueamento para diluir a presença negra, aqui, ele é compreendido como a base da amefricanidade, conforme proposto por Lélia Gonzalez (1988). Nesse sentido, a miscigenação não é vista como perda de identidade, mas como um processo dinâmico de trocas culturais e biológicas que fundamenta a singularidade brasileira. Trata-se da coexistência de matrizes diversas que, apesar das tensões coloniais, produziram formas novas e resistentes de ser e estar no mundo, manifestas na língua, na religiosidade e em tradições, como o Reisado.

físico, mas simbólico: a tentativa de convencer o mundo de que os saberes indígenas e africanos eram inferiores à lógica do colonizador.

O debate historiográfico acerca da mestiçagem e da miscigenação no Brasil possui longa trajetória e o século XIX reúne um conjunto significativo de fontes documentais, práticas sociais e produções intelectuais que continuam a ser examinadas por estudiosos da atualidade.

Rocha e Alcântara (2022) abordam a mestiçagem a partir de duas vertentes centrais: como instrumento de dominação e como dinâmica de conflito identitário. Segundo os autores, esse conceito opera como uma estratégia de biopoder voltada à regulação dos corpos e subjetividades, sobretudo da população negra, com o propósito de preservar a ordem vigente por meio da uniformização da identidade nacional.

Hugo R. Merlo (2023) elabora uma abordagem teórica da mestiçagem, concebendo-a como um elemento central na formação do pensamento histórico brasileiro. Em sua análise, o autor diferencia a mestiçagem da miscigenação (entendida como cruzamento biológico) e da hibridização (relacionada à fusão cultural interna). Para Merlo, a mestiçagem não se limita à junção de elementos distintos, mas gera uma diferença qualitativa, resultando em algo que transcende a simples soma das partes envolvidas. O conceito é explorado em três dimensões: a ideológica, vinculada à construção da identidade nacional; a experiencial e subjetiva, associada à vivência nas zonas de fronteira; e a epistêmica, como ferramenta analítica. O autor destaca, ainda, que a mestiçagem ocupa um papel de destaque na tradição intelectual brasileira desde meados do século XIX.

Isnara Ivo (2023; 2025) compreende a mestiçagem e a noção de qualidade como pilares estruturantes das hierarquias sociais nos sertões brasileiros entre os séculos XVIII e XIX. Para a autora, tais categorias ultrapassam um caráter meramente descritivo e funcionam como instrumentos de agência social, acionados pelos sujeitos para se movimentarem em um contexto marcado por profundas desigualdades. A mestiçagem, nesse sentido, constitui um processo constitutivo das sociedades americanas, decorrente dos encontros biológicos e culturais produzidos pela escravidão. Longe de representar um resultado fixo, ela se configura como um fenômeno histórico contínuo, atravessado por convivências, resistências e estratégias de inserção social. Já a “qualidade” – definida por elementos como origem, linhagem, filiação religiosa, condição jurídica (livre ou escravizada) e traços fenotípicos, incluindo cor da pele e textura do cabelo – operava como critério de distinção, enquanto a mestiçagem impulsionava uma sociedade em permanente transformação e redefinição.

Eduardo França Paiva (2025) examina esses conceitos a partir da sucessão e do entrecruzamento de dois amplos modelos históricos de classificação e hierarquização vigentes

nas Américas entre os séculos XV e XIX. O autor adota a expressão “dinâmicas de mestiçagens” para interpretar o processo de conformação das sociedades americanas, enfatizando que a mestiçagem deve ser compreendida como um fenômeno histórico permanente, marcado por circulação cultural, convivências, resistências e adaptações, e não como um simples produto biológico finalizado.

Paiva (2025) propõe ainda o uso do termo “mestiçado” para designar períodos anteriores ao século XIX, preservando os sentidos próprios da época e evitando o anacronismo de aplicar retroativamente a noção moderna de “mestiço”, carregada no século XIX por significados associados à ideia de “degenerescência”. O autor esclarece que “miscigenação” é uma categoria posterior, oriunda das ciências químicas e biológicas (derivada de “miscibilidade”) originalmente empregada para indicar a fusão completa entre substâncias. Sua aplicação aos seres humanos ocorreu no contexto do racismo científico, que biologizou cor da pele e traços fenotípicos.

Nesse paradigma, a miscigenação passou a ser interpretada por setores das elites intelectuais como obstáculo ao “progresso” e à “civilização”, sendo frequentemente vinculada à suposta degeneração das sociedades americanas. Paiva identifica uma inflexão decisiva quando o sistema classificatório baseado na “qualidade” – isto é, linhagem, religião e condição jurídica – é substituído por um modelo centrado em “raça” e “cor”, sustentado pelo evolucionismo cultural que posicionava populações miscigenadas em estágios inferiores em relação ao ideal civilizatório europeu (Paiva, 2025).

A análise de Paiva (2025), de caráter lexical e histórico, busca compreender como essas categorias foram criadas, transformadas e substituídas ao longo do tempo, alertando para os riscos do anacronismo e defendendo que tais termos devem ser interpretados dentro de suas respectivas historicidades, e não como conceitos fixos ou universais.

É essencial enxergar que os descendentes da escravização, oriundos das violentas dinâmicas das mestiçagens, além da dor, possuíam a agência e a inteligência dos povos originários e africanos. As “negociações” que ocorreram não eram diálogos de paz, mas estratégias de sobrevivência em cenários de extrema desigualdade. Longe de serem passivos, seus ancestrais foram exímios diplomatas em tempos de guerra. Eles negociavam alianças, preservavam sementes de sua cultura sob nomes europeus e usavam as brechas do sistema colonial para garantir a continuidade de suas linhagens. Cada acordo era um ato de resistência que permitia que o essencial não fosse destruído. Compreender essa história exige de nós um olhar atento às cicatrizes que ainda moldam nossa sociedade, mas também um respeito profundo

pela resiliência desses povos. A trajetória de luta de indígenas e africanos é o que nos permite falar em reparação e identidade.

Kabengele Munanga (2023), autor do livro “Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil”, argumenta que a classificação racial dos mestiços no país difere significativamente dos modelos vigentes nos Estados Unidos e na África do Sul. Para o autor, a mestiçagem é um dado constitutivo da genética humana e um fenômeno inevitável sempre que populações distintas entram em contato, seja em contextos de violência ou de relações afetivas. No caso brasileiro, o maior receptor de africanos escravizados nas Américas, esse processo foi particularmente intenso, conformando uma das sociedades mais mestiçadas da diáspora africana.

Munanga (2023) destaca, contudo, que o problema não reside na mestiçagem em si, mas nos usos políticos-ideológicos das classificações raciais. Nos EUA, prevaleceu a “regra de uma gota”, segundo a qual qualquer ascendência africana define o indivíduo como negro, independentemente do fenótipo, o que historicamente fortaleceu alianças na luta antirracista. Na África do Sul do apartheid, ao contrário, os mestiços foram posicionados como um grupo intermediário, com alguns privilégios em relação aos negros, mas excluídos do poder, o que fragmentou a resistência ao regime.

No Brasil, a aparência (e não a ascendência) tornou-se o principal critério classificatório, permitindo que indivíduos mestiços fossem socialmente reconhecidos como brancos. Essa lógica, segundo Munanga, sustentou discursos que negavam o racismo ao afirmar que “somos todos mestiços”, posição adotada inclusive por intelectuais como Darcy Ribeiro. Tal narrativa, porém, serviu para ocultar desigualdades estruturais (Munanga, 2023).

O autor enfatiza que a ideia de “pureza racial” é um mito e a identidade mestiça, embora geneticamente inegável, envolve escolhas políticas. Para ele, a adesão de pessoas pardas à identidade negra fortalece a luta coletiva contra o racismo, pois a divisão entre pretos e pardos apenas fragiliza o enfrentamento das discriminações. O autor (2023) observa que muitos indivíduos socialmente classificados como pardos têm assumido politicamente sua negritude como forma de resistência e transformação social.

Isso nos faz pensar sobre a complexidade da nossa origem. A miscigenação no Brasil vai além de uma simples fusão biológica, ela envolve sentimentos, vivências e aprendizados que foram sendo compartilhados ao longo dos séculos. É através dessa mistura que conseguimos compreender nossas próprias identidades, múltiplas e em constante transformação, que celebramos as diferentes raízes que compõem o Brasil. Nesse cenário de

resistências silenciosas, o hibridismo cultural⁸ surge não como uma mistura pacífica ou espontânea, mas como uma poderosa e criativa estratégia de sobrevivência. Através das frestas do sistema colonial, os povos indígenas e africanos operaram uma ressignificação cultural sofisticada, subvertendo os símbolos do opressor para abrigar a essência de resistência do oprimido. Não se tratava de renunciar à autonomia ou identidade, mas de “vestir” outros formatos para garantir que o sagrado e o ancestral permanecessem protegidos. É nesse espaço de tensões e trocas forçadas que a cultura brasileira se reinventou, provando que a alma de um povo pode mudar de roupagem sem perder sua raiz.

Essas negociações deixaram marcas profundas no que sentimos e vivemos hoje. O hibridismo é o testemunho vivo de que a dominação nunca foi absoluta, ele é o resultado de um diálogo tenso em que o “outro” foi incorporado de forma estratégica para que o essencial não fosse destruído. Na atualidade, ao observarmos nossas festas e ritos, percebemos que eles são mapas de resistência: ritmos, crenças e saberes que teriam sido extintos, encontraram morada em novas formas de expressão, garantindo que o coração das tradições originais continuasse batendo, mesmo sob as pressões da história.

Essa dinâmica se torna carne e voz quando olhamos para a riqueza dos Reisados de Japarutuba. Neles, o hibridismo deixa de ser um conceito nos livros para se tornar uma experiência sentida. Os cordões verde e encarnado, as narrativas e a força dos brincantes são o reflexo direto desse passado de negociações constantes entre o que foi imposto e o que se escolheu preservar, de modo que a memória de nossos antepassados se une à nossa coragem de continuar existindo.

Para Sá (2008), o encontro entre sociedades com trajetórias distintas exige a criação de novas estratégias para lidar com identidades e alteridades. Contudo, é preciso pontuar que, no contexto brasileiro, essa coexistência foi forjada sob a égide da violência colonialista, que tentou submeter os saberes de matrizes africanas e originárias à lógica eurocêntrica. O que surge desse embate não é apenas uma organização funcional da convivência, mas uma constante reinvenção de padrões de resistência. Nesse cenário interconectado, identidades como as do Reisado emergem como respostas políticas que desafiam a hegemonia branca, reafirmando que a organização do mundo se dá não só pela mistura forçada, mas também pela sobrevivência e agência dos grupos subalternizados.

⁸ O hibridismo cultural, conforme postula Canclini (2015), refere-se aos processos de mistura e tradução entre diferentes culturas que, ao entrarem em contato, resultam em novas formas de identidade e expressão, superando a ideia de pureza cultural.

Sá (2008) ainda nos faz pensar sobre como as relações entre colonizadores e colonizados, entre “brancos”, “negros” e “índios”, livres e escravizados, moldaram a sociedade que conhecemos hoje. Esse encontro, que na maioria das vezes foi imposto e marcado por muita dor e desigualdade, deixou sinais profundos nas regiões que receberam os negros escravizados. Isso nos revela o quanto nossa história é construída a partir dessas interações complexas e, muitas vezes, injustas. A miscigenação, que surgiu dessa convivência forçada, é mais do que apenas a junção de culturas diferentes. Ela representa, na verdade, a maneira como, mesmo em condições de opressão, os povos negros, indígenas e europeus se transformaram mutuamente. No reizado, vemos como essas culturas se entrelaçaram. O que brotou disso, é muito mais do que um encontro de sangues ou uma junção de costumes diferentes, representa, na verdade, o modo como os povos negros, indígenas e europeus se transformaram reciprocamente, criando uma identidade nova e pulsante. No entanto, é preciso ter a coragem de dizer que essa mistura não foi equilibrada, ela aconteceu sob um projeto de apagamento sistemático, que tentou silenciar a presença das identidades africanas e originárias para que apenas a voz do colonizador fosse ouvida como verdade.

Esse apagamento não foi apenas uma ausência nos livros de História, mas uma tentativa de romper o fio da memória que ligava as pessoas às suas raízes. Por muito tempo, as tradições de nossa gente foram tratadas como algo “menor”, escondendo a riqueza intelectual e espiritual que nossos antepassados trouxeram. Percebemos que o rastro dessa violência ainda marca o modo como muitos jovens olham para sua própria origem. Quando a escola não reflete o rosto e a história de quem vive em comunidades, o silêncio se torna uma forma de continuar apagando quem somos.

Para Lélia Gonzalez (2018), as classificações que rotulam as expressões de matriz africana como “folclore” ou “cultura popular” não são apenas descritivas; elas operam como mecanismos de silenciamento. Essa divisão eurocêntrica estabelece uma hierarquia na qual o conhecimento branco é tratado como “universal” e “erudito”, enquanto a produção intelectual e existencial negra é relegada ao campo da curiosidade regional ou do resquício histórico.

Ao denunciar o “véu do branqueamento”, Gonzalez (2018) argumenta que essa nomenclatura busca domesticar o que é, em essência, uma prática política de resistência e de organização do mundo feita no corpo. Ao folclorizar essas manifestações, o sistema apaga a agência dos sujeitos negros e minimiza sua contribuição fundamental na construção da identidade nacional. Assim, reconhecer a cultura negra exige superar essas categorias limitantes para entender que ela não é um acessório da história, mas o próprio alicerce que produz sentido e confronta as hegemonias impostas.

Remontar a essas identidades é um ato de reparação e de afeto. É reconhecer que, apesar das tentativas de nos tornar invisíveis, a resistência de mulheres negras garantiu que a nossa essência não morresse. Ao trazer os mestres e brincantes para o centro do debate por meio da tecnologia e da imagética, estamos dizendo que o projeto de apagamento falhou. Estamos devolvendo o lugar de honra a quem sempre foi protagonista da nossa cultura, transformando as feridas do passado em um orgulho presente que finalmente pode ser visto, ouvido e celebrado.

A dança, a música, as tradições populares que surgiram desse contato, muitas vezes, escondem histórias de resistência e sobrevivência. O reisado é um exemplo de como, mesmo diante da escravização e da violência, algo novo e poderoso surgiu, com um significado profundo de identidade e força. A miscigenação, nesse contexto, é mais do que uma simples mistura, ela é a demonstração de que, apesar do caos da sujeição humana aos objetivos europeus, novas formas de sobreviver, resistir e criar conseguiram florescer.

2.2. Problematisando os clássicos na revisão da literatura

Os grupos que aportaram no Brasil, trouxeram consigo a essência de seu modo de viver. Essa transmigração forçada para grupos subordinados e voluntária para grupos dominantes contribuiu para a formação da nossa população, do nosso modo de ser, comunicar, alimentar e festejar. Desse contato de origens, jeitos e costumes se conformou um Brasil com identidades plurais. Um lugar onde tradições diversas se encontraram e criaram algo rico e, inegavelmente, complexo. As manifestações culturais que celebramos hoje são o resultado vivo e pulsante desse caldeirão de histórias controversas.

A revisão da literatura sobre o Reisado, em seus clássicos, contém formas de olhar que não são neutras e nem devem ser romantizadas, mas problematizadas à luz da crítica historiográfica contemporânea. Eram intelectuais de seu tempo histórico que refletiam discursos de lugares de privilégio branco, político, socioeconômico e cultural. O escrutínio de seus escritos revela como a sociedade pensava e discutia a presença do Reisado no contexto passado, sendo possível então, no presente, confrontar as estratégias de resistência gestadas a partir das ancestralidades afro-indígenas.

Autores como Diegues Júnior (1962), embora importantes para a época, enquanto intelectuais que representavam o *status quo*, enfatizaram a grande influência portuguesa, colocando-a como a base inquestionável para muitos costumes culturais do país. Para ele, o peso da colonização portuguesa aparece bem claro como um pilar central, o elemento “mais adiantado” que organizou a “mistura”. Ele afirma que era:

Natural que assim sucedesse, por diversas razões. Em primeiro lugar, sendo a cultura mais adiantada, seria claro que se tornasse a preponderante, ou, quando menos, a mais importante, sem prejuízo da aceitação de valores culturais oriundos das outras correntes; em segundo lugar, vinha nela um elemento cultural comum, que lhe dava, senão completa unidade, ao menos uma essência fundamental: o Cristianismo. Porque foi justamente o Cristianismo que contribuiu à cultura portuguesa como um de seus fundamentos, como uma de suas características básicas e, sobretudo, como o elemento que lhe deu a plasticidade admirável de adaptação ou de acomodação. Tornou-se deste modo a cultura portuguesa a base sobre que vieram fundir-se os elementos culturais indígenas e negro-africanos (Diegues Junior, 1962, p. 45)⁹.

Todavia, essa perspectiva, ao supervalorizar a influência europeia, acaba por silenciar a agência e a força das identidades africanas e indígenas, que não foram apenas “elementos aceitos”, mas protagonistas de uma luta diária pela sobrevivência de suas culturas e embora a perspectiva de Diegues Júnior (1962) tenha sido fundamental para o pensamento social de sua época, ao analisarmos sua obra, é necessário problematizar termos como “cultura mais adiantada” e a suposta “plasticidade” da colonização que eram “naturalizadas”. Essa visão, ainda que reconheça uma fusão de elementos, acaba por colocar as identidades negra e indígena em uma posição de subordinação passiva, como se o Cristianismo fosse o único fio condutor capaz de conferir unidade ao Brasil.

Uma leitura atenta às nossas raízes exige que reconheçamos que o autor chama de “acomodação” o que foi, na verdade, um campo de batalha simbólico. A dita “plasticidade” portuguesa, muitas vezes, serviu como uma ferramenta de apagamento: os valores negros e indígenas não foram simplesmente acolhidos, mas precisaram lutar para sobreviver sob o manto da cultura imposta. Quando olhamos para a resistência dos que compõem as mais diversas manifestações populares do nosso município, percebemos que a essência fundamental da nossa cultura não está apenas na base europeia, mas na inteligência estratégica daqueles que, mesmo sendo tratados como “menos adiantados”, souberam ressignificar o Cristianismo e as tradições portuguesas para manter viva a sua própria alma. Criticar essa visão eurocentrada é um ato de justiça com a história brasileira. Valorizar o patrimônio imaterial hoje é entender que a nossa cultura não se fundiu por uma “concessão gentil do colonizador”, mas pela negociação e resiliência criativa de povos que se recusaram a ser apenas o “elemento aceito” e se tornaram também protagonistas de nossa identidade.

Ao analisar a gênese das nossas manifestações, Mário de Andrade (1982) afirma que “o teatro nasce da religião”, exemplificando como os jesuítas converteram a arte em uma peça-

⁹ Foi realizada uma correção ortográfica no texto original, a fim de adequá-lo ao uso contemporâneo da língua portuguesa, respeitando, porém, seu conteúdo e significado histórico.

chave da engrenagem de catequese. Segundo o autor, manifestações como a Chegança, Reisados e Pastoris seriam evoluções de um “teatro primitivo” de função religiosa, vulgarizado desde o primeiro século da colonização. Andrade destaca que o “chamariz” para o trabalho jesuítico era a realização de autos e dramas religiosos nos quais tomavam parte “irmãos e índios já submissos” (Andrade, 1982, p. 29).

Entretanto, por trás dessa descrição que aparenta uma colaboração artística, esconde-se o discurso questionável de uma “harmonia pedagógica”. O que a história, muitas vezes, romantiza como “estratégia acessível” de ensino foi, em essência, uma ferramenta de condução cultural e controle de corpos. Ao utilizar elementos do canto e da dança nativa para transmitir o dogma cristão, os jesuítas (que foram “escravagistas”) não estavam apenas dialogando com as culturas indígenas, estavam apropriando-se de suas linguagens para desconstruir suas crenças e impor uma nova ordem simbólica.

Precisamos reconhecer que a participação dos povos nativos nesses autos não era fruto de um encontro espontâneo, mas sim o resultado de um processo de submissão forçada. O termo “chamariz” ganha contornos cruéis quando entendemos que a arte foi usada como armadilha para substituir a cosmologia indígena pela europeia. Valorizar o Reisado hoje, portanto, exige que olhemos para essas origens com cautela, percebendo que a beleza dessas manifestações não nasceu da harmonia colonial, mas da incrível capacidade de resistência dos povos que, mesmo inseridos nesses dramas religiosos, souberam subverter o silêncio e manter viva a sua própria essência.

Ao analisar sua formação, Diegues Junior (1962) descreve o surgimento das manifestações populares como um “entrelaçamento” de influências em que temas lusitanos teriam se adaptado suavemente ao cenário brasileiro. Ele exemplifica essa transição por meio dos Reisados nos quais a figura histórica do “mouro” teria sido substituída pela do “africano”, refletindo uma suposta integração natural desses sujeitos no cotidiano do país. No entanto, essa perspectiva sustenta um falso discurso de harmonia que ignora a profunda assimetria de poder e a violência que permeou esses encontros.

Em uma leitura crítica necessária para os dias de hoje, percebemos que aquilo que o autor chama de “mestiçagem cultural” e “transculturação” não ocorreu em um ambiente de igualdade ou diálogo livre. A substituição do mouro pelo africano nas tramas dos Reisados não foi apenas uma adaptação de motivos, mas um reflexo da coisificação do corpo negro no período colonial. Ao pintar esse processo como uma fusão orgânica, o texto tenta apagar o trauma da escravização e a luta desesperada dos povos africanos e indígenas para não serem totalmente engolidos pela cultura hegemônica. É preciso desconstruir essa ideia de uma

formação folclórica romântica. A riqueza dos Reisados, que hoje defendemos em Japaratuba, não nasceu de uma harmonia concedida pelo colonizador, mas da genialidade da resistência. O hibridismo que Diegues Junior (1962) observa é, na verdade, o resultado de uma negociação tensa, entre forças desiguais, em que os povos historicamente minorizados precisaram “vestir” os temas europeus para garantir que sua própria essência e dignidade pudessem continuar existindo. Salienta-se que

A “cultura popular” tem merecido a atenção dos intelectuais ocidentais desde fins do século XVIII, momento em que a Europa viveu inúmeras e profundas transformações em todos os níveis da vida social. Desde então, a divisão cultural entre o erudito e o popular se estendeu a outros níveis da realidade social, por exemplo, entre o rural e o urbano, o oral e o escrito, o tradicional e o moderno. Frente ao processo civilizatório, imaginado como inelutável pelos defensores do Iluminismo e, por conseguinte, do Evolucionismo aplicado à sociedade, os valores e os costumes correspondentes ao mundo da cultura popular considerados ameaçados de desaparecimento passaram a merecer a defesa de inúmeros intelectuais que, em concorrência àqueles movimentos intelectuais, viram nas festas, na poesia, nos jogos, nas músicas e nas danças das classes subalternas, não só uma forma de resistência cultural, senão um sistema cultural de preservação do “espírito do povo” - base de muitos nacionalismos emergentes (Rocha, 2008, p. 219).

O etnólogo inglês William John Thoms introduziu, em 1848, na revista *The Atheneum*, o termo *folk-lore* (“saber tradicional do povo”) para designar o campo então conhecido como “antiguidades populares”. A partir dessa formulação, folclore passou a ser amplamente associado à noção de cultura popular, ainda que nem toda manifestação popular seja necessariamente folclórica. Mais recentemente, a relação entre folclore, cultura popular e o conceito de patrimônio cultural imaterial tornou-se ainda mais complexa, exigindo novas abordagens teóricas e interpretativas (Rocha, 2008, p. 219).

Câmara Cascudo, Diegues Júnior, Mario de Andrade, assim como Silvio Romero, Couto de Magalhães e outros, são considerados os “patronos” dos estudos folclóricos brasileiros. Em 1920, o “folclore” centrava as manifestações culturais imateriais como “objeto” de pesquisa, em geral associado ao modernismo brasileiro. Entre 1940 e 1950, o movimento folclorista se tornou organizado, produtivo e influente no cenário cultural brasileiro. Nos anos de 1947 e 1964, a atuação da Comissão Nacional de Folclore e a Campanha em Defesa do Folclore Brasileiro enfatizam a importância política deste tema no cenário nacional, inclusive na produção da Cultura Brasileira. As críticas de Florestan Fernandes a respeito do caráter colecionador, descontextualizado, a-crítico e descritivo das pesquisas folclóricas mostram a fragilidade do campo (Rocha, 2008, p. 222).

Por isso, a leitura desses clássicos requer compreender que os estudiosos da época possuíam interesses e pertencimento aos grupos políticos e socioeconômicos que formulavam “narrativas para a definição de brasilidade, de nação” de modo a evitar que contendas, tensões e rebeldias fossem difundidas. A ideia de “um povo ordeiro e pacífico” transformado pela “cultura europeia civilizadora” era fundamental para a manutenção do *status quo*. A intelectualidade era essencial ao “imaginário da nação” em construção/manutenção. Assim, os folcloristas obtinham visibilidade, financiamentos e espaço de publicação, sendo por isso, seus textos considerados seminais na área dos estudos da cultura brasileira. Eram homens brancos, da elite genealógica de suas regiões, muitos com ascendência europeia, motivados a manter uma escrita que privilegiasse Portugal.

Contudo, a presença da cultura africana, no Brasil, tem fundamental importância uma vez que os negros, como parte da sociedade brasileira, tornaram-se mantenedores de diversas manifestações culturais. Além disso, os próprios negros escravizados influenciaram a música, a dança e as festas, enriquecendo, também, a tradição dos Reisados com uma nova perspectiva. Nunes (2011) argumenta que o Reisado é uma manifestação cultural de origem africana, apesar das controvérsias sobre sua origem, com alguns estudiosos ressaltando influências indígenas ou portuguesas. Ela destaca que, ao longo da história, ficou claro que o Reisado tem suas raízes nas organizações culturais africanas, particularmente no teatro urbano africano e nas danças de cortejo, características comuns nas festas e danças relacionadas ao catolicismo de origem negra. Para compreender como essa prática cultural foi trazida e reinventada no Brasil, a autora enfatiza a importância de revisitar a história africana, com foco na expansão do cristianismo nesse continente, e refletir sobre o catolicismo negro e suas tradições.

2.3. Entre europeus e africanos no Reisado

A escravização de africanos começa muitos anos antes da colonização brasileira. Portugal, um estado com poder centralizado, no século XV com as grandes navegações, inicia aí sua expansão comercial e territorial no norte e ocidente da África e, com ela, o ciclo de escravização. Gomes (2019) nos conta que, na manhã de 08 de agosto de 1444, algo extraordinário aconteceu em Lagos, um pequeno vilarejo no Algarve, no sul de Portugal. Os moradores foram acordados por uma cena inesperada: meia dúzia de caravelas, boas-vindas do mar, ancoradas perto da cidade, sob a proteção dos antigos canhões de uma fortaleza. Do fundo dessas embarcações, começou a sair uma carga sombria e inusitada: 235 pessoas, entre homens, mulheres e crianças, que foram trazidas como escravizadas e foram vendidas em um leilão, marcando um momento histórico de dor e de comércio humano.

Neste cenário, a influência da Igreja Católica e do Papa se manifesta na Europa, dando a Portugal e Espanha o direito de ocupar terras descobertas, legitimar massacres e escravizar povos indígenas e africanos. Isso se devia aos interesses não apenas religiosos, mas também econômicos e políticos já que a Igreja também teve participação direta na escravidão. A presença portuguesa na África, tal como em outras regiões do mundo, foi validada pelo cristianismo e imposta pelo seu idioma.

A chegada dos primeiros africanos escravizados em Portugal, segundo Gomes (2019), sinaliza o começo de um longo ciclo de exploração humana que se ampliaria para além do continente europeu. A escravização não só servia a interesses econômicos, como também estava aprovada por um ponto de vista eurocêntrico no qual a Igreja Católica tinha um papel importante. O poder da Igreja foi usado para justificar a captura, o tráfico e a submissão de povos inteiros sob a ideia da conversão ao cristianismo. Porém, por trás dessa razão religiosa havia um grande interesse financeiro uma vez que a escravização trazia lucros grandes para a Coroa portuguesa e outros envolvidos no negócio transatlântico.

A imposição da cultura europeia em colônias africanas não era só sobre explorar o trabalho era também, acabar com sociedades e apagar identidades culturais. A imposição da língua portuguesa e da religião cristã servia como uma ferramenta de dominação, forçando valores europeus aos africanos. Isso cresceria ainda mais com o sistema colonial no Brasil onde alguns milhões destes foram obrigados a trabalhar nos engenhos de açúcar e em outras atividades econômicas importantes para enriquecer a potência europeia. Por isso, a escravidão é para ser vista não só como um sistema de exploração econômica, mas uma estrutura de poder que moldou as relações sociais, culturais e políticas por muitos anos.

Os negros que aqui chegaram vieram de várias regiões da África e, por isso, tinham hábitos culturais diferentes. Costumeiramente, era realizado, no continente, coroações de reis e rainhas, antes mesmo do contato com o europeu. Apesar das influências ibéricas nas ações das irmandades católicas nestes atos de coroação, a presença negra se impõe. Essas festas de coroação, como a que existe tradicionalmente na cidade de Japarutuba no Dia de Reis (Coroação do Rei e da Rainha, antes da Taieira, hoje do Cacumbi) representam mais que uma recriação das coroações na África. É uma forma de manter vivo os costumes dos reis bantos, reinterpretada sob signos cristãos. Embora tenha havido a tentativa de apagar aspectos culturais africanos, é importante frisar que seus descendentes conseguiram manter sua cultura e suas simbologias, mesmo que adaptadas aos novos tempos.

festa e política se entrelaçam. As irmandades de São Benedito funcionam como espaços de organização simbólica e social das populações negras, ao passo que o reisado traduz, em performance ritual, valores de resistência, memória histórica e afirmação coletiva. A celebração, marcada pelo canto e pela dança, em gestos de liberdade, reforça o papel dessas manifestações como formas de leitura popular da história nacional, nas quais a experiência dos grupos subalternizados encontra voz, sentido e legitimidade por meio da fé, da música e da encenação festiva.

Os Reisados, derivados de grupos de Janeireiros e Reiseiros, influenciados pelos cortejos e danças das corporações de ofícios, caracterizam-se pela pedincha, conforme relata Brandão (2003). Ele explica que, de maneira geral, os Reisados são formados por grupos que, entre o Natal e o Dia de Reis, vão de casa em casa, de vila em vila, pedindo donativos, como alimentos ou dinheiro, de forma semelhante ao que acontecia em Portugal. Ele destaca que uma das características dos Reisados é o pedido para que as portas abertas, prática comum também em Portugal e na Espanha, onde grupos de “Janeireiros”, “Reiseiros” e “Aguinaldeiros” pediam chouriços, castanhas e outros alimentos típicos da época. No Brasil, especialmente do Nordeste ao Norte, de lugares como a Bahia até o Amazonas, esses grupos, conhecidos como Cantadores e Dançadores de Rei, realizavam apresentações de dança, canto e teatro, recebendo em troca “sortes” (lenços que eram posteriormente trocados por dinheiro) e alimentos, formando o que chamamos de “ceia”.

O hábito da “pedincha” nos Reisados mostra uma característica forte da tradição popular em que a festa de Natal mistura-se com a cultura do grupo e da partilha. Esse costume que vem das tradições europeias dos Janeireiros e Reiseiros ajuda a pensar que as festas não são somente para se divertir, mas também para fazer ligações sociais mais fortes. Ribeiro (1970) ainda enfatiza:

É tradição no folguedo realizar, após trechos de guerra, o que se denomina “sortes”. Os figurantes então, entregam qualquer dos seus pertences às pessoas da assistência, obrigando-as a devolvê-los com pequenos donativos em dinheiro (Ribeiro, 1970, p. 308).

No Norte e Nordeste brasileiros, essa ação ganhou formas próprias com grupos que além de cantar e dançar fazem pequenos autos e encenações, tornando a vivência mais rica e interativa. A troca de presentes e comida cria um círculo de ajuda e reforça o papel da comunidade na guarda dos costumes.

Além do significado religioso e simbólico, os Reisados também têm uma parte econômica e social importante. A tradição da pedincha dá aos que participam, geralmente vindos de camadas mais simples, presentes que ajudam a manter não só o grupo em si como

também os próprios brincantes. Esse lado mostra um sistema de troca que havia em comunidades rurais e que ainda continua em algumas ocasiões. A mudança da prática, com o passar do tempo, mostra a força da cultura que adapta velhas tradições às novas situações, sem perder sua essência. Assim, os Reisados ainda têm um papel chave na identidade cultural das áreas onde são festejados.

Essa manifestação popular faz parte dos folguedos natalinos e tem presença forte no Nordeste brasileiro não por acaso. Diegues Júnior (2006) escreveu sobre a ligação intensa das danças dramáticas, afirmando:

(...) a impressão que se tem é de que algumas nasceram no engenho; transmigraram depois para os centros urbanos; posteriormente, procuraram, e hoje mais acentuadamente, voltar ao ninho primitivo, recolhendo-se ao ambiente dos engenhos ou das propriedades rurais (Diegues Junior, 2006, p. 306).

A análise de Diegues Júnior (2006) permite compreender o Reisado não como uma manifestação estática, mas como um corpo cultural em constante deslocamento. Ao situar a origem dessas danças dramáticas no ambiente dos engenhos, o autor reforça a ligação umbilical deste com a estrutura agrária do Nordeste. O movimento de ‘retorno ao ninho’ mencionado pelo autor ressalta a resistência cultural: mesmo após a urbanização, o Reisado busca suas raízes rurais para manter sua essência. Para o ensino de História, essa transmigração¹⁰ é um objeto rico para discutir como as identidades locais se preservam e se transformam diante das mudanças socioeconômicas, geográficas e culturais servindo de base para uma prática pedagógica que conecta o estudante à memória física e simbólica do seu território.

Diegues Junior (2006) sugere que o Reisado teria suas origens nos engenhos, promovido pelos negros escravizados. O autor usa a seguinte quadra para ilustrar essa origem:

*“Deus te salve casa-grande
E a gente que nela mora
Venho dar as boas noites
Meus senhores e senhoras”.*

A interpretação que prevalece aqui, no entanto, é de que nesses versos há a ação de “pedir licença” à Casa-Grande, de subordinação e obediência, porém, também pode-se fazer uma outra leitura compreendendo-a como tática de negociação e resistência estratégica e não só como mera sujeição. Trata-se de uma performance ritualizada de submissão que, na verdade, garantia a permissão para existir culturalmente em um ambiente hostil.

¹⁰ Termo utilizado para descrever o movimento de fluxos culturais que se deslocam de seu território de origem para novos contextos. A perspectiva do autor, descreve o trânsito do folguedo entre o mundo rural e o urbano, evidenciando a circularidade das tradições populares nordestinas e sua capacidade de reterritorialização.

O pedido de autorização do Mateus ao senhor do engenho ou proprietário rural nas Alagoas era, antes de tudo, um ato de agência que permitia a continuidade da manifestação cultural. Era o espaço de brecha onde a cultura negra, por meio do Reisado, impunha sua presença e negociava sua visibilidade. Longe de uma aceitação da dominação, essa encenação ritual criava um momento de inversão simbólica na qual o brincante, ainda que pedindo licença, ocupava o espaço da Casa-Grande, africanizava o recinto português com sua música, sua dança e sua identidade cultural, perpetuando a memória e a tradição para além da estrutura de poder hegemônica. Aí se exploravam as brechas, pois

[...] embora seja de longa data a ação das forças de invisibilização dos saberes afrodescendentes, o povo negro é sempre insurgência a reivindicar espaços e a produzir respostas criativas a essas questões, não permitindo o êxito dos projetos coloniais que buscam desenraizar a presença negra da história nacional (Missiatto, 2021, p. 254).

Essa perspectiva é corroborada por diversos autores que identificam o engenho colonial não apenas como o epicentro da economia açucareira, mas como um espaço de tensões e trocas culturais profundas. Embora a historiografia tradicional muitas vezes minimize essas manifestações como meros resquícios do passado, as “danças socializadas” e as folias populares revelam-se como formas vibrantes de sobrevivência simbólica. No caso de Sergipe, a compreensão dos costumes locais exige uma análise indissociável da vida social da região. Isso justifica a riqueza do mosaico cultural de Japaratuba: por ter sido o coração da zona açucareira no período colonial, o município tornou-se um território de encontros forçados, mas também de reinvenções identitárias. O Reisado, nesse contexto, não é um subproduto do engenho, mas uma resposta criativa e política das comunidades que, em meio à estrutura opressora da cana-de-açúcar, souberam tecer um leque diverso de manifestações que preservam, até hoje, a essência da memória amefricana¹¹.

O ciclo agrícola da cana-de-açúcar casa muito bem com as festas de final de ano, tão influentes no Nordeste brasileiro. Brandão (2003) explica que, no Nordeste, as festividades natalinas ganham uma importância maior que as festas de Padroeiros, o que não ocorre no Sul do Brasil ou em países andinos. Isso deve, em parte, ao fato das comemorações de Natal coincidirem com a época de estiagem no Nordeste, além de, tradicionalmente, os trabalhos nos campos e nas usinas de açúcar serem suspensos entre o Natal e o Dia de Reis. Esse período,

¹¹ O conceito de memória amefricana, cunhado por Lélia Gonzalez (1988), refere-se a uma construção histórica e cultural que reconhece a agência de populações negras e indígenas na formação das Américas. Diferente da história oficial eurocentrada, essa memória é preservada em “espaços de liberdade” (como quilombos e terreiros) e em manifestações populares como o Reisado. Trata-se de uma memória que “fala através do corpo” e da tradição oral, resistindo ao apagamento colonial e reafirmando a presença ativa dessas matrizes na organização social e simbólica do continente.

tanto no tempo da escravidão quanto atualmente, foi essencial para o surgimento de muitas danças e autos populares, que se estruturaram nas formas portuguesas de Nadales, Reis e Janeiras.

Nunes (2011) chega num consenso com Brandão:

No Brasil, não se sabe exatamente onde se originou o Reisado, mas há a hipótese de este ter surgido na zona açucareira – onde havia uma grande aglomeração de populações negras, o que possibilitou o florescimento de traços culturais próprios – e, posteriormente, ter emigrado para o sertão, onde se sedimentou (Nunes, 2011, p. 166).

A partir da análise de Brandão (2003) e Nunes (2011), é possível compreender que o Reisado não surge de forma isolada, mas sim da convergência entre o calendário agrícola e o tempo ritual das comunidades negras no Nordeste. A suspensão dos trabalhos nas usinas e campos de cana-de-açúcar, entre o Natal e o Dia de Reis, abriu uma brecha temporal e espacial estratégica para o florescimento de expressões culturais próprias.

Nunes (2011) aprofunda essa discussão ao localizar a gênese da manifestação na zona açucareira, destacando que a alta densidade populacional de pessoas negras nesse território permitiu a sedimentação de traços culturais que hoje definem a identidade regional. Assim, o Reisado não é apenas uma adaptação das formas portuguesas de “Janeiras” ou “Reis”, mas uma reconfiguração amefricana. Nesse cenário, o tempo de “folga” do açúcar foi ressignificado como um período de resistência e afirmação em que o corpo negro, outrora focado no trabalho exaustivo, tornava-se o centro de uma política de preservação da memória e do sagrado.

Essa relação entre o ciclo econômico e a festa popular explica a força do Reisado em cidades como Japaratuba, onde a herança dos engenhos deixou marcas profundas. O deslocamento da tradição para o sertão, mencionado por Nunes (2011), reforça a capacidade de adaptação e expansão dessas vivências comunitárias que sobrevivem, até hoje, como um compromisso com a memória dos antepassados.

As festas de santos padroeiros são mais notáveis no Sul do Brasil e em outras áreas da América Latina. Entretanto, no Nordeste, o Natal se tornou a mais importante das expressões culturais porque era, nesse momento, que trabalhadores tinham mais tempo livre e chance para participarem de comemorações e eventos da comunidade. Essas características podem estar ligadas ao calendário agrícola, pois a época do Natal coincide com a estiagem, período em que as tarefas do campo e indústrias, sobretudo em fábricas e engenhos de açúcar, eram reduzidas ou até suspensas.

Essa tradição não é limitada às condições de trabalho, mas também à forte marca da cultura portuguesa na área. Os “Nadales”, “Reis” e “Janeiras”, que vêm da Península Ibérica,

foram misturados às comemorações de Natal no Nordeste, formando um ciclo cheio de peças de teatro, canções e danças. Essas formas culturais não só reforçam a identidade da região, mas também criam laços com tradições europeias adaptadas ao cenário brasileiro. O que mostra a maneira como a cultura do povo mistura coisas estrangeiras e muda-as conforme a situação social e econômica de um lugar.

O fato de o Natal se tornar um momento de intensa atividade cultural no Nordeste também demonstra a importância das festas religiosas para a organização social da região. Esses eventos, além de terem um lado festivo, funcionam como momentos para a união da comunidade, ajudando na troca de saberes e costumes entre as gerações. O período natalino, no Nordeste, vai além da comemoração religiosa, virando um espaço de arte e reforço da identidade da região.

O Reisado é um dos sinais culturais mais antigos do Brasil, especialmente no Nordeste, e sua base pode ter ligação com as áreas de plantio de açúcar, onde havia negros escravizados. A cultura africana é muito evidente no Reisado, na música, nas danças e mesmo na maneira de organizar os grupos que fazem a festa. A área do açúcar, devido a muitas trocas com pessoas escravizadas, se tornou um lugar onde costumes africanos se misturaram com tradições europeias e indígenas, constituindo um patrimônio cultural mesclado. O folguedo, assim como outras festas do período natalino, mostra essa mistura da teatralidade de dramas europeus com a batida típica de demonstrações afro-brasileiras. Essa miscigenação cultural foi importante para a continuação e a expansão do Reisado, ela ajudou a brincadeira a ficar viva e se adaptar após grandes mudanças sociais e econômicas. O fato dele continuar vivo, ao longo dos séculos, mostra sua importância como patrimônio não material e reforça a necessidade de cuidar dessas tradições que guardam em si a história e identidade de muitas comunidades no Brasil.

3. O REISADO SERGIPANO E SUAS ANCESTRALIDADES

Contar histórias foi sempre a forma utilizada na tradição africana para educar, transmitir valores e ideias. As manifestações sempre demonstraram o seu papel de instrumento preservador da cultura, da memória, da religiosidade, de nossas raízes africanas, indígenas e europeias, além de utilizar elementos do cotidiano em seu fazer cultural utilizando-se da oralidade. Nunes (2011) nos lembra que o saber do reisado, assim como em muitas culturas de tradição oral, é transmitido de geração para geração, geralmente de pai para filho. Esse conhecimento não é passado por livros ou escritos, mas pela fala, pela oralidade, que carrega a memória e a sabedoria dos mais velhos. Nos grupos de reisado, os novos participantes aprendem de maneira simples e poderosa: ouvindo as histórias, imitando os gestos e absorvendo, pouco a pouco, o significado daquelas práticas transmitidas com tanto carinho e respeito. Dessa forma é que eles se mantêm vivo, passando de boca em boca, de coração para coração.

As manifestações não permanecem estáveis, elas mudam ao longo do tempo, são recriadas e reinterpretadas. Mesmo com as variações Brasil afora (Cantatas de Reis, Ranchos e Ternos de Reis da Bahia, Folias de Reis do Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, Reisados de Alagoas, Sergipe, Pernambuco e Ceará, Bumba-meu-boi do Nordeste, o Boi-bumbá da Amazônia, o Boi do Mamão de Santa Catarina e Paraná, entre outras), todos fazem ou fizeram, segundo Brandão (2003, p. 30), o mesmo roteiro antes do início da apresentação, dança ou cantoria: o pedido de abrição de porta, o elogio ao dono da casa, o petitório das espórtulas, a ceia e as despedidas. Contudo, o que é peculiar nos Reisados, além dos seus cantos e danças, são as dramatizações que levam ao ponto alto da brincadeira: a farsa ou “entremeio” do boi, de que tratarei adiante.

Silvio Romero¹² (1897) em seu livro “Folclore Brasileiro: Cantos Populares do Brasil (vol. I)” caracteriza os festejos natalinos sergipanos em três manifestações e dá a devida importância à presença do boi no folgado:

Os festejos próprios das janeiras em Sergipe, e em geral em o norte do Brasil, dividem-se em três grandes categorias: Bailes Pastoris, Cheganças, Reisados. (...)

Os Reisados são folganças muito variadas. O característico deles é terem sempre, no fim de várias cantigas e danças, o brinquedo do – Bumba-meu-boi. Ordinariamente nos Reisados cantam-se xácaras antigas, velhos romances,

¹² Embora Silvio Romero tenha sido um pioneiro na coleta das nossas manifestações, sua obra é atravessada por uma visão eugenista que defendia o branqueamento da sociedade. Romero não via as culturas africanas e indígenas com a dignidade que merecem, mas como etapas a serem superadas pela influência europeia. A pesquisa se distancia desse olhar. Valorizar o Reisado não é documentar um ‘atraso’, como ele sugeria, mas honrar a inteligência e a resistência viva de um povo que se recusou a ser apagado pelas teorias racistas de sua época.

novas canções satíricas, chulas, etc. (...) A última cena de todo Reisado é, como dissemos, o Bumba-meu-boi (...) (Romero, 1897, pp. 153-154)¹³.

As palavras de Sílvio Romero, escritas no final do século XIX, nos lembram que a presença do boi no Reisado não é apenas um detalhe estético, mas o coração pulsante de uma celebração que atravessa gerações. Ao situar o "brinquedo do boi" como o ato final e culminante da festa, o autor revela como essa figura animal costura as diversas vozes, ritmos e saberes do povo sergipano. Mais do que uma simples "folgança", o Reisado se manifesta como um organismo vivo de memória em que o encerramento com o Bumba-meu-boi simboliza a renovação de um ciclo de vida, alegria e resistência cultural que, ainda hoje, encontra morada no abraço e na fé da nossa gente.

3.1. Raízes da Identidade: O Simbolismo do Boi nas Culturas Africanas

Em numerosas sociedades africanas, o gado ultrapassa a condição de simples meio de produção, integrando-se de forma ampla ao conjunto das práticas de subsistência e aos sistemas agroecológicos locais. Para além de fornecer alimento e proteína animal, sua criação está associada a funções como tração, transporte e adubação, desempenhando papel relevante na organização do trabalho e na economia rural. Entretanto, sua importância não se limita ao plano material: o gado também atende a demandas socioculturais e simbólicas, frequentemente permeadas por dimensões espirituais. Nesse contexto, estabelece-se uma relação profunda entre a identidade humana e a do próprio animal. Em diferentes sociedades pastoris africanas, sobretudo na África Austral e Oriental, o gado bovino assume centralidade cultural e religiosa, participando de rituais que articulam vivos, ancestrais e divindades. Assim, ainda que a expressão “culto ao boi” possa simplificar essa complexidade, é inegável a amplitude de sua valorização simbólica e ritual nesses contextos (Hooft *et al.*, 2008, p. 7).

Assim, na cosmovisão de diversas sociedades africanas, o boi e outros animais não são compreendidos apenas como organismos biológicos, mas como integrantes de um universo simbólico e rural no qual se estabelece uma continuidade identitária entre seres humanos, animais e elementos da natureza, como as árvores. Nesse horizonte cultural, o sobrenatural não se opõe ao cotidiano, sendo experimentado como parte constitutiva da vida social. Assim, os animais frequentemente figuram como agentes ativos nas narrativas tradicionais, desempenhando papéis centrais na transmissão de valores, normas e costumes coletivos (Wittmann, 2012).

¹³ Foi realizada uma correção ortográfica no texto original, a fim de adequá-lo ao uso contemporâneo da língua portuguesa, respeitando, porém, seu conteúdo e significado histórico.

Entre os Mundari, no Sudão do Sul, as vacas representam riqueza, *status* e integração cotidiana, sendo utilizadas em práticas de higiene e rituais sendo, raramente, abatidas. Já entre os Maasai, no Quênia e na Tanzânia, o gado estrutura relações sociais e cerimônias, como o pagamento de dotes matrimoniais e ritos de passagem, além de compor práticas alimentares específicas que preservam a vida do animal (Project Fuel, 2026).

Os Maasai são tradicionalmente monoteístas e reconhecem a existência de uma divindade suprema denominada Engai, concebida, em suas narrativas míticas, como originalmente inseparável do céu e proprietária de todo o gado. Com a posterior separação entre céu e terra, Engai teria se afastado do convívio direto com os seres humanos; contudo, considerando a necessidade de os animais se alimentarem da relva terrestre, enviou o gado ao povo Maasai por meio das raízes de uma figueira sagrada, confiando-lhes a responsabilidade de sua guarda e cuidado. Assim, os Maasai se percebem como depositários e protetores do gado em nome da divindade (Project Fuel, 2026). Deve se considerar ainda que

[...] as árvores são símbolos potentes de vitalidade, doadoras de energia, fontes de vida e estão relacionadas com a força, o poder de autorregeneração, a autossuficiência, a longevidade, a fertilidade, o ciclo de morte e renascença sucessivas, a imortalidade e a vida (Rival, 1998 *apud* Crichyno, 2017, p. 135-136).



Fig. 2: “Engai, God of Maasai” de Advithi Emmi (Arusha, Tanzania, 2020).
Fonte: Project FUEL.

Descrição: A obra apresenta um homem de ascendência africana com o olhar voltado para o céu. Dentro de sua silhueta, há uma paisagem noturna com uma árvore, um relâmpago e gado (bois ou vacas), elementos que podem carregar simbolismos profundos relacionados à natureza, espiritualidade e ancestralidade. O estilo é vibrante e surreal, misturando a figura humana com elementos naturais.

Na África Austral¹⁴, povos como Zulu, Xhosa e Setswana atribuem ao gado profundo significado espiritual, relacionando-o ao culto aos ancestrais, aos sacrifícios rituais e à organização simbólica do espaço comunitário. Na Etiópia, entre os Hamer, o ritual do “salto sobre os bois” marca a transição para a vida adulta e a inserção plena na vida social. Em conjunto, esses contextos evidenciam o papel do gado como elemento estruturante das relações sociais, identitárias e religiosas em diferentes sociedades africanas (Phansi Museum, 2026).

Na região do mundo africano de língua setswana, o bovino é chamado de “Deus de nariz úmido”. A expressão estabelece uma associação direta entre a vaca e o divino, ressaltando o gado como criatura sagrada e símbolo de providência (Kwanele Sosibo *apud* Phansi Museum, 2026; Sosibo, 2016).



Fig. 3: Sheppard / Storyboard, de Mr Xulu, s/d.
Fonte: Phansi Museum. Berea, South Africa.

Descrição: Pano pictórico feito com tintas naturais em tecido de algodão tecido à mão. A arte possui suas narrativas visuais complexas que retratam cenas da vida cotidiana, rituais e crenças espirituais. Pastores cuidam do rebanho bovino.

O gado funciona, em muitas culturas da África Austral, não apenas como um indicador mensurável de riqueza e *status*, mas também como um depositário de memória e história. O curral de gado possui profundo significado na cultura zulu. Além de proteger os animais, ele é entendido como o espaço onde habitam os ancestrais da família. É ali que se realizam os sacrifícios em sua homenagem, especialmente quando se acredita que os antepassados estejam irritados ou insatisfeitos (Phansi Museum, 2026).

Em Angola, Cabo Verde e Moçambique, no plano simbólico, o boi representa a prosperidade e a vitalidade coletiva de um grupo social; entretanto, nas narrativas tradicionais,

¹⁴ A África Austral, ou Meridional, compreende a porção sul do continente africano, incluindo África do Sul, Namíbia, Botsuana, Zimbábue, Moçambique, Angola, Zâmbia, Malaui, Lesoto, Essuatíni e nações insulares como Madagascar.

sua presença também funciona como recurso pedagógico para evidenciar que a força física, por si só, é insuficiente quando dissociada de astúcia, inteligência e perseverança (Wittmann, 2012).

No Reisado, embora o boi não ocupe o mesmo lugar literal, a figura do Boi (especialmente nas variantes do Bumba-meu-boi e nos autos nordestinos) também funciona como mediador simbólico entre mundos, articulando vida, morte, renascimento e bênçãos. Ambos os sistemas ritualizam a relação com o sagrado por meio de personagens, performances e oferendas que reafirmam a continuidade entre vivos e ancestrais.

3.2. O Protagonismo do Mateus: Humor, Tradição e o Comando do Espetáculo

Como um auto de Natal com função educativa religiosa, o reisado buscava uma integração popular, como afirma Fontes (1998, p. 91).

Hoje, em Sergipe, a brincadeira é apresentada em qualquer época do ano e não apenas nas festas de Natal e Reis, assim ela seja chamada para a função. Aqui, o Reisado ganha algumas características marcantes, como seus personagens fantásticos (o boi e o jaraguá), danças, cantos e os entremeios, dramatizações conduzidas pelo Mateus e a Dona Deusa, personagens centrais da apresentação, que sempre envolvem as demais brincantes, de modo que cada uma possui um nome (Cabocla, Borboleta, Viuvinha, Belaninha, Camponesa, Sinhazinha, Papagaio, Roxinha, Curiatá, entre outras).

O Mateus ou Caboclo¹⁵ é aquele que comanda toda a apresentação. Deda (1967) descreve o “Caboclo” como a figura central do reisado, alguém que captura as atenções e o carinho do público. Ele é tão essencial para o reisado quanto o palhaço para o circo. Sem ele, a festa perde sua essência. No entanto, assumir esse papel não é tarefa simples. Para desempenhá-lo é preciso ter qualidades especiais: saber cantar e contar histórias de maneira espirituosa e engraçada, ter habilidade em fazer “gatimanhos” e, principalmente, saber “repartir” o boi, a parte mais importante do reisado. Ele é não só um protagonista, mas alguém que carrega uma tradição e uma energia únicas, essenciais para a magia dessa manifestação cultural, que desempenha um papel central e carismático nos Reisados, o verdadeiro protagonista da festa, a alma da celebração, responsável por cativar o público e garantir que o evento tenha vida e energia.

¹⁵ A designação de ‘Caboclo’ para o condutor do Reisado, em Sergipe, funciona como um potente marcador do hibridismo brasileiro. Para além da classificação étnica, o termo simboliza a fusão estratégica de identidades: o nome, de raiz indígena, designa o líder de um folguedo de matriz africana, muitas vezes sob uma estrutura rítmica e temática de origem ibérica. A nomenclatura não pode ser vista como uma confusão de termos, mas uma refinada ‘negociação de sentidos’. Ao chamar de Caboclo aquele que guia o grupo, reafirmamos que a nossa identidade é uma construção mestiça e resiliente na qual o protagonismo negro e o imaginário indígena se entrelaçam para manter viva a alma de uma tradição que se recusa a ser silenciada por categorias rígidas ou apagamentos históricos.

A analogia, estabelecida por Deda, entre o Mateus e o palhaço de circo é precisa, manifestando-se tanto na indumentária quanto na pintura facial. Semelhante à figura circense, ele infunde humor e magia ao espetáculo, sendo peça-chave para o tom de alegria e improviso do Reisado. O Mateus conduz uma bandeirinha batizada de 'Sabida', equipada com um pequeno bolso para arrecadações de dinheiro, e um apito, instrumento este que sinaliza, com precisão, o início e o encerramento de cada canto e pisada. Sobre o uso do apito, Andrade (1982, p. 66) afirma: “É o Mestre quem possui o apito servindo para iniciar e terminar os dançados”. Segundo o historiador de arte, o emprego do instrumento na dança pode ser uma herança dos ameríndios, pois:

A ideia de notificar por meio dum som incisivo, início e final dum movimento coletivo qualquer, parece ser um desses pensamentos elementares que podem surgir nesta e noutra terra espontaneamente. Mas o emprego generalizado do apito entre os ameríndios púberes, a sua finalidade religiosa, antes mágica, de significação de chamamento do benefício ou exorcismo do malefício (como provo no meu estudo sobre os Catimbós), o encontro de indicações do seu emprego como iniciador e finalizador de danças e guerras entre indígenas da América do Norte, e ainda a utilização do mimê pra chamar à dança os Tembés brasílicos, a pequena indicação do emprego sempre do apito em danças afro-negras, ao passo que entre europeus não vejo práticas tais, a não ser entre os portugueses de tamanho convívio africano e ameríndio: me parece convincente para se imaginar no apito do Mestre, um eco simpático de preferências ameríndias, ou pelo menos das culturas mais primárias (Andrade, 1982, p. 68).

No Reisado sergipano, a influência indígena manifesta-se como um silêncio eloquente que habita os gestos e a nomenclatura do folguedo. O exemplo mais pulsante dessa herança é a figura do Caboclo, o condutor do grupo. Ao utilizar um termo de raiz tupi para designar o líder de um rito de matriz africana e temática ibérica, a comunidade opera uma sofisticada diplomacia cultural. Esse hibridismo revela que a identidade dessa manifestação não é uma soma de partes isoladas, mas uma fusão estratégica em que o nome indígena serve como um escudo de pertencimento ao território.

Essa ancestralidade também se faz notar na imagética dos animais e na dinâmica da dança. Figuras como a Nambu e o Jaraguá trazem para o centro da celebração a cosmologia dos povos originários, que viam na fauna e na flora forças espirituais indomáveis. O passo “rasteirinho no chão”, presente em diversas loas, ecoa a coreografia dos primeiros habitantes desta terra, fundindo-se ao sapateado europeu e à pulsação negra. O Reisado não apenas “absorveu” esses elementos, mas os preservou como uma tecnologia de memória, garantindo que o rastro dos povos indígenas continuasse vivo em cada estalo das pisadas e em cada verso improvisado sob o céu sergipano.

3.3. O Reisado e suas jornadas

Formado por dois cordões de mulheres, trajadas nas cores azul e encarnado, verde e encarnado ou das cores de preferência dos seus organizadores, o grupo é acompanhado por um conjunto de músicos, geralmente composto por sanfona, triângulo e zabumba, mas alguns grupos podem adotar o pandeiro e cavaquinho. O Mateus e a Dona Deusa, personagens centrais, conduzem a brincadeira, que pode acontecer em forma de cortejo ou em local fixo (salões, tablados, etc.) Além dos personagens “humanos”, o reisado ainda pode contar com as figuras de animação: o Jaraguá e o Boi.

Segundo Fontes (1998), em várias cidades podemos encontrar Reisados que geralmente tomam o nome dos seus chefes, ou nomes românticos, ou ainda da região onde se originam. O reisado do meu bisavô levava o nome dele: Reisado de Luiz. Já o que eu faço parte desde 2008, leva o nome do nosso povoado: Reisado de São José. O reisado do Centro de Excelência Senador Gonçalo Rollemberg (Japaratuba/SE) foi batizado de Reisado da Missão, pois os mais velhos se referiam a Japaratuba como “Missão” devido ao período de colonização no qual os jesuítas denominaram o local de “Missão de Japaratuba”. A autora ainda complementa que alguns grupos utilizam o nome de “Baile” no lugar de Reisado, a exemplo do Baile Estrela, também de Japaratuba, antes de atualizar o nome para Reisado Baile Estrela de Dona Bizu (Fontes, 1998).

A consideração aos mais velhos na escolha e atribuição do nome do Reisado remonta ao costume, em diversas sociedades africanas, nas quais a velhice é associada a uma posição social de prestígio e responsabilidade uma vez que os anciãos são considerados pilares da vida comunitária e depositários da experiência coletiva. Reconhecidos como verdadeiras “bibliotecas vivas”, preservam e transmitem conhecimentos, memórias e valores culturais por meio da oralidade, atuando como mediadores entre o mundo dos vivos e o dos ancestrais. Sua atuação abrange múltiplas esferas (jurídica, religiosa, educativa, econômico-produtiva e médico-ritual) e insere-se em uma concepção cíclica da existência, na qual a velhice constitui etapa desejada e integrada ao contínuo entre nascimento, morte e permanência espiritual na comunidade. Narrativas tradicionais, como o conto angolano “A sabedoria dos velhos”, evidenciam esse reconhecimento ao demonstrar que a experiência e o conhecimento acumulado pelos anciãos são fundamentais para a preservação da vida social e não podem ser substituídos pela força física dos mais jovens (Wittmann, 2012).

No livro “Danças e Folguedos: iniciação ao Folclore Sergipano”, Aglaé Fontes (1998) conta que a brincadeira é dividida em Jornadas, como: a abrição de porta ou pedição de sala,

marchas de entrada, louvação aos donos de casa, louvação ao Menino Jesus, parte das figuras, entremeios (falas do Caboclo e da Dona Deusa), cantigas de amor, chula (só dançada), parte do boi (morte, partilha e ressurreição) e retirada. Vejamos, com mais detalhes, cada uma das partes citadas.

3.3.1. Abrição de porta ou pedição de sala

No Reisado, a “Abertura de Porta” ou “Pedição de Sala” é uma ocasião especial na qual o grupo de brincantes solicita permissão para adentrar residências ou qualquer espaço para se apresentar. Esta tradição tem origem nos antigos hábitos ibéricos nos quais os grupos percorriam as ruas entoando canções e dançando, pedindo abrigo e presentes. No contexto do Reisado, essa prática simboliza não apenas a continuidade da celebração, mas também um gesto de respeito e conexão entre os brincantes e a comunidade. Ao bater à porta e entoar versos pedindo licença, o grupo traz consigo a alegria da festa e a memória viva da cultura. Abrir as portas, não apenas a física, mas também a emocional e espiritual, significa receber a cultura, as histórias e a alegria que o Reisado traz. Se a “porta” se abre, a “casa” se torna palco de um espetáculo de fé, música e tradição.

Abrição de Portas

(Compositor: Antonio Nóbrega)

*Salve essa casa,
Nobre morada.
Nova jornada
Vamos começar.*

*Nossa festa vai principiar.
Com rabecas, bombos e violas
Hoje aqui viemos festejar,
Render graças à vida nessa hora.*

*Abram as portas
Para o meu reisado.
Cantos e loas
Vamos entoar.*

A letra de Antonio Nóbrega traduz, com delicadeza e força, a liturgia desse encontro. Ao saudar a “nobre morada”, o brincante estabelece um pacto de respeito que transforma o espaço privado em um território sagrado de partilha. O convite para “abrir as portas” ultrapassa o gesto físico, é um chamado para que a comunidade se torne coautora da celebração. Quando a música anuncia que a festa vai “principiar”, ela não se refere apenas a um espetáculo sonoro de rabecas e bombos, mas ao início de um rito de re-existência, em que “render graças à vida”

significa, em última análise, celebrar a sobrevivência de uma cultura que, por tanto tempo, teve suas portas fechadas pelo preconceito.

Nesse contexto, a canção funciona como uma chave simbólica que desativa as barreiras sociais. O Reisado não entra na casa como um estranho, mas como um herdeiro legítimo da memória local que pede licença para ocupar o seu lugar de direito. Entender essa “abrição” é perceber que, a cada porta que se abre, rompe-se o silenciamento imposto pela história colonial. A casa, ao tornar-se palco, deixa de ser um ambiente isolado para virar um elo de uma corrente coletiva de afeto e preservação.

O espaço, assim como o ar, constitui uma dimensão vital cuja presença é frequentemente imperceptível, exigindo posicionamento e perspectiva para ser apreendida; de modo análogo, tempo e espaço não apenas estruturam a vida social, mas também são continuamente produzidos por ela. Sua concretização depende de sistemas de contrastes que organizam práticas, memórias e experiências coletivas, formando uma espécie de gramática social das temporalidades e espacialidades (Damatta, 1997).

No âmbito temporal, destaca-se a oposição entre a rotina cotidiana e os momentos extraordinários socialmente instituídos (como festas, rituais e cerimônias) nos quais o tempo mensurado cede lugar a uma duração vivida e emocional. Nessas ocasiões, há deslocamento das atividades e dos usos habituais do espaço, rompendo-se a lógica ordinária do trabalho e da vida doméstica e instaurando novas formas de sociabilidade. Esse rearranjo simbólico permite regular o tempo e ressignificar o espaço, tornando o mundo social mais inteligível e carregado de sentido por meio das relações e recomposições coletivas que cada sociedade estabelece (Damatta, 1997).

O verso “Abram as portas para o meu reisado” é, no fundo, um clamor por reconhecimento e hospitalidade, de tempo e espaço. É o momento em que a comunidade valida a identidade do brincante, permitindo que as “loas” entoadas ecoem não apenas nas paredes da residência, mas na consciência de quem as ouve. Receber o Reisado é um ato político de amor à própria origem. É permitir que a alegria, tão duramente conquistada ao longo dos séculos, finalmente, habite e cure o cotidiano.

3.3.2. Marchas de entrada

As marchas de entrada, no Reisado, marcam o início da apresentação do grupo, sendo um momento de grande simbolismo e energia. Os dançarinos, com passos ritmados e canções cantadas em coro, anunciam sua chegada, trazendo consigo a felicidade da tradição. Esta entrada vai além de um mero protocolo, é um ritual que prepara o cenário para a festa,

envolvendo os presentes e criando a ligação entre o grupo e a comunidade. As músicas costumam exaltar a festa, ainda pedindo licença para se apresentar e saudar os anfitriões, criando um clima de acolhimento e pertencimento. É nesse instante que o Reisado começa a ganhar vida, misturando música, dança e devoção em um espetáculo único da cultura.

*Reisado chegou agora
Nossa Senhora ela é nossa defesa
Eu falo grosso, eu falo sério
Sete caroço na boca do parabelo.*

A marcha de entrada, sintetizada nesses versos, revela a dualidade profunda que sustenta o Reisado: a fé que protege e a força que resiste. Ao anunciar que “Nossa Senhora é nossa defesa”, o grupo evoca uma espiritualidade que, historicamente, serviu como escudo para as comunidades submetidas às opressões do período colonial. No entanto, o tom muda bruscamente para o “falar grosso” e o “falar sério”, introduzindo a imagem contundente dos “sete caroço na boca do parabelo”. Aqui, o Reisado deixa de ser apenas uma celebração lúdica para se manifestar como um território de afirmação e coragem.

Essa letra rompe com qualquer visão romântica de passividade. Entendemos que o “falar grosso” é a voz de quem foi silenciado e, agora, ocupa o espaço público com autoridade. A menção ao parabelo¹⁶ (arma símbolo de lutas e de um sertão que não se curva) sugere que a alegria da chegada não anula a vigilância e a prontidão para a defesa da própria identidade. É um anúncio de que o grupo não chega apenas para entreter, mas para marcar sua presença como uma força coletiva que possui munição cultural e espiritual para enfrentar as adversidades.

O instante de entrada é o momento em que o brincante se transmuta em guerreiro da memória. Ao unir a devoção à Virgem com a postura firme de quem fala sério, o Reisado demonstra que a cultura é, em sua essência, uma estratégia de sobrevivência. A marcha sinaliza que o grupo está pronto para proteger o seu legado, transformando a apresentação em um ato de resistência ativa no qual a música e a dança são as ferramentas para garantir que a voz do povo continue sendo ouvida com respeito e dignidade.

3.3.3. Louvação aos donos de casa

Trata-se do instante em que os participantes demonstram gratidão e respeito aos anfitriões que os acolhem. Através das canções, o conjunto enaltece a generosidade da família

¹⁶ “Parabelo” (ou *parabélum*) designa uma pistola automática de grande calibre historicamente empregada pelo exército alemão. O termo deriva da expressão latina “*si vis pacem, para bellum*” (“se queres a paz, prepara-te para a guerra”) e tornou-se associado à pistola Luger P08 e às munições de 9 mm. No contexto do Cangaço, além de revólveres e espingardas, os cangaceiros também usaram o “párbelo”. Uma arma destas foi encontrada com Lampião, após sua morte, em Angico (Portal São Francisco, 2026).

ou dos organizadores da celebração, deseja vitórias, saúde e prosperidade, fortalecendo os vínculos de amizade e acolhimento. Esta tradição, profundamente arraigada na cultura, converte o lugar num local sagrado de partilha e festa, onde a arte e a fé se fundem. Mais do que um gesto de cortesia, as louvações representam a essência do Reisado: um espetáculo de devoção, alegria e comunidade.

*Boa noite, senhor, dono da casa
Peço licença pra brincar o meu reisado
Eu vim de longe, de muito longe
Por esse motivo
É que eu estou chegando agora*

*Peço licença pra brincar o meu reisado
Peço desculpa que cheguei fora de hora
Vamos saudar meu Bom Jesus da Lapa
Cantando em voz alta
Pro meu figural (2x)*

O “Boa Noite” entoado pelo grupo revela a delicadeza de uma tradição que sabe ocupar o espaço do outro com reverência, mas sem renunciar a sua identidade. Ao afirmar que “veio de longe”, o brincante não se refere apenas a uma distância geográfica, mas à longa jornada histórica e social que as culturas populares percorreram para chegar até aqui. Esse “chegar fora de hora” carrega uma humildade estratégica: é o reconhecimento de que o Reisado habita um tempo próprio (o tempo da memória e do sagrado) que, muitas vezes, desafia a pressa e a rigidez do mundo contemporâneo.

Nesse instante, o pedido de licença para “brincar o reisado” transborda o sentido de lazer. Em uma perspectiva humanizada e crítica, entendemos que o termo “brincar” é, na verdade, uma forma de resistência ativa. Ao saudar o “Bom Jesus da Lapa” e elevar o canto pelo figural, o grupo reafirma que sua arte é indissociável de sua fé e de seu coletivo. Essa louvação não é uma submissão, mas uma negociação de afetos. Em troca da hospitalidade, o Reisado oferece o que tem de mais precioso: a proteção espiritual e o brilho de uma tradição que sobreviveu aos silenciamentos da história.

As visitas sempre ocuparam lugar de destaque na vida social, a ponto de se destinarem, nas residências, espaços específicos para sua recepção, como as salas de estar ou de visitas. O ato de receber alguém configurava (e em muitos contextos ainda configura) um ritual marcado por formalidades e cuidados simbólicos, pois implicava a abertura do espaço doméstico à presença de um outro, externo ao núcleo familiar (Damatta, 1997).

Percebemos ainda que o diálogo entre o “senhor dono da casa” e o grupo de brincantes simboliza a restauração de um pacto comunitário. A casa, ao abrir-se para o Reisado, deixa de

ser uma propriedade privada e torna-se um território de salvaguarda cultural. Através das vozes de mestras, o “cantar em voz alta” rompe o silêncio do apagamento e transforma o encontro em um ato de cura coletiva em que a gratidão e o respeito são as moedas que garantem a continuidade de nossa identidade.

3.3.4. Louvação ao Menino Jesus

Ocasão de profunda devoção e celebração. Durante essa parte, os brincantes entoam cantos que exaltam o nascimento de Cristo, pedem bênçãos e reafirmam a fé que dá sentido à tradição. Com melodias alegres e versos carregados de emoção, essas louvações conectam a festividade ao seu caráter religioso, reforçando a espiritualidade e religiosidade. É uma forma de homenagear Jesus, agradecer por graças alcançadas e fortalecer a esperança para o ano que se inicia, tornando a festa não apenas uma manifestação cultural, mas também um ato de fé e gratidão.

Bendito, louvado seja (bis)
O Menino Deus nascido (bis)

Pelo ventre de Maria (bis)
Nove mês, teve escondido (bis)

Escondido, sem achar (bis)
Missa nova vem cantar (bis)

Missa nova vem cantar (bis)
Hoje é noite de Natal (bis)

Hoje é noite de Natal (bis)
Ninguém se deita em colchão (bis)

Pois nasceu Menino Deus (bis)
E Maria pelo chão (bis)

Que estrelas são aquelas (bis)
Que vem da parte do mar (bis)

São os três reis mariantes (bis)
A Jesus vem adorar (bis)

Um raminho, dois raminhos (bis)
Cada rama sua flor (bis)

Oh, senhor, dono da casa (bis)
Essa vai em seu louvor (bis)

Me abra a porta que eu morro (bis)
Não abra que eu já morri (bis)

Não me faça beber água (bis)
Que a vida eu já perdi (bis)

A louvação ao Menino Jesus é o momento em que a divindade é despida de sua pompa europeia para ser acolhida na simplicidade do chão brasileiro. Nos versos que narram o nascimento de Cristo com “Maria pelo chão” e a recusa ao “colchão” na noite de Natal, o que vemos é uma humanização profunda do sagrado. O Reisado de Japaratuba não canta um Deus distante, canta um Deus que nasce na precariedade, identificando-se diretamente com a vida das mulheres e homens simples do povo. É uma espiritualidade que nasce da terra, do suor e da empatia com a vulnerabilidade.

A presença das estrelas que “vêm da parte do mar” e dos “três reis mariantes” traz para o centro da oração a memória da travessia e da incerteza. Para quem estuda o patrimônio imaterial, na atualidade, esses versos são pistas de como os nossos antepassados ressignificaram a dor da vinda forçada pelo oceano, transformando o mar, antes cenário de trauma, em um caminho de luz e adoração. A música, então, torna-se um território de cura, ela usa a narrativa bíblica para validar a própria história de um povo que, mesmo “escondido” pelas sombras do apagamento, nunca deixou de cantar sua “missa nova” de liberdade.

Por fim, o verso dramático que clama “me abra a porta que eu morro” revela a urgência vital da cultura. Aqui, o pedido de entrada não é apenas uma formalidade, é um grito de sobrevivência. O brincante, ao dizer que “a vida já perdeu”, personifica a exaustão de séculos de invisibilidade em que o acesso à “casa” (que simboliza o reconhecimento, o afeto e a própria academia) é a única forma de se manter vivo. Ao dedicar o louvor ao “senhor dono da casa”, o Reisado faz uma oferta generosa: entrega a beleza de sua fé em troca do direito sagrado de existir, ser visto e, finalmente, ser acolhido na plenitude de sua humanidade.

3.3.5. Parte das figuras

É o momento em que a festa ganha ainda mais cor e vida. Nessa etapa, as figuras ganham destaque, trazendo alegria e interação para a apresentação. Cada um tem seu papel especial: fazem graça e divertem o público, bailam, cantam seus versos e trocam de roupa durante a apresentação, de acordo com sua função, em seu momento de destaque. Com roupas na cor dos seus cordões, fitas, chapéus enfeitados e muita animação, essas figuras encantam a todos.

APANHANDO CAFÉ
(Mateus)
Senhorita, Camponesa
Me diga da onde vem

(Camponesa)
 Eu tava apanhando café
 Lá no sítio do meu bem.

(Mateus)
 Senhorita, Contramestra
 Me diga da onde vem

(Contramestra)
 Eu tava apanhando café
 Lá no sítio do meu bem.

PARTE DA NAMBU

A Nambu foi beber água
 O gavião beliscou (Bis)
 Não belisca a Nambuzinha
 Filha de Nosso Senhor (Bis)

A Nambu come seu milho
 Também come seu melão (Bis)
 Mas ela come, bem baixinho
 Bem rasteirinha no chão (Bis)

A Nambu foi beber água
 Na fonte do Aruá (Bis)
 Mas, valei-me Nossa Senhora
 Que a Nambu não quer chegar (Bis)

PARTE DA ROXINHA

Meus senhores, boa noite
 Boa noite eu venho dar (Bis)
 Eu quero que me dê licença
 Para a Roxinha brincar (Bis)

Olha brinca Roxinha
Roxinha de lá
Olha, brinca Roxinha
pra nós vadiar

Meus senhores, tocadores
 Toca a chula brasileira (Bis)
 Para ver sua Roxinha
 balançar suas cadeiras (Bis)

Olha brinca Roxinha
Roxinha de lá
Olha, brinca Roxinha
pra nós vadiar

Meus senhores e senhoras
 Não precisa eu mandar (Bis)
 Adeus, até paroano
 Quando a Roxinha voltar (Bis)

*Olha brinca Roxinha
Roxinha de lá
Olha, brinca Roxinha
pra nós vadiar*

PARTE DO BALÃO

*Eu fui à Cidade Alta
Comprar um Balão pra mim (Bis)*

*Arreda, papai, arreda ô mamãe,
O Balão vem de Maruim (Bis)*

*Eu pus o laço de fita
Que trago em meu chapéu (Bis)*

*Arreda, papai, arreda ô mamãe,
O Balão vem de lá do céu (Bis)*

A LAVANDEIRA

*A lavadeira foi lavar roupa
Lá em cima do quarador
Ô que terra tão beleza
Onde mora meu amor (bis)*

*Menina, diga a teu pai
Que não coma de colher
Ele está pra ser meu sogro
E você, minha mulher (2x)*

*Menino dos olhos verdes
Olho de cana pitu
Quanto mais a cana cresce
Mas eu quero bem a tu (2x)*

*Dentro do meu peito tem
Duas cadeira de vidro
Uma senta meu cunhado
Outra senta meu marido (2x)*

*Menino, diga a teu pai
Que não coma camarão
Ele tá pra ser meu sogro
E você, meu coração (2x)*

*Da Bahia me mandaram
Um presente num canudo
Uma véia descascada
E um véio com casca e tudo (2x)*

*Minha gente, tire verso
Que eu não posso mais tirar
Já me dói o céu da boca*

E o dentinho do queixá (2x)

A “Parte das Figuras” é o momento em que o Reisado ganha cores, movimento e uma complexidade social que desafia a simplicidade de festa e alegria. As figuras Mateus, Contramestra, Roxinha, Nambu, não são apenas personagens para divertir o público; são a encarnação da hierarquia social e, simultaneamente, da subversão. Por meio dos versos que descrevem o ato de “apanhar café” ou a dança da “lavandeira”, o folguedo traz para o centro do palco a vida de trabalho e a labuta diária das comunidades, transformando a realidade vivida em arte.

Essas canções carregam em si uma crítica social sutil e uma negociação constante de papéis. A “Nambu que não quer chegar” ou a “Roxinha que pede licença pra vadiar” simbolizam a agência e a rebeldia de quem se recusa a seguir as regras impostas. Percebemos que esses versos de desafio, como o “pisa no chão devagar”¹⁷ o “Arreda, papai, arreda, ô mamãe”, são a voz de quem, historicamente, teve que pisar em terra alheia, mas encontrou na música a coragem para questionar a autoridade. A troca de roupas e a “chula brasileira” são o hibridismo em ação: uma fusão de ritmos e gestos que cria uma identidade única e incontrolável.

A “Parte das Figuras” é o ápice da humanidade do Reisado. É nesse instante que a dor e a alegria se misturam nos versos sobre amor, trabalho e resistência. A riqueza das letras, que vão do humor da “véia descascada” à exaustão da “boca que dói de tirar verso”, prova que o folguedo é uma biblioteca viva da experiência humana. As figuras nos ensinam que a cultura é, antes de tudo, um ato de liberdade no qual cada verso cantado é uma forma de garantir que a nossa essência e o nosso orgulho de ser quem somos jamais serão silenciados.

3.3.6. Entremeios

São as pausas animadas e dialogadas dentro da apresentação principal. São pequenas encenações ou atuações que acontecem entre as músicas e danças, trazendo momentos de humor, brincadeiras e até reflexões, conduzidas pelo Mateus e a Dona Deusa. Os dois interagem com o público por meio da narração de histórias, troca de versos ou encenação de cenários engraçados. Esses instantes tornam a brincadeira ainda mais interativa e cativante, gerando um *show* dinâmico e repleto de surpresas para quem assiste, que depende fortemente da habilidade e criatividade do par.

3.3.7. Cantigas de amor

¹⁷ Vide música do *Papagaio*, página 84, lembrada pela entrevistada Dona Osvanda.

São momentos repletos de emoção e delicadeza no contexto da celebração. Elas apresentam versos que abordam emoções como paixão, nostalgia e fascínio, frequentemente com uma tonalidade poética e melancólica. Essas canções estabelecem um ambiente cativante, aproximando o público da beleza dos relacionamentos e das narrativas amorosas. Esses são momentos em que o Reisado adquire uma tonalidade mais emotiva, equilibrando a energia vibrante das danças e brincadeiras com a delicadeza dessas canções.

*Rapaziada, adeus, adeus
Adeus, adeus, eu já me vou
**Eu levo pena e saudade
Da morena que ficou (2x)***

*Quando eu me lembro do meu lindo amor
Me dá vontade de chorar
**Quando eu me lembro da feição do morenin
Eu nunca mais eu hei de amar (2x)***

*Sacudi meu lenço branco
Nos ares virou suncena
**Meu coração só padece
Por gente da cor morena (2x)***

DONA DEUSA QUER SER “FLÊRA”

Mateus:
*Dona Deusa que ser flêra
Dona Deusa:
Não sinhô, quero casar*

Mateus:
*Dona Deusa que ser flêra
Dona Deusa:
Não sinhô, quero casar*

Todos:
*O dia pra dormir, a noite pra namorar
Ô skindô, lelê, ô skindô, lalá
Ô skindô, lelê, não foi eu quem caiu lá*

Mateus:
Contramestra que ser flêra...

As “Cantigas de Amor”, no Reisado, representam o instante em que a festa silencia o alvoroço para dar passagem à vulnerabilidade humana. Longe de serem apenas versos melancólicos, essas canções são crônicas do sentir de um povo que, mesmo sob o peso da lida, preservou o direito ao fascínio e à paixão. Quando o brincante entoa o adeus e a “saudade da morena que ficou”, ele não está apenas cantando uma partida; está reafirmando a beleza e a dignidade de corpos, especificamente a “gente da cor morena”, que sistematicamente foram

alvos de um olhar colonial desumanizante. Aqui, o amor é um ato de re-existência estética na qual o lenço branco que vira "suncena" nos ares desenha uma cartografia de afetos puramente brasileira.

Essa dimensão afetiva ganha contornos de subversão e humor no diálogo entre o Mateus e a figura central. O jogo de palavras em “Dona Deusa quer ser flêra [freira]” revela a tensão entre a norma imposta, a castidade, o silêncio, a religiosidade institucional, e o desejo pulsante da vida comunitária: “Não sinhô, quero casar”. Ao responder que prefere “o dia pra dormir e a noite pra namorar”, a personagem não está apenas fazendo graça, ela está reivindicando a autonomia sobre o próprio corpo e o próprio tempo. É o sagrado do prazer e do encontro se sobrepondo à rigidez do convento imaginário que o colonizador tentou construir para as mulheres do povo.

As cantigas de amor e os diálogos de Dona Deusa são peças fundamentais de um mosaico de resistência cultural. O equilíbrio entre a “vontade de chorar” pela lembrança do amor e o “skindô lelê” da brincadeira mostra uma comunidade que não se fragmenta: ela sofre, ama e debocha da opressão com a mesma intensidade. Humanizar essa análise é perceber que o Reisado, ao cantar o amor, cura as cicatrizes do apagamento, garantindo que o coração de Japaratuba continue batendo no ritmo da liberdade, da escolha e da paixão que nunca aceitou ser enclausurada.

3.3.8. Chula

Trata-se de uma dança repleta de energia e movimentos rápidos e naturais. Nesta fase do divertimento, a música e a dança ganham destaque, com os participantes se entregando ao ritmo e aos movimentos mais descontraídos, permitindo que a felicidade e o bom humor tomem conta do ambiente.

Ao contrário das outras danças que podem ter uma letra ou uma história mais definida, a chula não tem letra, é mais focada na expressão corporal e na animação do grupo, gerando um clima de festa pura em que a resistência, a desenvoltura e a diversão são os protagonistas.

3.3.9. Figuras de animação

No contexto do Reisado sergipano, o Boi e o Jaraguá são as chamadas “figuras de animação”, responsáveis por trazer movimento, humor e interação direta com o público.



Fig. 4: O Boi Janeiro e o Jaraguá do Reisado da Missão.

Fonte: Arquivo próprio, 2025.

Descrição: A imagem apresenta duas fantasias culturais brasileiras: um boi estilizado com cabeça preta e corpo floral vermelho à esquerda, e uma figura que se assemelha a uma ave ou jacaré azul com corpo amarelo à direita. Ambas estão expostas em uma sala de estar residencial.

Enquanto o Boi carrega o peso do drama e da tradição camponesa, o Jaraguá traz o elemento do fantástico e do improvisado, garantindo que o Reisado seja uma festa vibrante e visualmente impactante.

O Jaraguá

Dentro da estrutura ritualística do Reisado, a figura do Jaraguá ou Besta Fera emerge como uma força disruptiva, geralmente durante a Parte das Figuras de Animação. Se o Boi evoca a devoção e o sacrifício, o Jaraguá personifica a anarquia criativa. Com seu pescoço longo, corpo coberto por tecidos e a mandíbula de madeira ou crânio de cavalo que estala ritmicamente, essa criatura não pede licença, ela invade. Compreendemos o Jaraguá como uma tecnologia de interação social: ele é o elemento que retira o público da posição de espectador passivo e o lança para dentro da brincadeira através do susto, do jogo, perseguição e do improvisado.

Jaraguá

*Estava de baixo
De um arvoredado
Ao meio-dia
Estava descansando
Ouvi um canto
Tão saudoso
Só me parece
Um passarinho cantando*

*Mas que bicho feio
Virgem mãe de Deus
É o Jaraguá, ô maninha
Para pegar o Mateus*

*Chegou, chegou
Já chegou meu Jaraguá
O bichinho é bonitinho
Ele sabe vadiar
Cumprimenta, cumprimenta
a criançada jaraguá
O bichinho é bonitinho
Ele sabe vadiar
Dança bem, dança bem
dança bem, meu Jaraguá
O bichinho é bonitinho
Ele sabe vadiar
Tá bonito, tá bonito
tá bonito, jaraguá
O bichinho é bonitinho
Ele sabe vadiar
Tá bonito, tá bonito
tá bonito, jaraguá
O bichinho é bonitinho
Ele sabe vadiar
Cata piô, cata piô
cata piolho Jaraguá
O bichinho é bonitinho
Ele sabe vadiar
Faz cafuné, faz cafuné
faz cafuné meu Jaraguá
O bichinho é bonitinho
Ele sabe vadiar
Meia volta, meia volta,
volta e meia, jaraguá
O bichinho é bonitinho
Ele sabe vadiar
Vai embora, vai embora
vai embora, Jaraguá
O bichinho é bonitinho
Ele sabe vadiar.*

A canção que acompanha a entrada do Jaraguá é um espelho da complexidade que define a cultura em que a aparência e a essência dialogam de forma instigante. A letra, que começa com o bicho “descansando” sob um “arvoredo”, evoca uma conexão profunda com o ambiente rural e a mata, o território do mistério. No entanto, essa paz é logo subvertida pelo espanto do “que bicho feio” que a “Virgem mãe de Deus” precisa proteger. A dualidade (o feio que é “bonitinho” e “sabe vadiar”) é a essência do Reisado: a capacidade de transformar o que a sociedade marginaliza ou teme em um foco de alegria e aceitação.

O chamado para a interação, que ordena que o Jaraguá cumprimente a criançada, dance, faça cafuné e cate piolho, revela a função social e curativa dessa figura. Ele não é um monstro a ser temido, mas um agente de afeto e toque, que quebra as barreiras invisíveis do espaço social. O que a letra sugere é uma pedagogia do corpo: o Jaraguá ensina, por meio do riso e da perseguição, a importância do contato, da proximidade e do “vadiar” (no sentido nobre da liberdade e do ócio criativo) em uma sociedade que valoriza o distanciamento e a rigidez. A repetição rítmica do “O bichinho é bonitinho / Ele sabe vadiar” funciona como um mantra que exorciza o preconceito contra o “feio” e o “diferente”, celebrando a beleza que existe na desordem.

A coreografia da canção, “Meia volta, meia volta, volta e meia”, personifica o movimento circular da vida comunitária na qual o retorno é sempre esperado. A “ida embora” final do Jaraguá, anunciada na loa, é tão festiva quanto a sua chegada. É um pacto de retorno no qual a figura de animação sai de cena, mas deixa um rastro de energia e a certeza de que a alegria e a subversão têm o seu próprio tempo. Precisamos perceber que o Jaraguá, com sua mandíbula de madeira e seu jeitinho de cata-piolho, é um símbolo poderoso da nossa capacidade de abraçar as contradições da vida, transformando o que é tido como “feio” em um pilar de nossa identidade cultural.

As características da sua participação são marcadas por uma autonomia que poucas figuras possuem. O Jaraguá não segue as fileiras coordenadas dos cordões, ele habita o “entrelugar”, correndo entre as pernas dos presentes, avançando sobre a multidão e “mordendo” simbolicamente aqueles que cruzam seu caminho. Esse estalo seco da madeira ou dos ossos (o som que é sua própria voz) funciona como um metrônomo da desordem organizada. Ao avançar sobre as mulheres e crianças, ele não busca a agressão, mas sim o extravasamento. É um momento de subversão em que o bicho, o “monstro” da mata, entra no espaço civilizado da casa ou da praça para lembrar que a vida é feita de mistérios que não podem ser totalmente domesticados.

A análise do Jaraguá significa reconhecer nele a materialidade da resistência camponesa e quilombola. Construído, muitas vezes, com sobras de madeira, crânio de cavalo, cabos de vassoura e retalhos de pano, ele é o triunfo da inventividade sobre a escassez. Ao vermos o Mateus conduzir ou interagir com essa figura, percebemos que o Jaraguá é o guardião do riso necessário. Ele nos ensina que a cultura é capaz de transformar o medo em festa, provando que, mesmo diante das “mandíbulas” da realidade social, o povo sabe como fazer da ameaça um passo de dança. Sua saída de cena, rápida e frenética como sua entrada, deixa no ar o eco do

estalo de madeira, uma lembrança de que a identidade de nossa gente é, antes de tudo, indomável.

O Boi

Significativo econômica e historicamente para a região nordestina, toda ela enquadrada dentro da “área do couro” e tendo, ainda por cima, a força das sugestões totêmicas europeias e africanas (Brandão, 1953, p. 16), apesar de não estar no nome da brincadeira assim como em outras regiões (Bumba-meu-boi, Boi-bumbá),

(...) o boi é o “entremeio” principal, a figura marcante, indispensável, que não pode faltar a nenhum Reisado nem mesmo às danças dramáticas que lhe são sincréticas ou similares como os “Guerreiros” e os “Caboclinhos” (Brandão, 1953, p. 17).

Romero (1897, p. XII) descreve-o: “O Bumba meu boi vem a ser um magote de indivíduos acompanhados de uma grande multidão, que vão dançar nas casas, trazendo consigo a figura de um boi, por baixo da qual oculta-se um rapaz dançador”¹⁸

Deda (1967) conta como é feito o animal fantástico mais importante da brincadeira:

O boi é feito com um cobertor de chitão estampado, preso a uma caveira de boi enfeitada de papel de seda. Dos chifres, pendem barulhentos guizos. Um homem forte, servindo-se dessa cobertura, dança curvado e apoiado numa forquilha que sustenta a caveira (Deda, 1967).¹⁹

A participação do boi é a penúltima parte do Reisado, e, segundo Carvalho Neto (1994), tem três sequências: Chamada do Boi, Entrada do Boi e Dividir o Boi²⁰. Antes de entrar em cena, ele fica nos bastidores, esperando seu momento. Em geral, os reisados dão nomes a seus bois. O nome do boi Reisado da Missão é Janeiro, o do Reisado Baile Estrela de Dona Bizu, recebeu o nome de Mineiro, mas outros grupos podem chamá-lo de Boa Vista, Ramage, Flor do Dia, Briante, Dançarino, Brinquedo, Namorado, etc., como comenta Carvalho Neto (1994).

a) Chamada do Boi

O Boi entra em cena, bailando, delicadamente, trazido pela Camponesa e Contramestra segurando pelas suas pontas. Parte chamada e cantada pelo Caboclo, a canção pode variar de

¹⁸ Foi realizada uma correção ortográfica no texto original, a fim de adequá-lo ao uso contemporâneo da língua portuguesa, respeitando, porém, seu conteúdo e significado histórico.

¹⁹ Idem.

²⁰ Carvalho Neto (1994) só traz três sequências: Chamada do Boi, Entrada do Boi e Dividir o Boi, omitindo a Ressureição dessa figura principal de animação. Porém, trataremos aqui das quatro etapas da performance.

reisado para reisado, assim como as próximas. O Reisado São José e o Reisado da Missão, costuma utilizar a seguinte canção em ritmo de xote:

Pastora das campinas (Bis)
Oh venha ver, oh venha ver o nosso gado (Bis)
Se eu soubesse ser pastora (Bis)
É a pastora, é a pastora do cuidado (Bis)

A entrada do Boi é um dos instantes mais sublimes de inversão de significados. Diferente de outras festas nas quais o animal é símbolo de fúria ou força indomável, aqui ele entra em cena “bailando delicadamente”, conduzido pelas mãos firmes e cuidadosas da Camponesa e da Contramestra. Esse gesto de segurá-lo pelas pontas revela uma estética do zelo: o animal, peça central da engrenagem econômica colonial, é aqui humanizado e acolhido pelo universo feminino e camponês. Ao som do xote, o ritmo convida ao balanço, e não ao confronto, provando que a cultura sabe amansar as durezas da vida por meio do afeto e da arte.

A canção entoada pelo Caboclo, que convida a “Pastora das campinas” a ver o gado, carrega em si a dignidade da lida rural. O “cuidado” citado nos versos não se refere apenas ao trato com os animais, mas ao cuidado com a própria comunidade e com a manutenção da tradição. O Boi não é apenas um bicho, é o símbolo de uma riqueza que pertence ao povo. Ao chamá-lo de “nosso gado”, o Reisado retira o animal do inventário do patrão e o coloca no patrimônio da festa durante a qual o que vale é a alegria do encontro e a proteção espiritual que essa figura representa.

b) Entrada do Boi

A música a seguir é tocada, em ritmo de marcha, e o animal visita todas as figuras do Reisado, a plateia, os tocadores, sempre se ajoelhando aos pés de quem é citado no verso. Nesse momento a plateia entra em furor:

(Caboclo)
Chegou, chegou, chegou meu boi agora
Se quiser que eu brinque, eu brinco,
Se não quiser vou-me embora!

(Figural)
Chegou, chegou, chegou meu boi agora
Se quiser que eu brinque, eu brinco,
Se não quiser vou-me embora!

(Caboclo)
Entre dentro do salão
Escorrega mas não cai
Ele antes de morrer

Vai visitar Dona do Baile

(Figural)

***Chegou, chegou, chegou meu boi agora
Se quiser que eu brinque, eu brinco,
Se não quiser vou-me embora!***

(Caboclo)

*Peguei minha espingarda
Atirei foi com a besta
Ele antes de morrer
Vai visitar a Contra-mestra*

(Figural)

***Chegou, chegou, chegou meu boi agora
Se quiser que eu brinque, eu brinco,
Se não quiser vou-me embora!***

(Caboclo)

*Oh dentro do salão
Eu topei foi com a mesa
Ele antes de morrer
Vai visitar a Camponesa*

(Figural)

***Chegou, chegou, chegou meu boi agora
Se quiser que eu brinque, eu brinco,
Se não quiser vou-me embora!***

(Caboclo)

*O meu boi é bonitinho
É bonitinho, é um primor
Ele antes de morrer
Vai visitar os tocadô²¹*

A entrada definitiva do Boi no salão, embalada pelo ritmo marcial e vibrante da marcha, instaura um tempo de comunhão e autoridade. O verso inicial “Se quiser que eu brinque, eu brinco, se não quiser vou-me embora!” é muito mais do que um refrão festivo, é um grito de autonomia do saber popular. A cultura não é uma imposição, mas um presente oferecido pela comunidade. O brincante impõe sua condição: ele está ali para celebrar, mas exige o reconhecimento de sua presença e de sua arte. Se a recepção não for de acolhimento, o mestre retira seu brilho, deixando claro que a dignidade da tradição não aceita migalhas.

O ritual do Boi, que visita cada figura e se ajoelha aos pés dos presentes, transforma o espaço em um território de reverência mútua. O gesto de ajoelhar-se diante da “Dona do Baile”, da “Contramestra” e dos “Tocadores” é uma lição de humildade e reconhecimento das hierarquias do afeto que sustentam o Reisado. Esse animal, que o Caboclo descreve como um

²¹ O Boi segue seu espetáculo, visitando a todos que os improvisos do Caboclo incluírem em suas rimas.

“primor”, realiza uma espécie de testamento em vida. Ao dizer que “ele antes de morrer vai visitar” cada um, a letra nos prepara para o sacrifício simbólico, transformando a morte iminente em um ato de gratidão coletiva. O Boi morre para que a festa viva, ele se entrega para alimentar o espírito da comunidade.

Na África, na Guiné-Bissau, o *Toka tchur* é um ritual dedicado à homenagem e à memória de parentes falecidos. A cerimônia envolve o uso de instrumentos musicais tradicionais, como o *Bombolom*, entre outros. No mesmo contexto ritual, realizam-se sacrifícios de animais (**boi**, porco, cabra e galinha) acompanhados por uma variedade de bebidas, compondo um conjunto de práticas que reafirmam vínculos comunitários, ancestrais e espirituais (Có, 2019, p. 9).

Em Sergipe, a “Parte do Boi” em nossos reisados é o momento em que a plateia e o figural se fundem em um só corpo. O furor que toma conta do público é a resposta orgânica à força de uma tradição que ensina que a vida é feita de ciclos de chegada e partida. Humanizar esta análise é perceber que o improviso do Caboclo, ao incluir nomes e rostos presentes na música, retira o Reisado do campo do “folclore estático” e o lança na realidade pulsante de quem está ali. É o instante em que a memória ancestral se ajoelha diante do presente, garantindo que ninguém, seja tocador ou camponesa, seja esquecido na hora da grande celebração.

c) Dividir o Boi

Depois de tantas peripécias no salão, o Caboclo acaba matando o Boi, que será dividido entre os presentes, segundo a criatividade e capacidade de trovar do Mestre. Os Reisados da região costumam cantar essa música, em ritmo de baião, com o Boi já deitado no centro da brincadeira:

(Todos)
Ê boi, que veio do sertão
Caiu na roça, comeu algodão.

(Caboclo)
Mas ô Dona do Baile
A senhora não viu
No meio da roda
O meu boi caiu

(Todos)
Ê boi, que veio do sertão
Caiu na roça, comeu algodão.

(Caboclo)
Oh valha-me Deus
Como que vivo eu

*Acabou-se o garrote
Que meu pai me deu*

(Todos)

***Ê boi, que veio do sertão
Caiu na roça, comeu algodão.***

(Caboclo)

*Oh, meu Boi Janeiro
Ele vem de guariba
Morreu engasgado
Comendo maniva*

(Todos)

***Ê boi, que veio do sertão
Caiu na roça, comeu algodão.***

(Caboclo)

*Senhora Dona Deusa
Não quero ver choro
Arranja uma faca
Pra tirar o couro*

(Todos)

***Ê boi, que veio do sertão
Caiu na roça, comeu algodão.***

(Caboclo)

*A tripa mais grossa
É pra comer na roça
E a tripa mais fina
Eu como mais Lina*

(Todos)

***Ê boi, que veio do sertão
Caiu na roça, comeu algodão.***

(Caboclo)

*Eu peguei nesta pá
É pra nós almoçar
E aquela outra pá
Entregue a Vitá*

(Todos)

***Ê boi, que veio do sertão
Caiu na roça, comeu algodão.***

(Caboclo)

*O mocotó do pé
Entregue a Rafaé
O outro da mão
Entregue ao Capitão²²*

²² Quando o Caboclo demonstra uma veia criativa para o improviso, o Boi é simbolicamente partilhado entre os presentes. Cada uma de suas partes (incluindo os chifres) é ofertada a indivíduos específicos da plateia por meio

O desfecho do drama do Boi, conduzido pelo ritmo telúrico do baião, marca o instante em que o trágico se converte em comunhão. A queda do animal, que “veio do sertão” e “morreu engasgado comendo maniva”, não é o fim da história, mas o início de um ritual de abundância simbólica. Quando o Caboclo clama pelo fim do choro e pede a faca para “tirar o couro”, ele convoca a comunidade para o ato final de sobrevivência: a partilha. Dividir o Boi é, na verdade, distribuir a própria herança cultural entre os seus, garantindo que cada pedaço daquela memória alimente um membro da roda.

Nesse “particionamento” do corpo do animal, a criatividade do Caboclo transforma a anatomia do Boi em uma cartografia de afetos e sátira social. Ao destinar a “tripa mais grossa” para a roça e o “mocotó” para sujeitos específicos da comunidade, como Rafaé ou Vitá, o Reisado exerce uma justiça poética. O Boi deixa de ser uma propriedade privada e se torna um bem coletivo no qual cada parte de sua existência é ressignificada para fortalecer os vínculos de amizade e reconhecimento. Não se trata apenas de “tirar o couro”, mas de garantir que ninguém saia da festa de mãos vazias, seja de carne, de riso ou de dignidade.

A lamentação pelo “garrote que meu pai me deu” conecta a brincadeira ao fio da ancestralidade, lembrando que o que está em jogo é um legado recebido e passado adiante. Humanizar esta análise é perceber que, nas mãos dos caboclos trovadores, a morte do Boi é uma lição sobre a finitude e a regeneração. O animal morre no centro da brincadeira para renascer na voz de cada brincante que leva consigo um verso, um pedaço da história e a certeza de que, enquanto houver partilha, a “casa” e o “sertão” continuarão vivos em nós.

O ritual possui certa proximidade com a tradição mantida na região de língua Setswana do mundo africano. Para o pesquisador Milton Mbukeli Gcwenza, os rituais associados ao consumo da carne bovina transformaram-se em práticas que consolidam uma cultura de partilha profundamente simbólica. Ele observa que partes específicas do animal – *imilenze* (pernas), *inhloko* (cabeça), *isinqe* (garupa), *isibindi* (fígado), *iphaphu* (pulmão) e *intso* (rim) – possuem regras próprias de distribuição e consumo. A vaca, nesse contexto, atua como elemento de coesão social, e tais costumes buscavam evitar disputas pelo alimento, garantindo que houvesse porções suficientes para todos os parentes, presentes ou ausentes (Sosibo, 2016).

Gcwenza explica que, durante um *ibandla* (assembleia masculina), determinadas partes da cabeça cozida eram repartidas entre homens mais velhos e mais jovens, independentemente de serem convidados. Esse desmembramento ocorria na casa, sob responsabilidade dos anciãos.

de rimas e loas, despertando risos e aguçando a curiosidade dos espectadores diante das associações cômicas realizadas.

Já os mais jovens (especialmente os meninos) recebiam as orelhas, seguindo a lógica ritual de distribuição hierárquica (Sosibo, 2016).

d) A ressurreição do Boi

Em algumas ocasiões, é chamado um “Benzedor” ou “Benzedeira” que pode ser escolhido pelo Caboclo da plateia mesmo ou entre as figuras, para ressuscitar o animal. Essa oração é a que a minha tia, Marilene Moura, Mestra do Reisado São José, utiliza para revivê-lo:

*“Com dois te botaram
Com três eu te tiro
Fui pra Rosário,
Passei no Retiro
Encontrei uma véia
Com um cesto de grilo
Boi, eu te curo
De dor de botada
Dor de xuxada
Dor de cabeça
E dor nos ossos
E que vá tudo
Pras ondas do mar sagrado
Agora, boi, você se levante
Por Nossa Senhora
Se não o público vai embora.”*

E a farsa se consuma. O Boi ressuscita, dança uma chula com o Caboclo e só, assim, sai de cena.

O ápice dramático do Reisado se manifesta no ritual da ressurreição no qual a morte simbólica do Boi é revertida pela força da oralidade ancestral. A oração entoada por minha tia é um testemunho vivo de uma medicina da alma que atravessa gerações. Ao proclamar que “com dois te botaram, com três eu te tiro”, a benzedeira evoca uma aritmética sagrada que desafia a lógica material. O ato não é apenas uma “farsa” teatral, mas a reafirmação de que as comunidades tradicionais possuem suas próprias tecnologias de cura, capazes de banir as “dores de xuxada” e os males da alma para as “ondas do mar sagrado”.

A morte e a subsequente ressurreição do boi funcionam como um ponto de inflexão que desloca a narrativa para outro plano de realidade, instaurando um novo tempo e um novo espaço. Esse movimento conduz o enredo para fora do universo ficcional da fazenda e de seus arredores, situando-o no espaço concreto da performance (o pátio, a rua, a arena, o tablado, o terreiro) onde a brincadeira efetivamente acontece. A temporalidade fechada da narrativa se abre, então, para a dimensão ritual. O boi, mais uma vez, atua como mediador dessa passagem

simbólica, articulando o trânsito entre ficção e rito. Nesse momento liminar, sobrepõem-se o boi precioso da história e o boi-artefato que dança, permitindo que, no mesmo gesto interpretativo, se transite do mito ao rito (Cavalcanti, 2006, p. 89).

A geografia citada na prece, o trajeto entre Rosário e o Retiro, ancora o milagre no território físico de Sergipe, humanizando o sagrado e tornando-o vizinho da nossa gente. A figura da “véia com um cesto de grilo” introduz um elemento de mistério e sabedoria popular que remete às raízes do interior brasileiro, onde a vida e a morte dialogam em cada encruzilhada. Quando a Mestra ordena que o Boi se levante “por Nossa Senhora”, ela exerce uma autoridade que é, ao mesmo tempo, espiritual e política: é a mulher sertaneja e quilombola ocupando o centro da cena para garantir que a alegria não seja interrompida pelo luto.

Por fim, o ultimato “se não o público vai embora” revela a consciência do brincante sobre a sua missão social. O Boi precisa ressuscitar para que o pacto com a comunidade seja mantido. Ao levantar-se e dançar uma última chula com o Caboclo, o animal celebra a vitória da persistência sobre o fim. O rito nos ensina que, enquanto houver uma voz disposta a benzer e um povo disposto a acreditar, a nossa identidade sempre encontrará forças para se levantar, sacudir o pó e continuar a dança.

A morte e ressurreição dessa entidade é tratada por Andrade (1982), em seu livro “Danças Dramáticas do Brasil”:

É curiosíssimo constatar que em grande número das nossas danças dramáticas se dá a morte e ressurreição da entidade principal do bailado. No Bumba-meu-boi, nos Cabocolinhos, nos Cordões de Bichos amazônicos, ainda nos Congos, nos Cucumbis e nos Reisados isso acontece. Se trata duma noção mística primitiva, encontrável nos ritos do culto vegetal e animal das estações do ano, e que culmina sublimemente espiritualizado na morte e ressurreição do Deus dos cristãos (Andrade, 1982, p. 25)

Andrade (1982) identifica o ciclo de morte e ressurreição como o núcleo místico que une diversas manifestações populares brasileiras. Para o autor, o drama do Boi no Reisado não é apenas uma encenação festiva, mas a sobrevivência de ritos primitivos ligados aos ciclos da natureza e da fertilidade. Ao traçar um paralelo entre esses cultos ancestrais e a ressurreição cristã, Andrade revela o profundo sincretismo e o hibridismo cultural dessas danças. No contexto pedagógico, essa perspectiva permite abordar o Reisado como uma narrativa viva da renovação, essencial para a compreensão da espiritualidade e da resistência cultural na formação da identidade brasileira. O autor ainda faz um comentário sobre a questão da morte e ressurreição nessas brincadeiras, que só aparece em culturas primitivas. Vejamos:

O complexo de morte e ressurreição não aparece nestas danças dramáticas oriundas de civilizações mais tecnicamente avançadas. E justo nos bailados

mais próximos das culturas primitivas, nos Congos de origem negra, nos Cabocolinhos de inspiração ameríndia, e nos Reisados e cordões de bichos de sobrevivência do culto animal, que se dá a morte e ressurreição. A importância do boi na vida brasileira, do chefe no organismo tribal, da mourama na conquista de terras, deu ao boi, ao chefe, ao mouro, um valor místico, um valor religioso, esotérico, às vezes, e sempre simbólico, que foi o convite a criação das danças dramáticas. (Andrade, 1982, p. 26)

Ao investigar as raízes das nossas manifestações, Mário de Andrade (1982) observa com fascínio a recorrência do rito de morte e ressurreição em danças dramáticas como os Congos, os Cabocolinhos e os Reisados. Para o autor, esse fenômeno seria uma “noção mística primitiva”, um eco de antigos cultos animais e vegetais que encontrariam seu ápice na espiritualidade cristã. Andrade (1982) argumenta que esse complexo de renascimento é ausente em civilizações que ele classifica como “tecnicamente avançadas”, surgindo com força justamente naquelas manifestações nas quais o valor simbólico do boi, do chefe ou do mouro assume uma dimensão esotérica e vital.

Entretanto, ao analisarmos essa perspectiva, é fundamental problematizar a hierarquia sugerida pelo autor. O que Andrade (1982) denomina como “primitivo” ou “sobrevivência” de cultos antigos, nós entendemos, hoje, como a persistência criativa de povos que se recusaram a ter suas identidades totalmente apagadas. A morte e a ressurreição não são resquícios de um passado técnico inferior, são, em essência, uma metáfora política da própria existência negra e indígena no Brasil. Ressuscitar o boi é, simbolicamente, ressuscitar a si mesmo diante de um sistema que, por séculos, planejou o fim dessas culturas.

A “importância do boi na vida brasileira”, citada pelo autor, ganha uma nova camada humana e crítica na nossa pesquisa. O valor místico de que fala Andrade (1982) não é apenas um “convite à criação” artística, mas um instrumento de justiça simbólica. Ao contrário das civilizações ditas “avançadas”, que muitas vezes perdem a conexão com os ciclos da vida e da morte, os Reisados mantêm viva a sabedoria de que nada morre definitivamente se houver uma comunidade disposta a celebrar o seu retorno. O “primitivo” de Andrade é, para nós, a sofisticação de uma cultura que aprendeu a renascer das cinzas de todos os apagamentos.

3.3.10. Retirada

A retirada ou despedida é o momento em que os brincantes, após cumprirem sua jornada ou função, começam a se despedir e se retiram das casas ou da praça onde a festa acontece. É um gesto simbólico de encerramento da apresentação, mas também de agradecimento à comunidade pela acolhida. Durante a retirada, os participantes, geralmente, mantêm a energia do folguedo, ainda dançando e cantando, mas com um tom mais gradual, sinalizando o fim

daquele ciclo festivo. Esse momento passa uma sensação de despedida calorosa, como uma forma de deixar a lembrança viva na memória de todos, até o próximo encontro.

Cantemo hora de arretirada (bis)
Hoje eu me arretiro com muita saudade (bis)

Adeus tanto povo, adeus tanta gente (bis)
Hoje eu me arretiro alegre e contente (bis)

Adeus pessoal de amor
Peço, por favor, vou me arretirando
Só peço, por Nossa Senhora
Quando eu for embora, não fique chorando

Já vou embora
Tão me chamando
Vou me lembrando
Vou olhando para trás

Ficou saudade
Despedida, levo pena
Adeus, morena
Reisado não volta mais

A “Retirada” não é um simples ato de ir embora, mas a conclusão de um ciclo de entrega e ocupação. Ao entoar a “hora de arretirada”, o grupo de brincantes não encerra apenas uma apresentação, ele sela um compromisso de saudade com a comunidade. O tom gradual da saída, que mantém o corpo em movimento enquanto os passos se afastam, revela a dificuldade humana de se desprender de um momento de plenitude. Essa despedida calorosa é a forma que o saber popular encontrou para garantir que, mesmo na ausência física dos brincantes, a energia da festa continue habitando o silêncio que fica.

Os versos que pedem para o povo “não ficar chorando” e a afirmação de se retirar “alegre e contente” trazem uma lição de resiliência. O Reisado ensina que a alegria é uma conquista política e que a tristeza da partida não deve apagar o brilho do que foi vivido. Quando o brincante canta “Vou me lembrando, vou olhando para trás”, ele personifica a própria história de Japaratuba: um povo que caminha para o futuro sem jamais soltar a mão de suas raízes. Esse “olhar para trás” é o que garante que a identidade não se perca; é o reconhecimento de que cada casa visitada e cada pessoa saudada agora faz parte da cartografia afetiva do grupo.

Por fim, o verso contundente “Reisado não volta mais” (ou “Reisado não volta atrás”) encerra a jornada com a autoridade de quem cumpriu sua missão. Para o mestre, a retirada é o momento de colher os frutos do respeito e da hospitalidade recebida. Humanizar essa análise é

perceber que, ao levar a “pena” e a “saudade”, o brincante deixa no lugar a certeza de que a cultura é um organismo vivo. A despedida é, em última análise, um até logo estratégico: o grupo sai de cena para que a comunidade possa digerir a beleza do encontro, guardando o Reisado não como um evento passageiro, mas como um pilar de sustentação da sua própria alma coletiva.

Diferenças regionais mostram a riqueza da cultura do Brasil e como as tradições se ajustam aos vários contextos históricos e sociais. O fato de todas essas formas terem um padrão parecido reforça a ideia de uma base cultural única, que sofreu algumas alterações ao longo do tempo, mas cada área trouxe elementos próprios, tanto na música quanto nos personagens ou no jeito como os rituais são feitos. No caso dos Reisados, a presença das encenações e da figura do boi mostra uma forte influência velha da tradição europeia adaptada dentro do mundo simbólico brasileiro, especialmente nas comunidades do Nordeste.

Além de seu lado festivo, os Reisados e outros folguedos têm um trabalho social importante, sendo lugares para resistência cultural e partilha de conhecimento entre as gerações. A troca entre as pessoas e a comunidade reforça as ligações sociais, criando um espaço de pertencimento e continuidade das tradições.

A encenação do boi não é só um momento divertido, mas também tem significados fortes ligados à fertilidade, ciclo da vida e a ligação do homem com a natureza. Assim, esses festejos não só guardam o patrimônio imaginário do Brasil, mas ainda são aspectos-chave da identidade cultural do país.

A transição das exibições que duravam noites inteiras para apresentações de poucos minutos não é apenas uma redução de tempo, mas uma alteração na própria natureza da experiência. O que Diegues Júnior chamava de “dança dramática” possuía uma narrativa densa em que cada “peça” (episódio) do Reisado cumpria uma função ritual e social. Na contemporaneidade, a cultura de massa midiática impõe uma lógica de consumo rápido, transformando o que era vivência comunitária em “produto cultural” de fácil digestão para o turismo ou para o entretenimento fugaz.

Nesse cenário, os grupos que mantêm o figurino completo, as loas tradicionais e a fé no rito operam em uma lógica de contrafluxo. Eles são “atos de resistência” porque se recusam a ser silenciados pela padronização cultural. Quando os estudantes ocupam o espaço escolar com suas fitas e espelhos, eles não estão apenas “apresentando um reisado”, estão reivindicando o direito à existência de uma memória que a pressa da modernidade tenta apagar.

4. O REISADO EM JAPARATUBA

Para começarmos a entender e nos encantarmos com a cultura sergipana, vale saber onde fica esse pedacinho tão cheio de histórias. Sergipe é um estado brasileiro que fica no litoral do Nordeste. Apesar de ser o menor do país em tamanho, é enorme em riqueza cultural. Ele faz fronteira ao norte com Alagoas, e com a Bahia, ao sul e a oeste. Dentro de Sergipe está Japaratuba, um município do interior que, mesmo não sendo banhado pelo mar, tem muita vida e tradição. Japaratuba faz divisa com várias cidades vizinhas: São Francisco, Japoatã e Pacatuba ao norte; Carmópolis ao sul; Muribeca e Capela ao oeste; e Pirambu ao leste (fig. 5). Segundo dados do IBGE de 2022, o município tem pouco mais de 16 mil moradores, espalhados por um território de cerca de 365 km². Isso dá uma densidade populacional bem tranquila, de mais ou menos 44 pessoas por quilômetro quadrado.

As idades que compõem a demografia japatubense concentram seu maior quantitativo, entre nas faixas etárias dos 05 aos 44 anos. Tendo a população um perfil étnico-racial composto por 10.712 de pardos, 2.840 de brancos, 2.633 de pretos, 17 indígenas e 7 amarelos, assim identificados. Ressalta-se, ainda, a presença de 726 quilombolas. Destes, 8.388 são mulheres e 7.821 são homens (IBGE, 2022).

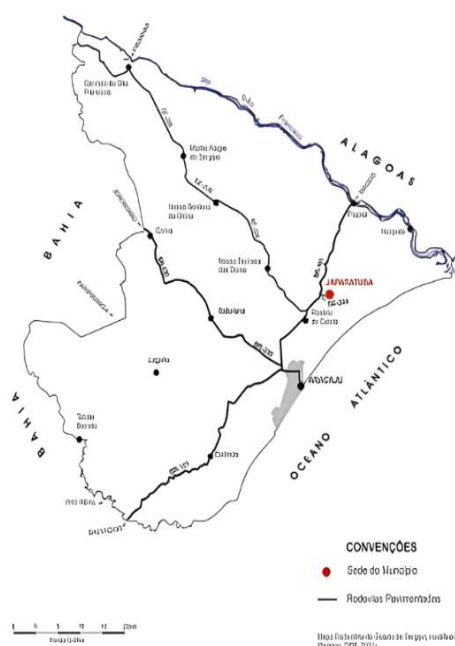


Fig. 5: Mapa de acesso rodoviário sergipano

Fonte: Bonfim; Costa; Benvenuti, 2002, p. 3

Descrição: A imagem é um mapa em preto e branco que ilustra o contorno do estado de Sergipe, no Nordeste do Brasil. As fronteiras do estado são indicadas pelos limites com Alagoas (ao norte e nordeste) e Bahia (a oeste e sul), e pela costa leste, banhada pelo Oceano Atlântico.

A origem do nome do município de Japaratuba possui diferentes interpretações. De acordo com alguns historiadores, como Pirajá da Silva, Japaratuba deriva de “*yapara+tyba*”, significando “local onde há abundância de arcos”. Outros, como Pascal D’Ávila, defendem que o nome significa “rio de muitas voltas”. Há ainda uma terceira versão, proposta pelo historiador local, Antônio Wanderley, que sugere que Japaratuba, de origem indígena, significa “terreno arenoso à beira-mar” ou “terras de areias brancas”. Embora as interpretações variem, duas certezas permanecem: Japaratuba tem origem no tupi-guarani e é o nome de um rio, além de ter sido atribuído a um dos chefes indígenas que habitavam a região no século XVI (IBGE, 2024).



Fig. 6: Composição Étnica – Japaratuba, SE

Fonte: Elaboração própria com dados do Censo IBGE, 2022.

Descrição: Gráfico em barras da composição étnica demográfica com fundo verde escuro e traçado da parte superior do contorno do município de Japaratuba. A barra com maior quantidade na cor laranja representa os pardos, a barra com a segunda maior quantidade na cor rosa representa os brancos, a barra com a terceira maior quantidade percentual na cor amarela representa os pretos. Apesar da legenda com as bolinhas coloridas ao lado mostrar indígenas na cor vermelha e amarelos (asiáticos) na cor verde, a quantidade de ambos é insuficiente para aparecer no gráfico.

Os dados confirmam que se trata de um território com grande ancestralidade afrodescendente. Apesar da proporção indígena atual ser muito reduzida (0,105%), resultado do surto de varíola e do violento processo de extermínio colonial dos povos indígenas em terras sergipanas, e a elevada quantidade de “pardos” (66,09%), que somada à quantidade de “pretos” (16,24%) perfaz a maioria da população “negra” do município (82,33%). A quantidade de “brancos” (17,52%), bem pouco superior aos “pretos” não altera a predominância de uma composição étnica afrodescendente na localidade. Esse quantitativo étnico reverbera nas manifestações culturais imateriais locais.

4.1. Reisados ancestrais

Ao estudar na disciplina Ensino de História e Educação para as Relações Étnico-raciais, foram trabalhados textos do escritor Amadou Hampâté Bâ (2010) e eu procurei trazer o que foi aprendido para a minha realidade ancestral. Minha família não possui registros, documentos ou fotos, somente memórias daqueles que vieram antes de nós e que traziam consigo parte dessa cultura viva de Japaratuba e que, pela força do tempo e outros fatores, se perdeu. É por meio da oralidade que algumas curiosidades e histórias chegaram à minha geração, que, ainda assim, ousou afirmar, muitos dos meus primos sequer sabem que o bisavô deles era dono de reisado.

Segundo Hampâté Bâ (2010):

A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. (Hampâté Bâ, 2010, p. 169)

A articulação entre a experiência pessoal e as reflexões de Amadou Hampâté Bâ revela que a ausência de documentos oficiais (fotos ou registros) na história da minha família não significa uma ausência de história, mas sim a existência de um arquivo vivo. Para Hampâté Bâ, a tradição oral não é um acessório da história, mas a própria “escala da vida”, na qual o material e o espiritual coexistem. Ao aplicar esse conceito à realidade de Japaratuba, percebe-se que o silenciamento de gerações é o resultado de uma mentalidade cartesiana que muitas vezes desvaloriza o saber que não está no papel.

Nesse contexto, o Ensino de História assume um papel reparador. Quando a pesquisa busca recuperar essas “curiosidades e histórias” que chegaram pela oralidade, ela está combatendo o apagamento histórico das populações que edificaram a cultura sergipana. Trazer Hampâté Bâ para a sala de aula significa reconhecer que existem múltiplas formas de aprender e registrar o passado. A oralidade, por ser “exotérica” (acessível) e adaptável ao “entendimento humano”, é uma ferramenta de inclusão por excelência, pois permite que alunos com diferentes habilidades e origens se conectem com o conteúdo histórico de forma afetiva e identitária.

Se não há documentos escritos que contem a história que se quer conhecer, que registremos essas memórias em forma de narrativas para honrar àqueles que se foram, a fim de manter sua história viva, não só para seus descendentes, mas para toda a comunidade que comunga da mesma tradição e precisa conhecer as histórias de quem estava aqui antes. Se nosso

município cultiva determinada manifestação popular, nosso papel, enquanto historiadores, pesquisadores, é revisitar as suas origens, seus principais atores.

Nesse cenário em que a oralidade se torna a principal guardiã de nossas raízes, compreender os Reisados ancestrais exige reconhecer as lacunas deixadas pela ausência de registros escritos. Se, como aponta Hampâté Bâ, cada ancião perdido é uma biblioteca que se queima, então, muitos dos saberes sobre os grupos que existiram antes de nós desapareceram junto com seus protagonistas. É justamente nesse entrelugar, entre o que resta na memória e o que o tempo levou, que se insere a necessidade de revisitar, reconstruir e narrar a história dos reisados ancestrais que já não existem mais.²³ Não se trata apenas de resgatar nomes ou fatos, mas de captar os últimos ecos dessa tradição, compreendendo como esses grupos moldaram a cultura de Japaratuba e deixaram marcas profundas na identidade das famílias, inclusive na minha.

Movida pela curiosidade, que alimentava meu próprio desejo de ampliar meus horizontes de conhecimento sobre os papéis culturais de minha ancestralidade familiar, em 2013, procurei Senhor Arnaldo, ex brincante do reisado do meu bisavô Luiz, ambos hoje já falecidos, que me concedeu algumas informações sobre o grupo do qual fez parte. Minha avó materna, que era brincante da mesma agremiação, na ocasião, ainda era viva, porém, não gostava de falar do próprio passado, dizia ela, para não sonhar com quem já se foi. Por essa razão, tive que recorrer a terceiros.

Mais do que uma simples investigação acadêmica, esta pesquisa é um ato de perpetuação da memória do Reisado local. Assumo-me como herdeira dessa tradição familiar, um legado que, apesar dos períodos de pausa, a mais dolorosa delas com a partida do meu bisavô Luiz, permanece vivo. Essa centelha reacende quando eu, bisneta e neta de mestres e brincantes, visto meu traje encarnado, brilhante e repleto de fitas coloridas, e danço. Como historiadora, encaro este trabalho como uma missão de vida: registrar, preservar as narrativas dos meus antepassados e garantir que essa herança cultural resista à ação do tempo.

4.1.1 Reisado de Luiz (meu bisavô paterno)

Meu bisavô Luiz dos Santos era japatubense. Antes de se mudar para o povoado São José da Caatinga, morava na sede do município. Além de sanfoneiro, era fogueteiro. Sobre

²³ Não foi possível localizar, neste momento, informações detalhadas sobre o Reisado de Guilherme e Rosa Cansação, nem sobre o Reisado da Sapucaia. As histórias desses grupos, contudo, permanecem abertas à investigação e poderão ser resgatadas em pesquisas futuras, possivelmente em uma tese de doutorado que dê continuidade a este percurso de estudo.

minha bisavó, Honorina de Lima, não tenho muitas informações. Somente que, quando ela se juntou ao meu bisavô, ela já tinha um filho cujo apelido era Juca. Seu nome de batismo é desconhecido para nós e, hoje, não há mais nenhum irmão vivo para buscar essa informação. Os avós do meu pai tinham um reisado em plena atividade na primeira metade do século XX, aqui mesmo no povoado São José, município de Japaratuba. Esse reisado não era o único da região, mas viajava bastante, passava muito tempo fora por conta dessas turnês e destacava-se pelas suas figuras que dançavam com afinco. Apesar de haver competição entre os reisados, não havia briga entre os grupos.

Os filhos deles, meus tios-avôs Juca, Juarez, Marinete e minha vó Iolanda, participavam da brincadeira, e, ao contrário do que estamos acostumados a ver hoje, o grupo dançava a noite inteira, sem repetir uma parte sequer. Juca era o caboclo e sua irmã, Marinete, a Dona Deusa. Os componentes do reisado passavam semanas longe de casa. Dançavam em municípios próximos do povoado São José da Caatinga, onde residiam, a exemplo de Curral do Meio, Plantas e Flexeiras (povoados do município de Santo Amaro das Brotas), Santana dos Frades e Estiva do Raposo (povoados do município de Pacatuba), Estiva dos Paus (povoado do município de Japoatã), Touro (povoado do município da Barra dos Coqueiros). O contrato para as apresentações seguintes era combinado ali mesmo. Estamos falando de um período em que não havia bandas como hoje em dia. A diversão das festas eram os grupos culturais e trios pé de serra.

A pessoa que contratava a caravana se responsabilizava pelo transporte, geralmente feito por trator, pela casa onde eles ficariam hospedados, pelo pagamento ao dono do reisado e ao conjunto musical. As figuras (mulheres que brincavam nos cordões, fileiras laterais), a Dona Deusa e o Mateus (a dupla que comandava a brincadeira) que se empenhassem para conquistar o público e, assim, garantissem seu próprio dinheiro. Como não havia cachê para as figuras do Reisado, cada uma tirava sua renda da tradicional pedincha. O valor arrecadado dependia do esforço de cada um e, claro, do carinho e conquista do público. Para isso, as personagens distribuíam buquês de papel crepom perfumados aos espectadores, que, entre uma música e outra, os devolviam, e, com sorte, junto algum valor. Já o Mateus ou Caboclo, figura masculina do folgado, usava sua bandeirinha, conhecida como “Sabida”. Era uma troca simbólica na qual a arte e a tradição encontravam o apoio da comunidade para seguir viva.

Durante essas viagens, a alimentação ficava por conta dos próprios brincantes. Minha avó Iolanda dividia o que conseguia, na maioria das vezes, com as figuras que pouco ou nada conseguiam. Quando a brincadeira era realizada num local muito pobre, não se faturava nada. As moças eram solteiras, mas como havia muito respeito entre todos, seus pais não as impediam

de ficarem fora o tempo que fosse necessário e minha bisavó Honorina tomava conta das meninas. Estas, quando se casavam, saíam do grupo.

Meus avós maternos, Edelvita e Ivo, eram namorados nessa época e participavam desse reisado: ela, que de dia cortava cana e, à noite se apresentava, era umas das melhores figuras, e ele revezava entre auxiliar no grupo musical como tocador de pandeiro e ser o boi. Numa turnê dessas, no Povoado Estiva do Raposo, município de Pacatuba, um fazendeiro gostou “da pisada” da minha vó e pedia aos músicos repetirem a parte para que ela dançasse mais, mostrando suas habilidades. E ela se entregava por completo naquela pisada, pois sabia que aquele dinheiro faria diferença nas contas de casa. Como filha mais velha, carregava sobre os ombros a responsabilidade de ajudar a família em tempos de dificuldades e cada parte, que alguém da plateia pedia para ser repetido por ela, era, também, um gesto de esforço e esperança. Meu avô Ivo, enciumado daquela situação, pensou consigo mesmo em vingar-se das “investidas” do fazendeiro quando entrasse em cena com a carcaça do boi. Dito e feito: assim que ele entra na brincadeira, sob o dorso do boi, vai, ferozmente, ao encontro do fazendeiro que pede aos seus capangas: “Peguem esse boi e ‘capem’ agora!”. Meu avô joga o boi de lado, corre sem destino mata adentro, para ele, desconhecida, e só é encontrado dois dias depois.

O reisado já possuía seus animais fantásticos (o Jaraguá e o Boi) e suas figuras (Contramestra, Camponesa, Papagaio, Curiatá, Balão, Cigana etc.) além da Dona Deusa e do Mateus. Quanto ao figurino, era totalmente diferente de como é hoje: as mulheres usavam chapéu de palha com flores de crepom, o vestido era cheio de babados, que lembrava o vestido das ciganas, mais longos que os de hoje, e eram feitos do tecido “chita”. Nos pés, um calçado que poderia ser comparado ao tênis “conga”. A agenda do grupo não se resumia somente entre o período natalino e festa de reis, o reisado brincava o ano inteiro, assim que tivesse alguém para contratar. Eles só não se apresentavam na quaresma.

Os instrumentos musicais utilizados pelo conjunto que acompanhava as apresentações eram o tamborim, a cabaça, a sanfona, a zabumba e o triângulo. Além do meu bisavô Luiz, foram sanfoneiros do grupo: o Totonho Cego e Januário. Todos do grupo ajudavam na cantoria, inclusive, cada personagem dos cordões tirava versos em algumas partes que exigiam isso.

A morte do meu bisavô Luiz, numa apresentação realizada no povoado Plantas, em Santo Amaro das Brotas-SE, e o fato do corpo dele ter caído no rio durante a travessia, deixou todo o grupo assustado e, dessa forma, ele chega ao primeiro hiato. Na mesma época, o filho mais velho, meu tio-avô Juca vai embora. A última notícia que se teve dele, alguns anos após esse sumiço, era a de que ele estava no exército e havia se casado. Não sabemos até hoje o seu paradeiro.

Anos depois, minha bisavó Honorina de Lima volta com o reisado, com seu filho Juarez à frente como o Mateus e sua filha Marinete ainda como a Dona Deusa. Minha tia Marilene Costa, filha da minha tia-avó Marinete, que assumiu o papel do Papagaio na época, relatou que já nessa remontagem o vestido era de pano xadrez, com cada cordão trazendo uma cor dominante.

Em seus últimos anos antes da derrocada final, o Reisado, sob o comando do meu tio-avô Juarez, se apresentava no cortejo da tradicional Festa de Reis de Japaratuba, em parceria com o Guerreiro Treme-terra, liderado pelo Mestre Zé de Jove, sediado também, aqui, no povoado São José.



Fig. 7: Meu tio-avô Juarez numa apresentação durante a Festa de Reis de Japaratuba-SE.

Fonte: Arquivo da família, década de 1990.

Descrição: A imagem é uma fotografia colorida, que captura um momento de celebração, ao ar livre, durante a Festa de Reis de Japaratuba, Sergipe.

Em primeiro plano, do lado direito, está o tio-avô Juarez, um homem negro sorridente, com os braços ligeiramente abertos em um gesto de performance. Ele veste uma camisa de manga comprida e calça, com uma estampa floral grande e vibrante em tons de vermelho, rosa e verde sobre um fundo claro.

À esquerda de Juarez, há outro homem de pé, com um chapéu e vestimenta mais formal, consistindo em uma camisa social branca de manga comprida e calças claras.

Atrás deles, outras pessoas com roupas coloridas participam do evento. A cena transmite a energia e a alegria de uma apresentação cultural tradicional nordestina.

Entre altos e baixos, o Reisado herdado e conduzido pelo meu tio-avô Juarez terminou no início da década de 1990. Naquela época, a tradição já enfrentava desafios, mas, além das dificuldades naturais, havia também o peso do preconceito. Muitos olhavam com desdém para a brincadeira, rotulando as componentes de maneira pejorativa: “só mulher dama²⁴ brinca reisado”. Esse estigma afastou muitas pessoas e contribuiu para o enfraquecimento da manifestação cultural, mostrando como, por vezes, o preconceito pode ser uma barreira tão forte quanto a própria passagem do tempo.

²⁴ O mesmo que meretriz.

4.1.2 Reisado de João Basílio

O Reisado de João Basílio²⁵ vive na memória de quem o testemunhou como uma expressão profunda de afeto, respeito e dedicação. Mais do que um grupo cultural, ele era uma família ampliada, guiada pela sensibilidade e pela responsabilidade de João Basílio, homem que conduzia sua brincadeira com o coração e cuja presença inspirava confiança numa época em que os pais pouco permitiam que as filhas saíssem de casa. Com ele, porém, todos deixavam, pois era conhecido por cuidar, respeitar e zelar pelas meninas que desejavam dançar.

A entrevistada, Osvanda da Conceição Dória Jesus, começou a dançar no Reisado aos oito anos de idade, ainda no início da década de 1950. Para ela, a dança não era apenas participação: era um chamado do coração. Os ensaios aconteciam na sala da casa de João Basílio, iluminada por garrafas com gás e pavio de pano, já que naquele tempo não havia luz elétrica. Entre paredes simples e um chão de barro, nasciam os passos, cantos e preparativos para a brincadeira que percorreria povoados e matas da região.

O Reisado funcionava de forma totalmente comunitária. As meninas confeccionavam seus próprios enfeites: vestidos vermelhos e verdes, repletos de fitas de cetim com laços, diferentemente dos fuxicos²⁶ que utilizamos hoje, que prendem as fitas aos vestidos, que cada uma costurava com zelo para brilhar um pouco mais. O adereço da cabeça era uma coroa ornamentada com fitas, completava o figurino que se movimentava em duas filas durante a dança.

Além das dançarinas, o grupo contava com figuras essenciais, como o Caboclo, interpretado por Noberto (que, assim como Minervino, irmão da entrevistada, também deu vida ao Boi em um certo período) e, por longos anos, pelo meu tio-avô Juarez, lembrado com carinho como o caboclo mais marcante, e com os músicos. A orquestra era simples e vigorosa: sanfona, violão e pandeiro, tocados por homens da própria comunidade, como o famoso Zé de Luíza no pandeiro e o marido de Helena (ela não lembrou do nome dele) na sanfona. Não se usava zabumba ou triângulo naquele tempo. A musicalidade vinha da força da voz, do ritmo do pandeiro e da cadência da sanfona.

²⁵ O Reisado de João Basílio foi contemporâneo ao do meu bisavô Luiz. Após a morte deste último, o grupo familiar entrou em um período de silêncio. Nesse intervalo, seus filhos Juarez e Marinete passaram a integrar o Reisado de João Basílio no qual Juarez assumiu o papel de Caboclo e Marinete o de Dona Deusa, preservando a tradição que os acompanhava desde a infância. Infelizmente não encontramos fotografias do grupo, nem de João Basílio.

²⁶ O fuxico é uma peça fundamental nas roupas das festas populares. É a arte de transformar pequenos pedaços de tecido em flores de pano. Para fazê-lo, basta costurar as bordas de um círculo de tecido e puxar a linha até que ele se feche no meio, formando uma trouxinha. Esses enfeites são usados para dar vida e volume a estandartes e vestidos. Mais do que um simples detalhe, o fuxico mostra a paciência de quem costura à mão e o talento do povo em criar beleza a partir de retalhos que seriam jogados fora.

As apresentações eram marcadas por viagens longas, quase sempre a pé. O único “transporte” das roupas e acessórios era um cavalo de cangalha que carregava as fantasias. Os caminhos por dentro do mato conduziam o grupo a pequenas cidades e povoados, sempre em épocas adequadas, já que na chuva não se viajava. As noites inteiras eram atravessadas em cantoria, dança e alegria, intensidade que, segundo a entrevistada, já não se vê nos reisados atuais.

Assim como nos outros grupos da época, havia as partes musicais individuais. Cada brincante tinha seu momento de destaque, com versos próprios, gestos e performances específicas, muitas inspiradas em pássaros. Curiatá, Papagaio, nomes que atravessam gerações e compõem a memória afetiva do grupo. O trecho lembrado pela entrevistada, do seu papagaio, ilustra a vivacidade desses momentos:

Dê cá o pé, Papagaio (Bis)
Ô dê cá um beijo, meu Louro (Bis)

O meu Papagaio do sertão (Bis)
Ele peneirou pra voar (Bis)

Quem anda na terra alheia (Bis)
Ô pisa no chão devagar (Bis)

A dança saltada, o pandeiro marcando firme e os trejeitos de cada figura faziam desse instante um espetáculo dentro do próprio Reisado.

Com o passar dos anos, mudanças inevitáveis aconteceram. A morte repentina da minha tia-avó Marinete, que foi Dona Deusa antes de Osvanda, criou uma lacuna. Foi, então, que João Basílio, padrinho e pai de criação da entrevistada, reconheceu nela a capacidade de conduzir o grupo. Adolescente, mas já dançando na frente e dominando o ritmo, ela assumiu a liderança e se tornou a Dona Deusa do Reisado.

O grupo de João Basílio não era formado por parentes, mas por pessoas escolhidas e cuidadas por ele. Era o mestre quem buscava, convidava e zelava sobretudo pela segurança e integridade física das meninas, um gesto que revela o caráter comunitário do Reisado, entendido não apenas como tradição, mas como espaço de convivência, afeto e proteção.

O fim do grupo se anunciou quando Osvanda, então com dezessete anos, casou-se e mudou-se para o estado de São Paulo. Por acreditar que não encontraria outra Dona Deusa à altura para ocupar seu lugar, João Basílio, já saudoso de sua própria trajetória, decidiu encerrar as atividades do Reisado.

Hoje, ao comparar a antiga brincadeira com os reisados contemporâneos, a entrevistada percebe rupturas: a falta de empolgação, a diminuição da alegria e o distanciamento do modelo

tradicional. Ainda assim, sua memória preserva com nitidez o brilho das noites em que dançar era viver intensamente, em que cada fita costurada carregava identidade e orgulho.

O Reisado de João Basílio, deste modo, permanece como um marco cultural do Povoado São José da Caatinga e região. Sua história une cuidado, disciplina, criatividade e emoção, elementos que revelam a profundidade das tradições populares e a força das mulheres e homens que as mantiveram vivas.

4.2 Reisados do município de Japaratuba em atividade

Mergulharemos, agora, nas histórias específicas de cada grupo ativo nos quais nomes como Dona Bizu, Marilene Moura e José Lima se tornam imortais por meio do passo, do verso e do suor em cada função cumprida.

4.2.1 Reisado Baile Estrela de Dona Bizu

Nascida em Japoatã, mas com o coração fincado em Japaratuba desde os oito anos, Maria Bernadina dos Santos, ou simplesmente Dona Bizu, como todos, carinhosamente, a conheceram, construiu sua vida entre versos, passos e cores do reisado. Foi ainda menina que ela se encantou pelo Baile Estrela, comandado por seu Pedro e dona Têvina. Fascinada por aquela festa de alegria e tradição, pediu um lugarzinho no cordão e conseguiu. Ficava no final da fila, bem pequeninha, mas com os olhos brilhando de orgulho. Lá também estavam suas irmãs mais velhas, compartilhando daquela mesma paixão. Dona Bizu vestia o personagem “Flor dos Amor”, nome que já parecia anunciar o tamanho do carinho que ela teria pela cultura.

O tempo passou e, aos 12 anos, o destino lhe apresentou Manuel dos Santos, o Mestre Nêgo, com quem se casaria dois anos depois. O casamento não uniu só duas vidas, mas também selou um compromisso com a tradição. Quando seu Pedro partiu e dona Têvina preferiu se afastar da responsabilidade, o jovem casal Dona Bizu e Mestre Nêgo assumiram o Baile Estrela. Ela como Dona do Baile, ele como Mateus Velho, figuras centrais da brincadeira que, agora, ganhava nova liderança, mas com o mesmo apreço e zelo dos seus antecessores.

Com o passar dos anos, a história do Baile Estrela se tornou um reisado familiar e se entrelaçou com outros nomes, outras mãos, outros passos. O papel de Mateus Novo, por exemplo, passou a ser de Pedro da Cultura, já falecido.



Fig. 8: Mestre Nêgo e Dona Bizu.

Fonte: Imagem gentilmente cedida por Mestra Luciene, filha do casal, s/d.

Descrição: A imagem é uma fotografia colorida, de plano médio e em ambiente externo, que captura a atmosfera festiva da Festa de Reis de Japaratuba. Em primeiro plano, no lado esquerdo, está o Mestre Nêgo, um homem negro de meia idade a idoso, e com cabelos e bigode grisalho. Ele olha diretamente para a câmera com um sorriso discreto e veste uma camisa amarela de manga curta. Ao lado dele, no centro da composição, outro homem com o torso nu usa um chapéu vermelho e tem um bigode proeminente. À direita, em primeiro plano, está a Dona Bizu, uma mulher idosa, também sorrindo e olhando para a frente. Ela está ajustando uma coroa à sua cabeça, que é adornada com fitas e corações. Ela veste um vestido com uma série de fitas coloridas penduradas. O fundo está repleto de uma multidão de pessoas borradas, sugerindo uma grande aglomeração. No plano de fundo superior, a igreja matriz de Japaratuba, com janelas arqueadas em azul se destaca contra o céu claro. A cena é vibrante e cheia de movimento.

Dona Bizu esteve à frente do Baile Estrela até meses antes de sua morte, aos 79 anos, em 2012. Mestre Nêgo, partiu 6 anos depois. Hoje, quem carrega com firmeza e ternura essa herança é a mestra Luciene dos Santos, filha do casal ilustre. Ela não só mantém vivo o reisado da família, mas também conduz, com orgulho, o Cacumbi do Mestre Nêgo, provando que quando a cultura é cultivada com amor, ela floresce de geração em geração.

4.2.2 Reisado São José

Nasceu de um resgate promovido por uma gincana anual da Escola Municipal Vereador João Prado no ano 2000 como uma das tarefas. O objetivo era o de reativar o folguedo que havia se perdido há uma década. De tanto ouvir de algumas senhoras que “tempo bom era o de antigamente, que tinha Dramas, São João na Roça e Reisado”, o professor da rede municipal e estadual, Luciano Acciole, encabeça a tarefa de ressuscitar os grupos citados.

Desde então, o Reisado São José não parou mais. Iniciou sua formação com senhoras, muitas delas já aposentadas, que tiveram no grupo a oportunidade de revisitar o passado e de certa forma viver o que não puderam na sua juventude, pois se casaram muito jovens. Minha vó Edelvita não voltou a dançar no novo grupo, mas sua irmã Maria Barreto, outras colegas dela da época áurea e duas das suas filhas (Maria Angélica e Marilene Moura) estavam entre as figuras. A primeira Dona do Baile ou Dona Deusa foi a Mestra Marilene Moura, que permanece em atividade, e seu primeiro Caboclo ou Mateus foi o meu saudoso tio José Lima, que aprendeu

a conduzir a brincadeira com seu tio Juarez, que cumpria a mesma função no último reisado em atividade antes deste.



Fig. 9: Meu tio José Lima como o Mateus do Reisado de São José. Ao fundo, minha tia-avó Maria Barreto e minha tia Maria Angélica

Fonte: Arquivo de Maria Barreto, 2000.

Descrição: A foto, colorida e um pouco escura, registra uma apresentação de Reisado.

No centro-esquerda, José Lima (o personagem Mateus). Ele usa um chapéu cônico alto e colorido e canta no microfone. Atrás dele, Maria Barreto usa um vestido dourado e uma coroa. Ao fundo, há outras pessoas.

O ambiente está escuro, com sombras do público ao redor, mostrando a energia da festa.

Por meio de prêmios de incentivo federais, estaduais e municipais, o grupo mantém sua indumentária cheia de cores, fitas e brilho, e se apresenta em Festivais de Artes locais, em eventos na capital de Sergipe, demais cidades, inclusive na Bahia. E, apesar de originalmente ser uma manifestação popular do período natalino que vai até o Dia de Reis, o grupo se apresenta em qualquer época do ano, bastando somente ser contatado.

Estar num grupo como esse, garante aos seus componentes não só momentos de diversão, mas também de viajar, conhecer lugares novos, ter experiências incríveis. Levar a cultura, a alegria, extrair sorrisos, conquistar aplausos são as maiores recompensas pelo trabalho realizado.



Fig. 10: Marilene Moura, minha tia, a Dona Deusa do Reisado São José desde seu resgate.

Fonte: Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/451204456389714172/>, acesso em: 20 jul. 2025.

Descrição: A foto mostra uma mulher sorrindo em traje festivo, com muitas fitas coloridas. Ao seu lado direito, bandeira dividida entre as cores vermelha e verde) que exibem juntas o texto "REISADO DE SÃO JOSÉ JAP/SE". A cena é vibrante e acontece durante uma festa de dia. Ao fundo o colorido dos trajes dos demais participantes.

Hoje, o Reisado de São José está em plena atividade e conta com uma geração de jovens adolescentes recém-integradas ao grupo, pois algumas figuras, mulheres, já estão em idade avançada ou enfrentam problemas de saúde que as impedem de acompanhar as apresentações. Recentemente, perdemos Vera e Ana, duas das brincantes de meia-idade, que faleceram por motivo de doença.

4.2.2.1. Pisando de verdade: memória, ancestralidade e minha vivência no Reisado São José

Hampâtê Bâ (1981) nos lembra que ninguém vive sozinho. Estamos todos, de alguma forma, conectados mutuamente, e essa conexão é o que realmente nos define. Ele fala de uma grande rede na qual cada pessoa é um fio que, junto aos outros, cria a comunidade. As regras que seguimos e os modos de viver não são apenas aprendidos de forma formal, mas passados de boca a boca, por meio das experiências vividas, ao longo das gerações. Essas normas, carregadas de histórias e sentimentos, são testadas e reforçadas no nosso dia a dia.

Isso nos faz refletir sobre o valor de manter vivas as tradições da nossa família, da nossa cultura. É nelas que encontramos as lições mais profundas sobre como viver juntos, como respeitar as diferenças, e, principalmente, como sermos quem somos. Preservar essas tradições não é simplesmente olhar para o passado, mas é garantir que o que de mais precioso foi aprendido ao longo dos anos e continue sendo passado adiante, conectando as gerações e tornando a nossa comunidade mais forte. Afinal, é na convivência, no respeito ao que veio antes, que encontramos a força para construir, juntos, um futuro mais unido e acolhedor.

É por meio dessa citação de Hampâtê Bâ (1981) que começo a relatar minha história com o Reisado. Em 2008, ganhei meu primeiro vestido e, desde então, faço parte do cordão encarnado (vermelho) do Reisado São José. Na minha estreia, minha vó Edelvita estava na plateia. Antes da apresentação ela disse que iria assistir “pra ver se eu pisava de verdade”. Se eu já estava nervosa, ao avistá-la na plateia, tremi mais ainda. Após a apresentação do Reisado de São José, no CAATINGART (festival de artes do povoado São José, no qual resido), fui falar com ela, que disse que eu estava aprovada. Aquilo, para mim, foi a resposta de que eu precisava para continuar naquele grupo. Hoje, minha sobrinha Ana Luiza (brincante do Reisado Encanto de Fitas), Victor Gabriel, Rafaela Maria e eu, honramos a descendência dos nossos antepassados Honorina e Luiz nos reisados locais. A Dona Deusa atual do Reisado São José é minha tia Marilene, filha dos meus avós maternos. Nós duas somos as únicas descendentes do casal Edelvita e Ivo a participarem do grupo.



Fig. 11: Genealogia da Tradição

Fonte: Elaboração própria, 2026.

Descrição: A imagem é um diagrama com quadrados que compõem a genealogia familiar com os nomes de cada pessoa envolvida no Reisado desde Luiz no início do século XX, perpassando pelos Reisado de João Basílio (início do século XX), Reisado de São José (2000) e Reisado da Missão (2023) até chegar ao Reisado Encanto de Fitas (2024).

Onze mulheres e seis homens figuram no protagonismo dessa genealogia da tradição familiar em Japaratuba. É possível observar uma estrutura matrilinear que nos aproxima de grupos de manifestações culturais africanas como a etnia pepel em Guiné Bissau. Os Pepel foram os primeiros habitantes da ilha de Bissau e organizam-se sob um regime matriarcal, no qual o direito à sucessão (inclusive ao trono) é atribuído ao filho da irmã mais velha, ou seja, ao sobrinho. Entre essa etnia, destaca-se o ritual do *Katandera*, prática singular no contexto guineense, centrada na atuação das mulheres como mediadoras espirituais. A etnia Pepel constitui uma das expressões culturais da Guiné-Bissau, com identidade própria representada por sua língua, simbolismos e manifestações culturais – como danças, vestimentas e rituais fúnebres – que intensificam o diálogo entre o mundo dos vivos e o plano espiritual (Có, 2019).

Ambas as tradições envolvem rituais que marcam transições (como funerais, homenagens e celebrações) e que reforçam o vínculo entre os vivos e os mortos. No Reisado, a

morte e ressurreição simbólica do boi representam a passagem entre mundos e tempos, tal como os rituais fúnebres Pepel elevam o diálogo entre o humano e a alma.

Fazer parte do reisado é algo que me emociona bastante. Os tempos de hoje não são como os de outrora e ele sobrevive dos cachês e projetos culturais. O Reisado São José é formado, em sua maioria, por senhoras idosas que encontram no grupo uma forma de divertir-se. Dói muito quando alguma delas precisa parar por conta dos problemas de saúde ou falece.

4.2.3 Reisado da Missão

Em 2023, quando começamos as atividades integradoras com as turmas de segunda série do Novo Ensino Médio do Centro de Excelência Senador Gonçalo Rollemberg, em Japaratuba SE, tivemos uma oportunidade única de mergulhar fundo na trilha interdisciplinar “Cultura em movimento: diferentes formas de narrar a experiência humana”. Como professora responsável pela atividade integradora “Tradições Culturais”, percebi que estava diante de um grande desafio, mas também de uma chance incrível de resgatar e dar visibilidade às manifestações culturais que são o coração do nosso município. Entre essas manifestações, abordamos a Taieira, a Chegança, o Maracatu (que, infelizmente, não estão mais ativos hoje), o Cacumbi, a Quadrilha Junina, o Pastoril, o Reisado e tantas outras expressões que formam o rico patrimônio cultural da nossa região.

Esse trabalho revisitou uma ideia poderosa que uniu aprendizado, cultura e a vivência prática dos alunos de uma maneira inesquecível. Durante a gincana anual da escola, as turmas foram divididas em três equipes, cada uma representando uma manifestação cultural distinta: Cacumbi, Maracatu e Reisado. Uma das provas da gincana foi a criação de uma apresentação sobre a manifestação cultural que cada equipe representava. E foi aí que, por um acaso, a equipe que eu estava orientando escolheu o Reisado. Naquele momento, ninguém imaginava que esse folguedo tradicional, que já não era mais tão praticado entre os jovens da nossa região, ganharia tanta força e significância.

O que aconteceu depois foi algo muito além de simples curiosidade. Durante a preparação para a gincana, os alunos se envolveram profundamente com o Reisado. A magia dessa tradição cultural tocou seus corações de forma tão intensa que eles se sentiram motivados a não apenas aprender e cumprir a tarefa, mas a manter viva essa manifestação, que é parte da nossa história. Após a primeira apresentação na gincana, no dia 02 de junho de 2023, o grupo de Reisado que se formou recebeu o nome de “Reisado da Missão”. Esse nome não é apenas uma escolha simbólica, ele carrega consigo a essência da nossa tradição e a responsabilidade

de perpetuar e preservar essa prática cultural tão importante para a identidade de nossa comunidade. A partir desse momento, o Reisado da Missão recebeu o apoio da equipe diretiva da escola e passou a contar com minha orientação e coordenação, juntamente com a professora Zeilde Ferreira.

O mais emocionante dessa jornada é que o Reisado da Missão não se limitou a ser uma atividade pontual. Ele foi além, se fortaleceu e está há quase três anos em atividade. Durante esse tempo, o grupo foi reconhecido e contemplado com a Lei Paulo Gustavo (2023), no edital municipal “Impacto Social” e, em 2025, na Lei Aldir Blanc no edital de chamamento público nº 02/2025 de premiação para agentes culturais das culturas tradicionais e populares PNAB (Lei nº 14.399/2022). Esse reconhecimento foi muito mais do que uma vitória, foi uma demonstração de que a cultura tem um poder transformador, capaz de unir pessoas, renovar tradições e criar um forte senso de pertencimento e responsabilidade entre os jovens.

Manter a cultura viva é, sem dúvida, um ato de protagonismo. Cada passo dado para preservar e fortalecer essas manifestações é uma forma de devolver às novas gerações aquilo que é delas por direito: o acesso às raízes culturais que nos formam enquanto sociedade. O Reisado da Missão é uma verdadeira prova de como a juventude não apenas pode, mas deve tomar para si a responsabilidade de manter viva nossa cultura. Quando os alunos entram em contato com o Reisado, não é só sobre aprender os passos de uma dança ou saber a história de uma tradição. É muito mais profundo que isso. Eles, de algum jeito, estão resgatando e fortalecendo aquilo que nos une, nossas raízes culturais. Ao se dedicarem ao Reisado, os discentes começam a entender a importância de manter viva essa parte de nossa identidade, algo que sempre esteve presente em nossa comunidade. O mais bonito disso tudo é que, ao se entregarem com tanto carinho a essa prática, eles não se tornam apenas aprendizes, eles se tornam, de fato, protagonistas dessa história. Eles não estão apenas guardando algo do passado, mas se empenhando para que essa tradição siga viva e tenha um papel importante também no futuro. O Reisado, então, deixa de ser uma simples memória de outros tempos e se transforma em uma ponte, conectando tudo o que vivemos ao que podemos construir para as gerações seguintes. Ele carrega consigo não só o que vivemos, mas também o que podemos ser. E é nesse processo que está a verdadeira magia: cada aluno passa a ser um guardião dessa cultura, alguém que assume a responsabilidade de fazer com que as próximas gerações também possam vivenciar e se encantar com a riqueza e a força dessa tradição.

O trabalho com o Reisado da Missão vai além de ensinar apenas uma dança ou um movimento de folguedo. Ele é, na verdade, um convite para que cada aluno se torne um verdadeiro guardião da nossa cultura, aquela que, ao longo das gerações, vai se transformando,

mas sem perder sua essência. Esse grupo não é apenas um reflexo do que já foi, mas sim uma ponte que liga o nosso presente ao futuro. O Reisado carrega uma responsabilidade gigantesca: a de manter nossas tradições vivas, mantendo-as significativas e relevantes para as gerações que virão.



Fig. 12: Componentes do Reisado da Missão. Apresentação na Feira do Protagonismo, do Centro de Excelência Senador Gonçalo Rollemberg.

Fonte: Arquivo próprio, 2024.

Descrição: Foto colorida de um grupo de 15 pessoas, a maioria jovens, posando em um pátio com o chão molhado. Eles vestem trajes de reisado: vestidos e chapéus verdes à esquerda, e vermelhos à direita, todos adornados com fitas coloridas. Uma pessoa no centro se destaca com uma fantasia com estampa e chapéu de cone. Ao seu lado está a mestra do grupo, trajando calça azul e farda escolar.

Ao cuidar de nossa cultura, não estamos apenas preservando o passado, mas celebrando com toda nossa energia e gratidão a riqueza do que somos e do que podemos deixar. Cada passo que damos no Reisado da Missão é uma afirmação de que, mais do que guardar tradições, estamos permitindo que elas cresçam e ganhem novos significados. E isso é feito com um orgulho enorme, pois, mais do que nunca, compreendemos que nossa cultura é aquilo que nos une e nos fortalece como comunidade. Ao olharmos para ela, vemos o poder de criar uma história nova, de enraizar o futuro em tudo aquilo que somos.

4.2.4 Reisado Encanto de Fitas

No dia 10 de dezembro de 2024, nasceu mais uma ação voltada para o fortalecimento da cultura em nosso município: o Reisado Encanto de Fitas. Esse grupo é fruto da parceria entre a Rede Solidária de Mulheres, a Ação Social Professora Elisabeth e o Ponto de Cultura Caatingart.

A ideia surgiu a partir de uma provocação da Rede de Mulheres e sugerida a formação desse grupo por Marilene Moura, para consolidar e fortalecer ainda mais o Reisado São José, um grupo adulto resgatado no início dos anos 2000, como já relatado anteriormente. Para tornar esse sonho realidade, Marilene contou com o apoio inestimável da professora Josilene e das brincantes Vilma e Enildes, que não pouparam esforços nessa caminhada.

As oficinas de Reisado aconteceram entre os meses de setembro e outubro de 2024 e foram conduzidas por grandes referências dessa tradição: a Mestra Marilene, a Mestra Vilma, Guilherme, atual Mateus do Reisado São José, e por mim. O resultado desse trabalho é o nascimento do Reisado Encanto de Fitas, um grupo que chega para valorizar e reafirmar nossas raízes culturais.

Acompanhado pelo Trio do Bispo, o Reisado Encanto de Fitas é formado por 15 meninas, organizadas nos tradicionais cordões verde e encarnado, além do Caboclo, figuras centrais desse folguedo. Todos os integrantes são estudantes das escolas municipais de Japaratuba, o que torna essa iniciativa ainda mais especial, pois coloca a juventude no centro da preservação dessa tradição.

E esse movimento não está sozinho. O Encanto de Fitas se une a outras importantes iniciativas surgidas nos últimos dois anos em nosso município, como o Reisado da Missão e o Cacumbi Emiliano (sediado na Escola Municipal Professor Emiliano Nunes de Moura), ambos formados por crianças e adolescentes.

Estamos plantando sementes. Em pleno 2026, ver essa nova geração se envolvendo e assumindo o compromisso de manter viva a cultura nos dá esperança. Esperança de que, por muitos anos ainda, a zabumba continuará a ecoar, os passos seguirão marcando o compasso da tradição e o Reisado seguirá encantando corações.

5. ENSINO DE HISTÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL NA CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS PARA O RECURSO EDUCACIONAL ABERTO (REA)

Antes de detalhar os resultados e o plano de redação referentes à aplicação do REA, apresento a caracterização do Centro de Excelência onde houve a realização da proposta. Tal contextualização é fundamental para compreender as dinâmicas sociais e pedagógicas que envolveram a prática educacional.

O estabelecimento de ensino é uma entidade governamental de Sergipe, situada na Diretoria Regional de Ensino 04 (DRE' 04), oferecendo o Ensino Fundamental Maior (do 8º ao 9º ano), Ensino Médio em Tempo Integral. Em 2026, 405 estudantes estão matriculados e seu quadro docente atual é formado por 13 professores efetivos e 12 contratados. Os responsáveis pela matéria de ensino de História e outras a ela associadas são 02 docentes. A escola é destacada por suas conquistas, como o prêmio Escola Destaque Zizinha Guimarães²⁷, refletindo o sucesso em suas modalidades de ensino.

Majoritariamente, os alunos possuem uma situação socioeconômica que compreende um quadro de baixa renda, com seus responsáveis diretos atuando na atividade rural, funcionalismo público, segmento de serviços autônomos, dentre outras. A clientela é de alunos da sede do município e dos seus povoados.

O Centro de Excelência Senador Gonçalo Rollemberg (fig. 13), está localizado na Praça Caio Tavares, nº 78, bairro Centro, na sede do município de Japaratuba.



Fig. 13: Fachada do Centro de Excelência Senador Gonçalo Rollemberg, Japaratuba/SE
Fonte: Foto autoral, 2024.

²⁷ O prêmio é uma homenagem à Dona Eufrozina Amélia Guimarães, conhecida como “Zizinha Guimarães” (1872–1964), nascida em Laranjeiras (SE), que superou diversas limitações impostas por sua condição de mulher negra e de origem humilde e exerceu papel decisivo no desenvolvimento educacional de sua cidade (Santana, 2010). O prêmio reconhece 30 escolas do Ensino Fundamental que tiveram o melhor desempenho ao longo do ano e é considerada a maior premiação da rede pública sergipana.

Descrição: A imagem é uma fotografia horizontal em um dia claro, mostrando a fachada de um prédio, provavelmente, uma escola ou centro público, vista do outro lado de uma rua asfaltada.

Primeiro Plano: Uma faixa de pedestres branca e larga domina a parte inferior da imagem, atravessando a rua escura. Um carro SUV preto está estacionado à esquerda, paralelo à calçada, e parte de um carro prateado é visível à direita. O edifício possui uma entrada proeminente com pilares largos de tijolos vermelhos que emolduram um portão de ferro vazado. Há uma placa com o nome da instituição acima do portão e um pequeno símbolo redondo azul e vermelho acima da entrada. A parede do prédio, tanto à esquerda quanto à direita da entrada, tem uma base branca com murais coloridos, contendo pinturas das diversas manifestações culturais locais. Duas árvores grandes de folhagem verde e densa ladeiam a cena.

O céu é azul claro com nuvens brancas. Postes e fios aéreos cortam o topo da imagem.

A cena sugere um ambiente urbano tranquilo em Japaratuba, Sergipe, durante o dia.

A fachada do edifício não apenas sofreu transformações estéticas, mas também se tornou um verdadeiro retrato vivo da cultura local. Atualmente, suas cores vibrantes e pinturas são um reflexo da riqueza das manifestações culturais que fazem parte da identidade do município.

Internamente, as salas de aula e a diretoria (fig. 14) também foram integradas ao conceito cultural do espaço. Cada uma delas recebeu denominações e gravuras que prestam homenagem aos filhos ilustres da cidade, personalidades que se sobressaíram em diversas áreas, bem como a grupos culturais da região, reforçando o sentimento de pertença e identidade local. Além disso, as pinturas nas paredes atuam como um meio de educação artística, proporcionando aos estudantes e visitantes uma interação contínua com os componentes que formam nossa história e as tradições culturais.



Fig. 14: Diretoria Arthur Bispo do Rosário, Sala Cacumbi, Sala Maracatu, Sala Maculelê, Sala Reisado e Sala Teatro. Centro de Excelência Senador Gonçalves Rollemberg, Japaratuba/SE
Fonte: Foto autoral, 2024.

Descrição: A imagem é uma colagem de seis fotografias dispostas em duas fileiras de três, mostrando murais coloridos pintados nas paredes acima das portas de um corredor interno.

Os murais são vibrantes e usam principalmente as cores azul, verde, amarelo, vermelho e laranja. A maioria das portas tem o nome da sala pintado em preto, como "Arthur Bispo", "Sala: Cacumbi" ou similar.

Painel Superior Esquerdo: Apresenta desenhos de um barco com bandeirolas, a roda da fortuna, ambos lembram as obras do artista Arthur Bispo do Rosário, e um beija-flor.

Painel Superior Direito: Mostra o desenho estilizado de chapéu de cacumbi e suas longas fitas.

Painel Central Esquerdo: Ilustra Maria de Souza Campos (Dona), educadora e idealizadora do Maracatu Nação do Pavão Dourado, com seu pandeiro.

Painel Central Direito: Contém silhuetas de pessoas dançando Maculelê, pintadas de preto, ao lado de um grande "X" amarelo formado pelos bastões da brincadeira.

Painel Inferior Esquerdo: Apresenta um desenho lúdico do Reisado de um mestre ladeado pelo seu boi, cercado por fitas e flores.

Painel Inferior Direito: Foca em traços abstratos e ondulados nas cores laranja, azul e amarelo que se estendem pela parede e máscaras que indicam a comédia e a tragédia do teatro.

As ilustrações sugerem temas culturais e educativos, típicos de um ambiente escolar.

Esse espaço vai além do seu emprego educacional funcionando, também, como um museu visual das tradições e manifestações populares que moldaram a história e o caráter do município.

5.1. A relação do Patrimônio Cultural Imaterial local com o currículo escolar

No dia 17 de outubro de 2003, a Organização das Nações Unidas para a Educação para a Ciência e a Cultura (Unesco) realizou uma conferência muito importante, para chamar a atenção da necessidade de cuidar e proteger o Patrimônio Cultural Imaterial. Ela apresentou a ideia de patrimônio cultural imaterial, que engloba:

as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural (Unesco, 2003).

A Unesco (2003) nos lembra que o patrimônio cultural imaterial está sempre mudando, se adaptando e ganhando novos significados. Cada geração conta e vive as tradições de um novo jeito. Isso acontece porque não só as pessoas mudam, mas também os lugares mudam e a forma de se relacionar com o mundo se altera também. E é exatamente isso que mantém a cultura viva. Mais do que simplesmente guardar tradições antigas do jeito que sempre foram, o mais bonito do patrimônio cultural é ver como ele continua vivo, presente no dia a dia das pessoas. Ele se adapta, se mistura com o presente e segue fazendo parte da identidade de cada comunidade. Preservar nosso patrimônio cultural não se resume a preservar objetos antigos ou manter tradições cristalizadas no tempo, uma vez que a cultura é dinâmica. O essencial é preservar a lembrança, o sentimento, a maneira de criar e narrar histórias que se perpetuam de geração em geração. Isso nos faz sentir integrados a algo, nos faz reconhecer nossas raízes e, simultaneamente, perceber a beleza na história do outro.

O patrimônio cultural é composto primordialmente por pessoas, recordações e sentimentos. Ele se transforma, adquire novas formas, e isso não é incomum, pois a cultura viva é assim: se ajusta ao tempo, às pessoas, às novas realidades, sem perder a essência, sem perder o que nos faz dizer “isso aqui tem a ver comigo”. Portanto, a preservação do nosso patrimônio não se resume a olhar para o passado com nostalgia, mas também a tratá-lo no presente,

proporcionando espaço para que ele persista, se renove e se integre à vida das pessoas, hoje, amanhã e para sempre. E é justamente essa diversidade, essa riqueza de cada povo, que merece ser respeitada, valorizada e celebrada.

Segundo Zanirato (2018),

O patrimônio (...) não é algo natural, nem eterno, nem estático. Essa significação foi produzida paulatinamente na configuração dos Estados modernos, ao defender a existência de uma herança pública a ser preservada para o futuro (Zanirato, 2018, p. 10).

O patrimônio cultural não se limita a existir por si só, como se fosse um elemento imutável no tempo. A concepção de patrimônio que hoje conhecemos não surgiu do nada. Na realidade, ela foi formada gradualmente ao longo da história, à medida que cada sociedade selecionou o que considerou relevante preservar e registrar. Conforme explicado por Zanirato (2018), o conceito de patrimônio se fortaleceu à proporção que os países modernos se consolidaram. Neste processo, tradições, hábitos, objetos e narrativas resultam na identidade percebida como elementos cruciais de uma comunidade, itens importantes que devem ser conservados e transmitidos às gerações futuras. Isso mostra que o patrimônio não é algo parado ou imutável. Na verdade, ele acompanha as mudanças da sociedade e reflete aquilo que cada época e cada grupo consideram importante manter vivo.

Pelegrini e Funari (2008) defendem que “a cultura não é algo dado, uma simples herança que se pode transmitir de geração a geração. Ela é uma produção histórica, como parte das relações entre grupos sociais”.

Zanirato (2018), Pelegrini e Funari (2008) enfatizam que o patrimônio cultural não é algo estático ou inalterável, mas sim uma construção histórica em contínua evolução. Zanirato (2018) enfatizou que o patrimônio não tem origem natural ou eterna, mas é uma construção que se solidificou com a criação dos Estados Modernos. Funari e Pelegrini (2008), além das questões políticas e sócio-históricas, abordam a perspectiva humanista ao afirmar que a cultura não é meramente transmitida como uma herança passiva, ela se reconstrói constantemente a partir das interações entre os grupos.

Esse olhar nos leva a pensar sobre como as coletividades são fundamentais para manter viva e transformar suas tradições. O patrimônio cultural não se resume a ser um mero arquivo de tempos idos; ele é um organismo pulsante, esculpido pelas vivências, obstáculos e transformações que surgem com o passar do tempo. Portanto, devemos nos certificar de que essa chama continue acesa, não se tornem somente recordações, e precisamos compreender a

cultura como um verdadeiro carrossel em movimento no qual cada nova geração possui uma chave para reinventá-la e moldá-la à sua realidade

Quando os adolescentes se sentem motivados a preservar a cultura de sua comunidade, algo muito especial acontece: eles não ficam apenas como observadores, mas começam a se envolver, a se engajar de forma ativa. A cultura deixa de ser algo distante e se torna parte deles. No entanto, para que essa chama se mantenha acesa, é essencial que haja apoio e incentivo. É como uma faísca de interesse que, se bem alimentada, pode se transformar em algo grandioso, que valorize e reverencie as tradições locais. Percebemos como, ao se envolverem com essas tradições, os jovens se tornam responsáveis por algo muito maior do que apenas preservar. Eles estão ajudando a construir uma identidade cultural que vai resistir ao tempo, se adaptando, mas sem perder suas raízes. Isso não só fortalece a cultura em si, mas também dá aos jovens a oportunidade de se conectar com suas origens de uma forma mais profunda. Como bem destaca Pelegrini (2009, p. 98)

(...) o planejamento das atividades didáticas dedicadas à introdução da temática do patrimônio pode alcançar objetivos mais amplos, como mobilizar os estudantes, os educadores e as comunidades em geral. A retomada de seus valores étnicos ou religiosos estimulará a sua autoestima, além do respeito à diversidade natural e à pluralidade cultural (Pelegrini, 2009, p. 98).

Familiarizar-se com esse tipo de abordagem no campo do conhecimento e vivenciar experiências que promovem a autoestima são fundamentais para que os jovens descubram o prazer de resgatar suas próprias histórias, assim como as memórias de familiares e pessoas próximas. Segundo Pelegrini (2009), esse processo, de alguma forma, molda as identidades dos indivíduos e se perpetua por meio do patrimônio coletivo e individual.

Quando a ação pedagógica de uma escola foca no patrimônio local, indo além do ensino teórico, tradicional e dos livros, um espaço de valorização de manifestações culturais vai se formando. Essa ação não somente reconhecerá a importância destas, mas, fará com que toda a comunidade escolar exerça ativamente sua cidadania. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (Brasil, 2015) destacam a importância de uma escola se empenhar na formação de cidadãos conscientes e envolvidos na participação e preservação dos bens patrimoniais.

Considerando as competências e habilidades propostas pelos PCN para o Ensino Médio (quadro 1), a integração do Reisado ao currículo de História transcende a mera celebração do ciclo natalino, consolidando-se como um eixo de história cultural e ancestral essencial à formação do aluno.

Em 2026, sob a ótica dos PCNs, essa proposta articula-se da seguinte forma:

Quadro 1: Competências e habilidades dos PCNs a serem desenvolvidas em História correlacionando-as ao Reisado Formativo

Competência	Habilidades	Analogia com o Reisado
Representação e comunicação	Criticar, analisar e interpretar fontes documentais de natureza diversa, reconhecendo o papel das diferentes linguagens, dos diferentes agentes sociais e dos diferentes contextos envolvidos em sua produção.	O aluno deixa de aceitar o Reisado como algo "dado" e passa a entendê-lo como um documento histórico em constante disputa e transformação no qual ele também é um intérprete ativo.
	Produzir textos analíticos e interpretativos sobre os processos históricos, a partir das categorias e procedimentos próprios do discurso historiográfico.	Ao produzir esse tipo de texto, o aluno desenvolve o letramento histórico. Ele aprende que escrever história não é apenas narrar fatos, mas interpretar processos, passa a ver o Reisado como um sistema complexo de significados que exige uma linguagem técnica e analítica para ser compreendido em sua totalidade.
Investigação e compreensão	Relativizar as diversas concepções de tempo e as diversas formas de periodização do tempo cronológico, reconhecendo-as como construções culturais e históricas.	O tempo não é apenas o que o relógio mostra. Existe o tempo do sagrado, o tempo da memória e o tempo da tecnologia. Ao relativizar essas concepções, o aluno percebe que cada cultura "inventa" sua forma de medir a vida, e o Reisado é a prova de que o passado pode estar vivo no agora.
	Estabelecer relações entre continuidade/permanência e ruptura/transformação nos processos históricos.	O Reisado só é "tradicional" hoje porque teve a coragem de mudar ontem. A história é esse equilíbrio constante entre o que guardamos no baú e o que reinventamos na dança.
	Construir a identidade pessoal e social na dimensão histórica, a partir do reconhecimento do papel do indivíduo nos processos históricos simultaneamente como sujeito e como produto dos mesmos.	"Você é o Reisado que recebeu dos seus avós (Produto), mas o Reisado do futuro só existirá se você decidir como ele será apresentado hoje (Sujeito)." Ao construir essa identidade, o aluno compreende que sua vida pessoal e a história social de seu povo são fios de uma mesma corda: ele é moldado pela cultura, mas é ele quem segura a ponta da corda para continuar o baile.
	Atuar sobre os processos de construção da memória social, partindo da crítica dos diversos "lugares de memória" socialmente instituídos.	Sem suportes tecnológicos ou físicos, o Reisado reside no corpo e na ação humana. Ensinar essa habilidade é mostrar que a memória social é uma chama que precisa ser alimentada no presente para iluminar o passado. O aluno aprende que o gesto de "brincar" o Reisado

		hoje é o ato político e cultural de escrever a história do amanhã.
Contextualização sociocultural	• Situar as diversas produções da cultura – as linguagens, as artes, a filosofia, a religião, as ciências, as tecnologias e outras manifestações sociais – nos contextos históricos de sua constituição e significação.	Ao vivenciar o Reisado Formativo, o aluno não está apenas participando de uma manifestação cultural; ele está situando a identidade do seu povo no mapa da história humana. Ele atua como uma ponte que conecta o saber ancestral às ciências e linguagens contemporâneas
	• Situar os momentos históricos nos diversos ritmos da duração e nas relações de sucessão e/ou de simultaneidade.	Ao aplicar essa habilidade, o aluno compreende que o Reisado não é uma "coisa velha", mas uma manifestação que opera em múltiplas temporalidades. Ele aprende a situar o momento histórico como uma sucessão necessária para manter viva a longa duração da cultura, reconhecendo que diferentes ritmos históricos acontecem simultaneamente dentro de uma única apresentação de Reisado.
	• Comparar problemáticas atuais e de outros momentos históricos.	Ao comparar essas problemáticas, o aluno percebe que o Reisado não está isolado; ele é um reflexo das tensões, lutas e valores de cada época. Sem depender de suportes externos, o próprio Reisado revela que, embora os desafios sociais, econômicos e políticos mudem, a capacidade humana de criar cultura para respondê-los é uma continuidade histórica.
	• Posicionar-se diante de fatos presentes a partir da interpretação de suas relações com o passado.	Interpretar o passado serve para você não ser levado por qualquer vento no presente. Ao entender de onde o Reisado veio, você ganha autoridade para decidir para onde ele vai.

Fonte: Elaboração própria com dados do PCN (Brasil, 2015, p. 28), 2026.

A associação entre as competências do Ensino Médio e o Reisado garante que a história não seja vista como algo estático ou distante. Ela se torna uma ferramenta de emancipação na qual o saber ancestral é o alicerce para que o jovem compreenda as transformações da sociedade e atue como protagonista na construção da memória e do patrimônio de seu povo.

Como ressaltaram Áurea Pinheiro, Cássia Moura e Francisca Márcia Souza (2012, p. 96) memória e patrimônio são continuamente reelaborados, pois, a cultura, assim como a economia, a sociedade e a política, está em permanente transformação. O patrimônio é atravessado por múltiplas temporalidades e por interesses, disputas e antagonismos produzidos

por diferentes sujeitos, marcados por deslocamentos e descontinuidades no jogo dinâmico das identidades. O foco do patrimônio não é o passado em si, mas a história e as memórias atualizadas no presente; sua salvaguarda não imobiliza o tempo, que se modifica, assim como se alteram os sentidos que a sociedade atribui aos bens culturais.

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018) almeja que os alunos aprendam a valorizar e a se encantar com as mais diferentes formas de arte e cultura. E não só aquelas que estão longe, em outros países, mas as que fazem parte da sua própria história, da sua comunidade, do seu dia a dia. Mais do que conhecer, a ideia é que os estudantes participem mesmo, que cantem, dançam, contem histórias, criem coisas novas, experimentem e vivam a cultura de um jeito ativo e verdadeiro.

Considerando as competências específicas que o componente curricular de História deve garantir aos alunos no desenvolvimento de seu aprendizado, a associação destas à proposta do ensino do Reisado (quadro 2) incorpora a história cultural e ancestral como parte significativa formativa no percurso escolar.

Quadro 2: Competências do Ensino de História e Reisado formativo, à luz da BNCC.

Competência	Analogia com o Reisado
1. Reconhecer que diferentes sujeitos possuem percepções diferenciadas da realidade, estejam eles inseridos no mesmo tempo e espaço ou em tempos e espaços diferentes.	O Reisado de Japaratuba, em Sergipe, não é visto da mesma forma por todos. Para alguns, é memória viva da fé e da tradição; para outros, é espetáculo artístico ou patrimônio turístico. No espaço da sala de aula, compreender essas múltiplas leituras é como observar o mesmo espelho sob diferentes ângulos: cada perspectiva acrescenta brilho e profundidade à compreensão histórica e cultural, tornando o Reisado não apenas uma manifestação folclórica, mas um ponto de encontro entre tempos, espaços e olhares diversos.
2. Selecionar e descrever registros de memória produzidos em diferentes tempos e espaços, bem como diferentes linguagens, reconhecendo e valorizando seus significados em suas culturas de origem.	O olhar para o Reisado de Japaratuba, em Sergipe, remonta à elaboração de um mosaico: os cantos, as danças, os figurinos e os relatos orais são fragmentos que, juntos, revelam a riqueza da tradição. Reconhecer e valorizar esses registros em suas linguagens originais é dar vida ao mosaico completo, permitindo que os estudantes percebam como o Reisado é não apenas uma festa popular, mas também um patrimônio que guarda memórias coletivas e identidades culturais.
3. Estabelecer relações entre sujeitos e entre sujeitos e objetos, e seus significados em diferentes contextos, sociedades e épocas.	O Reisado de Japaratuba, em Sergipe, pode ser observado como uma teia: os brincantes, os instrumentos, os figurinos e os espectadores se entrelaçam, produzindo significados que vão da devoção religiosa à afirmação identitária e cultural. Reconhecer essas conexões é compreender que o Reisado não é apenas uma

	feita, mas um ponto de encontro entre sujeitos e objetos que carregam memórias e valores, ressignificados em cada época e contexto.
4. Colocar em sequência, no tempo e no espaço, acontecimentos históricos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como criticar os significados das lógicas de organização cronológica.	Como em uma linha do tempo a festa do Reisado atravessa séculos, mantendo tradições religiosas e comunitárias, mas também se transforma diante de novos contextos sociais e culturais. Ao analisar sua trajetória, o estudante percebe que a cronologia não é neutra, mas uma forma de atribuir sentidos às permanências e mudanças que fazem do Reisado um patrimônio vivo.
5. Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito	Na roda ancestral, os documentos, as memórias e os símbolos da festa são pontos de partida para perguntas, debates e hipóteses que revelam diferentes sentidos. A empatia e cooperação nesse processo abraça o Reisado não apenas como uma manifestação cultural, mas um espaço vivo de negociação de identidades, valores e significados ao longo do tempo.
6. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.	No caleidoscópio do Reisado de Japaratuba, em Sergipe, há quem o veja como devoção religiosa, quem o interprete como resistência cultural, e quem o valorize como espetáculo artístico. Posicionar-se criticamente diante dessas visões, com base em princípios éticos democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários, é reconhecer que o Reisado não é apenas uma festa popular, mas um espaço plural de significados em que diferentes olhares se encontram e se respeitam.
7. Descrever, comparar e analisar processos históricos e mecanismos de ruptura e transformação social, política, econômica e cultural.	No fluxo do rio que é o Reisado de Japaratuba, em Sergipe, a festa mantém raízes religiosas e comunitárias, mas também se adapta às novas demandas culturais e sociais. Ao analisar essas permanências e mudanças, o estudante percebe que o Reisado não é apenas uma manifestação cultural, mas um processo histórico vivo, que revela tanto a força da tradição quanto a capacidade de transformação da sociedade, da mesma forma que as águas se movimentam, guardam e alimentam seres vivos.
8. Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.	O Reisado de Japaratuba em Sergipe atua como uma ponte sobre a qual a festa traz os deslocamentos de populações, as trocas culturais e os bens simbólicos que circularam ao longo dos séculos. Os movimentos do Reisado não são apenas de uma celebração local, mas de um elo vivo entre trajetórias humanas e culturais que se encontram e se reinventam no tempo e no espaço.
9. Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos próprios à produção do conhecimento historiográfico.	O Reisado de Japaratuba, em Sergipe, é um processo em que os registros, as narrativas e as memórias não são neutras, mas construídos a partir de diferentes perspectivas. Questionar e refletir sobre esses procedimentos permite perceber que o Reisado não é apenas uma tradição popular, mas também um objeto

	historiográfico que exige crítica, diálogo e consciência sobre como o conhecimento histórico é produzido e transmitido.
--	---

Fonte: Elaboração própria com dados da BNCC (Brasil, 2018, p. 352), 2025.

Quando um aluno se envolve com o patrimônio cultural do seu lugar, ele não está só ajudando a preservar memórias antigas. Ele está, na verdade, se reconhecendo como parte dessa história e construindo suas próprias memórias. Está percebendo que faz parte de algo maior, cheio de significados, e que merece ser cuidado e compartilhado com as próximas gerações. Afinal, cultura viva é aquela que a gente sente, vive e passa adiante. Ele começa a considerar sua própria trajetória refletida nessas tradições, reconhecendo-se como elo de uma corrente ancestral e entendendo a relevância de preservação dessa herança. Este envolvimento incentiva um sentimento genuíno de pertença e intensifica o respeito pela cultura em si.

Para que isso se concretize, o papel do docente vai além de simplesmente tratar do tema em sala de aula. Ele precisa inspirar, pois é ele quem dá o tom da experiência e instiga o interesse dos alunos por essas expressões culturais. É muito importante que o professor tenha um bom preparo e conhecimento para conseguir ensinar de um jeito que faça sentido na vida dos alunos. Afinal, aprender não é só decorar informações ou se machucar com histórias colonialistas, mas viver experiências que realmente marcam e ficam na memória pelo afeto, pela dignidade humana, pela alegria de ser e estar no mundo, compreendendo que:

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas podem reparar a dignidade despedaçada (Adichie, 2019, p. 32).

O ensino do patrimônio cultural deve ser uma experiência viva e afetiva, e não apenas um conteúdo escolar a ser decorado. Quando o aluno se envolve com as tradições do seu lugar, ocorre um processo de reconhecimento e pertencimento: ele deixa de ser um observador para se tornar parte da história, construindo sua identidade a partir de uma herança coletiva que ele, agora, deseja proteger e passar adiante.

Para que essa conexão ocorra, o papel do docente é crucial. O professor não deve apenas transmitir informações, mas inspirar. Ele deve ter o preparo necessário para evitar o ensino de “histórias colonialistas” que ferem a identidade e, em vez disso, criar vivências marcadas pela dignidade e pela alegria.

Chimamanda Ngozi Adichie (2019) sela essa ideia, lembrando que as histórias têm um poder político imenso: Podem ser usadas para caluniar e diminuir um povo (por meio do preconceito ou da visão única colonial), mas também podem ser usadas para humanizar e empoderar. Em resumo, o ensino da cultura ancestral é uma forma de justiça e reparação. Ao

escolher contar e viver as histórias locais com respeito e afeto, a escola ajuda a “reparar a dignidade despedaçada” de comunidades que foram historicamente silenciadas, transformando o aluno em um protagonista consciente de que sua trajetória e a de seu povo importam.

Quando o professor fala sobre patrimônio cultural de um jeito leve, claro e envolvente, ele consegue aproximar os alunos desse tema. Assim, eles passam a se sentir parte dessa história, reconhecendo que a cultura também é feita por eles, pelas suas famílias, pelo seu bairro e pela sua comunidade. Isso faz toda a diferença no processo de aprendizagem. Eles começam a apreciar mais essas tradições, hábitos e registros, e começam a considerar que tudo isso também faz parte de sua identidade. Este procedimento ultrapassa o mero aprendizado sobre o patrimônio. Esta é uma via de ligação, reconhecimento e pertença às histórias, saberes e manifestações culturais que fazem parte do dia a dia da comunidade onde vivem.

Deste modo, os estudantes se manifestam mais estimulados a se envolverem na conservação e na apreciação dessas expressões culturais, contribuindo para a preservação de um patrimônio que poderia ser esquecido ou descuidado. Isso sensibiliza seus estudantes, “integrando às suas vidas e ao seu cotidiano” (Pelegrini, 2009, p. 35).

Pelegrini e Funari (2008) destacam o papel fundamental da escola na preservação do patrimônio cultural, especialmente, em um mundo globalizado que tende a padronizar as expressões culturais. Eles mostraram que o conhecimento e as tradições que os mais velhos carregam nem sempre chegam de forma natural até os mais jovens. Muitas vezes, essa troca não acontece sozinha e, por isso, é muito importante que o governo, as escolas e a própria comunidade se unam em projetos que ajudem a preservar essas histórias, costumes e saberes populares. Dessa forma, garantimos que tudo isso continue vivo e passe de geração em geração.

Hoje em dia, esse desafio ficou ainda maior. As pessoas que nasceram após 2010 já estão inseridas no mundo tomado pela *internet*. Estão sempre conectados, seja em computadores, *tablets* ou *smartphones*. É uma geração que usa aplicativos para tudo, estudar, pagar contas, conversar etc. No meio de tanta tecnologia, as tradições culturais que não estão nesse mundo digital acabam ficando de lado. Sendo assim, é fundamental encontrar jeitos criativos e interessantes de aproximar a cultura desse universo tecnológico que faz parte do dia a dia dos jovens.

Conforme salientou Pinheiro (2015, p. 57) as interfaces entre patrimônio cultural e educação devem criar condições para que a realidade seja interpretada criticamente, para que o próprio processo de conhecer se torne objeto de reflexão, favorecendo a compreensão do mundo ao mesmo tempo estimule a consciência dos modos pelos quais esse conhecimento é construído. Assim,

atribuir sentidos aos patrimônios é compreender a nossa condição humana, compreender a diversidade de explicações, sobretudo, compreendermos uns aos outros, realizar a comunicação humana, colocar-se no lugar do outro, uma difícil tarefa em uma sociedade individualista, que não percebe a existência do outro, que o rejeita e o reduz ao nada, logo é preciso uma autoavaliação e exame. Atribuir sentidos é aceitar a incerteza, o inesperado, temos que ser fortes e não desencorajarmos diante dos desafios. Ter consciência de nossa condição planetária, de um mundo globalizado, imerso em informações velozes, que não conseguimos processar e organizar (Pinheiro, 2015, p. 57).

É salutar perceber como as tradições não apenas resistem ao tempo, mas também se transformam com ele. O patrimônio cultural imaterial não é uma peça de museu, intocável e distante; ele vive no dia a dia das pessoas, nas festas, nas músicas, nos gestos e nos saberes que são passados adiante. Cada geração deixa sua marca, recriando e reinventando essas manifestações, sem que elas percam sua essência. É esse movimento constante que fortalece a identidade de um povo e reforça a importância de respeitar a diversidade cultural, permitindo que tradições antigas continuem fazendo sentido no mundo de hoje.

5.2. As narrativas do Reisado na caixa holográfica 3D no ensino de História e Patrimônio Cultural: uma nova Wakanda em sala de aula

Para que as informações ancestrais não desapareçam com o passar dos novos e tecnológicos tempos digitais, pretendemos voltar ao passado e contar como aconteciam essas exposições do Reisado em uma temporalidade distante. Para isso, durante as atividades do componente curricular “História, Cultura e Identidades Sergipanas” do itinerário formativo de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, as pesquisas foram conduzidas por estudantes da 2ª série do Centro de Excelência Senador Gonçalo Rollemberg, envolvendo não apenas os brincantes dos Reisados ativos, mas também aqueles que já fizeram parte do corpo de baile deles ou de algum grupo já inativo.

Como ressaltou a pesquisadora Jaqueline Zarbato (2017, p. 36) a respeito da importância da Educação Patrimonial nas escolas e junto à comunidade de seu entorno:

[...] o conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens culturais, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania.

A Educação Patrimonial não se resume apenas a resgatar memórias, mas a dar vida a elas no presente e garantir que sigam pulsando no futuro. É sobre reconhecer-se na própria história, sentir orgulho do que veio antes e entender que somos parte dessa continuidade. Quando escolas e comunidades se envolvem nesse processo, não estão apenas protegendo tradições, mas fortalecendo os laços que nos conectam reciprocamente e ao lugar de onde

viemos. Dessa forma, cada geração aprende que cultura não é algo distante ou preso ao passado, mas sim, um legado vivo, que precisa ser cuidado, vivido e compartilhado.

No final do século XIX, o cinematógrafo, inventado pelos irmãos Auguste e Louis Lumière foi exibido pela primeira vez, em 1895, confeccionado como um dispositivo manual capaz de registrar imagens, realizar a revelação do filme e posteriormente projetá-lo em uma tela. Portátil, com menos de cinco quilos, e independente de energia elétrica, o aparelho tinha múltipla funcionalidade. Essa versatilidade foi determinante para seu reconhecimento como o marco inaugural do cinema, ainda que coexistisse com outros mecanismos semelhantes desenvolvidos no mesmo período (Abreu, 2016).

Nos séculos XX e XXI, a holografia tornou-se um elemento recorrente em produções de ficção científica, aparecendo em filmes como *Star Wars* (saga), *Blade Runner*, *Avatar*, *Homem de Ferro* (MCU) e *Minority Report – A Nova Lei*, além de séries como *Star Trek*, *Red Dwarf* e *Jem e as Hologramas* (Schivani; Souza; Pereira, 2018). Nesse contexto, muitas das criações holográficas contemporâneas envolvem manipulação eletrônica de imagens e processos de síntese digital, estabelecendo diálogos com campos como a fotografia, o cinema e o vídeo. Essas obras exploram o tempo de modo singular e evidenciam o potencial artístico da holografia em interação com outras mídias (Kac, 2008).

Saindo do eixo europeu e estadunidense, a Africa Union Technologies, sediada em Joanesburgo, na África do Sul, atua no desenvolvimento de soluções avançadas em áudio, vídeo e tecnologias holográficas, voltadas para experiências imersivas de colaboração em contextos locais e internacionais. Entre seus serviços, incluem-se sistemas de telepresença holográfica para reuniões virtuais, displays interativos para apresentações e treinamentos, além de aplicações holográficas voltadas ao *marketing* (Africa Union Technologies, 2026).

Já a Afriten Technologies, também sul-africana, trabalha desde 2008 com *displays* holográficos em 3D, utilizando painéis de LED holográfico (como o 3D HoloSPiN) empregados em *holofans*. Esses dispositivos funcionam por meio de pás giratórias equipadas com micro-LEDs que, ao serem atualizados continuamente com novos conteúdos, produzem imagens em alta definição e cores vibrantes que parecem flutuar no ar. O efeito visual resultante cria uma autêntica sensação holográfica tridimensional para quem observa o visor (Afriten Technologies, 2024).

Ainda saliento que, pela primeira vez no continente africano, está sendo implantada uma infraestrutura inteiramente dedicada ao desenvolvimento de inteligência artificial. A iniciativa resulta de uma parceria entre a Cassava Technologies, fundada pelo empresário zimbabuano Strive Masiyiwa, e a empresa norte-americana Nvidia, referência mundial em computação de

alto desempenho. A chamada “fábrica de IA” deverá ser inaugurada até junho, na África do Sul, com previsão de expansão para países como Egito, Quênia, Marrocos e Nigéria. Seu propósito é disponibilizar serviços de IA a governos, empresas e pesquisadores africanos em um ambiente seguro, rápido e localizado no próprio continente. A expressão “fábrica de IA” funciona como metáfora para um centro de dados de última geração, equipado com supercomputadores e *softwares* capazes de treinar e operar modelos avançados de inteligência artificial. Essa infraestrutura permitirá desenvolver tecnologias de ponta com maior eficiência e menor custo, reduzindo a dependência de servidores estrangeiros (Moraes, 2025).

Desse modo, trazer a tecnologia holográfica 3D, criada com manuseio de IA, para a sala de aula, recontando as tradições do Reisado ancestral, não apenas desenvolve competências educacionais requeridas, mas também permite desmistificar o discurso preconceituoso de uma “ancestralidade africana atrasada”. O filme *Pantera Negra* (2018) fomentou o imaginário de Wakanda, um país fictício na África subsariana, configurado como a nação mais avançada tecnologicamente do mundo, impulsionada pelo metal Vibranium e Barbara Carine Soares Pinheiro (2021), com seu livro “História Preta das Coisas: 50 Invenções Científico-Tecnológicas de Pessoas Negras” nos trouxe a realidade das produções científico-tecnológicas ancestrais e contemporâneas em afroperspectiva.

Nesse sentido, a adoção do Ensino de História e Patrimônio Cultural por meio das Caixas Holográficas 3D reforça a afroestima (valorização pessoal/estética negra), o afrofuturismo²⁸ e as ações de Educação Antirracista e Consciência Ancestral.

Na atualidade, com os celulares em mãos de crianças e adolescentes sendo usados para acessar conteúdos inseguros ou tirando o foco do aprendizado de conteúdos relevantes, a Lei nº 15.100/2025, que restringe o uso de celulares nas escolas traz outro desafio: como educar para um uso adequado dessa tecnologia que se tornou parte essencial do cotidiano dos seres humanos em sociedade?

O Guia para Escolas “Conscientização para o uso de celulares na escola: por que precisamos falar sobre isso?”, produzido pelo MEC, ressalta não a sua proibição total, mas seu uso pedagógico, mediado pelo ensino do uso comedido, a partir do planejamento consciente e direcionado, da compreensão da tecnologia como meio e não fim, da reflexão crítica sobre o uso de tecnologias e da adoção de uma estratégia contextualizada (Brasil, p. 15-16). Assim,

²⁸ Trata-se de um movimento cultural, estético e político que articula ancestralidades africanas com elementos de ficção científica, fantasia e tecnologia, produzindo narrativas de protagonismo negro e projetando futuros plurais. A expressão foi formulada por Mark Dery em 1993.

No contexto da educação digital e midiática, a tecnologia deve atuar como um catalisador para o desenvolvimento de uma compreensão crítica dos meios digitais. Essa abordagem capacita os estudantes a navegarem com discernimento em um ambiente saturado de informações, promovendo habilidades essenciais como a análise de dados, a colaboração em ambientes virtuais e o uso ético e responsável de ferramentas digitais (Brasil, p. 16).

Por isso, a mola mestra contextual do trabalho de aplicação da tecnologia social digital busca demonstrar as transformações e os elementos do Reisado sergipano de Japaratuba que se mantiveram e se transformaram ao longo do tempo. As narrativas coletadas serviram como base para a criação de uma produção visual em 3D, que foi desenvolvida a partir da imagética dos brincantes, transformadas em ilustrações a partir do que se quer contar, e das histórias elaboradas e narradas pelos discentes. Essas narrações ganharam vida e foram transformadas em vídeo, usando *smartphones* para a reprodução.

A produção visual é exibida em caixas holográficas, feitas a partir de papelão e folha plástica transparente, tipo acetato, reciclados, proporcionando uma experiência imersiva e diferenciada (fig. 15).



Fig. 15: Protótipo da Caixa Holográfica 3D

Fonte: Foto de autoria própria, 2024.

Descrição: A imagem é composta por dois painéis lado a lado, mostrando uma pessoa demonstrando a montagem de um projetor holográfico caseiro usando uma caixa de papelão.

No painel esquerdo: A pessoa, vestindo uma camiseta tie-dye rosa e branca e calça jeans azul, segura uma caixa de papelão com um pedaço de plástico tipo acetato. A caixa está aberta na base.

No painel direito: A pessoa posicionou a caixa sobre uma superfície. O smartphone está apoiado no topo da caixa (que agora serve como base superior). No interior escurecido da caixa, um pequeno objeto colorido (tons de azul e rosa) aparece projetado holograficamente, refletido nas paredes internas da estrutura. A pessoa segura o conjunto com as mãos.

Mas, afinal, o que é holograma? Como ele surgiu?

O termo vem do grego *holos*, que significa “todo” ou “inteiro”, e *Graphos*, que significa a “escrita” ou “sinal”. Ou seja, a holografia nada mais é do que uma forma de registrar algo por completo, com relevo, profundidade e presença. Não é só uma imagem, é quase como se estivéssemos diante do próprio objeto. No entanto, essa definição técnica não dá conta do

encantamento que a holografia provoca: ela permite que o objeto seja visto de vários ângulos, percebendo-se o volume, o espaço, a textura. É como se a imagem ganhasse vida. E, talvez, seja exatamente isso que faz dela uma ferramenta tão potente quando pensamos em experiências de aprendizagem, porque ela aproxima, envolve, quase faz esquecer que estamos apenas olhando para uma projeção.

A ideia dos hologramas, como explicam Shivani *et al.* (2018), não surgiu de uma intenção futurista ou educativa, mas de uma necessidade prática e, de certa forma, poética da ciência: tornar visível o invisível. Na época em que a microscopia eletrônica e a difração de raios-x estavam ganhando força, os cientistas se deparavam com o desafio de não registrar apenas imagens, mas também captar a fase das ondas, um detalhe sutil, mas fundamental para entender certos fenômenos mais complexos. Foi então que Dennis Gabor teve uma daquelas sacadas geniais que mudam tudo. Ele pensou: e se a gente conseguisse reconstruir as frentes de onda dessas imagens? Assim, seria possível criar uma imagem tão fiel à realidade que pareceria até que o objeto estava ali de verdade, quase como se tivesse voltado fisicamente. Essa proposta, que, hoje, pode soar comum diante das tecnologias que temos, era absolutamente revolucionária, e foi por isso que Gabor recebeu o Nobel de Física em 1971.

O mais interessante é pensar como algo nascido de uma demanda técnica tão específica atravessou o tempo e os contextos e pode, hoje, chegar às salas de aula como uma ferramenta capaz de transformar a relação entre estudantes, conhecimento e presença. Há uma certa beleza nisso quando pensamos nela como uma invenção que começou no silêncio dos laboratórios e, agora, ajuda a criar experiências de aprendizagem mais vivas e humanas.

Quando se discute a integração de tecnologias na educação, surgem inúmeras possibilidades de elementos que importam para essa integração. Na educação, quem faz a diferença são as pessoas dispostas a transformar. É responsabilidade de quem atua como educador buscar caminhos que realmente façam sentido para os estudantes e isso passa por encontrar práticas e ferramentas que os envolvam de verdade. As metodologias ativas entram aí como uma ponte entre o saber e o fazer porque permitem que os alunos aprendam de forma mais viva, mais participativa, colocando o conhecimento em prática. Ferreira e Curriel (2020) nos lembram que a educação é um direito de todos e cabe a nós garantir que ela chegue a cada pessoa de forma acessível, com qualidade e, principalmente, com sentido. Quando unimos metodologias ativas com o uso inteligente da tecnologia, criamos experiências de aprendizagem mais vivas, conectadas com o dia a dia dos estudantes e muito mais eficazes. É assim que o aprendizado deixa de ser algo distante e passa a fazer parte da realidade, despertando curiosidade, autonomia e vontade de aprender.

A holografia tem trazido uma nova forma de aprendizado que realmente encanta. Com uma simples caixa de papelão, um pedaço de plástico transparente e um celular ou *tablet*, os alunos conseguem ver imagens em 3D, como se os objetos estivessem flutuando ali na frente deles. É algo que chama a atenção de imediato e faz com que o conteúdo ganhe vida.

Com isso, aprender deixa de ser algo só teórico, distante e passa a ser algo que se pode ver, quase tocar. A aula fica mais interessante, o assunto faz mais sentido e os estudantes se sentem parte do processo. Eles não só assistem, mas participam, exploram, descobrem. E quando a gente junta essa tecnologia com metodologias ativas, o aprendizado fica ainda mais completo, as conversas fluem, a troca acontece e o conhecimento é construído junto, de forma leve e envolvente. Além de tudo isso, a holografia ajuda a desenvolver habilidades importantes, como a criatividade, o trabalho em grupo, o olhar curioso para o mundo. No fim das contas, o que ela faz é deixar o aprendizado mais vivo, mais próximo da realidade dos alunos e mais humano também.

Shivani *et al.* (2018) sustenta que “é inegável o aspecto lúdico que carregam as ilusões de óptica em geral e seu potencial para despertar a curiosidade dos indivíduos de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade”. Aqui, o que queremos destacar é o lado divertido das ilusões de ótica. Elas têm um poder incrível de despertar a curiosidade de qualquer pessoa, independentemente da idade ou do que sabe. E isso é tão importante porque, quando conseguimos conectar o aprendizado com algo que realmente encanta e surpreende, como essas imagens que brincam com a visão, a educação se torna muito mais envolvente. É como se o processo de aprender fosse mais leve, mais natural e até mais prazeroso. E é isso que torna o aprendizado tão especial, quando ele nos faz parar e olhar o mundo de uma forma diferente, cheia de magia e possibilidades.

5.3. Personalização de recursos digitais para uso pedagógico com crianças e adolescentes com TDAH

Tsiampa e Skolariki (2018) destacam que, ao elaborar atividades personalizadas e utilizar ferramentas de maneira constante, os estudantes adquirem habilidades críticas e experimentam uma participação efetiva no processo de aprendizagem. Elas indicam que a aplicação de hologramas, particularmente em campos como a língua e a história, pode transformar radicalmente a maneira como ensinamos e auxiliar os estudantes a compreender e assimilar o conteúdo de forma mais aprofundada. Além disso, ao empregarmos aplicativos holográficos nas tarefas escolares, eles estimulam diversos sentidos, visão, audição e até o movimento, possibilitando que os estudantes, independentemente do seu perfil de

aprendizagem, possam materializar suas ideias de forma singular. As autoras ainda afirmam que:

A inclusão de cada aluno em ambientes regulares de sala de aula, independentemente de suas necessidades especiais, é deficiente na maioria dos sistemas educacionais. Novas abordagens tecnológicas podem ajudar a resolver esse problema. Ferramentas personalizadas, como ferramentas de assimilação, podem ser usadas para ajudar os alunos com dificuldades a transformar eficientemente a informação recebida em ação, promovendo o desenvolvimento de habilidades cognitivas superiores (Tsiampa; Skolariki, 2018, p. 1).

Falar de educação é também falar de inclusão. E quando se olha com sinceridade para as escolas hoje, percebe-se que incluir de verdade os alunos com necessidades especiais ainda é um desafio grande. Ainda falta estrutura, falta preparo, falta escuta.

O papel do educador como mediador na inclusão escolar é fundamental, pois ele se torna o principal responsável por implementar práticas pedagógicas capazes de responder à diversidade presente na sala de aula. Essa função exige que sua atuação ultrapasse a simples transmissão de conteúdos, envolvendo a capacidade de reconhecer e valorizar as singularidades de cada estudante, de modo a construir um ambiente acolhedor e inclusivo (Oliveira Júnior *et al.*, 2024).

A adaptação curricular e metodológica não implica simplificação do conhecimento, mas sua acessibilidade, garantindo que os objetivos educacionais possam ser alcançados por meio de diferentes estratégias que considerem as necessidades específicas de cada aluno. Além disso, a mediação docente inclui a promoção de um espaço de aprendizagem que favoreça a interação e a colaboração entre os estudantes. O alcance desse papel mediador ultrapassa os limites da escola, contribuindo para a formação de uma sociedade mais equitativa e inclusiva (Oliveira Júnior *et al.*, 2024).

A tecnologia pode ser uma grande aliada nesse caminho. Coisas que parecem distantes, como a holografia, podem fazer toda a diferença porque ajudam os alunos a enxergarem o conteúdo de forma mais clara, mais visual, mais envolvente.

Para quem tem dificuldade com o jeito tradicional de aprender, ver uma imagem em 3D, por exemplo, pode mudar tudo. Pode despertar interesse, facilitar a compreensão, dar aquele clique que antes parecia impossível. Isso torna o aprendizado mais leve, mais próximo, mais acessível e ainda pode ajudar cada aluno a desenvolver suas habilidades do seu jeito, no seu tempo, com mais autonomia e confiança. No fim das contas, o que queremos é que todo estudante se sinta visto, acolhido e capaz. E, se a tecnologia puder abrir mais portas para isso, melhor ainda.

Bittencourt (2009, p. 361) discute “como associar as pesquisas e os métodos de análise dos historiadores com as necessidades específicas do ensino de História”. Para isso, ela busca “apresentar propostas de ensino de História tendo como recurso didático as ‘imagens tecnológicas’”. Essa preocupação da utilização das imagens no ensino de História chama a atenção, segundo a autora, pois

(...) o problema central que se apresenta para os professores é o tratamento metodológico que esse acervo iconográfico exige, para que não se limite a ser usado apenas como ilustração para um tema ou como recurso para seduzir um aluno acostumado com a profusão de imagens e sons do mundo audiovisual (Bittencourt, 2009, pp. 360-361)

Conforme Bittencourt (2009), o uso de imagens tecnológicas no ensino de História exige um tratamento metodológico rigoroso. A autora alerta para o risco de utilizar recursos visuais, como a Caixa Holográfica no projeto do Reisado, apenas como ilustração ou para “seduzir” alunos já acostumados com a profusão de sons e imagens do mundo audiovisual. O ponto central é que a imagem deve ser tratada como uma fonte histórica que demanda análise crítica, investigação e contextualização, não como um mero entretenimento. O sucesso pedagógico depende, portanto, da capacidade do professor em aplicar métodos que transformem o aluno de um consumidor passivo em um analista crítico do acervo iconográfico.

Vivemos num mundo cheio de imagens. Elas estão nos livros, na televisão, em *outdoors*, nas plataformas de *internet*, nas redes sociais dos *smartphones*, nas ruas. Cada imagem carrega um jeito próprio de contar uma história ou passar uma mensagem. Mas, para entender de verdade o que uma imagem quer nos dizer, não basta só olhar para ela. É importante juntar outras informações, como textos, relatos e memórias porque tudo isso ajuda a dar sentido e ampliar o nosso olhar.

Foi assim que a ideia dessa pesquisa foi construída. O caminho escolhido constituiu em ouvir as pessoas, escutar as histórias e registrar as memórias. Para isso, meus alunos e eu fizemos entrevistas com os brincantes dos grupos de Reisado. Além disso, também conversamos com pessoas que já participaram dessa tradição e que carregam, no coração, as lembranças dessa vivência tão rica e cheia de significado.

Além das entrevistas, o estudo incluiu oficinas voltadas para a análise crítica e produção textual, promovendo uma reflexão profunda sobre o valor e os significados das manifestações culturais locais.

No campo laboratorial, a pesquisa se diferencia pelo uso da difração da luz como um princípio fundamental para a comunicação visual, e se outrora era realizada a integração da tecnologia com o *software Modellus* para criar formas holográficas em 3D (Andrade, 2016), na

atualidade os dispositivos de IAG facilitam e aceleram o trabalho de criação. Esse recurso permite a representação visual das tradições de forma inovadora e interativa, tornando a cultura acessível por meio do recurso digital.

E por que utilizar essa tecnologia assistiva nas aulas de Patrimônio Cultural Imaterial local para estudantes com Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH)? Saline (2021) relata que a vida cotidiana é frequentemente mais difícil para crianças com TDAH. São dificuldades escolares, sociais e psicológicas, pois “esquecem as coisas, não conseguem relaxar, têm problemas para se concentrar, se desligam com regularidade” (Saline, 2021, p. 18). A autora fala de uma dor que, muitas vezes, passa despercebida, sobretudo no ambiente escolar. Ela nos lembra que, por trás de cada criança com TDAH, existe um coração que se sente cansado de esquecer, que se culpa por não conseguir se concentrar, que se frustra por parecer sempre “desligado” ou “atrasado” em relação ao mundo ao seu redor.

Com base em dados da Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA), a prevalência global do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) situa-se entre 5% e 8%. Além disso, calcula-se que aproximadamente 70% das crianças diagnosticadas com o transtorno manifestam pelo menos uma comorbidade associada, enquanto cerca de 10% apresentam três ou mais condições concomitantes (Ministério da Saúde, 2024).

Os estudos de mapeamento da área da saúde no Brasil evidenciam o aumento no número de crianças atendidas em consultórios. Sabendo-se ainda que há subnotificações e muitas crianças e adolescentes chegam às escolas sem os laudos médicos.

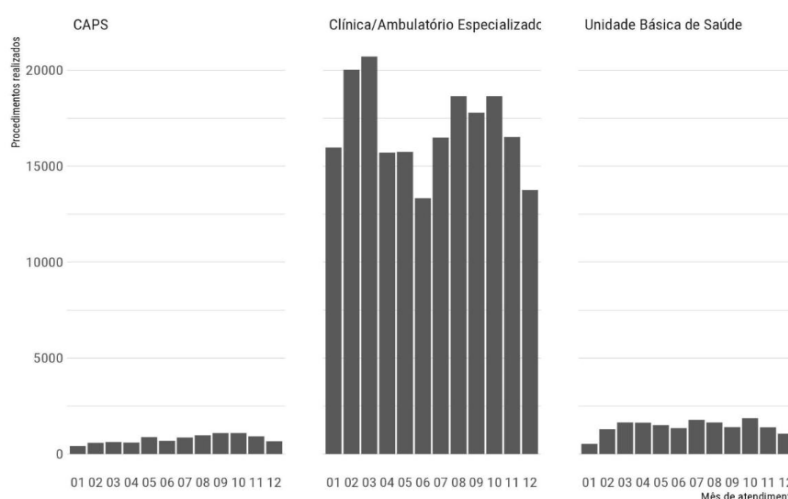


Fig. 16: Atendimentos a crianças com TDAH realizados no ano de 2022 no Brasil

Fonte: Ribeiro *et al.*, 2024, p. 8.

O mesmo estudo de Ribeiro *et al.* (2022) configurou um comparativo de atendimentos clínicos por regiões do país e aquela que se destacou com maior quantitativo foi a região Nordeste.

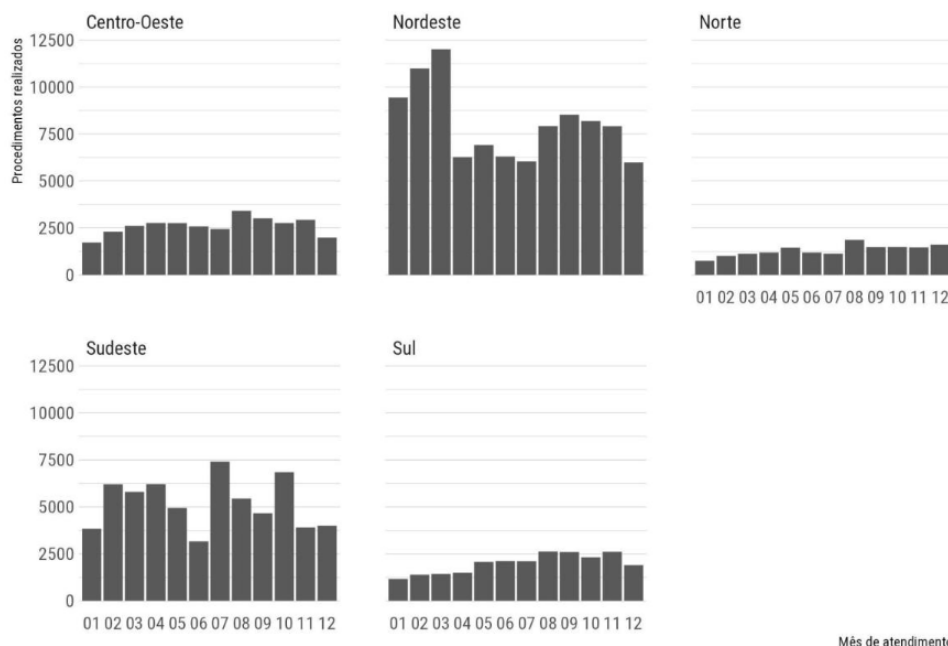


Fig. 17: atendimentos acrianças com TDAH realizados no ano de 2022 por regiões do Brasil
 Fonte: Ribeiro *et al.*, 2024, p. 9.

Em 2022, foi aprovada pela Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe (Alese) a Lei nº 9.035 que estabelece a criação da Semana Estadual de Conscientização sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e o Transtorno Opositivo Desafiador (TOD). O dispositivo legal determina que a iniciativa seja realizada anualmente, sempre a partir do dia 13 de julho, integrando de forma permanente o Calendário Oficial de Eventos do Estado (Souza, 2024).

Ou seja, educar crianças com transtornos neuroatípicos já é uma realidade, mas a maioria dos professores das matérias de ensino ofertadas no Ensino Fundamental e Médio não possui formação adequada para lidar com o desafio de oportunizar uma melhor integração desses alunos ao ambiente escolar e ao aprendizado real.

Não é fácil ser criança já num mundo tão acelerado, cheio de regras e pressa. Imagine, então, ser uma criança que luta todos os dias para acompanhar um ritmo que não é o seu. Não é preguiça, não é desinteresse, não é falta de educação. É outra forma de ser, de sentir, de estar no mundo. Saline (2021) aponta, com muita sensibilidade, que essas crianças precisam de menos cobranças e mais de compreensão. Precisam de adultos que olhem para elas com olhos de cuidado, que entendam seus esquecimentos, seus silêncios, suas distrações, não como defeitos, mas como parte da sua luta silenciosa.

A presença de alguém que diga: “Eu te entendo. Vamos juntos, no teu tempo” pode ser o abraço que falta nesses dias difíceis. Porque, no fundo, o que essas crianças mais precisam, como qualquer criança, é se sentirem amadas e auxiliadas dentro das suas particularidades.

O TDAH, segundo Saline (2021) é um transtorno do desenvolvimento de base biológica que existe no mundo todo e há três tipos dele: desatento, hiperativo e combinado.

Atualmente, o TDAH é entendido como uma condição comportamental de base biológica que impacta os sistemas de gerenciamento do cérebro conhecidos como funções executivas. (...). Acredita-se que cerca de 5% da população mundial com menos de 18 anos de idade tenha TDAH, sendo o desatento o tipo mais comum. (Saline, 2021, p. 46-47)

O que Saline (2021) nos mostra é um lembrete importante: crianças e adolescentes com TDAH não estão apenas “desatentos” ou “agitados” por escolha. Elas vivem um funcionamento diferente do cérebro, que afeta diretamente o dia a dia, a escola, as relações e até a autoestima. Por isso, mais do que cobrar ou rotular, o caminho é acolher, compreender e buscar estratégias que ajudem essas crianças a se sentirem capazes e respeitadas. A autora ainda explica que o TDAH não significa falta de inteligência ou de conhecimento. Muitas vezes, a criança sabe a resposta, conhece o conteúdo, mas na hora de usar essa informação, parece que trava, esquece ou não consegue organizar o pensamento. É como se o saber estivesse lá dentro, mas o caminho para acessar esse saber ficasse cheio de obstáculos.

Conforme atestou a pesquisa de Maria Inete Rocha Maia e Helena Confortin (2015, p. 75): “os jovens hiperativos são, frequentemente, imprudentes e impulsivos, sendo suas relações marcadas por uma ausência de inibição social, com falta de cautela e reservas. São impopulares com os outros e tendem a se isolar socialmente”.

Por isso, paciência, apoio e estratégias diferenciadas fazem toda a diferença na vida desses alunos uma vez que a escola é uma área difícil para o estudante com essa condição. Então, como professora de História, eu preciso criar planos, estratégias que funcionem, que sejam envolventes de alguma forma para que o aprendizado destes seja possível, levando em consideração que há, segundo Saline (2021, p. 125), um tempo máximo em que essas crianças e adolescentes são capazes de se concentrar na lição de casa antes de se distrair ou ficarem entediados.

A validade do uso de tecnologias como recurso de apoio à aprendizagem de estudantes com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) encontra respaldo em evidências científicas. A partir de investigações voltadas para crianças e adolescentes diagnosticados com TDAH no contexto escolar, os autores identificaram que a adoção de ferramentas educacionais tecnológicas contribui de maneira significativa para a melhoria do

desempenho acadêmico e para o fortalecimento da autoestima desses alunos. Tais recursos ampliam as possibilidades de superação das barreiras impostas pelo transtorno, ao oferecer alternativas pedagógicas que favorecem tanto o processo de aprendizagem quanto a promoção da inclusão educacional (Pimenta; Silva; Pelli, 2020 *apud* Lôbo *et ali.*, 2024, p. 8).

A produção acadêmica evidencia que a utilização de tecnologias como instrumentos pedagógicos voltados a estudantes com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) apresenta elevada possibilidade de eficácia. Pesquisas realizadas no contexto brasileiro demonstraram impactos positivos no despertar do interesse, na capacidade de atenção e no desenvolvimento de competências acadêmicas e sociais, configurando novas perspectivas para práticas educacionais mais inclusivas e personalizadas. Contudo, a efetivação dessas estratégias tecnológicas no ambiente escolar ainda se depara com obstáculos significativos, entre os quais se destacam a insuficiência na formação docente, limitações de infraestrutura e restrições de investimento. Tais fatores constituem elementos fundamentais para assegurar a atualização e a aplicação bem-sucedida dessas metodologias, mesmo diante da disposição dos professores em incorporá-las às suas práticas pedagógicas (Viante; Silva Filho; Pisacco, 2025, p. 197).

A caixa holográfica entra, nesse projeto, como um convite à curiosidade, um recurso pensado justamente para aproximar o ensino do patrimônio que faz parte do dia a dia desses alunos. Crianças e jovens com TDAH, assim como tantos outros da geração atual, se sentem muito mais motivados quando a tecnologia está presente. Eles já usam o celular, os jogos e as redes sociais para se distrair, se comunicar e relaxar. Por que não trazer esse universo para dentro da sala de aula? Com o uso do REA, a tecnologia deixa de ser só entretenimento e passa a ser aliada do aprendizado, ajudando a ensinar sobre o patrimônio de um jeito visual, envolvente e capaz de capturar a atenção, despertando o interesse e desenvolvendo novas habilidades.

O propósito dessa pesquisa é ir além daquela educação que só entrega conteúdo pronto. A ideia aqui é apostar numa educação que transforma, que toca, que desperta nos alunos um jeito diferente de aprender, um jeito mais sensível, mais criativo e, acima de tudo, mais conectado com as raízes e com a cultura do lugar onde vivem. Ao olhar para os Reisados, essa tradição tão bonita e cheia de história, a pesquisa entende que eles não são só coisa do passado. Ao contrário, os Reisados são verdadeiros patrimônios do amanhã. E, para que eles continuem vivos e encantando novas gerações, é importante que a tecnologia também entre nessa dança. A tecnologia digital, quando usada com afeto e inteligência, pode ser um grande aliado para fazer com que essas tradições continuem a brilhar, mesmo em tempos tão modernos.

Cumprimos assim a segunda premissa do Parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE), de sua Câmara de Educação Básica (CEB) - CNE/CEB 2/2022 que contém o complemento à BNCC – Computação que estimula: “Vivenciar e identificar diferentes formas de interação mediadas por artefatos computacionais” (Brasil, 2022, p. 4).

A proposta é aproximar o saber antigo dos novos dispositivos digitais, usar a força da tecnologia para contar e espalhar essas histórias tão ricas da nossa cultura de um modo que chama a atenção dos jovens, que dialoga com o tempo em que eles vivem. Quando juntamos tradição com tecnologia, a cultura ganha um novo fôlego. As memórias e os saberes populares não ficam parados no passado, eles se reinventam, ganham novas formas, novas vozes e continuam vivos no presente. Mais do que guardar as tradições como se fossem peças de museu, o que queremos mesmo é dar vida nova para elas. Fazer com que as histórias, os saberes e as memórias do nosso povo sejam vistos, ouvidos, vividos e sentidos pelas novas gerações, porque cultura de verdade não é coisa parada no tempo, ela pulsa, respira, se transforma. Quanto mais compartilhamos, mais ela cresce, se espalha e se fortalece. É assim que as tradições continuam existindo: se renovando sem perder a essência, ganhando novos jeitos de ser, mas sempre carregando o coração e a alma de quem veio antes da gente.

5.4. Confecção e aplicação da caixa holográfica como Recurso Educacional Aberto

Considerando que o ano letivo findou no início de dezembro e a qualificação desta pesquisa ocorreu em 18 de dezembro de 2025, não houve tempo hábil para a aplicação do REA na unidade de ensino de origem. Diante disso, a atividade foi redirecionada para as Equipes Multiprofissionais na Atenção Primária à Saúde (eMulti)²⁹, do município de Japaratuba-SE, sediada no prédio da Secretaria de Saúde.

Com o apoio fundamental dos meus alunos, que são também brincantes do Reisado da Missão, produzimos as caixas holográficas, mencionadas anteriormente, dia 07 de janeiro do corrente ano. Utilizamos materiais reciclados (caixas de papelão e plástico acetato), unindo-os com cola quente para ganhar estabilidade, e os estudantes/brincantes as personalizaram com tinta guache e detalhes em EVA com glitter, garantindo um produto lúdico e visualmente enriquecedor.

²⁹ As equipes eMulti constituem uma estratégia do Ministério da Saúde para ampliar a resolutividade da Atenção Primária. Compostas por profissionais de diferentes categorias, atuam de forma colaborativa com as equipes de Saúde da Família, visando a integralidade do cuidado e o suporte especializado em territórios de maior vulnerabilidade. Composta por especialistas como psicólogos, nutricionistas e fisioterapeutas, elas atuam em parceria com as Unidades Básicas de Saúde, conforme diretrizes da Portaria GM/MS nº 635/2023.



Fig. 18: Confeção das Caixas Holográficas 3D

Fonte: Fotos de autoria própria, 2026.

Descrição: Uma colagem de fotos exibe um grupo de jovens em um ambiente interno, mais precisamente a sala dos professores da escola. Trata-se da confecção de caixas holográficas para apresentações culturais, como o Reisado, conforme mencionado nos textos anteriores.

Aqui está uma descrição detalhada por seção:

Fileira Superior (Esquerda para Direita): Duas jovens e um rapaz interagem enquanto manuseiam caixas de papelão em uma sala de aula. Uma jovem sentada no chão corta um material sobre uma caixa preta. Uma moça corta papel colorido com tesoura.

Fileira do Meio (Esquerda para Direita): Dois rapazes e uma moça trabalham em uma mesa, manuseando papéis coloridos, tesouras e colas. Uma foto em close mostra mãos de duas pessoas aplicando EVA sobre uma caixa, com um celular ao lado. Outra foto em close mostra uma pessoa cortando a caixa já pintada de preto com tesoura.

Fileira Inferior (Esquerda para Direita): Mãos de várias pessoas trabalham na montagem da caixa holográfica, com um pedaço de material transparente visível. Duas pessoas aplicam fita decorativa (verde e vermelha) na caixa preta. Outro grupo de pessoas trabalha na montagem de uma caixa, utilizando fitas amarelas e pretas.

Fileira Inferior Final (Esquerda para Direita): Uma mão aplica estrelas decorativas em uma caixa preta já decorada com EVA com glitter coloridas. Quatro jovens posam em frente a uma parede com grafites coloridos. Eles seguram caixas holográficas decoradas, e os quatro jovens (três moças e um rapaz) usam chapéus que remetem ao folgado do Reisado. As caixas que eles seguram têm recortes frontais com material transparente, permitindo a visualização do interior, sugerindo serem as "caixas holográficas" mencionadas no texto.

Para a execução da atividade, optou-se pela utilização das narrativas de três grupos de Reisado locais ativos, cujas imagéticas em 3D já haviam sido geradas previamente³⁰: o Reisado Baile Estrela de Dona Bizu, o Reisado de São José e o Reisado da Missão. O conteúdo narrativo,

³⁰ Vide nos QR Codes no Manual Reisado Digital (anexos) os vídeos produzidos com IAG para a holografia.

já presente em outras seções deste trabalho, foi adaptado para resumos com linguagem simples, elaborados especificamente para atender ao público-alvo, composto por crianças com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) assistidas pelo setor da eMulti. Houve, ainda, uma conversa prévia e fundamental com os brincantes que participaram da ação para alinhar a elocução a ser utilizada, garantindo que fosse acessível e de fácil compreensão para as crianças. A data de aplicação do Recurso Educacional Aberto (REA) foi estrategicamente escolhida para coincidir com a semana do Festival de Artes Arthur Bispo do Rosário³¹, um período em que a cultura local ganha palco na praça da matriz da cidade. Esse contexto festivo agregou significado à intervenção, facilitando a integração do universo do Reisado com o espaço da eMulti. Esse fato garantiu que todo o processo de aplicação fosse integrado às permissões do Conselho de Ética em Saúde ao qual se reporta a eMulti.

Caixas confeccionadas, hologramas baixados nos *smartphones*, estudantes preparados: chegou a hora de aplicá-las.

Dia 15 de janeiro de 2026, a equipe de pesquisa, composta por mim e pelos brincantes do Reisado da Missão, Pedro Ruyther, Marie, Pâmela e Rayene, dirigiu-se à Secretaria Municipal de Saúde de Japaratuba, devidamente trajados com as vestes características da dança, para pôr em prática o Recurso Educacional Aberto (REA) e comprovar sua eficácia no contexto proposto. A ação, previamente agendada e combinada com a eMulti, teve início às 9h. O ambiente foi preparado, com o apoio dos profissionais do setor, para acolher as crianças.

Visto que a unidade atende a um considerável número de pacientes neurodivergentes, com suas particularidades, solicitamos, inicialmente, a seleção de quatro crianças com diagnóstico de TDAH. Este recorte amostral foi estratégico e visou permitir uma análise mais criteriosa e atenciosa dos resultados da caixa holográfica como ferramenta educacional específica para este público. Após essa etapa inicial, as demais crianças presentes, a maioria com TEA³², que demonstravam interesse em participar, também foram atendidas.

³¹ Fundado em 2002, o Festival de Artes Arthur Bispo do Rosário é um evento cultural e tradicional em Japaratuba, município do leste sergipano. Realizado anualmente em janeiro, coincidindo com a festa de Santos Reis e São Benedito, o festival homenageia as artes visuais do seu filho mais ilustre. O principal objetivo do evento é dinamizar a cidade e celebrar os costumes locais e manifestações populares como o Reisado e o Cacumbi. Com uma programação variada que inclui música, dança, teatro, exposições de arte, o festival fomenta o interesse entre a comunidade e os visitantes, consolidando seu status como um dos eventos culturais mais importantes do estado de Sergipe. Este ano, o evento ocorreu entre 11 e 16 de janeiro.

³² Transtorno do Espectro Autista.



Fig. 19: Aplicação das narrativas do Reisado de Japarutuba por meio das Caixas Holográficas 3D

Fonte: Fotos de autoria própria, 2026.

Descrição: A imagem é uma colagem de quatro fotos que documentam uma atividade cultural e educativa em um ambiente interno decorado com murais infantis. As fotos mostram jovens vestidos com trajes coloridos do Reisado interagindo com um grupo de crianças. Nas fotos superiores, os adultos realizam uma apresentação e contam uma história. Nas fotos inferiores, as crianças observam a apresentação de perto. O foco principal é a interação entre os participantes e a demonstração da cultura local.

Após a exibição do Reisado via caixa holográfica para ambos os grupos, as crianças atípicas foram incentivadas a experimentar alguns passos da dança. A adesão foi expressiva, com a maioria demonstrando entusiasmo e engajamento motor. Na sequência, as mães destas foram integradas à atividade para compreenderem a metodologia aplicada. O Dr. Eugênisson Cariri, coordenador da eMulti, detalhou os objetivos da ação, ressaltando como o recurso visual potencializa a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo desse público. Na fala dele, fui convidada para ministrar uma oficina prática destinada às mães, para capacitá-las na confecção da própria caixa holográfica, transformando o seu uso no espaço doméstico. Assim, os *smartphones* deixariam de ser um simples entretenimento para se tornar uma ferramenta pedagógica e terapêutica contínua. prontamente, aceitei o convite e me coloquei à disposição para voltar ao setor em caso de necessidade.

5.4.1. Verificação da eficácia da intervenção holográfica

A Escala SNAP-IV³³ foi utilizada como instrumento de verificação da eficácia da intervenção holográfica, cujos resultados serão analisados adiante. Para maior transparência metodológica, as fichas individuais e os relatórios de avaliação geral dos profissionais da área foram incluídos nos Anexos, estando disponíveis para consulta e análise pormenorizada. A avaliação foi enriquecida pela presença física de especialistas durante a explanação dos alunos, assegurando que as percepções sobre as reações do público assistido fossem coletadas em tempo real e sob supervisão técnica qualificada.

As neuroatipicidades apresentam variados estágios e os neuroatípicos são únicos em sua forma de vivências e desenvolvimento, por isso, não se deve estabelecer visões homogeneizantes que reduzam as potencialidades de cada criança ou adolescente. Os diferentes estágios são apenas um ponto de partida, mas cada ser estabelece sua comunicação com o mundo de forma singular. Os gráficos elaborados a partir das observações do fonoaudiólogo e coordenador da eMulti, Dr. Eugênisson Cariri (fig. 20) e da psicopedagoga Vilma Carla Félix de Farias (fig. 21) demonstram essa multiplicidade de reações à aplicação do REA.

Relatório Eugenisson

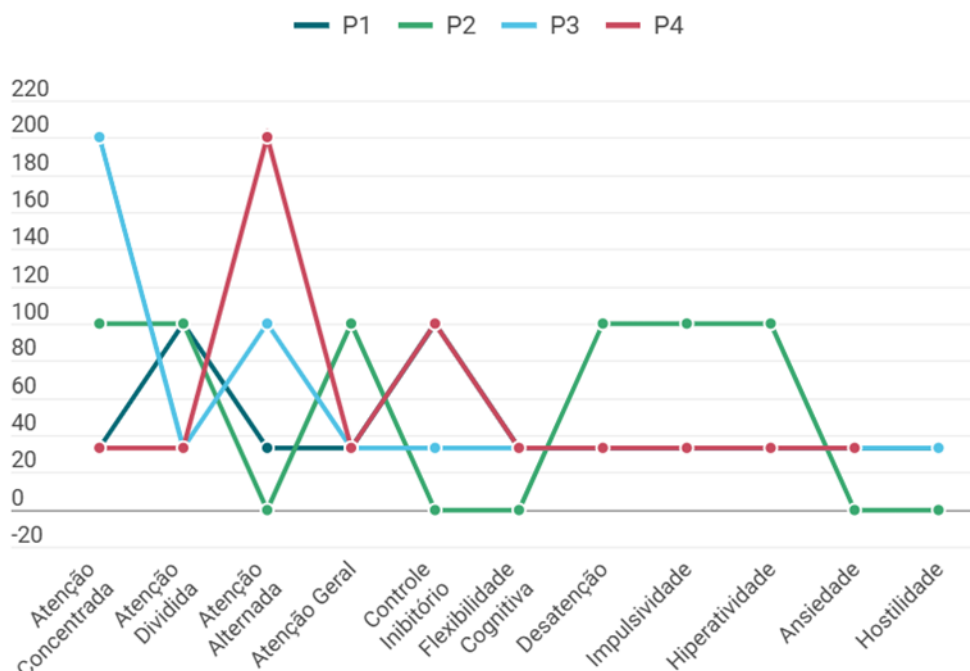


Fig. 20: Gráfico da Matriz de Cálculo de Impacto (Percentual) – Relatório Dr. Eugenisson
Fonte: Elaboração própria (Infogram), 2026.

³³ O SNAP-IV (Sistema de Avaliação de Comportamento de Crianças e Adolescentes – Versão IV) É uma escala de avaliação comum e validada para o rastreamento do TDAH em crianças e adolescentes na área da saúde mental.

Descrição: Gráfico de linhas com quatro participantes comparados em atenção e comportamento. Há grande variação entre eles: P3 se destaca em atenção concentrada, P4 em atenção alternada, P2 apresenta oscilações com aumento em desatenção, impulsividade e hiperatividade, e P1 mantém níveis intermediários na maioria dos indicadores.

A análise integrada da Matriz de Cálculo de Impacto (Percentual) do gráfico advindo das análises do Dr. Eugênisson Cariri (fig. 20) evidencia um perfil comportamental e atencional heterogêneo, com oscilações importantes entre os domínios avaliados. Observa-se variação significativa nas medidas de atenção (concentrada, dividida, alternada e geral), sugerindo um funcionamento cognitivo marcado por momentos de desempenho adequado intercalados com quedas pontuais. Esse padrão indica possível dificuldade de manutenção estável do foco atencional em tarefas contínuas, sobretudo quando exigem alternância de estímulos ou flexibilidade cognitiva, aspecto frequentemente associado a sobrecarga executiva.

No campo do controle inibitório e da flexibilidade cognitiva, os resultados sugerem limitações na regulação comportamental diante de demandas que exigem planejamento e monitoramento de respostas. A oscilação entre indicadores próximos da média e outros abaixo do esperado aponta para um perfil em que a capacidade de inibição e adaptação a mudanças não está plenamente consolidada, podendo repercutir em dificuldades de organização de tarefas e de adaptação a contextos dinâmicos de aprendizagem ou interação social.

Os índices relacionados à desatenção, impulsividade e hiperatividade configuram um eixo central da análise. Observa-se elevação consistente em impulsividade e hiperatividade, associada a níveis variáveis de desatenção, o que sugere tendência a respostas rápidas, com menor mediação reflexiva e possível prejuízo na autorregulação. Esse conjunto de indicadores pode impactar diretamente o desempenho acadêmico e social, sobretudo em atividades que exigem persistência, sequenciamento e controle de interferências ambientais.

Por fim, os marcadores emocionais (especialmente ansiedade e hostilidade) aparecem como elementos relevantes para a compreensão global do perfil avaliado. A presença desses fatores, mesmo quando em níveis moderados, pode intensificar dificuldades atencionais e comportamentais, reforçando a necessidade de uma leitura multidimensional dos resultados. Em termos analíticos, os dados apontam para a importância de intervenções integradas, que articulem estratégias cognitivas, autorregulação emocional e mediações pedagógicas, favorecendo a estabilização do desempenho e a ampliação das competências executivas.

Relatório Carla

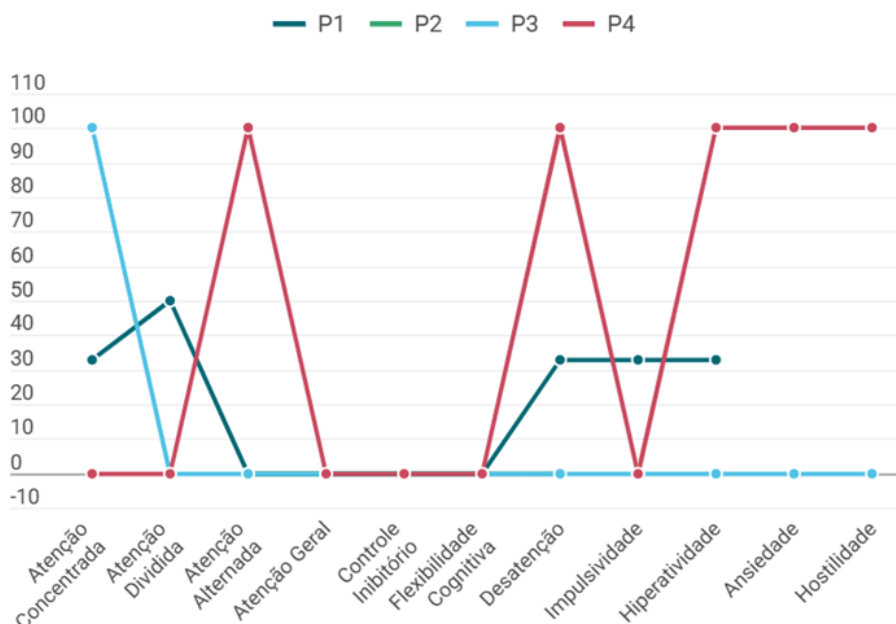


Fig. 21: Gráfico da Matriz de Cálculo de Impacto (Percentual) – Relatório Psicopedag. Vilma Carla

Fonte: Elaboração própria (Infogram), 2026.

Descrição: Gráfico de linhas com quatro participantes nos mesmos indicadores. P3 tem destaque em atenção concentrada e baixos valores nos demais aspectos; P4 apresenta níveis elevados em desatenção, hiperatividade, ansiedade e hostilidade; P1 mostra resultados moderados; e P2 permanece com valores baixos na maior parte das medidas.

A análise integrada da Matriz de Cálculo de Impacto (Percentual) do gráfico oriundo das análises da psicopedagoga Vilma Carla Félix de Farias (fig. 21) indica um perfil com acentuada variabilidade entre os domínios atencionais e comportamentais avaliados, evidenciando assimetrias importantes no funcionamento cognitivo. Observa-se desempenho elevado em atenção concentrada, contrastando com resultados muito reduzidos em atenção dividida, alternada e geral, o que sugere dificuldade em sustentar o foco quando há múltiplos estímulos ou necessidade de mudança de estratégia. Esse padrão aponta para uma organização atencional seletiva, eficaz em tarefas pontuais, mas fragilizada em contextos que exigem flexibilidade e integração de demandas.

No que se refere ao controle inibitório e à flexibilidade cognitiva, os indicadores tendem a níveis baixos, sugerindo limitações na regulação de respostas e na adaptação a situações novas ou complexas. A proximidade desses resultados com a linha de base indica possível comprometimento das funções executivas relacionadas ao planejamento, à antecipação de consequências e à modulação do comportamento, aspectos fundamentais para a autonomia em ambientes acadêmicos e sociais.

Os resultados referentes à desatenção, impulsividade e hiperatividade configuram um eixo crítico da análise. Observa-se elevação expressiva em desatenção e hiperatividade, acompanhada de impulsividade variável, sugerindo um padrão comportamental marcado por oscilação entre momentos de engajamento e episódios de dispersão e reatividade. Esse conjunto de dados pode repercutir diretamente na organização das tarefas, no tempo de resposta e na persistência diante de atividades que exigem continuidade e controle voluntário da atenção.

Por fim, os indicadores emocionais, especialmente ansiedade e hostilidade, apresentam níveis elevados e consistentes, compondo um quadro que pode potencializar as dificuldades atencionais e executivas observadas. A articulação entre fatores cognitivos e emocionais sugere a necessidade de uma leitura multidimensional dos resultados, considerando intervenções que integrem estratégias de regulação emocional, mediação pedagógica e fortalecimento das funções executivas, de modo a favorecer maior estabilidade comportamental e ampliação das competências adaptativas.

A análise comparativa dos dois gráficos evidencia olhares diferenciados sobre perfis distintos, ainda que sejam atravessados por fragilidades comuns nas funções executivas e na regulação comportamental. No primeiro caso, observa-se um funcionamento marcado por oscilações entre domínios atencionais, com alternância entre desempenhos mais próximos da média e quedas pontuais, indicando instabilidade no controle do foco e na adaptação a tarefas que exigem flexibilidade cognitiva. No segundo, o padrão se mostra mais assimétrico, com atenção concentrada preservada, porém acompanhada de prejuízos acentuados em atenção dividida, alternada e geral, o que sugere maior dificuldade na integração de demandas simultâneas e na manutenção de estratégias cognitivas complexas. Em ambos os perfis, limitações em controle inibitório e flexibilidade aparecem como elementos estruturantes, ainda que mais pronunciadas no segundo relatório.

No eixo comportamental e emocional, a comparação revela convergência na presença de desatenção, impulsividade e hiperatividade, mas com intensidades e configurações distintas. O primeiro dado aponta um padrão de variabilidade, com flutuações que sugerem dificuldades de autorregulação situacional, enquanto o segundo apresenta elevação mais consistente e intensa, associada também a índices elevados de ansiedade e hostilidade, compondo um quadro de maior impacto sobre o funcionamento global. Em termos analíticos, os dados indicam que, embora ambos os casos demandem intervenções voltadas ao fortalecimento das funções executivas e da regulação emocional, o primeiro requer estratégias de estabilização do desempenho e organização cognitiva, ao passo que o segundo demanda ações mais estruturadas

e contínuas, voltadas ao manejo comportamental e à mediação socioemocional integrada ao contexto educacional.

As observações dos profissionais revelam um cenário de promessas e oportunidades valiosas para o ensino de crianças com TDAH. Embora os dados apresentem oscilações, a existência de indicadores de “impacto positivo relevante” é um marco fundamental. Isso demonstra que a caixa holográfica possui a capacidade intrínseca de romper barreiras tradicionais de aprendizado, oferecendo um estímulo visual e tecnológico que ressoa com a forma como essas crianças processam informações.

Quadro 3: Análise final³⁴ de resultados da aplicação do REA feita por profissionais da eMulti que acompanharam o processo.

Paciente³⁵	Idade	Análise da psicopedagoga Vilma Carla Félix de Farias	Análise do fonoaudiólogo e coordenador da eMulti, Dr. Eugênisson Cariri
P1	05 anos	A análise dos dados revelou tendências mistas, situando-se em um espectro que abrange desde o impacto positivo relevante até a estagnação dos indicadores.	Os dados revelam uma tendência majoritária de impacto positivo relevante, caracterizada por melhorias significativas.
P2	06 anos	Os dados obtidos indicam um cenário de estabilidade, variando entre a ausência de efeito e a estagnação.	Os dados revelam uma tendência majoritária de impacto positivo relevante, caracterizada por melhorias significativas.
P3	07 anos	A análise dos dados revelou tendências mistas, situando-se em um espectro que abrange desde o impacto positivo relevante até a estagnação dos indicadores.	Os dados revelam uma tendência majoritária de impacto positivo relevante, caracterizada por melhorias significativas.
P4	09 anos	A análise dos dados revelou tendências mistas, situando-se em um espectro que abrange desde o impacto positivo relevante até a estagnação dos indicadores.	Os dados revelam uma tendência majoritária de impacto positivo relevante, caracterizada por melhorias significativas.

Fonte: Elaboração própria com dados da ESCALA SNAP-IV, 2026.

A análise do quadro 3 com os resultados da aplicação evidencia convergência interpretativa entre os dois especialistas quanto ao potencial do recurso educacional baseado em holografia como estratégia de apoio ao desenvolvimento de crianças e adolescentes com TDAH e TEA. De modo geral, os registros apontam para predominância de impactos positivos, especialmente no que se refere à ampliação do engajamento, à responsividade às atividades propostas e à ocorrência de melhorias significativas em indicadores acompanhados ao longo da

³⁴ Análises baseadas nos Instrumentos de Validação preenchidos, disponíveis no Anexo II.

³⁵ Em conformidade com os protocolos éticos de pesquisa, a identidade dos infantes participantes foi preservada, utilizando-se números para sua identificação na amostragem.

aplicação. A avaliação do fonoaudiólogo e coordenador do eMulti sugere maior ênfase em resultados consistentes de progresso, enquanto a leitura psicopedagógica destaca a presença de tendências mistas, oscilando entre avanços relevantes e momentos de estagnação, o que indica a complexidade dos processos de aprendizagem nesse público.

No que se refere às diferenças entre os participantes, observa-se que as respostas à intervenção não se distribuíram de forma homogênea, variando conforme idade, perfil cognitivo e características comportamentais. O caso de P2, por exemplo, evidencia um cenário mais próximo de estabilidade, com menor variação nos indicadores e efeitos menos expressivos, sugerindo possível necessidade de maior tempo de exposição ao recurso ou de ajustes metodológicos. Já P1, P3 e P4 apresentam padrões mais dinâmicos, com registros de impacto positivo intercalados com períodos de estagnação, o que reforça a ideia de que a mediação pedagógica e terapêutica é determinante para a consolidação dos ganhos observados.

Entre as limitações identificadas, destaca-se a variabilidade das respostas individuais, a dependência de acompanhamento especializado e a ausência de progressão linear dos indicadores ao longo do processo. Esses elementos indicam que a holografia, embora promissora, não atua de forma isolada como solução pedagógica, exigindo integração com práticas estruturadas de ensino, estratégias de regulação comportamental e intervenções interdisciplinares. Ademais, a estagnação pontual observada em alguns casos pode estar relacionada tanto à complexidade dos transtornos quanto à necessidade de maior personalização das experiências educativas mediadas por tecnologia.

Por outro lado, as possibilidades de evolução e maior sucesso são evidentes quando se considera o potencial da holografia para promover estímulos multimodais, favorecer a atenção compartilhada e ampliar a motivação para a aprendizagem. A consistência dos registros de impacto positivo, especialmente na análise do especialista da área fonoaudiológica, sugere que a continuidade do uso do recurso, associada ao refinamento metodológico e à adaptação às singularidades dos sujeitos, tende a produzir resultados mais estáveis e duradouros. Nesse sentido, o uso da holografia se configura como uma estratégia pedagógica e terapêutica inovadora, com potencial de expansão, desde que articulada a práticas interdisciplinares e a processos avaliativos contínuos que orientem intervenções cada vez mais personalizadas e efetivas.

O fato de haver pontos de estabilidade não deve ser visto como falta de progresso, mas sim como um patamar de segurança para o desenvolvimento de novas abordagens. Esses dados sugerem que já superamos a fase de rejeição e estamos no estágio de ajuste fino.

Os resultados indicam que a ferramenta é um solo fértil. Com a personalização das estratégias pedagógicas e o suporte contínuo dos profissionais, é possível que os picos de sucesso se ampliem e se tornem um novo padrão, transformando a caixa holográfica em uma aliada indispensável para potencializar o foco, a motivação e a retenção de conteúdo desses alunos. A eficácia do recurso didático foi perceptível durante a aplicação. As crianças com TDAH demonstraram um nível de atenção e engajamento notavelmente elevado ao interagir com a caixa holográfica e as imagens produzidas.

O uso do recurso visual e interativo revelou-se um excelente recurso didático para essa clientela específica, pois conseguiu capturar e sustentar o interesse dos participantes de maneira lúdica e imersiva. A novidade e o brilho das imagens projetadas na caixa funcionaram como um poderoso estímulo sensorial, minimizando as distrações comuns em crianças com TDAH e facilitando a absorção do conteúdo cultural apresentado pelos brincantes do Reisado. Essa experiência prática comprovou que ferramentas que aliam a tecnologia acessível (como a holografia simplificada em caixa de material reciclado) à contação de histórias tradicionais são promissoras para a educação inclusiva.

Dessa forma, a tecnologia social manifestada na caixa holográfica transcende o mero suporte visual, configurando-se em uma estratégia favorável de equidade pedagógica. Para crianças com TDAH, a fragmentação da atenção é frequentemente o maior obstáculo no ensino convencional; contudo, a natureza multissensorial da holografia atua na regulação do foco, transformando o aprendizado em uma experiência de hiperfoco positivo.

Ao converter materiais de baixo custo em um dispositivo de impacto cognitivo, esta ferramenta democratiza o acesso a metodologias de ensino avançadas, provando que a inovação não reside necessariamente na complexidade do *hardware*, mas na intencionalidade pedagógica. A imersão proporcionada pelo recurso não apenas facilita a retenção da memória afetiva e cultural sobre o Reisado, mas também fortalece a autoestima do aluno com TDAH, que se percebe integrado e capaz de processar informações complexas por meio de um canal de aprendizagem lúdico e sem ruídos. Portanto, este modelo de tecnologia social estabelece um novo paradigma para a educação especial e inclusiva em que a tradição e a inovação convergem para eliminar barreiras atencionais e potencializar o desenvolvimento humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda há muito a ser feito em relação à preservação do patrimônio cultural imaterial de Japaratuba, mas podemos afirmar que a experiência vivenciada no Centro de Excelência Senador Gonçalo Rollemberg está sendo desenvolvida em harmonia com a coletividade. Essa iniciativa está fundamentada em conhecimentos históricos e artísticos, sob a minha orientação, pois além de integrar as atividades docentes cotidianas sob minha responsabilidade foram associadas também à experimentação no meu trabalho de Mestrado em Ensino de História.

Nem tudo o que é importante está nos livros. Muitas histórias, tradições e memórias vivem apenas na voz e no corpo de quem as carrega. O reisado é uma dessas joias culturais que atravessam gerações, mantendo-se vivo na energia dos brincantes, nos acordes dos instrumentos e nos passos que dançam a história de um povo. Entretanto, apesar de ser uma das festas populares mais marcantes do Nordeste, o reisado sergipano e, mais especificamente, os reisados de Japaratuba, mesmo com sua riqueza e importância, carecem de um maior aprofundamento. Embora as inúmeras referências ao Reisado (de forma geral – Brasil ou em casos pontuais – localidades brasileiras, especificamente Norte e Nordeste) as pesquisas nos bancos de dados acadêmicos evidenciam, até o momento, a ausência de registros mais detalhados, pesquisas específicas ou trabalhos que relatem a trajetória do Reisado de Japaratuba como ele realmente merece. Essa lacuna de pesquisas além de reduzir a compreensão da diversidade no campo acadêmico, desfavorece também a própria preservação dessa manifestação cultural.

Diante do problema delineado no início deste estudo, que buscou identificar quais estratégias pedagógicas podem promover a valorização do patrimônio de Japaratuba de forma inclusiva e significativa, os resultados aqui apresentados confirmam que a resposta reside na hibridização entre o saber ancestral e a inovação tecnológica social digital. A investigação demonstrou que a integração curricular do Reisado deixa de ser uma abstração teórica para se tornar uma prática viva quando mediada por ferramentas que dialogam com a realidade cognitiva e sensorial dos estudantes contemporâneos.

Mais do que um estudo sobre cultura, esta pesquisa foi vivência. Não apenas ajudou a registrar e preservar uma manifestação cultural, mas também demonstrou que o conhecimento não se constrói sozinho, dentro de quatro paredes. Ele se manifesta no encontro, na escuta, no respeito e no desejo de aprender com os demais. Finalmente, todas as informações coletadas foram organizadas para o compartilhamento com a comunidade escolar e extramuros, reforçando o apoio à valorização do reisado e garantindo que essa tradição se atualize em novas interpretações.

A realização de oficinas de Educação Patrimonial nas escolas é uma ação de suma importância nesse processo de envolvimento dos alunos. Muitas dessas oficinas não apenas promovem a conscientização sobre a riqueza cultural da região, mas também possibilitam que os estudantes se conectem com suas raízes. Alguns alunos já fazem parte de grupos culturais mais tradicionais do município, resultado das atividades desenvolvidas em nosso Centro de Excelência. Isso demonstra como a educação pode ser um dispositivo poderoso para a preservação da cultura e do patrimônio cultural local.

Cuidar da nossa cultura é um trabalho que precisa ser feito por todo mundo. Cada pessoa tem sua parte, mas juntos somos ainda mais fortes. Quando a escola abre espaço para que os alunos participem de verdade da preservação do patrimônio cultural, eles não só aprendem sobre a própria história, eles se veem e se sentem parte dela. Isso cria um sentimento de orgulho, de pertencimento, de raiz.

O Reisado é muito mais do que uma festa bonita ou uma tradição antiga. É um pedaço vivo da nossa identidade, cheio de cores, sons e histórias que atravessam gerações e que seguem unindo as pessoas em Japarutuba e em várias partes de Sergipe. É por meio dessas manifestações culturais que nos reconhecemos, conectamos e fortalecemos os laços da nossa comunidade. Por isso, quando a escola valoriza o Reisado e outras tradições locais, ela não está só ensinando sobre o passado, está construindo o futuro. Incentivar os jovens a participar dessas práticas é garantir que a nossa cultura continue viva, se renovando, se espalhando e encantando cada vez mais pessoas. E que tal usar a tecnologia a nosso favor? Com recursos como a holografia e a Inteligência Artificial, por exemplo, fica ainda mais fácil aproximar os estudantes desse universo, tornando a experiência de aprendizado mais leve, divertida e próxima da realidade deles. Além de ensinar o uso responsável, ético e regulado (tempo de tela) dos dispositivos digitais.

Mais do que uma análise teórica, este estudo propôs uma imersão: ouvir e compreender a tradição a partir da vivência direta de quem a mantém pulsante, ampliando a visibilidade não apenas à prática cultural, mas aos mestres e brincantes que dedicam suas trajetórias à salvaguarda desse patrimônio. A interseção até então inédita entre a tradição do Reisado, a tecnologia da holografia e sua aplicação na educação inclusiva permite um diálogo intergeracional no qual o suporte digital e os saberes e fazerem do povo se encontram para proteger a memória coletiva.

Nesse cenário, o uso da tecnologia social digital apresentou-se como o elo determinante para a resolução da questão-problema desta pesquisa. A utilização da holografia, em especial, provou ser uma estratégia pedagógica inclusiva de impacto relevante, capaz de capturar a

atenção de estudantes com TDAH e neuroatipicidade de forma equânime. Ao projetar o Reizado em uma caixa de luz, aproximamos os estudantes desse universo, tornando a experiência de aprendizado mais leve, divertida e próxima da realidade deles, garantindo que a valorização do patrimônio ocorra sem excluir as diferentes formas de aprender.

Mas também, esta pesquisa em seu desenvolvimento e aplicação se revelou um movimento de autoaprendizado. Isso porque foi possível a mim, como professora-pesquisadora, também aprender que as neuroatipicidades, ou neurodivergências, referem-se a variações naturais no funcionamento cerebral (TEA, TDAH, dislexia e dispraxia) expressas de maneira dinâmica ao longo do ciclo de vida e demandam estratégias individualizadas de desenvolvimento e inclusão. Diferentemente de um diagnóstico estático, configuram-se como condições que se transformam em interação com o contexto social, educacional e afetivo, exigindo abordagens flexíveis e contínuas.

Na infância, a ênfase recai na identificação precoce de sinais relacionados ao desenvolvimento motor, social e comunicacional, bem como na realização de intervenções multidisciplinares que favoreçam autonomia, linguagem e regulação sensorial, em um período marcado pela elevada neuroplasticidade e maior responsividade às intervenções.

Na adolescência, emergem desafios associados à complexificação das relações sociais, às demandas acadêmicas e à intensificação de aspectos sensoriais, concomitantemente ao processo de construção da identidade neurodivergente e ao planejamento da transição para a vida adulta.

Já na fase adulta, predominam processos de adaptação e acomodação, com foco na gestão de sintomas, na organização do cotidiano, na adequação de ambientes de trabalho e convivência e na promoção da autonomia e da qualidade de vida. Nessa etapa, é comum a ocorrência de diagnósticos tardios, especialmente em casos de TEA nível de suporte 1 e TDAH, motivados pela busca de compreensão para dificuldades persistentes.

Entretanto, em perspectiva transversal, as neuroatipicidades não constituem sinônimo de incapacidade, mas são expressões diversas de cognição e aprendizagem, que requerem suporte contínuo para o pleno desenvolvimento das potencialidades individuais.

Ensinar e aprender com meus alunos sobre IAG e holografia, ensinar meus alunos durante a aplicação do REA, aprender com os especialistas da eMulti, mas fundamentalmente, aprender com as reações de cada criança participante me transformou como professora, me sensibilizou ainda mais para minha missão em ensinar por meio da cultura, em ser atravessada pelas demandas da comunidade, em simplificar conhecimentos complexos em tecnologias sociais para alcançar distintas realidades.

Mais do que uma pesquisa acadêmica, esse trabalho nasceu com o desejo de deixar um legado: fazer com que o patrimônio cultural de Japarutuba seja visto, vivido, celebrado hoje e sempre. Que as histórias, os saberes e as tradições da nossa terra nunca se percam, pelo contrário, que continuem sendo motivo de orgulho e inspiração para as próximas gerações.

Concluir este trabalho será como encerrar uma apresentação de Reisado: com o coração pulsando no ritmo da zabumba, os olhos marejados por tudo revivido e a alma cheia de gratidão por cada memória partilhada, cada história que ecoará em sala de aula, em oficinas, em rodas de conversa. Este não é um estudo que termina quando as luzes da escola se apagam. Ele continuará em cada criança que canta uma cantiga de boi pela primeira vez, em cada estudante que vê sua própria cultura projetada, valorizada e celebrada em uma caixa de luz.

Ao longo deste percurso, sigo me convencendo cada vez mais, que a escola pode ser um espaço de afeto, de reconhecimento e de pertencimento. Muitas vezes, a educação formal ignora aquilo que é vivo, que pulsa nos bairros, nos terreiros, nas praças e nas casas simples das nossas cidades. O Reisado, apesar de sua riqueza simbólica e sua potência educativa, ainda é frequentemente deixado à margem dos currículos e silenciado nas apostilas. Ao escolher trazê-lo para o centro da prática pedagógica, rompemos com esse silenciamento e dizemos: isso também é História, isso também é conhecimento, isso também merece ser estudado, celebrado e transmitido.

Ver os olhos dos estudantes brilharem ao ouvir os mestres do Reisado, perceber sua empolgação ao criar as animações e testemunhar o orgulho estampado no rosto de quem antes dizia “essa festa é de gente velha”, mas hoje participa como brincante... tudo isso é maior que qualquer teoria que se possa citar. É a prova viva de que, quando damos lugar à escuta, ao afeto e ao território, a educação se transforma. E transforma quem dela faz parte.

A construção das caixas holográficas 3D com materiais recicláveis também é simbólica: elas representam a possibilidade de fazer muito com pouco. Representam o reaproveitamento não só de objetos físicos, mas de memórias, de saberes populares, de histórias que estavam guardadas e, agora, ganham nova forma e visibilidade. A tecnologia, nesse contexto, não aparece como um fim, mas como um meio. Um meio de conexão, de experimentação, de encantamento.

Portanto, as estratégias aqui validadas respondem afirmativamente ao problema de pesquisa, revelando que o patrimônio imaterial pode ser preservado através de uma pedagogia que acolhe a diversidade do aluno e a tecnologia de baixo custo, promovendo uma integração curricular que é, simultaneamente, técnica, afetiva e inclusiva.

Ressalta-se que o ensino ético e responsável do uso da Inteligência Artificial Generativa (IAG) na produção de imagens holográficas constitui uma estratégia pedagógica relevante para o desenvolvimento da literacia midiática e informacional, ao permitir que estudantes compreendam os processos de construção, manipulação e circulação das imagens digitais. Ao vivenciarem a criação de conteúdos visualmente verossímeis, os alunos são conduzidos a problematizar a noção de evidência visual, reconhecendo que imagens podem ser produzidas, editadas e descontextualizadas com diferentes intencionalidades, inclusive para a disseminação de desinformação e *fake news*. Esse processo favorece a formação de uma consciência crítica acerca das mídias sociais, estimulando a análise da autoria, da veracidade e dos contextos de circulação das informações, ao mesmo tempo em que promove princípios éticos relacionados à responsabilidade digital, à transparência e ao uso socialmente comprometido das tecnologias emergentes.

Ainda esse trabalho também foi, para mim, um reencontro com minha própria história. Como brincante do Reisado de São José, como professora da escola pública, como filha de Japarutuba e herdeira de mestres e mestras do folguedo, pude unir minhas identidades, minha genealogia e me reconhecer em cada linha escrita, em cada entrevista conduzida pelos alunos, em cada música cantada. Foi também um reencontro com minha bisavó, com meu bisavô, com aqueles que dançaram antes de mim e que, de alguma forma, continuam dançando em mim.

E, por fim, é preciso dizer que preservar o Reisado não é apenas manter viva uma tradição cultural. É garantir que as próximas gerações saibam de onde vieram. É fazer com que nossas crianças e jovens se orgulhem da sua história e sua origem. É resistir a um mundo globalizado que, muitas vezes, nos quer distantes de nossas raízes. É construir um futuro em que memória e identidade não sejam luxo, mas direito.

Se este trabalho servir para inspirar outras educadoras e educadores a olhar para o que há de mais bonito e potente em suas comunidades; se ele for lido por uma criança que, ao vê-lo, sinta vontade de dançar com o boi; se ele ajudar, ainda que minimamente, a manter vivo o brilho do Reisado em Japarutuba, então ele já terá cumprido seu papel.

E como nós, brincantes, cantamos ao final da jornada:

*“Rapaziada, adeus, adeus,
Adeus, adeus, eu já me vou...”*

Enquanto a música guiar o passo dos brincantes, o ciclo de morte e ressurreição do boi continuará a simbolizar a perenidade da nossa identidade. O Reisado permanece vivo, transcendendo o tempo e consolidando-se como patrimônio eterno de nossa gente.

REFERÊNCIAS

ABREU, Kátia. Como funcionava o primeiro cinematógrafo? **Super Interessante**, 03 fev. 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-funcionava-o-primeiro-cinematografo/>. Acesso em: 20 out. 2025.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma História única**. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.

AFRICA UNION TECHNOLOGIES. **Introduction**. Disponível em: <https://www.africauniontechnologies.com/#:~:text=Africa%20Union%20Technologies%20%7C%20Hologram%20Solutions,to%20excellence%20extends%20beyond%20technology>. Acesso em: 20 jan. 2026.

AFRITEN TECHNOLOGIES. **3D Hologram Displays**. Holographic display technology South Africa. 2024. Disponível em: <https://afriten.co.za/leading-supplier-of-3d-hologram-advertising-display-technology-in-south-africa/#:~:text=Check%20out%20the%20custom%2Dbuilt,catching%20showstopper%20for%20any%20activation!>. Acesso em: 20 jan. 2026;

ALENCAR, Aglaé D'Ávila Fontes de. **Danças e Folgedos**. Iniciação ao folclore sergipano. Aracaju: s/ed., 1998.

ALMEIDA, Luiz Alberto Scotto de. A construção múltipla do intelectual Silvio Romero. **Língua e Literatura**, n. 28, p. 231-249, 2004-06.

ANDRADE, Marcelo Esteves de. **Simulação e modelagem computacional com o software Modellus**: aplicações práticas para o ensino de física. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016.

ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas do Brasil**. 2. Ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982.
BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BONFIM, Luiz Fernando Costa; COSTA, Ivanaldo Vieira Gomes da; BENVENUTI, Sara Maria Pinotti (org.). **Projeto Cadastro da Infraestrutura Hídrica do Nordeste**: Estado de Sergipe. Diagnóstico do Município de Japaratuba. Aracaju: CPRM, 2002.

BRANDÃO, Theo. **Folgedos Natalinos**. 3. ed. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2003.

BRANDÃO, Theo. O Reisado Alagoano. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, vol. 160, ano XIX, jan/fev/mar., 1953.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

BRASIL. **Computação** – Complemento à BNCC. Parecer CNE/CEB 2/2022. Brasília, DF: MEC, 2022.

BRASIL. **Conscientização para o uso de celulares na escola:** por que precisamos falar sobre isso? Guia para Escolas. Brasília: Escolas Conectadas; MEC, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/celular-escola/guia-escolas.pdf>, acesso em: 20 out. 2025.

BRASIL. **Lei Nº 15.100**, de 13 de Janeiro de 2025. Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2023-2026/2025/lei/115100.htm. Acesso em: 20 mai. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** ensino médio. Orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais: Ciências Humanas e suas tecnologias. Brasília, DF: MEC, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete da Ministra. **Portaria GM/MS Nº 635, de 18 de maio de 2023.** Institui, define e cria incentivo financeiro federal de implantação, custeio e desempenho para as modalidades de equipes Multiprofissionais na Atenção Primária à Saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2023/prt0635_22_05_2023.html. Acesso em: 20 jan. 2026.

BRASIL. SENADO FEDERAL. **Projeto de Lei do Senado nº 111, de 2011.** Institui a Política Nacional de Tecnologia Social. Brasília, DF: Senado Federal, 2011. (p. 1)

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. 6. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

CARVALHO NETO, Paulo de. **Folclore Sergipano:** primeira sistemática sintética e primeira antologia (1883 a 1960). 2. ed. Aracaju: FUNDESC, 1994.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** 10. ed. Coleção Terra Brasilis. São Paulo: Ediouro, s/d.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Tema e Variantes do Mito: Sobre a morte e a ressurreição do boi. **Mana**, v. 12, n. 1, p. 69-104, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/7jHfJTYPJPYKQtccMbDJMR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 jan. 2026.

CAZE, Gabrielle. Médico disse que meu filho é atípico, o que isso quer dizer? **Blog Genial Care**, 23 jan. 2026. Disponível em: <https://genialcare.com.br/blog/meu-filho-e-atipico-o-que-isso-quer-dizer/>. Acesso em: 30 jan. 2026.

CHAVES, Wagner Diniz. “Gente da sua Gente”: os registros sonoros de Théo Brandão. In: PEREIRA, Edmundo; LIMA FILHO, Manuel. (Org.). **Coleções, colecionadores e práticas de representação.** 1ed.Goiânia: Cegraf UFG, 2023, v. 1, p. 196-249. Disponível em: <https://www.abant.org.br/files/CAP-987238934819.pdf>. Acesso em 20 jul. 2025.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: **A experiência etnográfica:** antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

CÓ, Dime Gomes. **Katandera**: as mulheres e os ritos aos ancestrais na Guiné-Bissau. 31f. Projeto de Pesquisa - Curso de Humanidades, Instituto de Humanidades. Redenção-Ceará: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2019.

CRICHYNO, Jorge. Árvore e imaginário simbólico como lugar poético de memória na paisagem. **Rev. Nufen**: Phenom. Interd., Belém, 9(2), 124-137, mai. - ago., 2017. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v9n2/a09.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2026.

DAMATTA, Roberto. **A Casa & A Rua**. Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil. Rio de Janeiro: S/e, 1997.

DEDA, José de Carvalho. **Brefaias e Burundangas do Folclore Sergipano**. Aracaju: Regina, 1967.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. Formação do Folclore Brasileiro: origens e características culturais. **Revista Brasileira de Folclore**, Rio de Janeiro, CDFB/MEC, v. 2, nº 4, set./out. 1962.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. **O banguê nas Alagoas**: traços da influência do sistema econômico do engenho de açúcar na vida e na cultura regional. 3. ed. Maceió: EDUFAL, 2006.

ESCALA SNAP-IV: TDAH. Disponível em: <https://www.cetcc.com.br/storage/file/168901797164ac5e73042e9.pdf> . Acesso em: 04 jan. 2026.

FERNANDES, Natalia Morato. A cultura como direito: reflexões acerca da cidadania cultural. **Semina**: Ciências Sociais e Humanas, [S. l.], v. 32, n. 2, p. 171-182, 2013. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/13256>. Acesso em: 24 jan. 2026.

FERREIRA, Cintia. Prezoto; CURRIEL, Maicon Douglas. **A holografia como recurso de ensino-aprendizagem na metodologia ativa**, Anais eletrônicos [...]. Maringá: ABED, 2020, p. 5. Disponível em <http://www.abed.org.br/congresso2020/anais/trabalhos/55584.pdf>. Acesso em: 17 de abril. 2025.

FLORIDI, Luciano. **A Ética da Inteligência Artificial**: Princípios, Desafios e Oportunidades. Curitiba: PUCPRESS, 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA. **Lélia Gonzalez**: a preta que fez história na luta antirracista. São Paulo, 2009-2026. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/lelia-gonzalez/> . Acesso em: 05 jan. 2026.

GOMES, Laurentino. **Escravidão**: do primeiro leilão de escravos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares, vol. 1. 1ª ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para um feminismo afro-latino-americano**. Organizado por Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar/Companhia das Letras, 2018.

GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA DE HISTÓRIA DA ÁFRICA E DIÁSPORA AFRICANA - ANANSE.GEPHADA. **Kizomba dos Saberes** [Plataforma online]. Disponível em: <https://www.kizombadosaberes.com.br/>. Acesso em: 20 set. 2024.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A noção de pessoa na África Negra. In: DIETERLEN, Germaine (ed.). **La notion de personne en Afrique Noire**. Paris: CNRS, 1981, p. 181-192.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. **A tradição viva**, em História Geral da África, vol I. Metodologia e pré-história da África. Organizado por Joseph Ki-Zerbo. Brasília: UNESCO, 2010.

HOOFT, Katrien van't; MILLAR, David; GEERLINGS, Ellen; DJANGO, Sali. **Desenvolvimento Endógeno de Criação de Gado nos Camarões**. Explorando o potencial das iniciativas locais para o desenvolvimento da criação de gado. Arlington, USA: CTA Technical Publications, 2008. Disponível em: <https://cgspace.cgiar.org/server/api/core/bitstreams/b5795203-49c3-4fd0-910e-19914b8371bd/content>. Acesso em: 25 jan. 2026.

IBGE. Japarutuba Sergipe – SE [História]. **IBGE Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/japarutuba/historico>. Acesso em: 20 set. 2024.

IBGE. Panorama – Japarutuba/SE. **Censo 2022**. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 20 set. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). **Educação Museal**. 03/03/2023. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-projetos-acoes-obras-e-atividades/programa-saber-museu/temas/educacao-museal>. Acesso em: 24 jan. 2026.

INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCIAL (ITS). **Caderno de debate: Tecnologia social no Brasil**. Coordenação de Irma Passoni. São Paulo: ITS, 2004. Disponível em: <https://repositorio.mcti.gov.br/handle/mctic/5172>. Acesso em: 03 jan. 2026.

INSTITUTO MEMORIAL LÉLIA GONZALEZ. **Acervo Digital e Biográfico**. Rio de Janeiro, 2026. Disponível em: www.leliagonzalez.org.br . Acesso em: 05 jan. 2026.

IVO, Isnara Pereira. “Homens de caminho”: mestiçagens, escravos, forros e comércio entre os sertões do Brasil no século XVIII. **Revista de História da Sociedade e da Cultura**, v. 23, n. 1, p. 103-122, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.14195/1645-2259_23-1_4. Acesso em: 18 jan. 2026.

IVO, Isnara Pereira. Miscigenação biológica, mestiçagens culturais e biológicas e a interpretação da História. In. GUEDES, Roberto; IVO, Isnara Pereira (Org.). **Escravidão, seus temas e problemas em aulas de História**. [livro eletrônico]. Recife, PE: EdUpe, 2023.

IVO, Isnara Pereira. Senhores mestiços, mobilidade e ascensão sociais. sertões da Bahia do século XIX. **Almanack**, Guarulhos, v. 39, ed10125, 2025. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/2236-463339ed10125>. Acesso em: 18 jan. 2026.

KAK, Eduardo. Além do paradigma espacial: tempo e forma cinemática na arte holográfica. **Transcinemas**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2008. Disponível em: <https://www.ekac.org/alem.do.paradigma.espacial.html>. Acesso em: 22 jan. 2026.

LIMA, Cleosanice Barbosa; SERRANO, Agostinho. Inteligência Artificial Generativa e ChatGPT: uma investigação sobre seu potencial na Educação. **Transinformação**, v. 36, e2410839, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2318-0889202436e2410839>. Acesso em: 22 mar. 2025.

LÔBO, Ítalo Martins *et al.* Tecnologia e TDAH: estratégias de ensino apoiadas por educadores. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, 16(3), e3753, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.55905/cuadv16n3-114>. Acesso em: 18 set. 2025.

MAIA, Maria Inete Rocha; CONFORTIN, Helena. TDAH e aprendizagem: um desafio para a educação. **Perspectiva**, Erechim. v. 39, n.148, p. 73-84, dezembro/2015. Disponível em: https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/148_535.pdf. Acesso em: 25 jan. 2026.

MENEZES, Paula C. Santos. **Educação Digital e Midiática**: Como elaborar e implementar o currículo nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, 2025. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escolas-conectadas/documentos/guia_eddigital_versofinaloficial.pdf. Acesso em: 24 de jan. 2026.

MERLO, Hugo R. A mestiçagem como conceito histórico: Uma descrição teórica. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 26, n. 1, p. 100–119, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/74687>. Acesso em: 2 fev. 2026.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Entre 5% e 8% da população mundial apresenta Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade. **Saúde Mental**, 20 set. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/entre-5-e-8-da-populacao-mundial-apresenta-transtorno-de-deficit-de-atencao-com-hiperatividade#:~:text=Entre%205%25%20e%208%25%20da,com%20Hiperatividade%20%E2%80%94%20Minist%C3%A9rio%20da%20Sa%C3%BAde&text=SEI!>. Acesso em: 20 dez. 2024.

MISSIATTO, Leandro Aparecido Fonseca. Memoricídio das populações negras no Brasil: atuação das políticas coloniais do esquecimento. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.13, n.24, Jan/Jul.2021.

MITTELSTADT, Brent *et al.* The ethics of algorithms: mapping the debate. **Big Data & Society**, v. 3, n. 2, 2016. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/epub/10.1177/2053951716679679>. Acesso em: 20 jan. 2026.

MORAES, Livia. África inaugura sua primeira “fábrica de inteligência artificial”. **Veja (Tecnologia)**, São Paulo, 02 abr. 2025. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/tecnologia/africa-inaugura-sua-primeira-fabrica-de-inteligencia-artificial/>. Acesso em: 22 jan. 2026.

MUNANGA *et al.* Rediscutindo racismo, negritude e mestiçagem. **Teoria e Debate**, Sociedade, Edição 238, 14 nov. 2023. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/2023/11/14/rediscutindo-racismo-negritude-e-mesticagem/>. Acesso em: 19 jan. 2026.

NOBREGA, Antonio. **Madeira que cupim não rói**. (CD). São Paulo: Gravadora Eldorado, 1997.

NUNES, Cícera. **Reisado Cearense**: uma proposta para o ensino de africanidades. s. ed. Fortaleza/CE: Conhecimento, 2011.

OLIVEIRA JÚNIOR, João Mouzart de. **A Cor da Oração**: sociabilidades e resistências na Irmandade de São Benedito em Aracaju-SE. 2015. 169 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2015.

OLIVEIRA JÚNIOR, João Mouzart de *et al.* O papel do educador no processo de inclusão escolar. **IOSR Journal of Business and Management (IOSR-JBM)**, v. 26, n. 8., p. 51-56, Ago. 2024. Disponível em: <https://iosrjournals.org/iosr-jbm/papers/Vol26-issue8/Ser-12/G2608125156.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2026.

PAIVA, Eduardo França. Dois modelos para classificar pessoas, povos e nações – Américas, séculos XV-XIX. **Almanack**, Guarulhos, v. 39, ed10225, 2025. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/2236-463339ed10225>. Acesso em: 18 jan. 2026.

PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio cultural**: consciência e preservação. São Paulo: Brasiliense, 2009.

PELEGRINI, Sandra C. A.; FUNARI, Pedro Paulo. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PHANSI MUSEUM. **God with the Wet Nose**: Southern Africa and the Sacred Lives of Cattle. Learn about the spiritual significance of cattle in southern African indigenous cultures. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/god-with-the-wet-nose-southern-africa-and-the-sacred-lives-of-cattle-phansi-museum/TwUBA2LnH8aa8A?hl=en>. Acesso em: 20 jan. 2026.

PINHEIRO, Áurea; MOURA, Cássia; SOUZA, Francisca. M. C. de. Ensino, patrimônio cultural e sociedade. **Historiæ**, v. 3, n. 3, p. 85–112, 2012. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/3263>. Acesso em: 18 jan. 2026.

PINHEIRO, Áurea da Paz. Patrimônio cultural e museus: por uma educação dos sentidos. **Educar Em Revista**, v. 31, n. 58, p. 55–67, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/44084>. Acesso em: 18 jan. 2026.

PINHEIRO, Áurea da Paz. Patrimônio Cultural, Filme Documentário e Etnografia Escrita. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.3, n.8, p. 1-2, Jan./Jun., 2013.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **História Preta das Coisas**: 50 Invenções Científico-Tecnológicas de Pessoas Negras. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2021.

PORTAL SÃO FRANCISCO. **Armas do Cangaço**. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/historia-do-brasil/armas-do-cangaco>. Acesso em: 21 jan. 2026.

PROJECT FUEL. **The Cattle Currency of Maasai**. Exploring the cultural significance of cattle for the Maasai community in Arusha, Tanzania. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/the-cattle-currency-of-maasai-project-fuel/dwVRdTdc4KyQ-A?hl=en>. Acesso em: 20 jan. 2026.

REIS, Maria das Graças Faustino. **A Teia de Significados das Práticas Escolares**: Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) e Formação de Professores. 228 f. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituição de Ensino, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas Biblioteca Depositária, 2006.

RIBEIRO, Aaron Dantas Borges *et al.*. Mapeando o TDAH no Brasil: prevalência e desigualdades por região, faixa etária e raça. **Revista Contemporânea**, 4(7), e5267. Disponível em: <https://doi.org/10.56083/RCV4N7-210>. Acesso em: 18 fev. 2025.

RIBEIRO, José. **Brasil no Folclore**. Rio de Janeiro: Aurora, 1970.

ROCHA, Gilmar. Cultura popular: do folclore ao patrimônio. **Mediações**, v. 14, n.1, p. 218-236, Jan/Jun. 2009.

ROCHA, Hortência Sousa; ALCÂNTARA, Ramon Luis de Santana. O pardo em questão: a mestiçagem como dispositivo político e como processo de tensão das identidades. **Kwanissa**, São Luís, v. 05, n. 12, p. 337-355, jan/jun, 2022.

ROMERO, Silvio. **Folk-lore Brasileiro**: Cantos Populares do Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro, Livraria Clássica de Alves & Comp. 1987.

SÁ, Eliane Garcindo de. Escravidão e mestiçagem na crônica colonial: entre América e África. In. Paiva, Eduardo França; IVO, Isnara Pereira (Org.). **Escravidão, mestiçagem e histórias comparadas**. São Paulo: Annablume, 2008. p. 123-138.

SALINE, Sharon. **TDAH**: Tudo o que seu filho com transtorno de déficit de atenção e hiperatividades quer que você saiba. Tradução: Débora Isidoro. São Paulo: Buzz Editora, 2021. SANTOS, Isabella Silva dos; SOARES, Mariana Fátima Muniz (org.). **Currículo de Sergipe** [livro eletrônico]: Integrar e construir: ensino médio. Aracaju, SE: Secretaria de Estado da Educação do Esporte e da Cultura, 2022.

SANTANA, Livia Borges. Zizinha Guimarães: uma vida dedicada à educação dos sergipanos. **Saber Ciência**. 09 jun. 2010. Disponível em: <https://www.ufs.br/conteudo/3125-zizinha-guimar-es-uma-vida-de>. Acesso em: 20 jan. 2026.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Terminologia sobre Deficiência na Era da Inclusão**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/gestao-na-camara-dos-deputados/responsabilidade-social-e-ambiental/acessibilidade/glossarios/terminologia-sobre-deficiencia-na-era-da-inclusao>. Acesso em: 16 jan. 2026.

SCHIVANI, Milton *et al.* Pirâmide “holográfica”: erros conceituais e potencial didático, **Revista Brasileira de Ensino de Física**, vol. 40, nº 2, e2506, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9126-RBEF-2017-0186>. Acesso em: 17 abr. 2025.

SILVA, Roseane Amorim da; MENEZES, Jaileila de Araújo. Observação Participante, Oficinas e Entrevistas semiestruturadas: pesquisa participativa com jovens do interior de Pernambuco. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo (SP), v.11, n.28, p. 688-709, set./dez. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.28.578>. Acesso em: 25 jan. 2026.

SOSIBO, Kwanele. Cows: The sacred and the profane. **The Mail & Guardian**, 07 abr. 2016. Disponível em: <https://mg.co.za/article/2016-04-07-cows-the-sacred-and-the-profane/#:~:text=IWW%20Citashe%2C%2019th%20century,slaughter%2C%20the%20sacrifice%20cannot%20continue>. Acesso em: 19 jan. 2026.

SOUZA, Aldaci de. Semana sobre TDAH e Transtorno Opositivo Desafiador é inserida no calendário estadual. **ALESE**, 12 jul. 2024. Disponível em: <https://al.se.leg.br/semana-sobre-tdah-e-transtorno-opositivo-desafiador-e-inserida-no-calendario-estadual/#:~:text=Aprovada%20na%20Assembleia%20Legislativa%20do%20Estado%20de,a%20ser%20realizada%2C%20anualmente%2C%20no%20per%20C3%ADodo%20que>. Acesso em: 06 ago. 2025.

TSIAMPA, Athanasia Maria; SKOLARIKI, Konstantina. Holographic Reality in Education: The Future of an Innovative Classroom. In: **15th International Conference on Cognition and Exploratory Learning in Digital Age (CELDA 2018)**. Budapest, Hungary: International Association for Development of the Information Society (IADIS), 2018. Disponível em <https://www.iadisportal.org/digital-library/holographic-reality-in-education-the-future-of-an-innovative-classroom>. Acesso em: 17 abr. 2025.

UNESCO. **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**, 2003. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguarda.pdf> . Acesso em: 30 mar. 2025.

UNESCO. **Recomendação sobre a Ética da Inteligência Artificial**. Paris: UNESCO, 2022. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000381137>. Acesso em: 30 jan. 2026.

UNIÃO EUROPEIA. **Artificial Intelligence Act (AI Act)**. Bruxelas: Parlamento Europeu, 2024. Disponível em: <https://artificialintelligenceact.eu/the-act/>. Acesso em: 20 jan. 2026.

VIANTE, Claudiane de Oliveira; SILVA FILHO, Antonio Genival da; PISACCO, Nelba Maria Teixeira. TDAH e tecnologia na educação: uma revisão de estudos brasileiros. **Revista Teias do Conhecimento**, Ponta Grossa, UEPG, v. 5, p. 185-199, 2025.

VIEIRA, Neuza Maria; BALDIN, Sandra Rosa. A inclusão escolar no Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). **Anais do VII Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”**, São Cristóvão: UFS, 2013. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10342/51/50.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2026.

WITTMANN, Tabita. **O realismo animista presente nos contos africanos**: (Angola, Moçambique e Cabo Verde). Dissertação em Letras. Porto Alegre: UFRS, 2012. 172p.

ZANIRATO, Silvia Helena. Patrimônio e identidade: retórica e desafios nos processos de ativação patrimonial. **Revista CPC**, São Paulo, v. 13, nº 25, p. 7-33, jan./set. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v13i25p7-33>. Acesso em: 30 mar. 2025.

ZARBATO, Jaqueline Aparecida Martins. Educação Patrimonial e Aprendizagem Histórica: Percursos Epistemológicos na História Ensinada. **História & Ensino**, Londrina, v. 23, n. 1, p. 31-55, jan./jun. 2017.

ANEXOS

- I. Relatórios conclusivos dos profissionais da eMulti sobre o REA e Instrumentos de Validação e Intervenção Holográfica sobre o Reisado Japaratubense.**

- II. Manual Reisado Digital.**

RELATÓRIO DA INTERVENÇÃO COM USO DE CAIXAS HOLOGRÁFICAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM TDAH

Descrição da Intervenção

A intervenção consistiu na utilização de caixas holográficas como ferramenta pedagógica mediadora, permitindo a projeção de imagens tridimensionais sobre o relevo sergipano. A atividade foi planejada de forma estruturada, com início, meio e fim bem definidos, respeitando o tempo de atenção e o nível de desenvolvimento das crianças participantes.

Aspectos Fonoaudiológicos Observados

Durante a execução das atividades, foram observados ganhos significativos nos seguintes aspectos:

Atenção e Escuta Ativa

O recurso holográfico mostrou-se altamente eficaz na captação e manutenção da atenção das crianças. Observou-se aumento do tempo de atenção sustentada, redução de comportamentos dispersivos e maior engajamento durante a escuta das instruções verbais.

Linguagem Oral

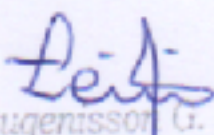
Houve melhora na iniciativa comunicativa, com aumento da participação oral, ampliação de vocabulário e maior clareza na organização das respostas verbais. As imagens tridimensionais funcionaram como apoio visual, facilitando a compreensão e a expressão oral dos conteúdos trabalhados.

Compreensão Auditiva e Processamento da Informação

As crianças demonstraram melhor compreensão de comandos verbais, maior capacidade de seguir instruções em sequência e redução da necessidade de repetição constante das orientações. O estímulo visual associado à fala contribuiu para a integração auditivo-visual, favorecendo o processamento da informação.

Autorregulação e Comportamento Comunicativo

A proposta contribuiu para maior controle da impulsividade durante as interações comunicativas, com redução de interrupções e melhora na espera da vez de falar, favorecendo a dinâmica comunicativa em grupo.


Dr. Eugénisson G. Cariri
Fonoaudiólogo
CRFA 4-12053

Avaliação da Efetividade da Intervenção

A intervenção com o uso das caixas holográficas mostrou-se efetiva, promovendo impactos positivos no processo de aprendizagem das crianças com TDAH. O recurso tecnológico atuou como elemento facilitador da atenção, da linguagem e da organização cognitiva, potencializando a participação ativa dos alunos.

Aspectos Fonoaudiológicos

Devido à execução das atividades, foram observados ganhos significativos nos seguintes aspectos:

Atenção e Escuta Ativa

O recurso holográfico mostrou-se altamente eficaz na captação e manutenção da atenção das crianças, observando-se aumento do tempo de atenção sustentada, redução de comportamentos dispersivos e maior engajamento durante a escuta das instruções verbais.

Linguagem Oral

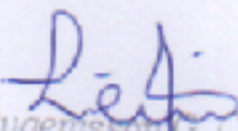
Houve melhoria na iniciativa comunicativa, com aumento da participação oral, ampliação de vocabulário e maior clareza na organização das respostas verbais. As imagens tridimensionais funcionaram como apoio visual, facilitando a compreensão e a expressão oral dos conteúdos trabalhados.

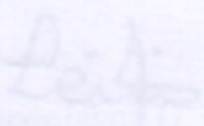
Compreensão Auditiva e Processamento da Informação

As crianças demonstraram melhor compreensão de comandos verbais, maior capacidade de seguir instruções em sequência e redução da necessidade de repetição constante das orientações. O estímulo visual associado à fala contribuiu para a integração auditivo-visual, favorecendo o processamento da informação.

Auto-regulação e Comportamento Comunicativo

A proposta contribuiu para maior controle da impulsividade durante as interações comunicativas, com redução de interrupções e melhoria na espera da vez de falar, favorecendo a dinâmica comunicativa em grupo.


Dr. Eugénio G. Cariri
Fonoaudiólogo
CRFA 4-12052


Dr. Eugénio G. Cariri
Fonoaudiólogo
CRFA 4-12053

Instrumentos de Validação da Intervenção Holográfica sobre o Reizado Sergipano

Público-alvo

Crianças e adolescentes com TDAH, organizados por faixa etária (4-6; 7-10; 11-14; 15-18 anos).

Objetivo Geral

Mensurar os efeitos do uso de recursos holográficos baseados no Reizado Sergipano sobre atenção, funções executivas e aspectos socioemocionais, utilizando a escala SNAP-IV (Teacher and Parent Rating Scale) e observação pedagógica sistematizada.

INSTRUMENTO 1 – IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE

- Código do participante: PI
 - Idade: 5 anos Faixa etária: ☒ 4-6 ☐ 7-10 ☐ 11-14 ☐ 15-18
 - Gênero (opcional): masculino
 - Contexto de aplicação: ☐ Escolar ☒ Projeto cultural ☐ Laboratório educativo
 - Tempo de exposição à intervenção holográfica: 1 horas
-

INSTRUMENTO 2 – ESCALA SNAP-IV (PROFESSORES E PROFISSIONAIS DA SAÚDE)

Instruções

Assinale a frequência com que cada comportamento foi observado **na(s) última(s)** 1 hora(s).

Escala de resposta: 0 = Nem um pouco | 1 = Só um pouco | 2 = Bastante | 3 = Demais

A) DESATENÇÃO (Itens 1-9)

Item	0	1	2	3
1. Não presta atenção a detalhes	☐	☐	☒	☐
2. Dificuldade em manter atenção	☐	☐	☒	☐
3. Parece não escutar	☐	☒	☐	☐
4. Não segue instruções	☐	☒	☐	☐
5. Dificuldade de organização	☐	☐	☒	☐

Item	0	1	2	3
6. Evita tarefas longas	☐	☐	☒	☐
7. Perde objetos	☐	☐	☒	☐
8. Distrai-se facilmente	☐	☐	☒	☐
9. Esquecimento diário	☐	☐	☒	☐

Soma – Desatenção: 16

B) HIPERATIVIDADE / IMPULSIVIDADE (Itens 10–18)

Item	0	1	2	3
10. Agitação motora	☐	☐	☒	☐
11. Sai do lugar	☐	☐	☒	☐
12. Corre excessivamente	☐	☐	☒	☐
13. Dificuldade em brincar quieto	☐	☐	☒	☐
14. Está sempre em movimento	☐	☐	☒	☐
15. Fala demais	☐	☐	☒	☐
16. Responde antes da pergunta terminar	☐	☐	☒	☐
17. Dificuldade de esperar a vez	☐	☐	☒	☐
18. Interrompe os outros	☐	☐	☒	☐

Soma – Hiperatividade/Impulsividade: 18

INSTRUMENTO 3 – PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO PEDAGÓGICA

Escala de observação (0–4)

0 = inexistente | 1 = muito baixo | 2 = moderado | 3 = bom | 4 = excelente

Dimensão Avaliada	Pré	Pós
Atenção Concentrada	☒	☒
Atenção Dividida	☒	☒
Atenção Alternada	☒	☒
Atenção Geral	☒	☒
Controle Inibitório	☒	☒
Flexibilidade Cognitiva	☒	☒
Autorregulação da Atenção, Ação e Motivação	☒	☒
Disfunções Executivas (planejamento/organização)	☒	☒
Aspectos Emocionais (ansiedade/hostilidade)	☒	☒

Observações qualitativas do educador/pesquisador:

INSTRUMENTO 4 – MATRIZ DE CÁLCULO DE IMPACTO (PERCENTUAL)

Fórmula

$$((\text{Pós} - \text{Pré}) \div \text{Pré}) \times 100$$

Classificação do Impacto

- **↑ Melhora significativa:** $\geq +25\%$
- **↔ Estagnação:** entre -5% e $+5\%$
- **↓ Piora:** $\leq -10\%$
- **0 Sem efeito:** variação irrelevante

Dimensão	Pré	Pós	% Δ	Categoria
Atenção Concentrada	2	3	33,3%	melhora significativa
Atenção Dividida	1	2	100%	"
Atenção Alternada	2	3	33,3%	"
Atenção Geral	2	3	33,3%	"
Controle Inibitório	1	2	100%	"
Flexibilidade Cognitiva	2	3	33,3%	"
Desatenção (SNAP-IV)	2	3	33,3%	"
Impulsividade	2	3	33,3%	"
Hiperatividade	2	3	33,3%	"
Ansiedade	2	3	33,3%	"
Hostilidade	2	3	33,3%	"

INSTRUMENTO 5 – SÍNTESE INTERPRETATIVA (RELATÓRIO FINAL)

- Faixa etária analisada: 4-6
- Tendência geral dos resultados: ☒ Predominância de melhora ☐ Resultados mistos ☐ Estagnação ☐ Piora
- Impacto pedagógico do recurso holográfico:

Instrumentos de Validação da Intervenção Holográfica sobre o Reisado Sergipano

Público-alvo

Crianças e adolescentes com TDAH, organizados por faixa etária (4-6; 7-10; 11-14; 15-18 anos).

Objetivo Geral

Mensurar os efeitos do uso de recursos holográficos baseados no Reisado Sergipano sobre atenção, funções executivas e aspectos socioemocionais, utilizando a escala SNAP-IV (Teacher and Parent Rating Scale) e observação pedagógica sistematizada.

INSTRUMENTO 1 – IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE

- Código do participante: P2
- Idade: 6 anos Faixa etária: ☒ 4-6 ☐ 7-10 ☐ 11-14 ☐ 15-18
- Gênero (opcional): masculino
- Contexto de aplicação: ☐ Escolar ☒ Projeto cultural ☐ Laboratório educativo
- Tempo de exposição à intervenção holográfica: 1 horas

INSTRUMENTO 2 – ESCALA SNAP-IV (PROFESSORES E PROFISSIONAIS DA SAÚDE)

Instruções

Assinale a frequência com que cada comportamento foi observado **na(s) última(s)** 1 hora(s).

Escala de resposta: 0 = Nem um pouco | 1 = Só um pouco | 2 = Bastante | 3 = Demais

A) DESATENÇÃO (Itens 1-9)

Item	0	1	2	3
1. Não presta atenção a detalhes	☐	☐	☐	☒
2. Dificuldade em manter atenção	☐	☐	☐	☒
3. Parece não escutar	☐	☐	☐	☒
4. Não segue instruções	☐	☐	☒	☐
5. Dificuldade de organização	☐	☐	☐	☒

Item	0	1	2	3
6. Evita tarefas longas	☐	☐	☐	☒
7. Perde objetos	☐	☐	☐	☒
8. Distrai-se facilmente	☐	☐	☐	☒
9. Esquecimento diário	☐	☐	☐	☒

Soma – Desatenção: 26

B) HIPERATIVIDADE / IMPULSIVIDADE (Itens 10–18)

Item	0	1	2	3
10. Agitação motora	☐	☐	☒	☐
11. Sai do lugar	☐	☐	☐	☒
12. Corre excessivamente	☐	☐	☒	☐
13. Dificuldade em brincar quieto	☐	☐	☒	☐
14. Está sempre em movimento	☐	☐	☒	☐
15. Fala demais	☐	☒	☐	☐
16. Responde antes da pergunta terminar	☐	☒	☐	☐
17. Dificuldade de esperar a vez	☐	☒	☐	☐
18. Interrompe os outros	☐	☒	☐	☐

Soma – Hiperatividade/Impulsividade: 15

INSTRUMENTO 3 – PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO PEDAGÓGICA

Escala de observação (0–4)

0 = inexistente | 1 = muito baixo | 2 = moderado | 3 = bom | 4 = excelente

Dimensão Avaliada	Pré	Pós
Atenção Concentrada	☒	☒
Atenção Dividida	☒	☒
Atenção Alternada	☒	☒
Atenção Geral	☒	☒
Controle Inibitório	☒	☒
Flexibilidade Cognitiva	☒	☒
Autorregulação da Atenção, Ação e Motivação	☒	☒
Disfunções Executivas (planejamento/organização)	☒	☒
Aspectos Emocionais (ansiedade/hostilidade)	☒	☒

Observações qualitativas do educador/pesquisador:

INSTRUMENTO 4 – MATRIZ DE CÁLCULO DE IMPACTO (PERCENTUAL)

Fórmula

$$((\text{Pós} - \text{Pré}) \div \text{Pré}) \times 100$$

Classificação do Impacto

- **↑ Melhora significativa:** $\geq +25\%$
- **↔ Estagnação:** entre -5% e $+5\%$
- **↓ Piora:** $\leq -10\%$
- **0 Sem efeito:** variação irrelevante

Dimensão	Pré	Pós	% Δ	Categoria
Atenção Concentrada	1	2	100%	→ melhora significativa
Atenção Dividida	1	2	100%	→ " "
Atenção Alternada	1	1	0%	→ sem efeito
Atenção Geral	1	2	100%	→ melhora significativa
Controle Inibitório	1	1	0%	→ sem efeito
Flexibilidade Cognitiva	1	1	0%	→ " "
Desatenção (SNAP-IV)	1	2	100%	→ melhora significativa
Impulsividade	1	2	100%	→ " "
Hiperatividade	1	2	100%	→ " "
Ansiedade	1	1	0%	→ sem efeito
Hostilidade	1	1	0%	→ " "

INSTRUMENTO 5 – SÍNTESE INTERPRETATIVA (RELATÓRIO FINAL)

- Faixa etária analisada: 4 - 6
- Tendência geral dos resultados: ☒ Predominância de melhora ☐ Resultados mistos ☐ Estagnação ☐ Piora
- Impacto pedagógico do recurso holográfico:

Instrumentos de Validação da Intervenção Holográfica sobre o Reisado Sergipano

Público-alvo

Crianças e adolescentes com TDAH, organizados por faixa etária (4-6; 7-10; 11-14; 15-18 anos).

Objetivo Geral

Mensurar os efeitos do uso de recursos holográficos baseados no Reisado Sergipano sobre atenção, funções executivas e aspectos socioemocionais, utilizando a escala SNAP-IV (Teacher and Parent Rating Scale) e observação pedagógica sistematizada.

INSTRUMENTO 1 – IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE

- Código do participante: P3
- Idade: 7 anos Faixa etária: ☐ 4-6 ☒ 7-10 ☐ 11-14 ☐ 15-18
- Gênero (opcional): feminino
- Contexto de aplicação: ☐ Escolar ☒ Projeto cultural ☐ Laboratório educativo
- Tempo de exposição à intervenção holográfica: 1 horas

INSTRUMENTO 2 – ESCALA SNAP-IV (PROFESSORES E PROFISSIONAIS DA SAÚDE)

Instruções

Assinale a frequência com que cada comportamento foi observado **na(s) última(s)** 1 hora(s).

Escala de resposta: 0 = Nem um pouco | 1 = Só um pouco | 2 = Bastante | 3 = Demais

A) DESATENÇÃO (Itens 1-9)

Item	0	1	2	3
1. Não presta atenção a detalhes	☐	☐	☒	☐
2. Dificuldade em manter atenção	☐	☐	☒	☐
3. Parece não escutar	☐	☒	☐	☐
4. Não segue instruções	☐	☒	☐	☐
5. Dificuldade de organização	☐	☐	☒	☐

Item	0	1	2	3
6. Evita tarefas longas	☐	☐	☒	☐
7. Perde objetos	☐	☐	☒	☐
8. Distrai-se facilmente	☐	☐	☐	☒
9. Esquecimento diário	☐	☐	☒	☐

Soma - Desatenção: _____

B) HIPERATIVIDADE / IMPULSIVIDADE (Itens 10-18)

Item	0	1	2	3
10. Agitação motora	☐	☐	☒	☐
11. Sai do lugar	☐	☐	☒	☐
12. Corre excessivamente	☐	☒	☐	☐
13. Dificuldade em brincar quieto	☐	☐	☒	☐
14. Está sempre em movimento	☐	☐	☒	☐
15. Fala demais	☐	☐	☒	☐
16. Responde antes da pergunta terminar	☐	☐	☒	☐
17. Dificuldade de esperar a vez	☐	☐	☒	☐
18. Interrompe os outros	☐	☐	☒	☐

Soma - Hiperatividade/Impulsividade: _____

INSTRUMENTO 3 – PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO PEDAGÓGICA

Escala de observação (0-4)

0 = inexistente | 1 = muito baixo | 2 = moderado | 3 = bom | 4 = excelente

Dimensão Avaliada	Pré	Pós
Atenção Concentrada	☒	☒
Atenção Dividida	☒	☒
Atenção Alternada	☒	☒
Atenção Geral	☒	☒
Controle Inibitório	☒	☒
Flexibilidade Cognitiva	☒	☒
Autorregulação da Atenção, Ação e Motivação	☒	☒
Disfunções Executivas (planejamento/organização)	☒	☒
Aspectos Emocionais (ansiedade/hostilidade)	☒	☒

Observações qualitativas do educador/pesquisador:

INSTRUMENTO 4 - MATRIZ DE CÁLCULO DE IMPACTO (PERCENTUAL)

Fórmula

$$((\text{Pós} - \text{Pré}) \div \text{Pré}) \times 100$$

Classificação do Impacto

- **↑ Melhora significativa:** $\geq +25\%$
- **↔ Estagnação:** entre -5% e $+5\%$
- **↓ Piora:** $\leq -10\%$
- **0 Sem efeito:** variação irrelevante

Dimensão	Pré	Pós	% Δ	Categoria
Atenção Concentrada	1	3	200% → melhora significativa	
Atenção Dividida	2	3	33,3% → melhora significativa	
Atenção Alternada	1	2	100% → "	
Atenção Geral	2	3	33,3% → melhora significativa	
Controle Inibitório	2	3	33,3%	"
Flexibilidade Cognitiva	2	3	33,3%	"
Desatenção (SNAP-IV)	2	3	33,3%	"
Impulsividade	2	3	33,3%	"
Hiperatividade	2	3	33,3%	"
Ansiedade	2	3	33,3%	"
Hostilidade	2	3	33,3%	"

INSTRUMENTO 5 - SÍNTESE INTERPRETATIVA (RELATÓRIO FINAL)

- Faixa etária analisada: 7-10
- Tendência geral dos resultados: ☒ Predominância de melhora ☐ Resultados mistos ☐ Estagnação ☐ Piora
- Impacto pedagógico do recurso holográfico:

Instrumentos de Validação da Intervenção Holográfica sobre o Reisado Sergipano

Público-alvo

Crianças e adolescentes com TDAH, organizados por faixa etária (4-6; 7-10; 11-14; 15-18 anos).

Objetivo Geral

Mensurar os efeitos do uso de recursos holográficos baseados no Reisado Sergipano sobre atenção, funções executivas e aspectos socioemocionais, utilizando a escala SNAP-IV (Teacher and Parent Rating Scale) e observação pedagógica sistematizada.

INSTRUMENTO 1 – IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE

- Código do participante: P4
- Idade: 9 anos Faixa etária: ☐ 4-6 ☒ 7-10 ☐ 11-14 ☐ 15-18
- Gênero (opcional): masculino
- Contexto de aplicação: ☐ Escolar ☒ Projeto cultural ☐ Laboratório educativo
- Tempo de exposição à intervenção holográfica: 1 horas

INSTRUMENTO 2 – ESCALA SNAP-IV (PROFESSORES E PROFISSIONAIS DA SAÚDE)

Instruções

Assinale a frequência com que cada comportamento foi observado **na(s) última(s)** 1 hora(s).

Escala de resposta: 0 = Nem um pouco | 1 = Só um pouco | 2 = Bastante | 3 = Demais

A) DESATENÇÃO (Itens 1-9)

Item	0	1	2	3
1. Não presta atenção a detalhes	☐	☐	☒	☐
2. Dificuldade em manter atenção	☐	☐	☒	☐
3. Parece não escutar	☐	☒	☐	☐
4. Não segue instruções	☐	☒	☐	☐
5. Dificuldade de organização	☐	☐	☒	☐

Item	0	1	2	3
6. Evita tarefas longas	☐	☐	☒	☐
7. Perde objetos	☐	☐	☒	☐
8. Distrai-se facilmente	☐	☐	☒	☐
9. Esquecimento diário	☐	☐	☒	☐

Soma - Desatenção: 16

B) HIPERATIVIDADE / IMPULSIVIDADE (Itens 10-18)

Item	0	1	2	3
10. Agitação motora	☐	☒	☐	☐
11. Sai do lugar	☐	☐	☒	☐
12. Corre excessivamente	☐	☒	☐	☐
13. Dificuldade em brincar quieto	☐	☒	☐	☐
14. Está sempre em movimento	☐	☒	☐	☐
15. Fala demais	☐	☒	☐	☐
16. Responde antes da pergunta terminar	☐	☒	☐	☐
17. Dificuldade de esperar a vez	☐	☐	☒	☐
18. Interrompe os outros	☐	☒	☐	☐

Soma - Hiperatividade/Impulsividade: 11

INSTRUMENTO 3 - PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO PEDAGÓGICA

Escala de observação (0-4)

0 = inexistente | 1 = muito baixo | 2 = moderado | 3 = bom | 4 = excelente

Dimensão Avaliada	Pré	Pós
Atenção Concentrada	☒	☒
Atenção Dividida	☒	☒
Atenção Alternada	☒	☒
Atenção Geral	☒	☒
Controle Inibitório	☒	☒
Flexibilidade Cognitiva	☒	☒
Autorregulação da Atenção, Ação e Motivação	☒	☒
Disfunções Executivas (planejamento/organização)	☒	☒
Aspectos Emocionais (ansiedade/hostilidade)	☒	☒

Observações qualitativas do educador/pesquisador:

INSTRUMENTO 4 – MATRIZ DE CÁLCULO DE IMPACTO (PERCENTUAL)

Fórmula

$$((\text{Pós} - \text{Pré}) \div \text{Pré}) \times 100$$

Classificação do Impacto

- **↑ Melhora significativa:** $\geq +25\%$
- **↔ Estagnação:** entre -5% e $+5\%$
- **↓ Piora:** $\leq -10\%$
- **0 Sem efeito:** variação irrelevante

Dimensão	Pré	Pós	% Δ	Categoria
Atenção Concentrada	2	3	33,3%	
Atenção Dividida	2	3	" "	
Atenção Alternada	1	3	200%	
Atenção Geral	2	3	33,3%	
Controle Inibitório	1	2	100%	
Flexibilidade Cognitiva	2	3	33,3%	
Desatenção (SNAP-IV)	2	3	" "	
Impulsividade	2	3	" "	
Hiperatividade	2	3	" "	
Ansiedade	2	3	" "	
Hostilidade	2	3	" "	

melhora significativa em todas as categorias

INSTRUMENTO 5 – SÍNTESE INTERPRETATIVA (RELATÓRIO FINAL)

- Faixa etária analisada: 7-10
- Tendência geral dos resultados: ☒ Predominância de melhora ☐ Resultados mistos ☐ Estagnação ☐ Piora
- Impacto pedagógico do recurso holográfico:

Uma intervenção Holográfica pode ser uma ferramenta inovadora e eficaz para apoiar a aprendizagem da criança, possibilitando multisensorial, pois as imagens estimulam múltiplos sentidos, aumentando a retenção de informações e a compreensão.

As intervenções podem ser também personalizadas atender às necessidades individuais de cada criança, considerando seu estilo de aprendizagem e ritmo, elas interagem com os hologramas, promovendo a participação ativa e a motivação, podendo até simular situações reais, permitindo que as crianças pratiquem habilidades sociais e emocionais de forma segura e podendo ser usada para acompanhar o progresso e ajustando estratégias de ensino.

Silma Carla Felix de Farias

15.01.2026

Instrumentos de Validação da Intervenção Holográfica sobre o Reisado Sergipano

Público-alvo

Crianças e adolescentes com TDAH, organizados por faixa etária (4-6; 7-10; 11-14; 15-18 anos).

Objetivo Geral

Mensurar os efeitos do uso de recursos holográficos baseados no Reisado Sergipano sobre atenção, funções executivas e aspectos socioemocionais, utilizando a escala SNAP-IV (Teacher and Parent Rating Scale) e observação pedagógica sistematizada.

INSTRUMENTO 1 – IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE

- Código do participante: P1
- Idade: 5 Faixa etária: ☒ 4-6 ☐ 7-10 ☐ 11-14 ☐ 15-18
- Gênero (opcional): masculino
- Contexto de aplicação: ☐ Escolar ☒ Projeto cultural ☐ Laboratório educativo
- Tempo de exposição à intervenção holográfica: 4 horas

INSTRUMENTO 2 – ESCALA SNAP-IV (PROFESSORES E PROFISSIONAIS DA SAÚDE)

Instruções

Assinale a frequência com que cada comportamento foi observado **na(s) última(s)** 4 hora(s).

Escala de resposta: 0 = Nem um pouco | 1 = Só um pouco | 2 = Bastante | 3 = Demais

A) DESATENÇÃO (Itens 1-9)

Item	0	1	2	3
1. Não presta atenção a detalhes	☒	☐	☐	☐
2. Dificuldade em manter atenção	☒	☐	☐	☐
3. Parece não escutar	☒	☐	☐	☐
4. Não segue instruções	☒	☐	☐	☐
5. Dificuldade de organização	☒	☐	☐	☐

Item	0	1	2	3
6. Evita tarefas longas	☒	☐	☐	☐
7. Perde objetos	☒	☐	☐	☐
8. Distrai-se facilmente	☐	☒	☐	☐
9. Esquecimento diário	☒	☐	☐	☐

Soma - Desatenção: 1

B) HIPERATIVIDADE / IMPULSIVIDADE (Itens 10-18)

Item	0	1	2	3
10. Agitação motora	☐	☒	☐	☐
11. Sai do lugar	☐	☒	☐	☐
12. Corre excessivamente	☒	☐	☐	☐
13. Dificuldade em brincar quieto	☒	☐	☐	☐
14. Está sempre em movimento	☐	☒	☐	☐
15. Fala demais	☒	☐	☐	☐
16. Responde antes da pergunta terminar	☒	☐	☐	☐
17. Dificuldade de esperar a vez	☒	☐	☐	☐
18. Interrompe os outros	☒	☐	☐	☐

Soma - Hiperatividade/Impulsividade: 3

INSTRUMENTO 3 - PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO PEDAGÓGICA

Escala de observação (0-4)

0 = inexistente | 1 = muito baixo | 2 = moderado | 3 = bom | 4 = excelente

Dimensão Avaliada	Pré	Pós
Atenção Concentrada	3 ☒	4 ☒
Atenção Dividida	2 ☐	3 ☐
Atenção Alternada	3 ☐	3 ☐
Atenção Geral	3 ☐	3 ☐
Controle Inibitório	3 ☐	3 ☐
Flexibilidade Cognitiva	3 ☐	3 ☐
Autorregulação da Atenção, Ação e Motivação	3 ☐	4 ☐
Disfunções Executivas (planejamento/organização)	0 ☐	0 ☐
Aspectos Emocionais (ansiedade/hostilidade)	0 ☐	0 ☐

Observações qualitativas do educador/pesquisador:

Recomendações para continuidade ou ajustes da intervenção:

INSTRUMENTO 4 – MATRIZ DE CÁLCULO DE IMPACTO (PERCENTUAL)

Fórmula

$$((\text{Pós} - \text{Pré}) \div \text{Pré}) \times 100$$

Classificação do Impacto

- ↑ **Melhora significativa:** $\geq +25\%$
- ↔ **Estagnação:** entre -5% e $+5\%$
- ↓ **Piora:** $\leq -10\%$
- 0 **Sem efeito:** variação irrelevante

Dimensão	Pré	Pós	% Δ	Categoria
Atenção Concentrada	3	4	33,3%	→ melhora significativa
Atenção Dividida	2	3	50%	→ melhora significativa
Atenção Alternada	3	3	0%	→ estagnação
Atenção Geral	3	3	0%	→ estagnação
Controle Inibitório	3	3	0%	→ estagnação
Flexibilidade Cognitiva	3	3	0%	→ estagnação
Desatenção (SNAP-IV)	3	4	33,3%	→ melhora significativa
Impulsividade	3	4	33,3%	→ melhora significativa
Hiperatividade	3	4	33,3%	→ melhora significativa
Ansiedade	0	0	sem efeito	
Hostilidade	0	0	sem efeito	

INSTRUMENTO 5 – SÍNTESE INTERPRETATIVA (RELATÓRIO FINAL)

- Faixa etária analisada: 5 anos
- Tendência geral dos resultados: ☐ Predominância de melhora ☒ Resultados mistos ☐ Estagnação ☐ Piora
- Impacto pedagógico do recurso holográfico:

Instrumentos de Validação da Intervenção Holográfica sobre o Reisado Sergipano

Público-alvo

Crianças e adolescentes com TDAH, organizados por faixa etária (4-6; 7-10; 11-14; 15-18 anos).

Objetivo Geral

Mensurar os efeitos do uso de recursos holográficos baseados no Reisado Sergipano sobre atenção, funções executivas e aspectos socioemocionais, utilizando a escala SNAP-IV (Teacher and Parent Rating Scale) e observação pedagógica sistematizada.

INSTRUMENTO 1 – IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE

- Código do participante: P2
- Idade: 6 anos Faixa etária: ☒ 4-6 ☐ 7-10 ☐ 11-14 ☐ 15-18
- Gênero (opcional): masculino
- Contexto de aplicação: ☐ Escolar ☒ Projeto cultural ☐ Laboratório educativo
- Tempo de exposição à intervenção holográfica: 1 horas

INSTRUMENTO 2 – ESCALA SNAP-IV (PROFESSORES E PROFISSIONAIS DA SAÚDE)

Instruções

Assinale a frequência com que cada comportamento foi observado **na(s) última(s)** 1 hora(s).

Escala de resposta: 0 = Nem um pouco | 1 = Só um pouco | 2 = Bastante | 3 = Demais

A) DESATENÇÃO (Itens 1-9)

Item	0	1	2	3
1. Não presta atenção a detalhes	☒	☐	☐	☐
2. Dificuldade em manter atenção	☐	☐	☐	☒
3. Parece não escutar	☐	☐	☐	☒
4. Não segue instruções	☐	☐	☒	☐
5. Dificuldade de organização	☐	☐	☐	☒

Item	0	1	2	3
6. Evita tarefas longas	☐	☐	☐	☒
7. Perde objetos	☐	☐	☐	☒
8. Distrai-se facilmente	☐	☐	☐	☒
9. Esquecimento diário	☐	☐	☐	☒

Soma - Desatenção: 24

B) HIPERATIVIDADE / IMPULSIVIDADE (Itens 10-18)

Item	0	1	2	3
10. Agitação motora	☐	☐	☐	☒
11. Sai do lugar	☐	☐	☐	☒
12. Corre excessivamente	☐	☐	☐	☒
13. Dificuldade em brincar quieto	☐	☐	☐	☒
14. Está sempre em movimento	☐	☐	☐	☒
15. Fala demais	☒	☐	☐	☐
16. Responde antes da pergunta terminar	☒	☐	☐	☐
17. Dificuldade de esperar a vez	☐	☐	☒	☐
18. Interrompe os outros	☒	☐	☐	☐

Soma - Hiperatividade/Impulsividade: 17

INSTRUMENTO 3 – PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO PEDAGÓGICA

Escala de observação (0-4)

0 = inexistente | 1 = muito baixo | 2 = moderado | 3 = bom | 4 = excelente

Dimensão Avaliada	Pré	Pós
Atenção Concentrada	0 ☐	☐ 0
Atenção Dividida	0 ☐	☐ 0
Atenção Alternada	1 ☐	☐ 1
Atenção Geral	0 ☐	☐ 0
Controle Inibitório	0 ☐	☐ 0
Flexibilidade Cognitiva	0 ☐	☐ 0
Autorregulação da Atenção, Ação e Motivação	0 ☐	☐ 0
Disfunções Executivas (planejamento/organização)	1 ☐	☐ 1
Aspectos Emocionais (ansiedade/hostilidade)	0 ☐	☐ 0

Observações qualitativas do educador/pesquisador:

INSTRUMENTO 4 - MATRIZ DE CÁLCULO DE IMPACTO (PERCENTUAL)

Fórmula

$$((\text{Pós} - \text{Pré}) \div \text{Pré}) \times 100$$

Classificação do Impacto

- **↑ Melhora significativa:** $\geq +25\%$
- **↔ Estagnação:** entre -5% e $+5\%$
- **↓ Piora:** $\leq -10\%$
- **0 Sem efeito:** variação irrelevante

Dimensão	Pré	Pós	% Δ	Categoria
Atenção Concentrada	0	0	sem efeito	
Atenção Dividida	0	0	"	"
Atenção Alternada	1	1	0% estagnação	
Atenção Geral	0	0	sem efeito	
Controle Inibitório	0	0	"	"
Flexibilidade Cognitiva	0	0	"	"
Desatenção (SNAP-IV)	1	1	0% estagnação	
Impulsividade	0	0	sem efeito	
Hiperatividade	0	0	"	"
Ansiedade	0	0	"	"
Hostilidade	0	0	"	"

INSTRUMENTO 5 - SÍNTESE INTERPRETATIVA (RELATÓRIO FINAL)

- Faixa etária analisada: 6 anos
- Tendência geral dos resultados: ☐ Predominância de melhora ☐ Resultados mistos ☒ Estagnação ☐ Piora
- Impacto pedagógico do recurso holográfico:
(em anexo)

Instrumentos de Validação da Intervenção Holográfica sobre o Reisado Sergipano

Público-alvo

Crianças e adolescentes com TDAH, organizados por faixa etária (4-6; 7-10; 11-14; 15-18 anos).

Objetivo Geral

Mensurar os efeitos do uso de recursos holográficos baseados no Reisado Sergipano sobre atenção, funções executivas e aspectos socioemocionais, utilizando a escala SNAP-IV (Teacher and Parent Rating Scale) e observação pedagógica sistematizada.

INSTRUMENTO 1 – IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE

- Código do participante: P3
- Idade: 7 anos Faixa etária: ☐ 4-6 ☒ 7-10 ☐ 11-14 ☐ 15-18
- Gênero (opcional): Feminino
- Contexto de aplicação: ☐ Escolar ☒ Projeto cultural ☐ Laboratório educativo
- Tempo de exposição à intervenção holográfica: 1 horas

INSTRUMENTO 2 – ESCALA SNAP-IV (PROFESSORES E PROFISSIONAIS DA SAÚDE)

Instruções

Assinale a frequência com que cada comportamento foi observado na(s) última(s) 1 hora(s).

Escala de resposta: 0 = Nem um pouco | 1 = Só um pouco | 2 = Bastante | 3 = Demais

A) DESATENÇÃO (Itens 1-9)

Item	0	1	2	3
1. Não presta atenção a detalhes	☒	☐	☐	☐
2. Dificuldade em manter atenção	☒	☐	☐	☐
3. Parece não escutar	☒	☐	☐	☐
4. Não segue instruções	☒	☐	☐	☐
5. Dificuldade de organização	☐	☒	☐	☐

Item	0	1	2	3
6. Evita tarefas longas	☐	☒	☐	☐
7. Perde objetos	☐	☒	☐	☐
8. Distrai-se facilmente	☐	☐	☒	☐
9. Esquecimento diário	☐	☒	☐	☐

Soma – Desatenção: 6

B) HIPERATIVIDADE / IMPULSIVIDADE (Itens 10–18)

Item	0	1	2	3
10. Agitação motora	☐	☒	☐	☐
11. Sai do lugar	☒	☐	☐	☐
12. Corre excessivamente	☒	☐	☐	☐
13. Dificuldade em brincar quieto	☐	☒	☐	☐
14. Está sempre em movimento	☐	☒	☐	☐
15. Fala demais	☒	☐	☐	☐
16. Responde antes da pergunta terminar	☒	☐	☐	☐
17. Dificuldade de esperar a vez	☒	☐	☐	☐
18. Interrompe os outros	☒	☐	☐	☐

Soma – Hiperatividade/Impulsividade: 3

INSTRUMENTO 3 – PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO PEDAGÓGICA

Escala de observação (0–4)

0 = inexistente | 1 = muito baixo | 2 = moderado | 3 = bom | 4 = excelente

Dimensão Avaliada	Pré	Pós
Atenção Concentrada	0 ☐	1 ☐
Atenção Dividida	1 ☐	1 ☐
Atenção Alternada	1 ☐	1 ☐
Atenção Geral	2 ☐	2 ☐
Controle Inibitório	2 ☐	2 ☐
Flexibilidade Cognitiva	3 ☐	3 ☐
Autorregulação da Atenção, Ação e Motivação	3 ☐	3 ☐
Disfunções Executivas (planejamento/organização)	3 ☐	3 ☐
Aspectos Emocionais (ansiedade/hostilidade)	3 ☐	3 ☐

Observações qualitativas do educador/pesquisador:

INSTRUMENTO 4 – MATRIZ DE CÁLCULO DE IMPACTO (PERCENTUAL)

Fórmula

$$((\text{Pós} - \text{Pré}) \div \text{Pré}) \times 100$$

Classificação do Impacto

- ↑ **Melhora significativa:** $\geq +25\%$
- ↔ **Estagnação:** entre -5% e $+5\%$
- ↓ **Piora:** $\leq -10\%$
- 0 **Sem efeito:** variação irrelevante

Dimensão	Pré	Pós	% Δ	Categoria
Atenção Concentrada	0	1	100%	→ melhora significativa
Atenção Dividida	1	1	0%	→ estagnação
Atenção Alternada	1	1	"	"
Atenção Geral	2	2	"	"
Controle Inibitório	2	2	"	"
Flexibilidade Cognitiva	3	3	"	"
Desatenção (SNAP-IV)	3	3	"	"
Impulsividade	3	3	"	"
Hiperatividade	3	3	"	"
Ansiedade	3	3	"	"
Hostilidade	3	3	"	"

INSTRUMENTO 5 – SÍNTESE INTERPRETATIVA (RELATÓRIO FINAL)

- Faixa etária analisada: 7 anos
- Tendência geral dos resultados: ☐ Predominância de melhora ☒ Resultados mistos ☐ Estagnação ☐ Piora
- Impacto pedagógico do recurso holográfico:

Instrumentos de Validação da Intervenção Holográfica sobre o Reisado Sergipano

Público-alvo

Crianças e adolescentes com TDAH, organizados por faixa etária (4-6; 7-10; 11-14; 15-18 anos).

Objetivo Geral

Mensurar os efeitos do uso de recursos holográficos baseados no Reisado Sergipano sobre atenção, funções executivas e aspectos socioemocionais, utilizando a escala SNAP-IV (Teacher and Parent Rating Scale) e observação pedagógica sistematizada.

INSTRUMENTO 1 – IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE

- Código do participante: P4
- Idade: 9 Faixa etária: ☐ 4-6 ☒ 7-10 ☐ 11-14 ☐ 15-18
- Gênero (opcional): _____
- Contexto de aplicação: ☐ Escolar ☒ Projeto cultural ☐ Laboratório educativo
- Tempo de exposição à intervenção holográfica: 4 horas

INSTRUMENTO 2 – ESCALA SNAP-IV (PROFESSORES E PROFISSIONAIS DA SAÚDE)

Instruções

Assinale a frequência com que cada comportamento foi observado **na(s) última(s)** 4 hora(s).

Escala de resposta: 0 = Nem um pouco | 1 = Só um pouco | 2 = Bastante | 3 = Demais

A) DESATENÇÃO (Itens 1-9)

Item	0	1	2	3
1. Não presta atenção a detalhes	☒	☐	☐	☐
2. Dificuldade em manter atenção	☒	☐	☐	☐
3. Parece não escutar	☒	☐	☐	☐
4. Não segue instruções	☒	☐	☐	☐
5. Dificuldade de organização	☐	☐	☒	☐

Item	0	1	2	3
6. Evita tarefas longas	☐	☐	☒	☐
7. Perde objetos	☐	☐	☒	☐
8. Distrai-se facilmente	☐	☒	☐	☐
9. Esquecimento diário	☐	☐	☒	☐

Soma - Desatenção: 9

B) HIPERATIVIDADE / IMPULSIVIDADE (Itens 10-18)

Item	0	1	2	3
10. Agitação motora	☒	☐	☐	☐
11. Sai do lugar	☒	☐	☐	☐
12. Corre excessivamente	☒	☐	☐	☐
13. Dificuldade em brincar quieto	☒	☐	☐	☐
14. Está sempre em movimento	☐	☐	☒	☒
15. Fala demais	☒	☐	☐	☐
16. Responde antes da pergunta terminar	☒	☐	☐	☐
17. Dificuldade de esperar a vez	☒	☐	☐	☐
18. Interrompe os outros	☒	☐	☐	☐

Soma - Hiperatividade/Impulsividade: 2

INSTRUMENTO 3 - PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO PEDAGÓGICA

Escala de observação (0-4)

0 = inexistente | 1 = muito baixo | 2 = moderado | 3 = bom | 4 = excelente

Dimensão Avaliada	Pré	Pós
Atenção Concentrada	<u>2</u> ☐	☐ <u>3</u>
Atenção Dividida	<u>2</u> ☐	☐ <u>2</u>
Atenção Alternada	<u>1</u> ☐	☐ <u>2</u>
Atenção Geral	<u>2</u> ☐	☐ <u>2</u>
Controle Inibitório	<u>1</u> ☐	☐ <u>1</u>
Flexibilidade Cognitiva	<u>1</u> ☐	☐ <u>1</u>
Autorregulação da Atenção, Ação e Motivação	<u>1</u> ☐	☐ <u>2</u>
Disfunções Executivas (planejamento/organização)	<u>1</u> ☐	☐ <u>1</u>
Aspectos Emocionais (ansiedade/hostilidade)	<u>0</u> ☐	☐ <u>1</u>

Observações qualitativas do educador/pesquisador:

INSTRUMENTO 4 – MATRIZ DE CÁLCULO DE IMPACTO (PERCENTUAL)

Fórmula

$$((\text{Pós} - \text{Pré}) \div \text{Pré}) \times 100$$

Classificação do Impacto

- ↑ **Melhora significativa:** $\geq +25\%$
- ↔ **Estagnação:** entre -5% e $+5\%$
- ↓ **Piora:** $\leq -10\%$
- 0 **Sem efeito:** variação irrelevante

Dimensão	Pré	Pós	% Δ	Categoria
Atenção Concentrada	2	2	0% →	estagnados
Atenção Dividida	2	2	0% →	estagnados
Atenção Alternada	1	2	100% →	melhora significativa
Atenção Geral	2	2	0% →	estagnados
Controle Inibitório	1	1	0% →	estagnados
Flexibilidade Cognitiva	1	1	0% →	estagnados
Desatenção (SNAP-IV)	1	2	100% →	melhora significativa
Impulsividade	1	1	0% →	estagnados
Hiperatividade	1	2	100% →	melhora significativa
Ansiedade	0	1	100% →	" "
Hostilidade	0	1	100% →	" "

INSTRUMENTO 5 – SÍNTESE INTERPRETATIVA (RELATÓRIO FINAL)

- Faixa etária analisada: 9 anos
- Tendência geral dos resultados: ☐ Predominância de melhora ☒ Resultados mistos ☐ Estagnação ☐ Piora
- Impacto pedagógico do recurso holográfico:



Flávia dos Santos Andrade



Manual Reisado Digital
ELABORANDO IMAGENS
HOLOGRÁFICAS COM
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL
GENERATIVA (IAG)



2026

ANDRADE, Flávia dos Santos. **Manual Reisado Digital**. Elaborando Imagens holográficas com Inteligência Artificial Generativa (IAG). São Cristóvão: ProfHistória/UFS, 2026.

Universidade Federal de Sergipe (UFS)



Produção Técnica

O laço, fita ou cordão na cor laranja é reconhecido internacionalmente como símbolo do Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Seu uso tem como objetivo ampliar a conscientização sobre o transtorno, promover a defesa de direitos e a equidade, combater estigmas e favorecer a identificação de pessoas com TDAH que possam necessitar de apoio, compreensão e, em determinados contextos, atendimento prioritário.

A AUTORA

Nascida em Aracaju, Sergipe, vinda de uma família de “brincantes” do Reisado, a professora **Flávia dos Santos Andrade**, Mestranda do Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, do núcleo da Universidade Federal de Sergipe (UFS), é lotada no Centro de Excelência Senador Gonçalo Rollemberg, em Japaratuba, desde 2022. Sua dissertação intitulada *“Memórias, Cantorias e Hologramas: o Reisado de Japaratuba no Ensino de História sob a perspectiva da tecnologia social de Educação Inclusiva”* apresenta as memórias do Reisado sob a ótica da Educação Histórica inclusiva a partir da proposição de uma tecnologia social digital. Parte então da criação do Recurso Educacional Aberto (REA), configurado em uma caixa holográfica 3D produzida com materiais reciclados, interligada ao celular, a internet, a Inteligência Artificial (IA), voltada para crianças e adolescentes com TDAH.



Apresentação

As tecnologias sociais digitais trazem a possibilidade de se desenvolverem recursos educacionais com baixo custo, usando materiais reciclados (consciência ambiental), aprendendo e compartilhando técnicas simples de difusão de imagens que podem ser utilizadas inclusive no modo *offline*.

Com as Caixas Holográficas 3D o ensino da história, das memórias e identidades culturais no Reisado de Japarutuba, em Sergipe, ganha contornos de neon, movimento e capta a atenção para um aprendizado significativo.

O uso planejado, responsável e ético de recursos digitais é fundamental para fortalecer os benefícios da aprendizagem de crianças e adolescentes com TDAH, uma vez que essas tecnologias, quando bem mediadas pelos docentes, podem favorecer a atenção sustentada, a motivação e o engajamento cognitivo. Ferramentas digitais interativas, organizadas com objetivos pedagógicos claros, contribuem para a personalização do ritmo de aprendizagem, o uso de estímulos multimodais e o desenvolvimento da autonomia, sem reforçar a dispersão ou a dependência excessiva de telas. Nesse sentido, a mediação consciente de educadores e familiares é essencial para estabelecer limites, promover o pensamento crítico e assegurar que os recursos digitais sejam utilizados como instrumentos de inclusão, apoio pedagógico e desenvolvimento integral, respeitando as especificidades cognitivas e emocionais dos sujeitos com TDAH.

***Profª. Dra. Janaina Cardoso de Mello - Orientadora e
Designer***

SUMÁRIO

Capítulo 1 - Lembrar e Cantar.....6

Capítulo 2 - Analisar e Escolher.....11

Capítulo 3 - Desenvolver Habilidades.....24

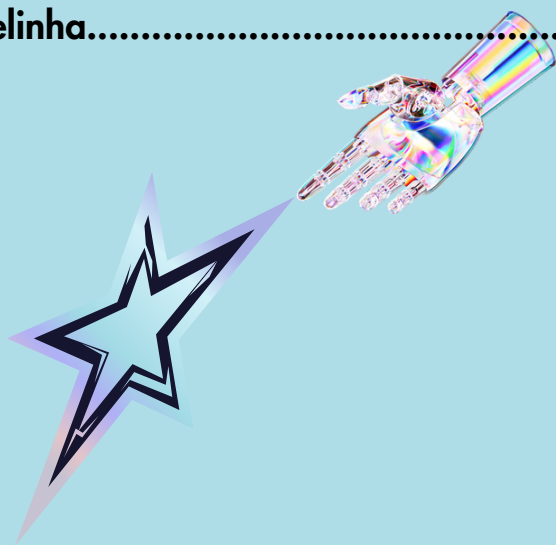
Capítulo 4 - Aprender a Reciclar.....31

Capítulo 5 - Aplicar Competências.....39

Capítulo 6 - Incluir e Adaptar.....43

Para Saber Mais.....48

Na Telinha.....49





CAPÍTULO 1

LEMBRAR E CANTAR

O REISADO

O Reisado é uma manifestação cultural característica do Nordeste. É uma oração cantada e dançada, na qual a fé e a cultura se abraçam em um espetáculo de cores e sons. Formado por grupos de “brincantes” vestidos com trajes brilhantes e espelhos que refletem a luz da nossa identidade, narra histórias de devoção e resistência. Sob a liderança de seus mestres, o grupo percorre as ruas e visita casas, levando bênçãos e alegria. É um saber vivo, transmitido de geração em geração, que transforma o cotidiano em um território de magia, onde cada passo do cordão e cada verso entoado reafirma seu orgulho, sua história. Não apenas mantém vivas as raízes da identidade cultural, mas também se transforma ao longo do tempo, incorporando novos elementos, seja nos cânticos, nas danças ou nas vestimentas; reflete a diversidade e a necessidade de diálogo entre culturas. É um espaço de pertencimento, onde a história de um povo ganha vida e se reinventa, reafirmando a importância da convivência e da valorização das diferenças (Flávia Andrade, 2026).



O boi ritual em África

Os Maasai são monoteístas e reconhecem a existência de uma divindade suprema denominada Engai, concebida, em suas narrativas míticas, como originalmente inseparável do céu e proprietária de todo o gado. Depois da separação entre céu e terra, Engai teria se afastado do convívio direto com os seres humanos; contudo, considerando a necessidade de os animais se alimentarem da relva terrestre, enviou o gado ao povo Maasai por meio das raízes de uma figueira sagrada, confiando-lhes a responsabilidade de sua guarda e cuidado. Assim, os Maasai se percebem como depositários e protetores do gado em nome da divindade (Project Fuel, 2026).



Fig.1: “Engai, God of Maasai”
de Advithi Emmi (Arusha,
Tanzania, 2020).
Fonte: Project FUEL.

O boi em Sergipe

No Reisado, embora o boi não ocupe o mesmo lugar, a figura do Boi (especialmente nas variantes do Bumba-meu-boi e nos autos nordestinos) também funciona como mediador simbólico entre mundos, articulando vida, morte, renascimento e bênçãos. Ambos os sistemas ritualizam a relação com o sagrado por meio de personagens, performances e oferendas que reafirmam a continuidade entre vivos e ancestrais.

Hoje, em Sergipe, a brincadeira é apresentada em qualquer época do ano e não apenas nas festas de Natal e Reis, assim ela seja chamada para a função. Aqui, o Reisado ganha algumas características marcantes, como seus personagens fantásticos (o boi e o jaraguá), danças, cantos e os entremeios, dramatizações conduzidas pelo Mateus e a Dona Deusa, personagens centrais da apresentação, que sempre envolvem as demais brincantes, onde cada uma possui um nome (Cabocla, Borboleta, Viuvinha, Belaninha, Camponesa, Sinhazinha, Papagaio, Roxinha, Curiatá, entre outras).

Fig. 2: O Boi Janeiro e o Jaraguá do Reisado da Missão.
Fonte: Arquivo próprio, 2025.



Cantoria

Abrição de Portas

(Compositor: Antonio Nóbrega)

*Salve essa casa,
Nobre morada.
Nova jornada
Vamos começar.*

*Nossa festa vai principiar.
Com rabecas, bombos e violas
Hoje aqui viemos festejar,
Render graças à vida nessa hora.*

*Abram as portas
Para o meu reisado.
Cantos e loas
Vamos entoar.*

*Boa noite, senhor, dono da casa
Peço licença pra brincar o meu reisado
Eu vim de longe, de muito longe
Por esse motivo
É que eu estou chegando agora*

*Peço licença pra brincar o meu reisado
Peço desculpa que cheguei fora de hora
Vamos saudar meu Bom Jesus da Lapa
Cantando em voz alta
Pro meu figural (2x)*





CAPÍTULO 2

ANALISAR E ESCOLHER

A difusão do acesso à Inteligência Artificial Generativa (IAG), em 2022, com a abertura do ChatGPT para a população mundial, alcançou “1 milhão de usuários em cinco dias e 100 milhões de usuários dois meses depois de se tornar público” (Lima; Serrano, 2024, p. 2).

Sabemos que a Inteligência Artificial Generativa (IAG) ampliou significativamente o leque de possibilidades educacionais, cuja efetividade está condicionada à capacidade criativa dos docentes em explorar sua versatilidade. Contudo, esse processo exige atenção constante às dimensões éticas e de responsabilidade que permeiam seu uso. Nesse sentido, mais relevante do que restringir ou proibir, é orientar para uma utilização crítica e consciente, promovendo o protagonismo dos estudantes na apropriação adequada dessas tecnologias.

Para a elaboração dos hologramas das Caixas 3D, seguiu-se um roteiro de escolhas e procedimentos metodológicos na aplicação de dispositivos de IAG na criação dos recursos digitais necessários: 1. Identificação das funcionalidades necessárias para a produção dos hologramas, 2. Seleção dos dispositivos de IAG para atender às demandas, 3. Produção dos hologramas, 4. Testes e Avaliação dos hologramas produzidos.

“Análise e escolha dos dispositivos de IAG de imagens mais adequados à holografia.”



O processo de análise e escolha de IAG para fotos e vídeos requer alteração do fundo das imagens e transformação das cores das fotografias.

1) Design de foto (funcionalidade)

*Copilot (Nano Banana):

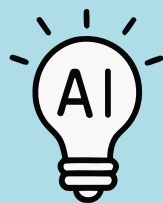
<https://copilot.microsoft.com/>

*Gemini (Nano Banana):

<https://gemini.google.com/>

*Capcut:

<https://www.capcut.com/>



2) Produção de vídeo:

*Artlist: <https://artlist.io/>

*Pixverse: <https://app.pixverse.ai/>

Além da gratuidade e qualidade dos recursos, a escolha dos dispositivos de IAG, em específico, também buscou a facilidade no manuseio e o uso de sistemas com moderação de conteúdo ético para coibir abusos como representações estereotipadas, sub-representação ou representação inadequada e insensibilidade cultural. Todas seguem regulamentações globais de proteção de dados, como o Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados - GDPR (União Europeia) e a Lei de Privacidade do Consumidor da Califórnia/Lei de Direitos de Privacidade da Califórnia - CCPA (Califórnia, EUA).

Ao abrir as plataformas de IAG *online*, pode-se fazer o *login* (com *e-mail*) ou não, mas o acesso à funcionalidade mais sofisticada de anexar imagens para o trabalho com sua edição requer que o usuário esteja logado.

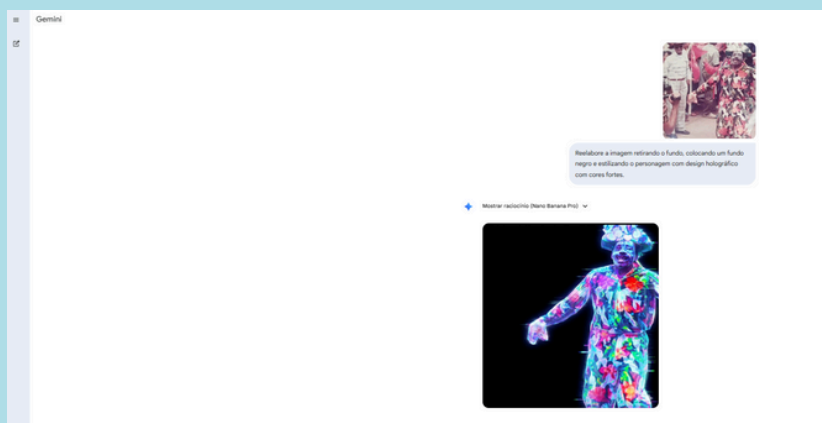


Fig. 3: Geração de imagem estilizada
Fonte: Gemini, 2025.

O espaço de trabalho possui um *layout*, em geral, muito semelhante entre os dispositivos, com uma caixa de diálogo onde se anexa (ícone do sinal de + ou de um clipe) uma imagem digital (formatos jpeg ou png) e depois se escreve um comando (*prompt*) que são instruções para a edição. O **Gemini** possui um limite de geração das edições, mas o Copilot atua sem essa limitação quantitativa.



Fig. 4: Geração de imagem estilizada

Fonte: Copilot, 2025.

Para a produção de hologramas via celular é necessário que o fundo das imagens seja totalmente preto e as imagens possuam contornos coloridos vibrantes com estilo neon, promovendo assim o contraste. Alguns exemplos dos comandos utilizados para a edição são apresentados a seguir.

*Instruções para a geração de imagens:

Comandos (*prompt*) para geração de imagens:

- 1) Reelabore a imagem retirando o fundo, colocando um fundo preto e estilizando os personagens com design holográfico com cores fortes e brilhosas.
- 2) Reelabore a imagem anexada retirando o fundo, colocando um fundo preto e estilizando todos os personagens com design holográfico com cores fortes e brilhosas.
- 3) Reelabore a imagem, mantendo o fundo preto, estilizando todos os personagens com design holográfico com cores fortes e brilhosas.



Seguem as imagens em uma primeira edição no dispositivo **Gemini**, mais próximas de um realismo estilizado. O **Gemini** possui um limite de tempo no uso do dispositivo com o GPT5.

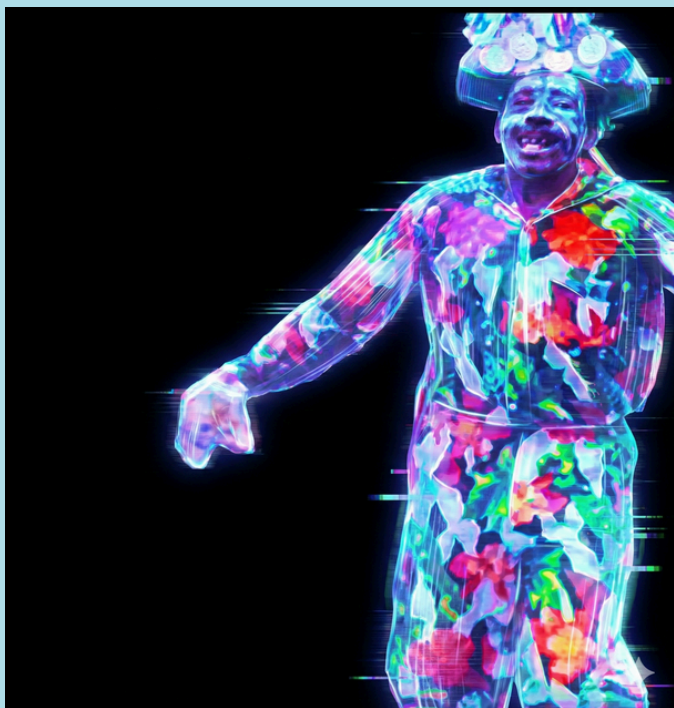


Fig. 5: Geração de imagem estilizada
Fonte: Gemini, 2025.

Após o período determinado, as imagens de alta qualidade só serão geradas no horário pré-determinado pela empresa.





Fig. 6: Geração de imagem estilizada
Fonte: Gemini, 2025.



Fig. 7: Geração de imagem estilizada
Fonte: Gemini, 2025.



A plataforma **Capcut** não possui limite de edição e pode ser usada para realizar os mesmos procedimentos de estilização feitos pelo Gemini, também atuando de forma realista nas imagens digitais.

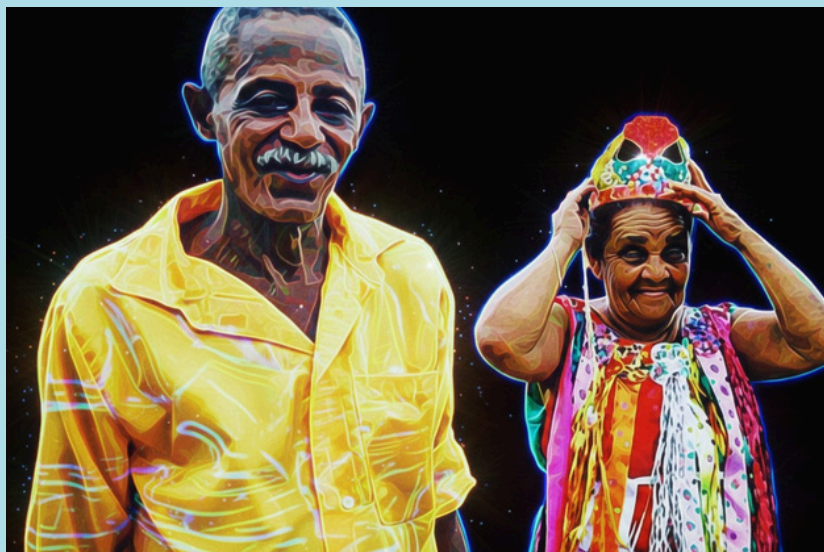


Fig. 8: Geração de imagem estilizada
Fonte: Capcut, 2025

O uso do **Copilot** com o mesmo comando edita a imagem de forma estilizada em linhas de *neon*.

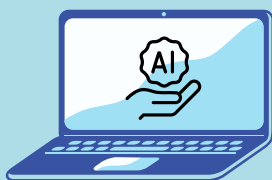




Fig. 9: Geração de imagem estilizada
Fonte: Copilot, 2025.



Fig. 10: Geração de imagem estilizada
Fonte: Copilot, 2025





Fig. 11: Geração de imagem estilizada
Fonte: Copilot, 2025



Fig. 12: Geração de imagem estilizada
Fonte: Copilot, 2025



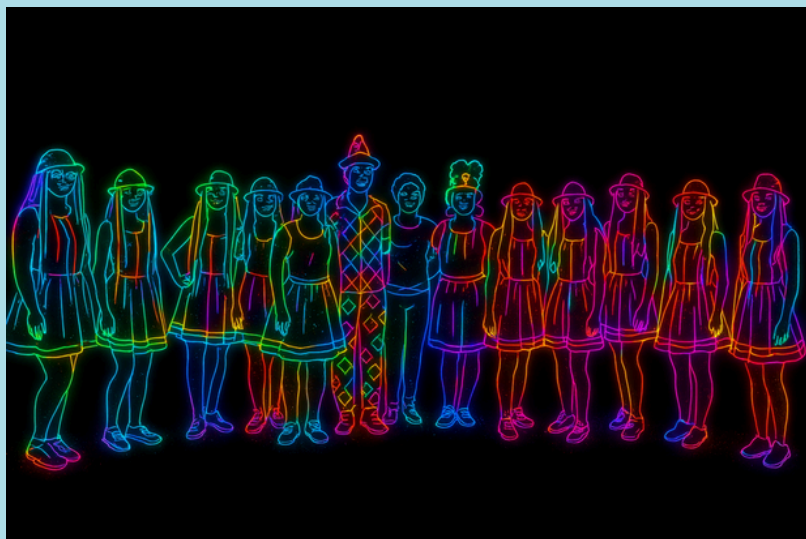
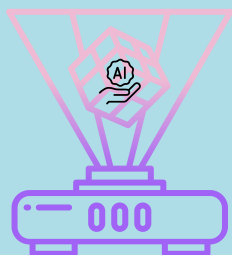


Fig. 13: Geração de imagem estilizada

Fonte: Copilot, 2025

Essa primeira parte define as linhas de contorno nas imagens e as cores reluzentes que, quando em movimento, serão espelhadas em 3D do celular para a caixa holográfica.





Curiosidade: Para além do eixo europeu e estadunidense, ocorre o fortalecimento de iniciativas tecnológicas no continente africano, com destaque para empresas sul-africanas voltadas ao desenvolvimento de soluções imersivas. A Africa Union Technologies, sediada em Joanesburgo, atua na criação de sistemas avançados de áudio, vídeo e holografia aplicados à colaboração em contextos locais e internacionais, incluindo telepresença holográfica para reuniões virtuais, *displays* interativos para formação e treinamentos e aplicações voltadas ao *marketing*. De modo complementar, a Afriten Technologies, em operação desde 2008, investe em *displays* holográficos tridimensionais baseados em painéis de LED e dispositivos como holofans, que utilizam pás rotativas com micro-LEDs para produzir imagens em alta definição e com forte sensação de tridimensionalidade.

Ainda, o continente passa a estruturar sua própria infraestrutura de inteligência artificial, marcada pela implantação de um centro de dados dedicado ao desenvolvimento e à operação de tecnologias avançadas. A iniciativa, resultante da parceria entre a Cassava Technologies e a Nvidia, prevê a criação de uma “fábrica de IA” na África do Sul, com expansão para outros países africanos, destinada a oferecer serviços de alto desempenho a governos, empresas e instituições de pesquisa. Esse investimento é um passo estratégico para o fortalecimento da soberania tecnológica regional, treinando modelos de IA em ambiente local, reduzindo custos operacionais e diminuindo a dependência de servidores estrangeiros.



CAPÍTULO 3

DESENVOLVER HABILIDADES

A segunda etapa da edição requer a conversão das imagens digitais estáticas para imagens em movimento, como se capturadas de filme. Para isso há duas possibilidades: uma com recursos limitados usando o **Artlist**, que fornece ao usuário créditos para um uso restrito a apenas duas imagens diárias. A plataforma não possibilita o *download* sem a assinatura dos serviços, porém, é possível fazer a gravação da imagem usando a seguinte técnica: apertar simultaneamente no teclado do *notebook* as teclas à esquerda => *Shift* (seta para cima), sinal do Windows (símbolo de janela, quadrados) e a letra “S”, que abrem uma janela com um painel onde deve ser escolhido o ícone da câmera de vídeo, clica-se nela e ela começa a gravar a imagem da tela.

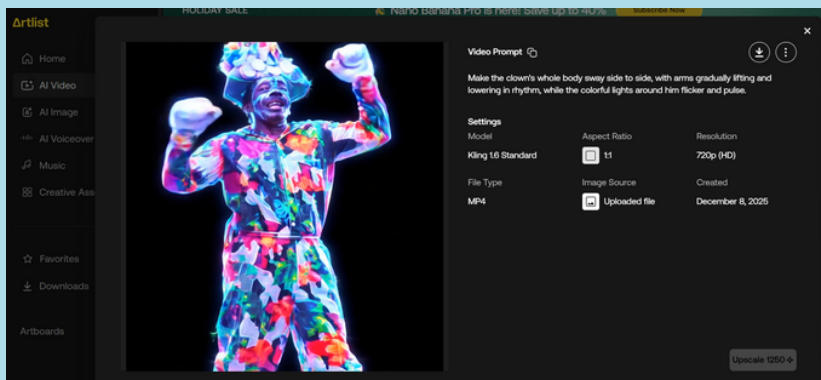


Fig. 14: Geração de imagem digital em movimento

Fonte: Artlist, 2025.



A segunda possibilidade mais direta e com maior número de conversões diárias é a **Pixverse**. O processo é semelhante: faz-se o *upload* da imagem e solicita-se a criação de um vídeo a partir dela.

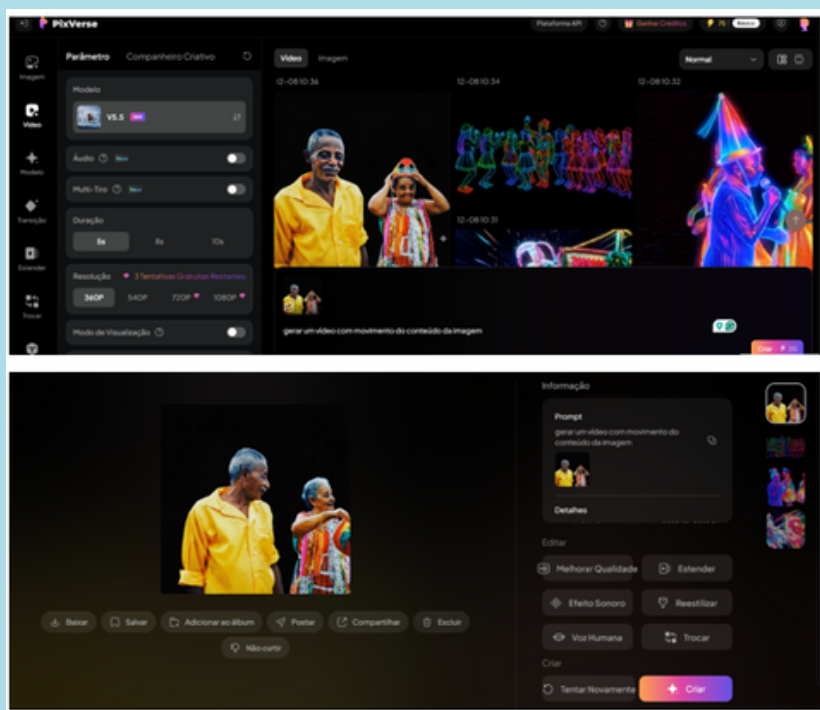


Fig. 15: Geração de imagem digital em movimento

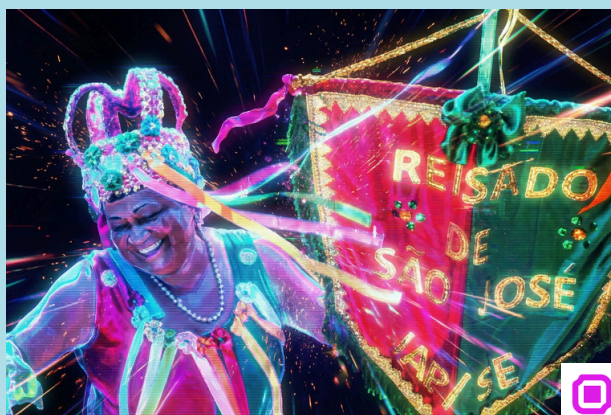
Fonte: Pixverse, 2025

Para visualizar as imagens em movimento criadas, elas podem ser postadas em um perfil no **YouTube** ou guardadas no *drive* com *link* disponibilizando o acesso que pode ainda ser transformado em um *QR Code*.



C onversão das imagens digitais em vídeos







A elaboração dos *QR Codes* gratuitos, coloridos e sem prazo de disponibilização foi feita na plataforma **Monkey QR** (<https://www.qrcode-monkey.com/>), tendo em vista que muitos geradores só fazem a manutenção do acesso com o pagamento de assinatura.



RESPONSABILIDADE

Aprender a usar a Inteligência Artificial Generativa (IAG) de forma ética para criar imagens holográficas ajuda os estudantes a entender que nem toda imagem que circula nas redes sociais é verdadeira. Ao participar da criação dessas imagens, eles percebem como é possível manipular conteúdos visuais, alterar contextos e produzir materiais muito realistas, o que abre espaço para discutir *fake news* e desinformação. Esse tipo de aprendizagem incentiva os adolescentes a questionar o que veem na *internet*, refletir sobre quem produziu a informação e com que intenção, além de desenvolver uma postura mais responsável e consciente no uso das tecnologias e no compartilhamento de conteúdos nas mídias sociais.



CAPÍTULO 4
APRENDER A
RECICLAR

Montando uma Caixa Holográfica

Materiais Necessários:

- *Caixa de papelão
- *Caneta
- *Tesoura ou estilete
- *Plástico transparente (acetato ou similar)
- *Celular

Passo a Passo

1. Preparando a Caixa

Abra a caixa de papelão, cortando uma das partes para deixá-la aberta.



Com uma caneta, faça uma marcação na diagonal, usando uma régua, em um dos lados da caixa, conforme mostrado na imagem, e repita do outro lado.



Corte ao longo dessas marcações dos dois lados para que a caixa fique com duas aberturas laterais.



2. Criando a Abertura Superior

Coloque o celular em cima da abertura superior da caixa e faça marcações dos dois lados, alinhadas com o celular, porém o retângulo precisa ser menor que o aparelho.



Corte ao redor para fazer um buraco no formato do celular.



3. Instalando o Plástico

Corte um pedaço de plástico transparente no tamanho das aberturas laterais.



Encaixe o plástico nos dois cortes que você fez de cada lado.



CAPÍTULO 5
APLICAR
COMPETÊNCIAS

"A caixa de projeção holográfica pode ser utilizada como recurso didático para visualização de objetos históricos, modelos 3D, patrimônios culturais, experimentos científicos e narrativas educativas interativas."

Instruções para uso do celular em uma caixa de projeção holográfica

1. Preparação do ambiente

*Escolha um local com pouca ou nenhuma iluminação para melhorar a visualização do holograma.

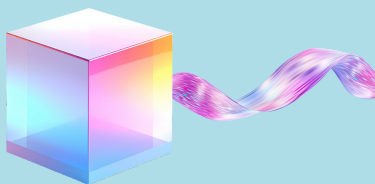
*Posicione a caixa sobre uma superfície plana e estável.

2. Preparação do celular

*Certifique-se de que o celular esteja totalmente carregado ou conectado a uma fonte de energia.

*Limpe a tela para evitar manchas que prejudiquem a projeção.

*Ative o modo tela cheia e desative notificações (modo avião é recomendado).



3. Seleção do conteúdo holográfico

*Abra um vídeo ou animação holográfica apropriada (normalmente em formato de cruz ou quatro imagens espelhadas).

*Utilize plataformas como vídeos já gravados, canais no YouTube ou aplicativos específicos de holografia.

*Confirme que o vídeo está ajustado para reprodução contínua, se necessário.

5. Ajuste da projeção

*Inicie a reprodução do vídeo.

*Observe o interior da caixa para verificar a formação do efeito holográfico.

*Caso a imagem apareça distorcida:

*Reposicione o celular;

*Ajuste o brilho da tela (quanto maior, melhor o efeito).





6. Visualização do holograma

*Observe o holograma pela abertura frontal ou lateral da caixa (conforme o modelo).

*Evite tocar ou movimentar a caixa durante a projeção.

*Para melhor efeito, mantenha o observador na altura do centro da pirâmide holográfica.

7. Finalização do uso

*Pause ou encerre o vídeo.

*Retire cuidadosamente o celular da caixa.

*Guarde a caixa em local seco e protegido para evitar danos ao material refletor.





“Agora você sabe como fazer uma caixa holográfica caseira de forma fácil e divertida!”





CAPÍTULO 6

**INCLUIR E
ADAPTAR**

Características de crianças e adolescentes com TDAH, conforme as diretrizes amplamente adotadas pela neurologia e pela psicologia no Brasil:



1 Características cognitivas e atencionais

- *Dificuldade persistente de manter a atenção em tarefas longas ou repetitivas
- *Facilidade para se distrair com estímulos externos ou pensamentos internos
- *Dificuldade de organização, planejamento e gerenciamento do tempo
- *Esquecimento frequente de materiais, compromissos ou instruções

2 Características comportamentais

- *Hiperatividade motora, como inquietação, dificuldade de permanecer sentado ou necessidade constante de movimento
- *Impulsividade, manifestada por agir sem refletir, interromper falas ou ter dificuldade em esperar a própria vez
- *Dificuldade em seguir regras de forma contínua, especialmente em contextos pouco estruturados

3 Características emocionais e sociais

- *Baixa tolerância à frustração
- *Oscilações emocionais mais intensas e rápidas
- *Possíveis dificuldades nas interações sociais, decorrentes da impulsividade ou da desatenção
- *Vulnerabilidade à baixa autoestima, sobretudo em contextos de repetidas experiências de fracasso escolar

4 Características no contexto escolar

*Desempenho acadêmico irregular, que não reflete necessariamente o potencial intelectual

*Maior dificuldade em atividades que exigem atenção prolongada, leitura extensiva ou cópia

*Melhor rendimento quando há mediação pedagógica, rotinas claras e estratégias diversificadas

5 Aspectos importantes destacados pelas associações



*O TDAH é um transtorno do neurodesenvolvimento, não resultado de falta de esforço, disciplina ou interesse

*As manifestações variam conforme a idade, o contexto e o subtipo do transtorno

*O acompanhamento multidisciplinar e o suporte educacional adequado são essenciais para o desenvolvimento pleno.

Conferir:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO DÉFICIT DE ATENÇÃO (ABDA). TDAH: Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade. Disponível em: <https://www.tdah.org.br>. Acesso em: jan. 2026.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

PARA SABER MAIS



FERREIRA, Cintia. Prezoto; CURRIEL, Maicon Douglas. A holografia como recurso de ensino-aprendizagem na metodologia ativa, **Anais eletrônicos** [...]. Maringá: ABED, 2020, p. 5. Disponível em <http://www.abed.org.br/congresso2020/anais/trabalhos/55584.pdf>. Acesso em: 17 de abril. 2025.

LIMA, Cleosanice Barbosa; SERRANO, Agostinho. Inteligência Artificial Generativa e ChatGPT: uma investigação sobre seu potencial na Educação. **Transinformação**, v. 36, e2410839, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2318-0889202436e2410839>. Acesso em: 22 mar. 2025.

SCHIVANI, Milton et al. Pirâmide “holográfica”: erros conceituais e potencial didático, **Revista Brasileira de Ensino de Física**, vol. 40, nº 2, e2506, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9126-RBEF-2017-0186>. Acesso em: 17 abr. 2025.

TSIAMPA, Athanasia Maria; SKOLARIKI, Konstantina. Holographic Reality in Education: The Future of an Innovative Classroom. In: **15th International Conference on Cognition and Exploratory Learning in Digital Age (CELDA 2018)**. Budapest, Hungary: International Association for Development of the Information Society (IADIS), 2018. Disponível em <https://www.iadisportal.org/digital-library/holographic-reality-in-education-the-future-of-an-innovative-classroom>. Acesso em: 17 abr. 2025.





Os principais filmes que abordam o TDAH:

- Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo (2022): O filme de ação usa a premissa de multiversos para representar a mente hiperativa e a dificuldade de foco típica do TDAH.
- Mommy (2014): Aborda intensamente a relação familiar de um adolescente com TDAH, mostrando seus desafios com o controle de impulsos e emoções.
- Como Estrelas na Terra (2007): Foca em um menino com dificuldades acadêmicas que, ao ser acolhido por um professor, supera as barreiras do aprendizado.
- Charlie Bartlett (2007): Retrata um adolescente com sintomas de TDAH que se torna o "psicólogo" da escola após encontrar formas de lidar com seus desafios de adaptação.
- Impulsividade (2005): Mostra a jornada de um adolescente com TDAH tentando controlar manias e se adaptar socialmente.
- Percy Jackson e o Ladrão de Raios (2010): Uma abordagem lúdica onde o TDAH e a dislexia são retratados como características especiais dos heróis.
- O Som do Coração (2007): Apresenta um menino com características de alta sensibilidade e possíveis traços de TDAH em busca de seus pais.
- Léo e o TDAH (Netflix): Recomendado para entender o transtorno através da perspectiva do personagem Léo.
- Documentários como Tudo ao Mesmo Tempo - A vida com TDAH (Globoplay) e TDAH – A LINHA QUE NÃO É RETA também exploram o tema

REDE PROFHISTÓRIA

[HTTPS://SITE.PROFHISTORIA.COM.BR/](https://site.profhistoria.com.br/)

